

Marciana Santiago de Oliveira

# BOLETIM DAS MIGRAÇÕES VAI VEM: NARRATIVAS SOBRE INCOMPLETUDES DA TRAVESSIA (1981-1997)



**MARCIANA SANTIAGO DE OLIVEIRA**

***BOLETIM DAS MIGRAÇÕES VAI VEM: NARRATIVAS SOBRE  
INCOMPLETUDES DA TRAVESSIA (1981-1997)***

DOURADOS – 2015

**MARCIANA SANTIAGO DE OLIVEIRA**

***BOLETIM DAS MIGRAÇÕES VAI VEM: NARRATIVAS SOBRE  
INCOMPLETUDES DA TRAVESSIA (1981-1997)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Movimentos sociais e instituições.*

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Alzira Salete Menegat.**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

O48b	<p>Oliveira, Marciana Santiago de. Boletim das Migrações Vai Vem: narrativas sobre incompletudes da travessia (1981-1997). / Marciana Santiago de Oliveira. – Dourados, MS : UFGD, 2015. 104f.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alzira Salete Menegat. Dissertação (Mestrado em História – Área de Concentração: Movimentos Sociais e Instituições) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Boletim das Migrações Vai Vem – Movimentos migratórios – Relatos – (1981-1997). I. Título.</p> <p>CDD – 301.326</p>
------	---

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.**

**©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.**

**MARCIANA SANTIAGO DE OLIVEIRA**

***BOLETIM DAS MIGRAÇÕES VAI VEM: NARRATIVAS SOBRE  
INCOMPLETUDES DA TRAVESSIA (1981-1997)***

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada em** \_\_\_\_\_ **de** \_\_\_\_\_ **de** \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientadora:

Alzira Salete Menegat (Dr.<sup>a</sup>, UFGD) \_\_\_\_\_

2º Examinador:

João Carlos de Souza (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

3º Examinador:

Jones Dari Goetttert (Dr., UFGD) \_\_\_\_\_

A quem me ensinou a persistir e a lutar pela vida, meu pai Mário (*in memoriam*) e minha mãe LUZia que sonhou os meus sonhos para que hoje ele se tornasse realidade. Ao maior presente que tão gentilmente a vida me deu, meu filho Mário Augusto. E aos homens e às mulheres migrantes com quem tive o privilégio de apreender *pedaços de revolução* por meio de suas experiências de migrações.

## AGRADECIMENTO

Início o registro de minha gratidão agradecendo a Deus, que com seu imensurável amor me amou primeiro – dos sonhos que *plantou* em meu coração e pelo fôlego de vida para concretizá-los – e a minha família, pelo suporte afetivo, pelo incondicional apoio, pela paciência e pela compreensão de muitas ausências. Gratidão aos meus irmãos: Maura e Mauri; aos meus cunhados: Juninho e Nenzinha; à minha sobrinha, Vitória, ao meu tio, tão querido: Valmir; ao meu filho, Mário Augusto (meu maior presente da vida); aos meus sobrinhos: Rafael Mauri e Gabriel. E, principalmente, à minha mãe LUZia, meu maior exemplo de mulher, de luta e de fé. A esta, as palavras tornam-se insignificantes para expressar o infinito amor e o esforço para me ajudar a concretizar essa etapa de minha vida acadêmica. Uma vida é pouca pra te agradecer! Te amo, mamãe!

Às *minhas marianas*: Mariana Quadros (pelo amor em cada “acorda Marci”, por cada gol do timão, por cada *focker*, pelas risadas, pelas lágrimas enxugadas, pelas sementes de girassol, pelo companheirismo, pelos bombons) e Mariana Esteves (pelo *shop* nas vésperas da seleção do mestrado, pelas epopeias, por nossas histórias entrelaçadas por meio do IAJES, pelo companheirismo nas lutas diárias, pelos conselhos, pelas prosas). Guardei para sempre no melhor lugar que a *alma pode desenhar* cada momento que passamos juntas.

Meu agradecimento imensurável à minha amiga-irmã Zul, seu esposo Jaime e sua simpática mãe Rosângela, pelo cuidado, pelo carinho dos cafés quentinhos, das cervejas geladas, dos cachorros-quentes, das galinhadas, pela generosidade em cada estadia quando precisei retornar a Dourados. Do mesmo modo e intensidade, à minha *geografia preferida*: Djeovani e Krix (o meu Milton Santos). Krix, gratidão pela sua generosidade, pelo seu cuidado comigo, pelo incentivo, por me fazer mais forte diante do cenário que nós negros enfrentamos diariamente, pelos inúmeros colos nos caminhos *in-certos*. Gratidão por fazer os meus dias mais felizes!

Aos amigos de república, meninos lindos: Anks, Oda, Diego, Gaboratti e Renato. Não poderia me esquecer do olhar companheiro do Logan e do sapeca Mimo. Foram dias incríveis que passamos juntos, durante o período que morei em Dourados/MS para cursar as disciplinas do mestrado. Amo amar vocês!

À minha segunda família: todos os integrantes do *Projeto Giva's* (Brasilândia/MS), em especial, ao meu amigo-irmão Gautier. Sua amizade me torna uma pessoa melhor a cada dia.

Aos meus amigos: Wesley, Didão, Eder, Fabrício e às minhas amigas Mariely, Rafaely, Larissa, Sara e Joyci. Longe ou perto, com vocês tenho o privilégio de redescobrir os sentidos do querer o bem, como diria o poeta, Vinicius de Moraes: “amigo: um ser que a vida não explica. Que só se vai ao ver outro nascer. E o espelho de minha alma multiplica [...]”.

Aos professores, do período de graduação no Curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Rafael Athaides, Fortunato Pastore, Leandro Barbosa, Ronaldo Amaral, Fernando Cândido, Lourival dos Santos, José Carlos Ziliani, Sheyla Matoso, Norma Marinovich, Maria Lima. E, especialmente, à professora Maria Celma e ao meu ex-tutor no Programa de Educação Tutorial (PET) e ex-orientador, Vitor Oliveira – meu exemplo bom da universidade. Esta dissertação é fruto do trabalho engajado, cheio de amor, realizado por vocês.

À minha orientadora no mestrado, a professora Alzira Salete Menegat, a quem tenho admiração e carinho. Gratidão pela confiança, compreensão, autonomia, motivação e ensinamentos. Por me mostrar o valor do silêncio, do ouvir e também o do questionar. Por acreditar nos desdobramentos deste trabalho, em momentos em que nem eu acreditava.

Agradeço aos professores Losandro Antonio Tedeschi, *Linderval* Augusto Monteiro, Fernando Perli e Paulo Roberto Cimó Queiroz (meu eterno mestre); e às professoras Graciela Chamorro, Ana Maria Colling e Encarnacion Medina pela oportunidade de (re)construção de conhecimentos durante as disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFGD).

Ao professor Protásio Paulo Langer que, no ano de 2013, ainda como coordenador do PPGH, me recebeu com muita atenção e carinho. Estendo a minha gratidão aos secretários dos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência Humanas (FCH), pelo profissionalismo, pela gentileza e paciência: Cleber, Wallace, Pedro e Rosiane. E, ainda, aos integrantes da Associação de Pós-Graduandos em História (APGH), ao Movimento Estudantil da UFGD, ao *Movimento Popular pelo passe livre* de Dourados e a todos/as os/as alunos/as dos programas de Pós-Graduação da FCH, que de forma direta ou indireta se fizeram amigos e companheiros em meio aos entusiasmos e às angústias do dia a dia.

Meu respeito e minha gratidão aos professores João Carlos de Souza e Jones Dari Goetttert (meu Simone Weil), que contribuíram imensamente no exame de qualificação com estímulos, reflexões e provocações necessárias para a conclusão deste trabalho. Sinto-me muito lisonjeada, de coração, em tê-los nesta etapa de minha vida.

Aos integrantes do Centro de Estudos Migratórios (CEM/SP), que me recebeu com carinho durante o trabalho de campo, em especial: Wellington Barros, Breno Moreno, Dirceu Cutti, Padre Paolo Parise e Maria Barbosa; e, do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/SP), especificamente: José Carlos, Roberval Freire, Ari Alberti, Neide Benvindo. Ao locutor Miguel Angel, do Programa Latinoamericana no ar. A todos da Casa dos Migrantes (CdM/SP). Enfim, a todos os sujeitos envolvidos na Missão Paz (SP) a minha admiração e eterna gratidão. Que o mundo se enche de mais pessoas, no mesmo amor e engajamento de vocês!

... A luta continua!

O cineasta brasileiro, Silvio Tendler, em seu documentário - *O mundo global visto do lado de cá* -, perguntou ao professor-pesquisador Milton Santos se “É difícil ser intelectual negro no Brasil?”. Com uma resposta sucinta, mas cheia de sabedoria e de provocações, ele desnudou as condições socioeconômicas em que o/a negro/a intelectual está inserido/a:

“Eu Creio que é difícil ser negro, e é difícil ser intelectual no Brasil.  
E essas duas coisas, juntas, dão o que dão, não é!?”

É difícil ser negro porque, fora das situações de evidência, o cotidiano é sempre muito pesado para os negros. E é difícil ser intelectual porque não faz parte da cultura nacional ouvir tranquilamente uma palavra crítica”.

Milton Santos (1926-2001)

## RESUMO

O objetivo desta dissertação foi analisar os sentidos atribuídos às migrações expressos nas cartas escritas por homens e mulheres migrantes e publicadas no *Boletim das Migrações Vai Vem*, no período entre 1981 e 1997. Para isso, investigamos os objetivos que perpassaram a criação do periódico, entre os quais sobressaíram a influência dos ideais da Teologia da Libertação e do *carisma escalabriniano*. Além das 163 narrativas epistolares publicadas, o trabalho teve como fontes os documentos escritos sobre a fundação do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) e do Centro de Estudos Migratórios (CEM), entidades idealizadoras do periódico, e os relatos orais da equipe editorial do *Boletim Vai Vem*. Neste sentido, a metodologia por meio da História Oral, ou melhor, das *entrevistas temáticas* com quatro dos integrantes da redação do periódico, nos permitiu apreender a dinâmica da organização, especialmente da coluna destinada aos leitores do impresso. As cartas analisadas no estudo revelaram a complexidade e o dinamismo dos *pedaços de mundos* dos/as narradores/as, bem como o próprio ato de escrever, narrar e enviar suas missivas ao boletim. Como resultados, apontamos que as *experiências migratórias* dos/as migrantes se devem a múltiplas causas, com implicações espaço-temporais, socioculturais, políticas e econômicas. Assim, pontuamos que as cartas escritas pelos/as migrantes são organizadoras de sentidos e que, por meio de suas múltiplas *experiências migratórias*, possibilitaram: a) traçar novas redes de contatos, sociabilidade, fraternidade e solidariedade entre familiares, equipe editorial e leitores do periódico; b) criar *estratégias* contra xenofobias, preconceitos e estigmas relacionados aos/as migrantes; c) suscitar, entre os órgãos de assistências e proteção aos/as migrantes, a identificação dos distintos movimentos migratórios; d) denunciar situações de violações dos direitos humanos dos/as migrantes; e) fomentar organização popular entre os/as migrantes; f) ampliar o fazer-se *migrante em luta*; g) aproximar pessoas, lugares e espaços distanciados pelas migrações; h) fazer o *ausente presente*, tanto para *quem partiu* quanto para *quem ficou*; i) atuar para prevenir um possível retorno; j) possibilitar trocas de *experiências migratórias*. Conclui-se também que as histórias de migrações encontradas neste trabalho são cheias de sonhos, ousadias, frustrações e reivindicações daqueles e daquelas que se dispuseram à incompletude da travessia.

**Palavras-chave:** *Boletim Vai Vem*. Cartas. *Experiências Migratórias*.

## ABSTRACT

The aim of this thesis was to analyze the meanings attributed to migration expressed in letters written by migrant men and women and published in the *Boletim das Migrações Vai Vem* between 1981 and 1997. For this purpose, we have investigated the periodical's aims when it was created, among which the most important are the influence of *Teologia da Libertação* ideals and Scalabrinian charisma. In addition to 163 published epistolary narrative, the study used as sources written documents about the foundation of the *Serviço Pastoral dos Migrantes* (SPM) and the *Centro de Estudos Migratórios* (CEM), idealizing entities of the journal, and the oral reports of the editorial team of *Boletim Vai Vem*. In this sense, the methodology through oral history, or rather the thematic interviews with four of the journal's editorial members, allowed us to grasp the dynamics of the organization, especially the column aimed at readers of the printed vehicle. The letters analyzed in the study revealed the complexity and dynamism of the narrators' pieces of worlds, as well as the very acts of writing, narrating and sending their letters to *Boletim*. As a result, we point out that migration experiences of migrants are due to multiple causes, with spatiotemporal, socio-cultural, political and economic implications. In this regard, we point out that the letters written by the migrants are organizers of senses and, through its many *migratory experiences*, they made it possible to: a) define new networks of contacts, sociability, fraternity and solidarity among family, editorial staff and readers of the journal; b) develop strategies against xenophobia, prejudices and stigmas related to migrants; c) raise, among the bodies of assistance and protection to migrants, the identification of distinct migratory movements; d) report situations of violations of human rights among migrants; e) promote popular organization among migrants; f) expand the migrant fighting; g) bring together people, places and spaces separated by migration; h) make the *absent present*, both for those *who left* and for those *who remained*; i) act to prevent a possible return; j) enable exchanges of *migratory experiences*. It is also concluded that the stories of migrations found in this work are full of dreams, bravery, frustration and demands of those who dared to face the incompleteness of the crossing.

**Keywords:** *Boletim Vai Vem*. Letters. *Migratory Experiences*.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Origem das cartas brasileiras .....	102
<b>Mapa 2</b> – Origem das cartas estrangeiras .....	103
<b>Mapa 3</b> – Estados de origem.....	107
<b>Mapa 4</b> – Estado de destino .....	108
<b>Mapa 5</b> – Amostra de rotas migratórias.....	114
<b>Mapa 6</b> – Fluxos migratórios internacionais .....	123

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Panfleto – <i>Missão Paz</i> .....	57
<b>Imagem 2</b> – 1º Cartaz da <i>Semana dos Migrantes</i> .....	62
<b>Imagem 3</b> – Panfleto SPM.....	67
<b>Imagem 4</b> – Amostra de capa I.....	81
<b>Imagem 5</b> – Amostra de capa II.....	82
<b>Imagem 6</b> – Amostra de capa III .....	83
<b>Imagem 7</b> – Amostra de capa IV .....	84
<b>Imagem 8</b> – Amostra de capa V .....	85
<b>Imagem 9</b> – Amostra de contracapa I.....	87
<b>Imagem 10</b> – Amostra de contracapa II.....	88
<b>Imagem 11</b> – Amostra de contracapa III .....	89
<b>Imagem 12</b> – Amostra de contracapa IV .....	90
<b>Imagem 13</b> – Amostra de cartas fotocopiadas .....	95
<b>Imagem 14</b> – Amostra da organização das cartas – <i>Varal do Migrante</i> .....	100
<b>Imagem 15</b> – Amostra da organização das cartas.....	101
<b>Imagem 16</b> – Epístola de migração de retorno .....	153

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Cartas publicadas por ano .....	94
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABC** – Ação Católica Brasileira

**ACR** – Animação dos Cristãos no meio Rural

**AP** – Ação Popular

**Boletim Vai Vem** – Boletim das Migrações Vai Vem

**CdM** – Casa do Migrante

**CEAS** - Departamento Campesino de Comissão Episcopal de Ação Social

**CEBs** – Comunidade Eclesial de Base

**CELAM** - Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano

**CEM** – Centro de Estudos Migratórios

**CNBB** - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**CPM** – Centro Pastoral do Migrante

**CPMM** – Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes

**CPTL** – Campus de Três Lagoas

**CSEM** - Centro Scalabrianiano de Estudos Migratórios

**CUT** – Central Única dos trabalhadores

**DSN** - Doutrina de Segurança Nacional

**ESMI** - Equipe Escalabriniana de Migrações

**IAJES** – Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**JUC** - Juventude Universitária Católica

**MEBs** – Movimento de Educação de Base

**NDH** – Núcleo de Documentação Histórica *Honório de Souza Carneiro*

**NELM** - *New Economics of labour Migration*

**OIM** - Organização Internacional para as Migrações

**ONGs** - Organizações não Governamentais

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

**SABs** - Sociedade de Amigo de Bairro

**SENAI** - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

**SPM** – Serviço Pastoral dos Migrantes

**TdL** – Teologia da Libertação

**UDR** – União Democrática Ruralista

**UFGD** – Universidade Federal da Grande Dourados

**UFMS** – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

## SUMÁRIO

Lista de mapas .....	13
Lista de figuras .....	14
Lista de quadros.....	15
Lista de abreviaturas e siglas .....	16
<b>Introdução</b> .....	18
Da prática da catalogação ao encontro com o <i>Boletim Vai Vem</i> .....	19
Notas para a construção do objeto de pesquisa .....	22
Entre caminhos metodológicos e teóricos .....	27
Dos capítulos .....	32
<b>Capítulo I</b>	
<b><i>BOLETIM VAI VEM: O CAMPO RELIGIOSO ENTRE MODOS PRÓPRIOS DE AÇÃO SOCIAL</i></b> .....	33
1.1. Teologia da Liberta-ção: <i>A opção pelos pobres</i> .....	35
1.1.1. <i>Por uma teologia das migrações: Os migrantes em cena</i> .....	45
1.2. Serviço Pastoral dos Migrantes e Centro de Estudos Migratórios: <i>Eu era migrante e me acolheste</i> .....	55
1.2.1. <i>Ethos midiaticado pelo carisma escalabriniano</i> .....	72
<b>Capítulo II</b>	
<b>O VAI E VEM DAS MIGRAÇÕES</b> .....	92
2.1. <i>O fazer-se migrante pelas linhas do mensageiro</i> .....	93
2.2. O movimento das <i>migrações internas</i> a partir das experiências relatadas nas cartas publicadas .....	105
<b>Capítulo III</b>	
<b>EPÍSTOLAS DE HOMENS E MULHERES MIGRANTES: EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS</b> .....	115
3.1. A e/migração i/legal e a transposição de lugares: travessias no sair, no chegar e no ficar.....	116
3.2. Mulheres migrantes .....	133
3.3. Rompendo silêncios: Visibilidades das cartas escritas pelas mulheres migrantes .....	138
3.4. Migração de retorno.....	145

3.4.1. Migrações de retorno como drama .....	153
<b>Capítulo IV</b>	
<b>DAS CARTAS COLETIVAS: AS MIGRAÇÕES E SUAS DEMANDAS .....</b>	<b>160</b>
4.1. <i>Dos espaços de luta: Os clamores dos/as migrantes .....</i>	161
4.2. <i>Outras formas de engajamento: Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Movimento Sem Terra.....</i>	171
4.2.1. <i>Tomareis a posse da terra e nela habitareis: A luta pela terra entre a luta pela moradia .....</i>	175
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>182</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>187</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
Eletrônicas .....	192
Bibliográficas .....	193
<b>ANEXOS</b>	
<b>Anexo A:</b> Cronologia .....	202
<b>Anexo B:</b> Carta de cessão .....	206
<b>Anexo C:</b> Modelo de roteiro utilizado nas entrevistas.....	207

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a discutir os sentidos atribuídos para as migrações de homens e mulheres migrantes, analisando cartas escritas por eles e publicadas no *Boletim das Migrações Vai Vem* entre os anos de 1981 (ano de criação do periódico) e 1997 – período diferente daquele em que o *Boletim Vai Vem*<sup>1</sup> esteve em circulação (1981-2010).

O *Boletim Vai Vem* foi inicialmente de responsabilidade do Centro de Estudos Migratórios (CEM) e, posteriormente, do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM)<sup>2</sup>. A orientação era que todas as congregações religiosas tivessem um centro de estudos para dialogar com os pesquisadores e, sobretudo, com os/as migrantes. Assim, o Centro de Estudos Migratórios foi criado em 1962 e, em junho de 1981, surgiu o periódico *Boletim Vai Vem* em parceria com o Centro Pastoral de Migrantes (CPM) de São Bernardo do Campo (Diocese de Santo André). Entretanto, em 1987, o *Boletim* passou a ser de responsabilidade do Serviço Pastoral do Migrante (SPM), que o coordenou até julho de 2010, ano em que deixou de circular. O impresso era dividido em seções (matérias, músicas, poesias, reportagens relacionadas às migrações, etc.) e, nesta pesquisa, escolhemos a parte das cartas escritas pelos/as migrantes. Dessa forma, definimos como recorte para nosso estudo o período de 1981 a 1997.

A escolha pelas cartas dos leitores se assenta na tentativa de apreender as migrações partindo dos referenciais tecidos pelos sujeitos migrantes. Isso porque acreditamos que, ao escreverem suas cartas, os/as migrantes se colocam como sujeitos de sua própria história, trazendo ao espaço público experiências construídas no seu dia a dia – *no fazer-se da travessia* –, o que faz alargar a própria noção de *migrações, política, ações sociais*, bem como o entendimento de *cotidiano*. As missivas simbolizam os dilemas mais íntimos do sair, do chegar, do retornar, do remigrar dos/as migrantes, e, ainda, o apoio, as mobilizações sociais em que estavam inseridos/as.

Cabe registrar que foram as análises das epístolas<sup>3</sup> que nos levaram a pesquisar e a apreender outros temas, novas veredas – como o relato oral (entrevistas temáticas) com alguns dos editores do periódico: Dirceu Cutti, Roberval Freire, Ari Alberti e Neide Benvindo.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos, a partir deste momento, esta abreviatura ao nos referir ao periódico *Boletim das Migrações Vai Vem*.

<sup>2</sup> Em outro momento do texto especificaremos tais mudanças.

<sup>3</sup> Em tempo, registramos que os trechos das cartas citados no decorrer da dissertação estarão conforme a escrita do remetente – *ipsis litteris*.

Portanto, analisaremos alguns dos caminhos que as *cartas desenharam* ou, em outras palavras, que foram *desenhados* com as cartas.

Destacamos que algumas problemáticas se fizeram presentes para o desenvolvimento inicial do trabalho: quais contextos históricos, sociais, políticos e eclesiais eram necessários entender para discutirmos as migrações vivenciadas pelos/as migrantes? Quais os sentidos de migrações para os homens e as mulheres migrantes? Quais implicações espaços-temporais estão presentes nos deslocamentos? Qual o perfil dos/as migrantes e das migrações nesse período (1981-1997), tendo em vista as trajetórias desses sujeitos? Em quais organizações populares os/as migrantes estavam envolvidos/as? Quais eram as suas demandas? Como o campo religioso por meio da Igreja Católica se constitui em matriz formadora do movimento de luta em prol dos/as migrantes?

### Da prática da catalogação ao encontro com o *Boletim Vai Vem*

É preciso salientar que o caminho percorrido para a definição do tema de pesquisa é fruto do diálogo entre a Arquivologia e a Teoria da História, iniciado no trabalho coletivo de catalogação das fontes do acervo documental do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor (IAJES, localizado em Andradina/SP), desenvolvido por meio do Programa de Educação Tutorial (PET) em História *Conexões de Saberes* no Núcleo de Documentação Histórica *Honório de Souza Carneiro* (NDH<sup>4</sup>), entre 2010 e 2013, período de graduação da autora deste trabalho no Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas.

Naquele momento da graduação, sob a orientação do professor Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira foi desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em torno de nossas primeiras inquietações sobre *as migrações* destacadas nas narrativas epistolares, escritas pelos/as migrantes. Na ocasião foram analisadas doze cartas, da década de 1980, as

---

<sup>4</sup> “O acervo do Núcleo de Documentação Histórica vem sendo constituído, em sua maior parte, por documentação histórica proveniente de doações de empresas estatais, de movimentos sociais e de particulares. Nesses 26 anos de existência, o Núcleo acumulou uma diversidade expressiva de fontes para a história local e regional, em diferentes suportes tais como documentação escrita, sonora, audiovisual, iconográfica e hemeroteca”. Informações retiradas do *site* do NDH: <http://www.cptl.ufms.br/hist/ndhist/index.htm>. Acesso em 12 jun. 2014. Ver, também: OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de Oliveira (coordenador). Núcleo de Documentação histórica “Honório de Souza Carneiro”: *Guia do acervo*. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul: Gráfica Dom Bosco, 2010.

quais foram publicadas na íntegra no *Boletim Vai Vem* – de algumas missivas foram publicados apenas trechos.

Inúmeras questões foram surgindo durante o desenvolvimento do trabalho de catalogação no Núcleo de Documentação<sup>5</sup>, como: o que é um documento histórico? Existe diferença entre arquivo e acervo? Como analisar os documentos? Como organizá-los? Como classificá-los? Como disponibilizá-los para consulta? O trabalho adotado refere-se ao ofício do arquivista ou do historiador? Como pensar no diálogo entre a Arquivologia e a História? Este diálogo é possível? Essas e outras perguntas foram essenciais para pensar cada passo que deveria ser dado no trabalho de catalogação.

No início, os manuscritos amarelados e cheirando a mofo fugiam do nosso olhar como *fontes em potencial* (OLIVEIRA, 2012, p. 7), como possibilidade de pesquisa histórica. Porém, no decorrer do trabalho, entendemos que os documentos são ferramentas primordiais do ofício do historiador, no seu sentido mais amplo de possibilidades de fontes históricas<sup>6</sup>.

Nos fins do século XIX, para os historiadores da Escola Positivista, documentos históricos eram somente os escritos, especialmente os oficiais: “O melhor historiador seria aquele capaz de manter-se o mais próximo possível dos textos, despojando-se de ‘ideias preconceituosas’. Em resumo, o documento falaria por si só” (VIEIRA, 1991, p. 14).

Já na década de 1920, ampliou-se a noção de documento por meio de outra concepção da História, a da Escola dos Annales, principalmente, com Marc Bloch e Lucien Febvre. Nesta concepção, as fontes não falam por si próprias, é preciso lançar perguntas ao documento e elas podem ou não ser respondidas ou, ainda, a partir delas podem surgir novos problemas. Nesse sentido, caberá ao historiador investigá-los. Como já apontado por Marc Bloch (2001, p. 8): “Mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado”. Ampliando a noção de documento e, conseqüentemente, a de abordagens a ele, seria oportuno nos perguntarmos: o que não é documento/fonte para História?

---

<sup>5</sup> Cabe apontar que os centros universitários nascem com finalidade primordial de “dar ênfase à memória regional. Sua dinâmica de trabalho envolve a reunião, a preservação e a organização de arquivos, bem como de coleções e outros conjuntos documentais. Oportuniza-se, assim, o acesso às fontes, em sua maioria fontes primárias, à comunidade acadêmica e local” (CAMARGO, 1999, p. 50-59).

<sup>6</sup> Portanto, tratava-se, no momento da graduação, de um processo, de uma construção do olhar do graduando/pesquisador, já que a própria definição de documento histórico é de difícil acordo entre os historiadores, como mostra a literatura sobre o assunto.

A compreensão de documento foi crucial para navegarmos em tamanha preciosidade que estava em nossas mãos, esperando vir à tona histórias de lutas, alegrias, sofrimentos, trajetórias de vida de homens e mulheres, *experiências humanas*. A partir daí, a prática desenvolvida pelos graduandos/pesquisadores no universo arquivístico começou a fazer sentido e, deste modo, tornou-se mais complexo. Não era, portanto, simplesmente separar papéis de um dado acervo<sup>7</sup>, tratavam-se de *fontes em potencial*, de vestígios históricos na sua mais bela compreensão da e para a História.

Inúmeras possibilidades foram apresentadas cotidianamente no caminho inicial da pesquisa por meio do *fazer-se* da pesquisa histórica – delimitação temática, temporal e espacial, juntamente com o trabalho de catalogação do acervo do IAJES<sup>8</sup>. Fontes riquíssimas, especialmente sobre a *História Social* dos movimentos populares de Andradina (noroeste do Estado de São Paulo), Três Lagoas (Mato Grosso do Sul) e região, dentro do recorte temporal de 1962 a 1990 considerando os anos de atuação do Instituto. Nesse sentido, no contato com o acervo do IAJES fomos *despertadas* a enveredar<sup>9</sup> pelas missivas dos leitores do *Boletim Vai Vem* e, na atual pesquisa, analisaremos todas as cartas publicadas no periódico (um total de 163 missivas).

## Notas para a construção do objeto de pesquisa

Delimitar os documentos que seriam utilizados na pesquisa foi um importante passo, uma vez que a riqueza<sup>10</sup> de abordagens históricas saltava aos olhos. O *Boletim Vai Vem*<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> A autora Marilena Leite Paes (2009, p. 23-24) nos ajuda a compreender a diferença entre arquivo e acervo. Este último é entendido como “um conjunto de documentos de um arquivo”, já que arquivo é a “designação genérica de um conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, caracterizado pela natureza orgânica de sua acumulação e conservado por essas pessoas ou por seus sucessores, para fins de prova ou informação”.

<sup>8</sup> Conforme Mariana Esteves de Oliveira (2006, p. 98), o IAJES era uma organização dirigida por padres, como o padre João Carlos Oliveri e por outras pessoas inspiradas na Teologia da Libertação (TdL). O Instituto ficou conhecido por seu caráter religioso e, sobretudo, partidário de esquerda, tendo em seus referenciais ideias marxistas. No universo destas ações, estavam os seguintes movimentos: negros, indígenas, mulheres, Sociedade de Amigos de Bairro (SABs), Comunidade Eclesiais de Base (CEBs), pela reforma agrária, pela saúde e pelo fortalecimento do Partido dos Trabalhadores (PT), entre outros.

<sup>9</sup> “Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou as máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições mais desligadas daqueles que as criam, são os homens que a História quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54).

<sup>10</sup> Como discutido por Tania Regina de Luca (2005, p. 140), desde o editorial até as colunas dos periódicos, “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público

tinha periodicidade bimestral – posteriormente trimestral – totalizando 115 edições ao longo de 29 anos de história. Ou seja, inúmeras possibilidades de abordagem de pesquisa.

O número de páginas variava entre 18 e 2 com conteúdo sobre o contexto migratório: as notícias ressaltavam o contexto migratório e o posicionamento da Igreja Católica frente às injustiças em relação aos migrantes. O periódico também apresentava convites e resultados de encontros regionais, nacionais e internacionais; charges críticas sobre a vida do migrante; histórias em quadrinhos; notícias de outras dioceses; divulgações de livros produzidos por meio de reflexões resultantes dos encontros dos migrantes; poesias; músicas; entrevistas e reportagens feitas com os/as migrantes; entre outros conteúdos. Havia, ainda, cartas que destacavam as *experiências migratórias*<sup>12</sup>. Foram essas que despertaram nossa curiosidade e que acabaram se tornando o objeto de análise deste estudo.

No entanto, como poderá ser observado no decorrer da pesquisa, não bastava unicamente delimitar *um recorte* entre as colunas do periódico. Primeiramente, porque a escrita da história não é construída apenas com *ingredientes acabados*, ou seja, com os eventos que não têm intencionalidades e permanências. Em segundo lugar, o fazer da prática da pesquisa (re)cria-se a todo instante, colocando-nos em movimentos contínuos.

Nesse sentido, um dos objetivos iniciais da pesquisa era efetuar análise sobre *as migrações* a partir das cartas publicadas (um total de 163 missivas) e das não publicadas<sup>13</sup> (aproximadamente 150 missivas) no *Boletim Vai Vem*. Com isso, poderíamos vislumbrar os objetivos das missivas escritas pelos leitores do periódico e os critérios de seleção por parte da equipe editorial.

Por essas razões, procuramos conhecer o Centro de Estudos Migratórios (CEM), localizado na cidade de São Paulo, na dependência da Paróquia *Nossa Senhora da Paz – Missão Paz*. Nessa entidade, encontra-se a coleção do periódico e, o mais importante, os sujeitos que idealizaram o *Boletim Vai Vem*. Portanto, estar nesse lugar significou ver se

---

que o jornal ou revista pretende atingir”. Assim, dependerão do olhar, das escolhas, das inquietações, das questões suscitadas pelo pesquisador para construção da análise histórica.

<sup>11</sup> Não encontramos nenhum trabalho que tivesse o periódico como objeto ou tema de pesquisa. Exceto alguns livros organizados pelo Centro de Estudos Migratórios e pelo Serviço Pastoral dos Migrantes que citam o *Boletim Vai Vem* como veículo de comunicação e alguns trechos de seu conteúdo. Todavia, estes serão analisados no decorrer da pesquisa.

<sup>12</sup> Em aproximação com Federico Croci (2008, p. 20) e, sobretudo, com as formulações de Edward Palmer Thompson (1987, p. 10).

<sup>13</sup> Fizemos uma busca rápida (uma leitura inicial e superficial) das cartas não publicadas que se encontram no CEM e no SPM. Entre correspondências emitidas e recebidas, calculam-se aproximadamente 150 cartas, entre as décadas de 80 e 90. São Paulo aparece como a região de onde mais se enviavam cartas para as referidas entidades. Contudo, registramos que não fizemos uma análise profícua sobre essas cartas, pois este não era o objetivo do trabalho.

materializar a luta teológica-pastoral da mobilidade humana no reconhecer das palavras expressas no periódico, nas ações e nas falas dos sujeitos que ali se encontravam, mas, é claro, com outros olhares, movidos por novas inquietações.

Para apreender a dinâmica que constitui as cartas, fomos sensibilizados a desenvolver entrevistas com a equipe editorial do *Boletim Vai Vem*. Em outras palavras, a *História Oral* apresentou-se a nós como *peça fundamental* no decorrer do trabalho, assim como representou novos desafios à pesquisa.

Tivemos o privilégio de fazer duas viagens para a pesquisa de campo<sup>14</sup>. Na primeira oportunidade, conhecemos dois editores do periódico, o Padre Alfredo José Gonçalves<sup>15</sup> e Dirceu Cutti<sup>16</sup>. Na ocasião, gravamos uma entrevista com Dirceu Cutti na tentativa de compreender melhor a elaboração e a trajetória do *Boletim Vai Vem*, tendo como foco a dinâmica da coluna designada aos leitores. Seu relato foi tão frutífero e revelador que decidimos fazer mais duas entrevistas com os demais editores, com vistas a que elas pudessem contribuir para esta e para futuras pesquisas.

As entrevistas seguintes ocorreram no Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), na cidade de São Paulo (SP), com Ari Alberti e Roberval Freire<sup>17</sup>, que optaram por fazer a entrevista coletivamente. Eles foram indicados por Dirceu Cutti e, como ainda atuam no SPM, entendemos como oportuno seguir sua indicação. Em outros termos, seguimos as orientações da pesquisadora Yara Dulce Bandeira de Ataíde (1993, p. 26) sobre as *redes de relações* na história oral.

Desse modo, a entrevista seguinte foi realizada com Neide Benvindo<sup>18</sup> que era, especificamente, responsável pela organização das cartas e da catalogação do acervo do CEM

---

<sup>14</sup> De fato, não tínhamos contato direto com o catolicismo. Muitos dos ritos, celebrações litúrgicas, códigos do *campo religioso* nos foram apresentados no *fazer-se* da pesquisa, principalmente com a experiência da pesquisa de campo.

<sup>15</sup> Padre da Paróquia *Nossa Senhora da Paz*, atualmente colabora na *Missão Paz*, junto aos migrantes, imigrantes e refugiados. No decorrer do *Boletim Vai Vem* observamos várias poesias e textos escritos por ele, principalmente no editorial e na contracapa do periódico.

<sup>16</sup> Diretor da *Revista Travessia*, organizada pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM). A entrevista foi realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, e teve a duração 1h, 46min e 26seg.

<sup>17</sup> Entrevista realizada no Serviço Pastoral dos Migrantes (SP), no dia 22/01/2014, com duração de 1h, 22min e 43seg.

<sup>18</sup> Esta entrevista foi colhida por telefone. Na data da entrevista, Neide (atualmente aposentada) estava com viagem marcada, mas, para não perdermos a oportunidade, gravamos a entrevista (com duração de 1h, 44min e 12seg.) por telefone no Serviço Pastoral dos Migrantes (SP), no dia 23/01/2014.

e posteriormente do SPM. Devemos sublinhar que todos nos receberam com tanto carinho e atenção que nos sentimos rapidamente *aceitos pelo campo de pesquisa*<sup>19</sup>.

As entrevistas com os editores indicaram que nem todas as cartas eram destinadas, necessariamente, ao *Boletim Vai Vem*. As diversas atividades e os eventos realizados pelo CEM e pelo CPM junto aos migrantes poderiam ter como fruto a escrita de cartas, nas quais os/as migrantes narravam suas *experiências migratórias*, mas também havia doações de missivas que os/as migrantes recebiam de seus familiares (ou seja, da família e dos amigos que ficaram na terra natal – que não migraram). Essa prática foi iniciada no ano de 1980, no decorrer das ações das pastorais nas comunidades, sobretudo nas periferias da cidade de São Paulo.

Nesse sentido, as epístolas que se encontram no acervo do CEM e do SPM poderiam ser designadas à publicação, conforme os objetivos e as intencionalidades da equipe de redação do *Boletim Vai Vem*. De acordo com o tema central abordado pelo periódico, os editores escolhiam as cartas para representar o universo da mobilidade sob a ótica dos/as migrantes.

Devido ao grande volume de cartas e à complexidade a elas atribuída, tornou-se difícil analisar todas (as publicadas e as não publicadas) e elencar os motivos que levaram à publicação de umas e não de outras, conforme proposto em pesquisa inicial. Por isso, decidimos trabalhar com as cartas publicadas – um total de 163 missivas – associando-as às entrevistas, que se apresentaram como importante caminho para o desenvolvimento da pesquisa.

Não obstante, cabe mencionar que os métodos utilizados nas entrevistas estão em consonância com as orientações do pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 25). O autor aponta que a *História Oral* pode ser dividida em: *história oral de vida*, *história oral testemunhal*, *tradição oral* e *história oral temática*. Esta última versa sobre temas em geral pautados em roteiro ou questionário<sup>20</sup>. No nosso caso, utilizar o método da *história oral temática* significou apreender as experiências dos editores do periódico, que são tão importantes quanto os fatos que elas contêm.

---

<sup>19</sup> Ver: GUNTHER, H., BRITO, O. M. S. & SILVA, M. M. S. M. Relação entrevistador-entrevistado: um exemplo de técnica de entrevista com grupos marginalizados: meninos na rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4, p.12-23, 1989. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/en/psi-7907>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

<sup>20</sup> Em *Anexo C* (p. 207-209), deste trabalho, segue o modelo do roteiro utilizado nas entrevistas.

Lembrando que o questionário não foi conduzido em nível de perguntas e respostas, mas como estratégia que levasse ao diálogo. Assim, as entrevistas temáticas foram pensadas pela perspectiva *semi-estruturadas*<sup>21</sup>.

Os cuidados no trabalho com a *História Oral* não estão somente no antes ou no durante as gravações, mas no transformar o oral em escrito. Nesse ato, o pesquisador irá escolher, tendo em vista suas preocupações, a *textualização*, a *transcrição* literal das narrativas orais ou a *transcrição*. No nosso caso, escolhemos o método da *textualização*: mantivemos as repetições e a sequência da narrativa dos entrevistados, apenas corrigimos os erros gramaticais, tendo em vista a norma culta vigente, conforme sugestões metodológicas da pesquisadora Yara Dulce Bandeira de Ataíde (1993, p.28):

Sabemos que é impossível transformar a fala em documento escrito sem um trabalho de correção da forma, inserção de conectivos e alguns ajustes linguísticos, para evitar repetições exageradas e as lacunas verbais que possam dificultar a compreensão. Faz-se necessário, também, a textualização da linguagem não-verbal de muitas situações, que complementam ou substituem a fala através dos gestos e atitudes, expressões fisionômicas, período de silêncio, entonação de voz, ritmo respiratório etc. É fundamental, contudo, a fidelidade da ideia do entrevistado e às peculiaridades do seu discurso, que devem ser respeitadas e mantidas a salvo de qualquer manipulação ideológica ou afetiva do pesquisador.

Nesse sentido, as entrevistas com a equipe editorial do *Boletim Vai Vem* evidenciam elementos de uma história coletiva, mas ao mesmo tempo individual, pois, ao relatarem as experiências com o periódico ou, mais especificamente, com as cartas, os entrevistados se remeteram às suas trajetórias de vida, pautadas em datas importantes, marcos familiares e religiosos<sup>22</sup>, personagens, decisões, lugares. “Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (HALBWACHS, 1968, p. 143).

Por meio da linguagem, os entrevistados reorganizaram suas lembranças vividas. Entretanto, suas falas não seguem uma cronologia, conforme as perguntas norteadoras. Voltam várias vezes ao mesmo assunto, realçam fatos que são marcos imutáveis para a

---

<sup>21</sup> Sobre este termo ver: BONI, Valdete & QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v. 2, n.1(3), jan-jul., 2005. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf)>. Acesso em: 26 mai. 2014.

<sup>22</sup> No que tange ao *espaço religioso* e ao *campo da memória*, o pesquisador Maurice Halbwachs (1968, p. 154-160) destaca que esta é fundamental para a manutenção e perpetuação do discurso religioso. Por meio das memórias das tradições, as quais aconteceram em espaço-temporal muito determinado, os grupos religiosos fundamentam suas práticas e seus simbolismos. “Consegue isto somente com a condição de recordar os lugares, ou reconstituir entorno dela uma imagem ao menos simbólica dos lugares nos quais ela se organizou de início. Porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à disposição, que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se eternizar e de durar: esta é realmente a condição da memória”.

memória ou retomam as *memórias esquecidas*. Esse exercício lhes permite reviver lembranças de outrora, de tempos de intensa repressão política e religiosa, mas, ao mesmo tempo, de resistência, de oxigenação dos movimentos sociais, das utopias e dos sonhos. Como destacou Dirceu Cutti: “sonhávamos em transformar o mundo”<sup>23</sup>.

Sob essa perspectiva, nossas análises estão em consonância com as ponderações de Michael Pollak (1992, p. 9), ao sugerir-las como enquadramento de memórias, como um termo específico para a compreensão de *memória coletiva*. Entendendo que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis”.

A memória entra em disputa – negociação sobre *o que e como* relatar. Como Michael Pollak sugere, a memória é *seletiva*, pois nem tudo é guardado ou, muito menos, registrado (*memórias em si; memórias para si e memórias para o outro*). Cabe salientarmos que “a memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de desestruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 4). Em outras palavras, *a memória é um fenômeno construído* no qual os sujeitos intervêm não só na ordenação de cada lembrança, mas, fundamentalmente, nas releituras, nas representações desses vestígios.

Postos o objeto de nossa investigação e as fontes consultadas para realizar o trabalho, o entendimento de *migrações* para homens e mulheres migrantes se dará na perspectiva do conjunto documental – dos relatos orais e das missivas escritas aos documentos escritos sobre a fundação do CEM e do SPM.

## Entre caminhos metodológicos e teóricos

Como apresentado, o caminho escolhido para esta pesquisa foi o de analisar as *migrações* tendo em vista as histórias expressas nas cartas publicadas no *Boletim Vai Vem*<sup>24</sup>, entendendo-as na dimensão da *História Oral*. Para tanto, algumas literaturas nos ajudaram a embasar os procedimentos metodológicos junto às fontes, bem como a fundamentar teoricamente a presente pesquisa. Esse *fazer* do trabalho empírico será elucidado a seguir.

---

<sup>23</sup> Entrevista realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, a qual teve a duração 1h, 46min e 26seg.

<sup>24</sup> Para deixar claro, não será feita uma *análise semiótica*, de decodificação dos conteúdos dos discursos, tampouco *fenomenológica*, apesar de termos a compreensão de ser possível fazê-las. Ademais, entendemos que o *fazer-se* da pesquisa não se dá por meio de uma única análise, mas pelas múltiplas possibilidades de olhares, o que torna a História ainda mais bela e singular dentre as demais áreas do conhecimento.

O trabalho do pesquisador Paolo Parise (2000, p. 13), intitulado *Um rosto de Deus: Cartas de famílias de migrantes*<sup>25</sup> foi crucial para a metodologia para interpretação dos conteúdos das cartas, pois para o autor: “a carta apresenta e supõe características e também toda uma problemática diferente da mensagem oral, que é mais simples, direta, espontânea e acessível. A pobreza e sobriedade da escrita contrasta com o luxo e prolixidade da mensagem oral”.

Dessa forma, necessitam-se de outros cuidados metodológicos. Porém, antes de mencioná-los, precisamos ressaltar que as cartas<sup>26</sup> eram entendidas, como *o coração* do *Boletim Vai Vem*<sup>27</sup>, espaço privilegiado, por essência, para denunciar as consequências das *migrações* e criar sentidos de solidariedade e sociabilidade entre os/as migrantes. Até meados do ano de 1985, as cartas eram publicadas, exclusivamente, na íntegra, *fotocopiadas*, com apenas uma carta em cada edição. Em um segundo momento, tem-se entre quatro a cinco cartas – reescritas pela equipe editorial do periódico – e publicadas nas colunas intituladas: *Varal dos Migrantes, Trabalhador com a Palavra, Opinião do leitor, Cartas e Migrante com a Palavra*. A partir 1995<sup>28</sup>, não teremos mais cartas públicas no periódico. Nessa linha de apontamentos, delimitamos nosso recorte temporal: de 1981, ano em que surge o *Boletim Vai Vem*, até 1997, data em que não há mais a presença das epístolas.

Para dar conta das preocupações da pesquisa, tendo em vista o volume documental delimitado, optamos por fazer uma primeira leitura das cartas – 163 no total – publicadas em 62 números do *Boletim Vai Vem*. Priorizamos nesta leitura inicial os principais temas e assuntos das narrativas, o período em que as cartas foram escritas e publicadas, a profissão dos narradores, a identificação do remetente e do destinatário, o nome da coluna do periódico em que as cartas foram publicadas, a terra natal e o destino dos/as migrantes e os títulos das cartas, que são os primeiros indícios de como os/as migrantes queriam registrar suas histórias.

Nessa primeira análise, percebemos que era necessário dividir as cartas conforme seu caráter – *individual* ou *coletivo*<sup>29</sup> –, pois algumas são assinadas por apenas um remetente, outras por vários. Neste caso, elas são enviadas em nome de CEBs, SABs, pastorais sociais, sindicatos e do Movimento Sem Terra. Notamos 53 *cartas de cunho coletivo* e 110 *epístolas*

---

<sup>25</sup> Pautada na perspectiva da Teologia da Libertação, esta pesquisa foi construída com base nas missivas que se encontram no acervo do CEM, mais precisamente o da região leste da cidade de São Paulo, no bairro Vila Industrial.

<sup>26</sup> Analisaremos, detalhadamente, a organização das missivas no segundo capítulo.

<sup>27</sup> Esta colocação foi feita pelo colaborador Dirceu Cutti, durante a entrevista realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, a qual teve a duração 1h, 46min e 26seg.

<sup>28</sup> Encontramos somente duas cartas a partir deste período.

<sup>29</sup> No capítulo IV, analisaremos precisamente tais missivas.

*de cunho individual*. Durante a pesquisa, todas as epístolas serão analisadas, mas essa divisão metodológica se faz necessária tendo em vista a pluralidade de conteúdos, intenções e características que cada uma das cartas possui.

Feita essa divisão, elencamos, entre as cartas assinadas *individualmente*, as escritas por homens (47) e as escritas por mulheres (63). Cabe pontuar que não pretendemos fazer uma *abordagem sexista*, ao selecionarmos as epístolas dessa maneira, pelo contrário, estamos preocupados em dar visibilidade para as particularidades do vai e vem das mulheres, ou melhor, para as experiências das mulheres migrantes. Experiências que, na maioria das vezes, são *silenciadas* nos estudos migratórios.

Vale pontuar que as *experiências migratórias* expressas nas cartas, algumas vezes, apresentaram-se a nós com outras particularidades, a saber, a presença de cartas de *caráter privado*, nas quais se narram travessias pelo olhar de *quem partiu* dirigido a *quem ficou* ou vice-versa. Quem enviava essas missivas o fazia sem a intenção de que elas fossem publicadas no *Boletim Vai Vem*, diferentemente das demais, que identificaremos como de *caráter público*. Essas foram, conscientemente, direcionadas à redação do periódico e têm uma narrativa caracterizada pela dramaticidade de um deslocar entrelaçado com uma conscientização política pautada nas reivindicações sociais, e, por conseguinte, na esperança de se construir um novo devir aos/às migrantes.

Assim, além daquelas escritas pelos/as migrantes, há também as missivas assinadas por sujeitos de pastorais, sindicalistas ou integrantes de movimentos populares. Lembrando que esses sujeitos também são migrantes, mas suas epístolas revelam outras *experiências* – o *fazer-se* do trabalho com os/as migrantes e o *fazer-se migrante em luta*. Em outros termos, intentamos, por meio das narrativas, compreender a dinamicidade das colunas dos leitores, bem como os sentidos atribuídos a suas migrações.

Portanto, as *experiências migratórias* expressas nas cartas nos direcionaram para alguns *caminhos* dos estudos migratórios que necessitam de maior atenção no decorrer da pesquisa, por exemplo as *e/imigrações*, as *migrações internas* e as *migrações de retorno*. Com isso podem ser desnudados também os sujeitos protagonistas de suas histórias, a saber: *mulher migrante*, *migrante laboral*, *migrante econômico*, *migrante pastoral*, *migrante ambiental*, *migrante sazonal*, *migrante rural-urbano*, *migrante urbano-rural*, *migrantes internos*, *migrante refugiado*, *migrantes retornados*, *e/imigrante indocumentado*, *e/imigrante ilegal*, *e/imigrante clandestino*, *e/imigrante irregular*, *e/imigrante laboral*, *e/imigrante pastoral*.

A noção de *experiência* utilizada no decorrer do trabalho está em aproximação com as formulações de Edward Palmer Thompson (1987, p. 121). O autor, ao compreender a classe operária não como uma estrutura ou mero depositário do processo histórico, mas como fenômeno histórico que ocorre nas relações com o outro, ou seja, pelo/no *fazer-se* das experiências humanas, sugere uma bela leitura sobre o entendimento de *experiências*.

Homens e mulheres, no *chão do cotidiano*, constroem suas experiências. *Experiências de vida, experiências compartilhadas, experiências vividas, experiências percebidas, experiências transformadas* pelo seu próprio *fazer-se*, o qual “[...] se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos” (THOMPSON, 1987, p. 9). Sujeitos de ação histórica que fazem de si mesmos rumos diferentes que a história os direcionou. Do mesmo modo, encontram-se os/as migrantes. O *fazer-se* de sua *experiência migratória* permite que modifiquem a realidade em que vivem.

Nessa perspectiva, as cartas se tornam *fontes em potencial* para desnudar os fragmentos da vida cotidiana dos sujeitos. Os seus comportamentos, que permitem apreender não só o vai e vem das migrações, mas da sociedade nas quais homens e mulheres se movimentam. Por isso, concorda-se com Maria Aparecida de Moraes Silva (2001, p. 12) quando ela afirma que os migrantes,

quando estão em cena, escrevem, narram. Artesanalmente, vão, assim, registrando suas histórias, agindo autoplasticamente. Vão tecendo uma rede com fios do ato de imaginar. O narrador de lá, espera a volta do narrador de cá. A espera é produzida pela rede do imaginar. A saudade são os buracos criados pelo entrelaçamento dos fios. Não é um vazio, algo solto. Ao contrário, é ela que define, enquanto buracos, a rede. Pode-se dizer que o imaginar é uma espécie de urdidura da saudade. Sentimento oco, profundo, mas cercado. Sentimento criado pelos narradores. Ação autoplástica que faz do passado, presente, e do presente, futuro. Uma projeção. Uma ilusão necessária, uma utopia carregada de esperança, elaborada após o trabalho duro, à noite, numa espécie de antessala dos sentimentos oníricos.

A exposição da socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva vem ao encontro da metodologia privilegiada no trabalho. Os narradores, em suas *ações autoplásticas*, produzem o reaperceber de suas histórias guardadas *entre os fios* da memória e do imaginário. Como aponta a autora, são os espaços dos *sentimentos oníricos*, em que a espera – seja pela resposta familiar ou pela resposta do corpo editorial do *Boletim Vai Vem*– constrói as *redes do imaginar*.

Outro suporte teórico que nos apareceu essencial para a compreensão do estudo foram os trabalhos escritos pelo pesquisador Pierre Bourdieu. Este pesquisador rompeu com

alguns paradigmas marxistas ao se opor à concepção econômica neoclássica e estruturalista<sup>30</sup>, na qual as estruturas são encaradas como realidades que existem objetivamente e que impõem sua lógica, ignorando, assim, o potencial transformador das práticas dos sujeitos.

Pierre Bourdieu (2013, p. 27), no livro *A economia das trocas simbólicas*, não nega a luta de classes, todavia incorpora, por meio de pesquisas empíricas, a *dominação* como conceito central à sua análise. A luta de classes se torna, também, luta simbólica. Os espaços sociais, regidos pelos mecanismos de dominação, são organizados em dois blocos: dominantes e dominados (classe burguesa e classe popular<sup>31</sup>). Nessa concepção, a cultura, também, é um *móvel de lutas*, constituindo entre os sujeitos uma hierarquia cultural e um espaço conflituoso. A posição de cada sujeito nos espaços das classes sociais dependerá do volume e da estrutura de seu capital simbólico, religioso, econômico, cultural e político.

Pierre Bourdieu (2013, p. 27-70) dedica-se a compreender a gênese e a estrutura do *campo religioso* pautado nas concepções de Marx Emil Maximilian Weber e de Émile Durkheim. Em síntese, o autor entende que a religião cumpre *funções sociais* na sociedade e contribui para a manutenção do poder e da legitimação dos dominantes, por meio de *processo moralizador* e de *sistematização* de crenças e de práticas religiosas. As estratégias e as ações dos diferentes grupos para manter o monopólio da gestão dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas por seus serviços dinamizam ainda mais esse campo. Percebemos que o autor não está interessado em analisar a mensagem religiosa, mas as estratégias utilizadas pelos sujeitos para atender uma demanda específica: ora religiosa, ora ideológica.

Para o autor (BOURDIEU, 2013, p. 39), o *campo religioso* divide-se em *corpo especialista de religiosos* – o qual é reconhecido por seu exclusivo e específico dom de produção e reprodução religiosa –, e em *leigos* – os quais são desprovidos de quaisquer bens simbólicos e de todo *capital religioso*.

Destacam-se também as estruturas das relações feitas pelo autor (BOURDIEU, 2013, p. 69-78) sobre a relação do *campo religioso* com o *campo do poder*, nas quais exercem função interna e externa para a legitimidade da ordem estabelecida. A Igreja em si contribui

---

<sup>30</sup> “Estruturalismo é um ponto de vista objetivista, no sentido de que as estruturas são consideradas como realidades que existem objetivamente e que impõem sua lógica, do exterior, aos agentes sociais, que estarão ainda mais estreitamente submetidos a elas quando menos consciência disso tiverem” (BONNEWITZ, 2003, p. 13).

<sup>31</sup> Todavia, o autor, não nega a existência de uma classe intermediária. Pelo contrário, as tensões e as contradições que permeiam os campos distintos estão constantemente em movimento, ou seja, a condição de classe de cada agente não é estanque.

para a manutenção da ordem política, tendo em vista o poder simbólico constituído pelo *campo religioso*.

Propomos, então, entender primeiramente as tensões e as contradições do catolicismo, sugeridas pelo sociólogo Pierre Bourdieu, como *pano de fundo* que compõe o *Boletim Vai Vem* para, assim, discutirmos as histórias de migrações expressas nas cartas. “Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas” (DE LUCA, 2005, p. 139).

## Dos capítulos

Tendo em vista a preocupação em analisar os sentidos das migrações que homens e mulheres migrantes relatam em suas missivas, publicadas no *Boletim Vai Vem* entre 1981 e 1997, organizamos o nosso trabalho em quatro capítulos. No *Capítulo I - Boletim das Migrações Vai Vem: O campo religioso entre modos próprios de ação social*, nos debruçaremos sobre os contextos históricos, políticos e eclesiais que nortearam a criação do periódico. Analisaremos, em um segundo momento, os objetivos de suas entidades idealizadoras, a saber: Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) e Centro de Estudos Migratórios (CEM).

No *Capítulo II - O vai e vem das migrações*, apontaremos como as missivas foram organizadas no *Boletim Vai Vem*, os temas que mais aparecem entre seus conteúdos e, ainda, as localidades de onde as missas foram enviadas por seus remetentes. A partir disso, apresentamos uma discussão sobre os desafios e os horizontes expressos nas missivas a respeito das *migrações internas* no Brasil.

O *Capítulo III - Epístolas de homens e mulheres migrantes: experiências migratórias* foi construído a partir das migrações relatadas nas missivas, ou seja, as *e/imigrações* e as *migrações de retorno* serão analisadas a partir das percepções dos/as próprios/as migrantes.

Já no *Capítulo IV - Das cartas coletivas: As migrações e suas demandas*, trataremos das demandas migratórias apontadas nas cartas assinadas *coletivamente*, conforme a divisão metodológica aplicada. Desta maneira, refletiremos sobre as implicações dos *espaços* pelos quais os/as migrantes ecoaram suas reivindicações.

Sublinhamos que já ficaremos satisfeitos se nosso trabalho contribuir para a historiografia ou, mais especificamente, para os estudos migratórios, permitindo, assim, que

outros pesquisadores se enveredem por essas fontes inéditas que desvelam tamanha riqueza de *experiências migratórias*. E que esse *despertar* extrapole as linhas do papel e a tinta da caneta, se concretiz[ando] no engajamento de lutas pelo *chão do cotidiano*, por leis que verdadeiramente contemplem os direitos humanos – de homens e de mulheres migrantes. Do mesmo modo, aos companheiros leitores que não têm a pretensão da pesquisa histórica, que todas e todos se permitam deslocar entre histórias de migrações socializadas neste estudo, as quais são cheias de sonhos, ousadias, utopias, frustrações, reivindicações – dos que *partem* e dos que *ficam*. Dos que vivem entre *o lá e o cá*. Entre a incompletude da travessia.

## CAPÍTULO I

### ***BOLETIM VAI VEM: O CAMPO RELIGIOSO ENTRE MODOS PRÓPRIOS DE AÇÃO SOCIAL***

Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípios a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de oposição na estrutura social, dependendo portanto diretamente desta posição, a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que lhe fornece um (quase) sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição.  
(BOURDIEU, 2013, p. 51)

Para discutir *as migrações* sob a ótica dos/as migrantes, necessitamos compreender, primeiramente, as tensões do lugar que se encontram suas *experiências*, ou seja, tudo que está relacionado de maneira direta com o *Boletim Vai Vem*. Buscou-se, entretanto, tomar o cuidado de manter as *experiências migratórias* como *linha condutora* do presente trabalho, uma vez que o conjunto documental possibilita inúmeras análises e abordagens históricas.

Desta maneira, é preciso situar a criação do periódico, segundo os objetivos da *Missão Paz*, composta pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM), pelo Centro Pastoral dos Migrantes (CPM) e pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM). Para tanto, faz-se necessária uma contextualização histórica, social e eclesial sobre as demandas do período, principalmente no que tange às influências do movimento teológico da libertação dos *pobres migrantes* nos objetivos do periódico.

Como já mencionado, discutiremos o *campo religioso* por meio das categorias analíticas e das noções operatórias desenvolvidas pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Entendemos que as formulações teóricas deste pesquisador vêm ao encontro das inquietações da presente pesquisa e, portanto, devemos fazer uma leitura densa de seu legado na tentativa de não fazer simplesmente repetições, mas sugerindo novos significados, novos elementos e novas interpretações, mediante as temáticas do universo migracional do nosso estudo.

Desta forma, é necessário muito cuidado para não aplicar a noção de *campo religioso* de maneira aleatória, como Renée de la Torre (2002, p. 45-60) chama atenção, tendo em vista as mudanças, ou melhor, a pluralidade da dita ordem religiosa. No *campo religioso* estudado na presente pesquisa, percebemos os movimentos religiosos que lutam no interior do catolicismo pela libertação dos *pobres migrantes* e pela construção de um novo devir, enfrentando, assim, a ordem dogmática e sacerdotal. Esses sujeitos subvertem a ordem ao

proponer una eclesiología vertical e un traballo protagonizados polos *pobres migrantes*, referenciais ligados à Teología da Libertação (TdL<sup>32</sup>). Dessa forma, tendo em vista esses apontamentos, acreditamos ser possível fazer uma leitura *bourdieusiana* aplicada ao *campo religioso*, principalmente no que se refere às práticas dos/as migrantes de enviarem suas histórias para o *Boletim Vai Vem* e deste construir *modos próprios de navega o social*<sup>33</sup> para combater os olhares hegemônicos sobre as migra es.

---

<sup>32</sup> A partir deste momento, utilizaremos abreviatura TdL ao nos referirmos   *Teologia da Liberta o*.

<sup>33</sup> Em conformidade com as ideias de Roberto da Matta (1993, p. 79-90), destacamos o poder e a capacidade dos movimentos populares em construir políticas de visibilidades e de enfrentamentos.

## 1.1 Teologia da Liberta-ação<sup>34</sup>: *A opção pelos pobres*

A Teologia da Libertação não era uma coisa distante que vinha aqui dialogar, um diálogo de dois distantes. As nossas ações eram pautadas neste ideal.  
(Dirceu Cutti, entrevista gravada em setembro de 2013)

Logo no primeiro número do *Boletim Vai Vem* (1981), já se percebem alguns indícios da influência da TdL. Entendemos que a capa e o editorial do periódico representam, de maneira mais direta, os objetivos e as intenções do corpo editorial. Cada uma das colunas apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa histórica, que dependerão do olhar do pesquisador e de sua investigação crítica para desvendá-las. Aqui, nossa intenção é evidenciar as influências e as ligações da TdL nesse periódico e, conseqüentemente, nas cartas.

Nesse sentido, algumas inquietações surgiram para nortear o presente tópico: quais as relações dessa teologia com o *Boletim Vai Vem* e, portanto, com as cartas dos/as migrantes? O que é TdL? Quais as influências dela no seio da Igreja Católica? Quais as correntes teóricas e o contexto histórico-eclesial em que esteve inserida?

Em um dos exemplares do periódico, encontramos como título, destacado em uma das colunas, a seguinte afirmativa: “Por uma igreja pobre e migrante!”<sup>35</sup>, indicando busca, luta, profecia. Escrito em *negrito* e em fonte maior, o título remete a um texto que faz uma retrospectiva da realidade migratória e das ações contra os grandes projetos que impelem os/as migrantes ao deslocamento, à mobilidade humana. Trata-se de um discurso pautado na esperança de fortalecer as práticas de comunhão e de participação, na tentativa de ser uma *Igreja dos pobres*, trazendo, assim, vários elementos que nos ajudam compreender a TdL. Nesse ponto, concordamos com Tania Regina de Luca (2005, p. 132):

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras.

Tendo em vista as orientações da autora, percebemos que o alvo central – ou a matriz configuradora – do periódico está associado ao vai e vem das pessoas comuns, aos oprimidos,

---

<sup>34</sup> Na tentativa de despertar algumas provocações em nosso leitor, utilizaremos a palavra liberta-ação no lugar de libertação ao nos referir à Teologia da Libertação. Reforçando assim, os sentidos e a importância atribuída em sua teoria colocada em prática, nas experiências concretas, cotidianas.

<sup>35</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 8, n. 37, julho-agosto, 1989, p. 2.

marginalizados, aos discriminados, aos excluídos, os quais estão nas *margens* da sociedade – do direito a terra, casa, alimentação, educação, trabalho. Ou seja, um *pobre migrante*.

Esse primeiro indício, a preferência pelos *pobres migrantes*, indica uma possível influência da TdL sobre o *Boletim Vai Vem*. Sem apreendermos essa primeira dimensão, perderemos o que efetivamente fundamenta essa reflexão teológica, bem como o *pano de fundo* das *experiências migratórias* aqui estudadas. Outro ponto que se deve levantar é o do compromisso com as lutas social e política travadas a partir do *campo religioso* e, simultaneamente, do *campo político*. Pelas experiências concretas dos/as migrantes relatadas pelo periódico, assim também a TdL é reflexo dos problemas, das inquietações, das derrotas, das vivências de fé dos *pobres latino-americanos*.

Existem, no nosso entender, várias formulações errôneas sobre a TdL. Tratam-se de interpretações que deixam de enxergar as contradições e as tensões profundas entre a Igreja Católica latino-americana e a Santa Sé e, mais do que isso, a vida dos envolvidos, os quais são o sentido da existência de tal teologia, os pobres. Desse modo, na tentativa de ir além do superficial, intentamos compreendê-la sem receios, pré-conceitos *a priori* que impedem captar o movimento em sua profundidade.

Dito isso, podemos salientar que a TdL começa a se articular de forma mais sistemática em meados de 1968, mas a história de sua caminhada é extensa. As práticas no cotidiano das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)<sup>36</sup> permitiram desenhar outro modo de *ser Igreja* e de pensar transformações frutíferas à sociedade, já que para os idealizadores da TdL e para os integrantes da Pastoral Migratória os pobres são os principais sujeitos em potencial para escrevê-la. Essa teologia era conhecida por seu grito de libertação, clamores tecidos de *baixo*, no inverso da história à luz do evangelho, da fé cristã de *Jesus Cristo libertador e histórico*<sup>37</sup>. A pessoa humana de Jesus é ressaltada não somente por seu nascimento ou sua morte na cruz, mas também por suas ações na terra, sendo um dos principais exemplos de engajamento político e social em favor dos pobres.

---

<sup>36</sup> No capítulo quatro do presente trabalho, discutiremos mais especificamente as ações nas CEBs e nas SABs, conforme as narrativas dos/as migrantes.

<sup>37</sup> A ideia é trazer à tona os discursos utilizados pelos sujeitos que lutavam por uma TdL. Não cabe aqui desconstruirmos a noção de realidade, fé ou até mesmo as representações e os arquétipos construídos em torno da figura de Jesus. Para um estudo mais profícuo sobre esses temas, sugerimos: JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa um estudo sobre a natureza humana*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1935; OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Trad. Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985; RICHTER REIMER, Ivoni. *Imaginários da divindade: textos e interpretações*. Goiânia: UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008, e VERMES, Geza. *A religião de Jesus, o judeu*. Tradução de Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Temos, assim, uma libertação<sup>38</sup> que se inicia no âmago do próprio eu e, logo, a partilha, o amor fraterno, a solidariedade se irradiam para o outro, dialeticamente. Isso ocorre, portanto, pela linguagem e pelas relações que construímos o mundo. Dessa forma, o *outro* do meu eu consolida a minha existência, o meu modo de ver o mundo e como me relaciono com ele, ou seja, o *outro* possui uma anterioridade sobre o eu.

Não obstante, a TdL representa (BOFF, 1980, p. 204-2012) uma teologia comprometida com o processo de libertação das classes subalternas, as quais (sobre)vivem à opressão por parte da classe dominante do sistema capitalista. O pobre é entendido como sujeito em potencial a transformar o meio em que vive não por seu estado de pobreza, pois este é repudiado pela Bíblia, *a palavra de Deus*, mas pela opção de classe desfavorecida, os primeiros destinatários de sua missão. A pobreza se personifica no mal da sociedade, que deixa marcas, rastros, vestígios; portanto, se faz necessário unir-se à luta contra a sua abolição.

A fé cristã em consonância com a vida – a vida vivida – suscita questões como: quais os problemas do dia a dia dos sujeitos? Quais as lutas pela sobrevivência? O que impede de termos uma vida completa no amor de *Cristo libertador*? Quais os cativeiros do cotidiano em que estamos imersos e que nos limita de ver outras possibilidades de mundo? O que impede a des-estruturação do modelo clerical para, assim, buscarmos uma eclesiologia subjacente às CEBs? Como podemos conhecer e desfrutar a transcendência do sagrado em contexto de repressão e injustiça? O poder e a instituição na Igreja podem se converter? A partir dessas indagações, os envolvidos na TdL começaram a se conscientizar de sua luta e a sonhar com a sua concretização.

A identificação – o nomear – desta teologia como *da Libertação* surge aos poucos, em meio às reuniões, aos eventos, às celebrações, às práticas que conduziram a formulações teóricas do movimento. No entanto, não podemos perder de vista os discursos frequentes do período, como o pesquisador Eder Sader (1988, p. 143) chama atenção. A crise dos *velhos movimentos sociais*<sup>39</sup> que impulsionou a criação de outras matrizes discursivas, as quais

---

<sup>38</sup> Em aproximação com as reflexões de Leonardo Boff (1980, p. 200).

<sup>39</sup> Sobre esse assunto, há também a reflexão feita por Ilse Scherer-Warren (2005, p. 67-68): “a diferenciação entre os velhos movimentos sociais e os novos movimentos sociais pode ser encontrada nas formas de suas organizações e de encaminhamento de suas lutas. De forma breve pode-se afirmar que, quanto à organização, os primeiros incorporavam sobretudo formas clientelísticas e paternalistas de fazer política; em certas ocasiões utilizavam o instrumento da democracia representativa e não excluía, em outras, o recurso da violência física. As novas formas de organização no campo, por sua vez, valorizam a participação ampliada das bases, há democracia direta sempre que possível, e opõem-se, pelo menos no nível ideológico, ao autoritarismo, à centralização do poder e ao uso da violência física. Quanto ao conteúdo de suas lutas, os últimos como os

devem ser entendidas como modos de abordagens da realidade que envolvem diversos elementos e intencionalidades.

Sobre os discursos inferidos no *campo religioso*, Eder Sader (1988, p. 144) acrescenta: “[...] a matriz discursiva da teologia da libertação, que emerge nas comunidades da Igreja, tem raízes mais fundas na cultura popular e apoia-se numa organização bem implantada. Beneficia-se do ‘reconhecimento imediato’ estabelecido através da religiosidade popular”. O *chão da vivência* é permeado por sujeitos plurais, os quais reinventam suas místicas e seus sincretismos, de acordo com que está à sua disposição. Situação esta longe de ser um catolicismo tradicional, em que só alguns têm *lugar* ou *papéis* privilegiados nas celebrações. Esses sujeitos se constituem em núcleos estáveis, de caráter flexível, que propõem atividades e constituem lideranças para atuar em diversos segmentos da sociedade, constituindo-se em práticas próprias como sugere ainda o autor:

[...] a própria libertação é libertação do egoísmo, da alteridade, da miséria e das injustiças, em suma, dos pecados pessoais e sociais [...]. Usando as categorias de um discurso religioso – a verdade e a justiça, a palavra de Deus e o Povo de Deus, o Pecado e a Libertação [...]. Constituíram assim sujeitos imbuídos de fé numa luta terrena pela justiça social (SADER, 1988, p. 164-167).

Trata-se de um discurso religioso que buscava, primeiramente, refletir sobre os problemas dos sujeitos, para que, assim, pudesse confrontar-se com as escrituras sagradas, na tentativa de visualizar tomadas de posições a fim de solucioná-los (pautados no método: *ver-jugar-agir*). Essas práticas afirmam as potencialidades dos sujeitos de se organizarem e de criarem outros espaços para exercerem suas experiências travadas no cotidiano. A novidade está não só no cotidiano, mas também nos novos sentidos atribuídos a ele. Como o pesquisador Damião Duque de Farias (2002, p. 12) chama atenção:

Na nova eclesiologia católica, o Corpo Místico de Cristo, mais que o investimento em uma representação da divisão de funções hierarquizadas, apostava em representações democráticas, por meio de noções articuladas ao redor do tema do comunitarismo, propondo solidariedade dos membros da Igreja nas atividades pastorais. O centro desta nova eclesiologia seria o homem no seu vivido. A doutrina estaria fundada não mais nas leis e nos dogmas, mas na experiência concreta, cotidiana, do ‘povo de Deus’. Seria com base nessa experiência que a Igreja deveria refazer sua práxis, de tal

---

primeiros possuem demandas específicas e por vezes defendem utopias de transformações sociais mais gerais. O que há de inovador é a luta pela ampliação do espaço da cidadania, incluindo-se aí a busca de modificações das relações sociais cotidianas”.

modo que o vivido estivesse em sintonia com a ética católica, ressaltando as possibilidades ali encerradas.

Tendo em vista os apontamentos do autor, torna-se oportuno retomarmos alguns dos momentos históricos que a América Latina vivenciou. Entre eles está o contexto pós-Revolução Cubana<sup>40</sup> (1959) e as tensões políticas marcadas pelas repressões e torturas realizadas por inúmeros regimes ditatoriais – que, em contrapartida, fizeram emergir centenas de manifestações populares, as quais reivindicavam direitos e autonomias. Ademais, destacam-se os embates *fé-revolução* expressados pela Ação Católica Brasileira (ABC), pela Juventude Universitária Católica (JUC) e, posteriormente, em 1962, pela Ação Popular (AP).

A Juventude Universitária Católica (JUC), inspirada primeiramente nas ações católicas da Itália e depois no modelo francês, foi registrada oficialmente no ano de 1950. A JUC era conhecida por suas dimensões religiosa, humana, social e também política. Era composta por padres e estudantes católicos, estes de maioria leiga<sup>41</sup> e que expressavam o maior desejo de mudança. Buscavam transformações que estavam em consonância com as necessidades do período. As reivindicações perpassavam desde a estabilidade familiar até a educação religiosa nas escolas.

Algumas das marcas que se sobressaem neste movimento são, sem dúvida, o engajamento político e o entusiasmo de renovação (em aproximação com BEOZZO, 1984, p. 84-88). Falava-se em *Ideal Histórico* para todos os sujeitos. Um ideal transformador e profundo que pudesse modificar as estruturas de dominação (a metodologia da ação missionária e da ação sobre as estruturas).

Torna-se necessário registrar que havia, no início da JUC, resistências às filosofias e ideologias marxistas, como se pode observar:

[...] seu número é difícil de conhecer. São igualmente líderes, sabem o que querem e exercem muitas vezes uma influência marcante no meio, especialmente no terreno político. Estamos, de um modo geral, esquecendo

---

<sup>40</sup> Interessa observarmos no livro intitulado *Cartas Teológicas sobre o socialismo*, publicado em 1989, as impressões que Clodovis Boff (irmão de Leonardo Boff) teve sobre Cuba na busca de visualizar a dimensão ético-religiosa do socialismo ao apresentar alguns relatórios de viagens, entre elas realizados em Cuba, na antiga União Soviética e na China. Embora Cuba se demonstrasse como modelo alternativo no período, no *campo religioso* não se apresentou um dinamismo eclesial em particular, tão menos relacionado à TdL.

<sup>41</sup> Para Leonardo Boff (1982, p. 187): “Leigo, em seu sentido originário grego, significa membro do Povo de Deus. Nesta acepção também o padre, o bispo e o Papa são leigos. Entretanto, na divisão eclesial do trabalho, leigo é todo aquele que não participa do poder sagrado. Por causa disto não era considerado portador de eclesialidade, no sentido de também produzir bens simbólicos e ser criador de comunidade eclesial; era um beneficiário daquilo que o corpo de funcionários sagrados produzia e um executor das decisões deles”.

que não podemos colaborar, nem mesmo indiretamente, com esses colegas (BEOZZO, 1984, p. 88).

Contudo, as influências marxistas foram inevitáveis. Essas vinham ao encontro das estratégias metodológicas do movimento. Da mesma forma, a crise (1960-1967) da JUC também está ligada ao projeto de sociedade socialista, o qual deixou os embates com o episcopado da Igreja Católica mais aguçados. Acrescentam-se, ainda, aos motivos de crise os conflitos diretos entre o laicado e a nova direção do movimento, bem como a desarticulação do apoio da opinião pública.

A JUC conduziu e impulsionou outros movimentos, como o Ação Popular (AP), deixando assim, como os percussores relatam, uma comunhão mais direta entre os leigos e a essência do engajamento político em cada cristão, a fim de construir, na fé, na esperança e na caridade, uma vida terrena mais humana.

Há que se ressaltar ainda que a Ação Popular era composta de ex-jucistas, jucistas e de militantes da Juventude Operária Católica (JOC). Percebemos nos discursos, tanto da JUC quanto da AP, os termos: *povo*, *homens*, *todos* e *todas*, ou seja, não se tem um grupo privilegiado, como a escolha pelos *pobres* na TdL. É possível perceber essas questões na obra do pesquisador – e também padre – José Oscar Beozzo:

[...] a ação popular é expressão de uma geração que traduz em ação revolucionária as opções fundamentais que assumiu como resposta ao desafio da nossa realidade e como decorrência de uma análise realista do processo social brasileiro na hora histórica em que nos é dado viver. Nossa opção não se exerce em abstrato. Nosso compromisso único é, pois, com o homem. Com o homem brasileiro, antes de tudo (BEOZZO, 1984, p. 118).

Apesar disso, tem-se nesses movimentos, ou mais especificamente na JUC, como bem observou Gustavo Gutiérrez Merino, mesmo que de forma ainda muito tímida, a *gênese* dos primeiros passos do movimento teológico pela libertação. “Gutiérrez assinala que foi o Brasil e mais precisamente na JUC dos anos 60 que muitas intuições do que tornaria mais tarde a Teologia da Libertação haviam começado a tomar corpo, num lento processo ligado a uma prática concreta e, sobretudo, a uma prática política” (BEOZZO, 1984, p. 14).

A TdL foi pensada e gestada a partir da realidade do continente latino-americano, enquanto resposta ao processo político, social, econômico, cultural e, sobretudo, religioso do período e do passado. A saber, a história de colonização na América Latina foi marcada por

violências<sup>42</sup>, por jogos de interesses monárquicos e de catequizações forçadas, lideradas pelos missionários e/ou jesuítas. Em uma frase de Francisco Catão (1986, p. 44), percebemos essas questões: “[...] a América Latina nunca foi evangelizada: foi conquistada para o catolicismo”. Diríamos mais, esta *neocristandade*<sup>43</sup> não levou em consideração, em nenhum momento, a religiosidade popular dos sujeitos. Ou melhor, a Igreja repudiava e punia qualquer *verdade* que se colocava em sua oposição. Portanto, uma religiosidade que foi calcada de *cima para baixo* e de *fora para dentro*.

A parceria da Igreja com as classes dominantes legitimou cada vez mais o poder hegemônico de ambas. No final do século XIX, com o rompimento da Igreja com o Estado em termos oficiais e, conseqüentemente, com a adoção de sistemas laicos na legislação, educação, justiça, política, religião, ela foi forçada a estabelecer outras parcerias.

Notamos que o *campo religioso*, assim como qualquer outro, não é homogêneo. Os *campos* são relacionais (parafrazeando BOURDIEU, 2013, p. 27), de acordo com os interesses em pauta, em disputa, assim, os sujeitos de cada *campo* se organizam e recriam novas práticas. Essa heterogeneidade estende-se também para as correntes em torno da TdL. Nesse sentido, não há uma abordagem da TdL, mas várias; entre elas, a antropológica, que apresenta diversas possibilidades. O sul-africano luta, teologicamente, pela libertação dos negros e de todos os oprimidos e desfavorecidos. Observam-se também, atualmente, os novos elementos integrados no discurso da TdL, como o indígena, o ecológico, o da sustentabilidade, o da terra, o das mulheres. Há de se considerar, ainda, as contradições do movimento, “mesmo quando a ‘questão social’ passou a ter maior centralidade no discurso oficial católico, a doutrina social católica formulada era expressão das concepções católicas,

---

<sup>42</sup> José de Souza Martins, em *A chegada do estranho* (1993, p. 15-16), realça os sentidos desta *violência* e ao mesmo tempo, com um tom irônico e poético, problematiza os olhares unicamente trágicos à nossa América Latina: “[...] Qual violência? A violência institucionalizada que levaram os missionários e que muitos deles ainda levam às sociedades latino-americanas? A violência da dívida externa? A violência de uma concepção de democracia que é apenas uma fachada da história latino-americana? A violência das ditaduras? A violência de um capitalismo que não tem nenhuma relação com a dignidade humana? De qual violência se pode falar? Parece-me que há também uma violência nesta concepção triste da América Latina. A nossa América Latina é trágica, mas é, ao mesmo tempo, divertida. É preciso compreender esta nossa contradição. Sem chorar todo o tempo. Às vezes é preciso rir. É preciso rir do inimigo e do que dele ficou dentro de nós. Por isso, é preciso rir também de nossas próprias debilidades, dos nossos enganos, das nossas vitórias quase nunca definitivas. É preciso rir o riso crítico que denuncia a comicidade dos protagonistas, conquistadores e conquistados, na vã tentativa de vestir, de impor, a apertada roupa cultural de quem manda ou pensa mandar. Não chorem por nós, porque a América Latina não é um funeral. A América Latina é uma festa, mesmo quando estamos sepultando os nossos mortos. Porque no silêncio dos funerais das vítimas dos que nos oprimem há também o cântico interior de nossas esperanças, anúncio e prefiguração da nossa festa coletiva e permanente”.

<sup>43</sup> O modelo de Igreja que apoia sua estrutura institucional nos aparelhos políticos e administrativos do Estado.

em geral autoritárias e conservadoras ao mesmo tempo. Muito pouco se aproximavam do vivido popular” (FARIAS, 2002, p. 347).

Assim sendo, o pensar sobre a TdL deve estar em consonância com essas transformações e inquietações de cada período histórico, já que a Igreja passou a ter um olhar mais atento aos problemas do cotidiano de seus fiéis, embora com muita cautela, como veremos no decorrer deste texto. Os embates com uma Igreja hierárquica, tradicional, autoritária e clerical fez-se presente em todo o momento, bem como a resistência de uma ala conservadora da Igreja Católica, a qual repudiava qualquer possibilidade de mudança, inclusive por tal *revolução* estar intimamente ligada aos pobres. Do mesmo modo, há de se pontuar os limites desta tendo em vista “[...] as esferas da alta hierarquia católica brasileira e no mais alto grau e nível decisório, pelo Vaticano. [...] o Vaticano reúne as condições e de repressão para realizar a acomodação das forças internas e transição dentro de limites por ele tolerados” (FARIAS, 2002, p. 431).

No âmbito dos estudos a respeito dos movimentos populares latino-americanos, Maria da Glória Marcondes Gohn (1997, p. 237) ressalta que é inevitável não incluir a categoria dos intelectuais no cenário. Deve-se entendê-los como sujeitos engajados nos movimentos, por apresentarem comprometimento nas lutas, no campo teórico e institucional. Não sendo diferente no movimento pela TdL, no qual se destacam inúmeros teólogos, filósofos e pesquisadores de outras áreas, entre eles o uruguaio Juan Luis Segundo, o colombiano Jorge Camilo Torres Restrepo, o chileno Rolando Miguel Paradowski, os peruanos Roberto Oliveros Maqueo e Gustavo Gutiérrez Merino e os brasileiros Leonardo Boff e Hugo Assmann.

Entre estes intelectuais, destacam-se o brilhantismo e a audácia do brasileiro Leonardo Boff<sup>44</sup> e do peruano Gustavo Gutiérrez Merino<sup>45</sup>. Ambos são considerados principais expoentes da TdL, pelo engajamento por uma libertação do continente latino-americano e pela grande quantidade de livros dedicados ao assunto.

---

<sup>44</sup> Foi membro da Ordem dos Frades Menores – Franciscanos. Nasceu em Concórdia, no dia 14 de dezembro de 1939. Para os interessados, segue o *link* do *blog* do escritor e teólogo: <http://leonardoboff.wordpress.com/sobre-o-autor/>. E os títulos de alguns de seus livros sobre o tema: *Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações* (1978); *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas* (1985); *Como fazer Teologia da Libertação* (1986); *Teologia do cativo e da libertação* (1976); *A fé na periferia do mundo* (1991); *E a Igreja se fez com o povo: eclesiogênese, a igreja nasce do povo* (1986) e *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida* (1980).

<sup>45</sup> Sacerdote dominicano, nascido no dia 8 de junho de 1928 na cidade de Lima, Peru. Gustavo Gutiérrez Merino é considerado o *Pai da Teologia da Libertação*. Deixamos aqui o *link* de uma das entrevistas com o teólogo: [www.youtube.com/watch?v=9FS2UYhLzc8](http://www.youtube.com/watch?v=9FS2UYhLzc8).

A teologia, no olhar desses intelectuais, não pode ser vivida longe da *boniteza* e da *miséria* da vida. Compreender a trajetória dos sujeitos é se posicionar automaticamente a favor dos pobres e dos marginalizados, no intuito de reparar, reescrever as suas histórias, as quais são marcadas por violência material e simbólica. Assim sendo, para Leonardo Boff e Gustavo Gutiérrez Merino, a TdL, além de ser uma opção profética, mostra-se humanizada com a vida.

Gustavo Gutiérrez Merino, em seu contundente livro intitulado *A força histórica dos pobres*, evidencia as formulações teóricas desta teologia. Embora publicado em 1984, este livro é composto por vários textos escritos durante a efervescência do debate sobre a TdL, entre eles artigos que analisam documentos preparatórios de Puebla (1978). Este autor, ao descrever a busca de caminhos por uma TdL, demonstra as especificidades desta reflexão, como podemos observar:

A teologia da libertação é uma tentativa de compreender a fé a partir da práxis histórica, libertadora e subversiva dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas. Ela nasce da inquietante esperança de libertação, das lutas, dos fracassos e das conquistas dos próprios oprimidos, de um modo de se reconhecer filho ou filha do Pai, diante de uma profunda e exigente fraternidade. É por isso que ela vem depois: é um momento segundo em relação à fé, ‘fé que opera pela caridade’. Além das reais e fecundas exigências do pensamento contemporâneo, essa é a razão pela qual a teologia da libertação, como reflexão, situa-se em um modo diferente de relacionar a prática com a teoria (MERINO, 1984, p. 58).

Nessa perspectiva, a teologia deve estar em consonância com as experiências dos sujeitos, na tentativa de não substituir uma pela outra. A teoria é vista como um espaço de *irradiar luzes* e a prática, como *mero receptáculo*, mas entrelaçados no movimento dialético da *práxis*, sobre e na *práxis*.

Leonardo Boff, em seu livro *Igreja, Carisma e poder* (1982), defende a possibilidade de outro modelo de *ser Igreja*, dentro da seguinte problemática: a Igreja, como instituição, pode se converter ou não, tendo em vista seu poder centralizador, autoritário e impermeável? Assim sendo, o autor coloca a *Igreja nova* frente à *Igreja velha*. *A Igreja Nova é Igreja-Povo-de-Deus*, que emerge nas periferias, nos *porões da humanidade*, nas demandas dos movimentos sociais, no dia a dia de comunhão, solidariedade e compaixão uns com os outros. Como sugere o autor, “a verdadeira eclesiologia não se encontra nos manuais ou nos escritos dos teólogos; ela se realiza e vigora nas práticas eclesiais e está sepultada dentro das instituições eclesiásticas” (BOFF, 1982, p. 15).

É constante nos textos do teólogo Leonardo Boff a defesa e a conscientização de uma esperança como forma de engajamento político, em contraposição ao modelo eclesial, bem como ao capitalista. Há quem o classifique como romântico, utópico, humanista ou purista, por mistificar a cultura popular, idealizar as CEBs e também por atribuir aos pobres o poder de mudança – por sua condição de classe oprimida que vive e conhece os devaneios da sociedade, ideia bem próxima das concepções do pesquisador italiano Antônio Gramsci (1982, p. 23). É considerado *intelectual orgânico* o sujeito organicamente nascido da base da sociedade, nas classes populares, que produzem, por meio de sua intelectualidade, contra-hegemonias necessárias para transformar a sociedade.

Como chama atenção o pesquisador Damião Duque de Farias (2002, p. 378), este: o *romantismo católico* é o aspecto fundamental para compreensão da *práxis* destes militantes, e, principalmente, do movimento. Se por um lado, têm-se o *campo religioso* é composto pelo caráter conservador, de outro, aponta-se “[...] o acento exclusivo nos caracteres progressistas ou revolucionários”.

### 1.1.1 Por uma *teologia das migrações*: *Os migrantes em cena*

Depois de apresentarmos um rápido panorama da TdL, neste momento trataremos de algumas das importantes Conferências Episcopais<sup>46</sup> já realizadas, destacando as abordagens e a importância atribuída aos movimentos populares da América Latina, principalmente à TdL. Apresentamos, por um lado, o modelo clerical e hierárquico conduzido pela Igreja Católica e, por outro, as organizações em contradiscursos entoados de dentro do *campo religioso*.

No ano de 1955, aconteceu a primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Celam) na cidade do Rio de Janeiro, no pontificado do Papa Pio XII. Podemos ponderar que foi um importante passo dado, mas não representou mudanças significativas no que tange às preocupações sociais, religiosas e políticas.

Convocada pelo Papa Paulo VI, a segunda Conferência ocorreu em Medellín, na Colômbia, entre 26 de agosto e 8 de setembro de 1968. Os participantes trouxeram para o centro dos debates suas inquietudes sobre os problemas latino-americanos mais graves: miséria, repressão e injustiça. Trata-se

[...] de um estado de coisas que não leva em conta as mais elementares exigências da dignidade do homem: sua própria subsistência biológica e seus direitos primordiais como ser livre e responsável. A miséria, a injustiça, a situação de alienação e a exploração do homem pelo homem que se vive na América Latina configuram uma situação que a conferência episcopal de Medellín não vacila em qualificar e acusar de ‘violência institucionalizada’ (MERINO, 1984, p. 45).

Chama-nos a atenção como os sujeitos e os próprios documentos oficiais da Conferência de Medellín pontuam a situação latino-americana, compreendendo o momento histórico como *violência institucionalizada*. Essa afirmativa torna-se mais interessante ao confrontarmos com os discursos destacados, os quais se referiam à conjuntura da época como *colonialismo interno* e *neocolonialismo externo*. Falavam em ideal de *solidariedade* e *fraternidade* uns com os outros, de *partilha* e principalmente de *liberdade* nos seus múltiplos sentidos. Todas essas palavras foram intencionalmente ecoadas, no intuito de evidenciar a realidade latino-americana e, por conseguinte, as práticas da teologia que poderiam contribuir para reescrever histórias dos oprimidos.

---

<sup>46</sup> Em síntese, as Conferências constituem-se em espaços de reflexão e de discussão sobre a religiosidade em relação aos problemas candentes da realidade, tendo como fruto final a sistematização do *documento de Paz*.

Caracterizar a realidade com base nas concepções da TdL pressupõe transformações contínuas que abarcam mudanças radicais nas estruturas (eclesial, política, econômica e social) e especialmente nos oprimidos, como processo de emancipação do homem.

Vista como importante vitória dos militantes da TdL, a Conferência de Medellín contribuiu para intensificar o debate sobre a solidariedade dos pobres latino-americanos. A Igreja Católica, enquanto instituição, aproximou-se dos dilemas sociais e políticos, com uma nova postura frente à realidade, oscilando entre as tendências mais conservadoras e progressistas. Todavia, cabe salientarmos que essas questões suscitadas não se deram de forma automática, de uma Conferência para outra. Eram dilemas que permeavam *o chão* de bispos, padres, leigos e de pessoas comuns e depois eram encaminhados aos espaços ditos oficiais da Igreja Católica, com a intenção de serem consolidados.

Antes da Conferência de Medellín, ocorreram a *Encíclica Mater et Magistra*, no ano de 1961 e o *Concilium* - Concílio<sup>47</sup> do Vaticano II, entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, ambos convocados no pontificado de João XXIII<sup>48</sup>. Nesse último evento, discutiram-se questões tanto do âmbito do sagrado quanto aquelas seculares. Alguns teóricos defendem que o Concílio representou grande ruptura no interior da Igreja Católica e uma abertura para o mundo laico, propiciando uma abertura aos leigos dentro das celebrações da Igreja, bem como a legitimidade de suas ações junto à comunidade. A Igreja Católica, nesse período, se transformou em *agente ativo* no seio da sociedade, a partir de várias organizações e movimentos populares, como aponta a socióloga Maria da Glória Marcondes Gohn (1997, p. 230).

Nos anos 60 deste século, com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica mudou o eixo de sua política na América Latina. Até então ela estava voltada para a sociedade política, exercendo influência junto ao Estado por meio de partidos democratas cristãos e movimentos sociais com a Ação Católica. A partir do Concílio ela desenvolveu estratégias para voltar-se para a sociedade civil, passando a ser, ela própria, um agente ativo na organização dessa sociedade, por meio das pastorais e comunidades eclesiais de base.

---

<sup>47</sup> “Os Concílios são momentos em que o Papa e o Colégio Episcopal (Bispos) se reúnem para tomar decisões em relação ao futuro da Igreja Católica. Muitos dos chamados ‘dogmas de fé’ foram promulgados pelos Papas reunidos com os Bispos nesses grandes encontros [...]. Durante alguns Concílios, a Igreja estava passando por momentos de crise, interna e/ou externa, como aconteceu durante a Reforma Protestante, do século XVI. Nesse caso, o encontro entre o Papa e os Bispos serve não apenas para resolver questões relacionadas à fé católica, mas, principalmente, para propor soluções e para juntos organizarem defensivas contra seus ‘opponentes’” (SILVA, 2006, p. 59).

<sup>48</sup> Canonizado em 2014, no pontificado do Papa Francisco.

Enquanto alguns autores consideram simplesmente a dimensão doutrinária do Concílio Vaticano II, para outros, mais do que produzir documentos conciliares, ele representou uma grandiosa experiência espiritual e pastoral de reforma evangélica na estrutura canônica. Os documentos conciliares, à luz da própria experiência conciliar, não podem ser entendidos longe do contexto cultural e histórico em que estavam inseridos, tais como: crise de legitimidade das instituições, declínio do centralismo da teologia centro-europeia e novas experiências eclesiais.

Podemos dizer também que o Concílio (SILVA, 2006, p. 60-61) representou uma abertura às questões sociais, ao mundo laico, às ações dos leigos e aos novos modelos de evangelização liderados pela ala progressista, mas significou, ao mesmo tempo, doutrinação, endurecimento e conservadorismo ligado à antiga hierarquia e dogmas da Igreja Católica. Em outros termos, teremos, a partir desse momento, a consolidação de dois movimentos católicos, duas formas diferentes de *ser Igreja*: o da TdL e o da Renovação Carismática Católica (RCC). Enquanto uns defendiam que a teologia deveria estar em consonância com as práticas sociais, no sentido de que o cristianismo se demonstrasse como função social para sociedade, os carismáticos ressaltavam a importância da vida espiritual, por meio da oração.

A preocupação da presente pesquisa não está em debater as polêmicas em torno desses dois movimentos, nem em discuti-los com base na perspectiva da história comparativa, entretanto acreditamos que ao apontarmos as tensões e as variadas interpretações do Concílio do Vaticano II, estamos evidenciando que a História não é conduzida longe dos espaços de poder, de mediações e de disputas. Nesta linha de pensamentos, podemos considerar que este Concílio foi um marco para os teólogos da Libertação e da Renovação Carismática e, ao mesmo tempo, para outros movimentos. Como se pode notar,

[...] o Concílio Vaticano II, ia sendo preparado, ainda que num processo lento, mas gradativo, em que seriam protagonistas diversos movimentos de renovação: *o movimento bíblico*, centrado na volta às Escrituras e a uma releitura da Palavra, tendo o presente a história em seu contexto atual; *o movimento eclesiológico*, que buscava superar o eclesiocentrismo e recuperar a categoria 'Reino de Deus', eclipsada por uma eclesiologia cristomonista; *o movimento ecumênico*, que sonhava com a restauração da unidade dos cristãos e com a abertura do cristianismo a um verdadeiro diálogo com as religiões; *o movimento laical*, que reivindicava um lugar específico dentro da Igreja como sujeito e com identidade própria; *o movimento teológico*, que buscava superar os métodos do metarelato agostiniano e tomista e colocar a teologia no interior do paradigma da racionalidade moderna [...] (BRIGHENTI, 2006, p. 32-33) [grifos nossos].

A Conferência Episcopal de Puebla (México), realizada em 1979, retomou esses apontamentos trazendo o tema da pobreza como questão chave a ser discutida, por meio do documento intitulado *Opção Preferencial pelos Pobres* – uma escolha pelos menos favorecidos, tendo em vista o contexto histórico e não a exclusividade destes. Diferentemente da Conferência em Medellín, que estava repleta de desvios de interpretações, nos documentos de Puebla podemos visualizar linguagens claras e um sentido mais profundo da *pobreza*. Esse tema significou também uma ruptura com os próprios Documentos de Consultas, como destaca Gustavo Gutiérrez Merino (1984, p. 201).

Ouvir os clamores dos pobres, a opressão vivida pelos latino-americanos e posicionar-se a favor deles, eram sinais de autêntico compromisso evangélico, pois “o clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião, mas agora tornou-se claro, crescente, impetuoso e, em certas ocasiões, ameaçador” (PUEBLA, n. 89 *apud* MERINO, 1984, p. 221). Nesse sentido, Puebla demonstrou a preocupação que os militantes da TdL já anunciavam. Retomando o programa de Medellín, Puebla se tornou um espaço de trocas de experiências e de abertura para novos temas.

O *campo das migrações* também foi destacado como *sinal dos novos tempos*. Houve uma atenção ao *vai e vem* em grande escala de homens e mulheres migrantes, principalmente de forma degradante e desumana. Em uma escala local, percebe-se no primeiro número do *Boletim Vai Vem* a relação feita com as reflexões realizadas em Puebla, no sentido de consolidar e projetar as ações da Pastoral do Migrante.

Comprovamos, pois como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em desemprego e subemprego, destruição, instabilidade no trabalho, MIGRAÇÕES MACIÇAS E FORÇADAS e sem proteção. [...] Observamos que em quase todos os nossos países se tem experimentado um acelerado crescimento demográfico. AS MIGRAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS, levam a um senso desenraizamento. As cidades crescem desordenadamente... O aumento dos que buscam trabalho foi mais rápido do que a capacidade de dar emprego do próprio sistema econômico e social (PUEBLA, p. 29-71 *apud* *Vai Vem, Boletim das Migrações*, Ano 1, n. 1, junho, 1981, p. 1) [grifos no original].

Como demonstra a citação, o periódico se apropriou de tais discursos, reelaborando-os e transformando-os em espaços de disputas, negociações, tensões e conflitos. Colocou-se enquanto propositor e gestor de denúncias das *migrações forçadas*, assim como mobilizador

de estratégias sociais dos/as migrantes, construindo *modos próprios de navegação social* (DA MATTA, 1993, p. 12).

Percebemos que a leitura do periódico sobre as *migrações forçadas*, está em consonância com as teorias defendidas pelo pesquisador Jean-Paul de Gaudemar, em seu livro *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. O/a trabalhador/a migrante se desloca em detrimento das estratégias de exploração e de crescimento do sistema capitalista (*mercado, força de trabalho e produção de mais-valia*). Para o autor, “o conceito mobilidade do trabalho participa na determinação específica da economia no seio das determinações gerais de toda a economia mercantil” (GAUDEMAR, 1977, p. 196). Sendo assim, “[...] quanto mais desenvolvida é a produção capitalista de um país, maior é a mobilidade exigida à capacidade de trabalho. Quanto mais o operário é indiferente ao conteúdo particular do seu trabalho, mais fluida e intensa a migração do capital de um ramo de produção para o outro” (MARX, 1996 *apud* GAUDEMAR, 1977, p. 1991-1992).

Nessa perspectiva, todas as modalidades de migrações são *forçadas*, pois os sujeitos são direta ou indiretamente movidos – submetidos<sup>49</sup> – pelas relações postas por esse sistema. Assim, o principal fator dos deslocamentos seria a demanda por *força de trabalho*.

No que tange ao entendimento de *desenraizamento*, como assinalado no boletim, pode-se interpretá-la à luz das formulações da pesquisadora Simone Weil (1979) feitas no livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. No capítulo intitulado *O desenraizamento*, a autora afirma que “o enraizamento é a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana” (WEIL, 1979, p. 347) e, por sua vez, o *desenraizamento* – mediante as relações sociais historicamente construídas – leva os sujeitos ao estado de *doença aguda*, pois o *desenraizamento* multiplica a si próprio. Nesta concepção, os/as migrantes “embora geograficamente permanecendo num local, moralmente foram desenraizados, exilados e readmitidos, por tolerância, como carne de trabalho” (*idem*, p. 348).

Cabe pontuar também que esse período foi caracterizado pelo êxodo dos sujeitos do campo para a cidade<sup>50</sup> – em busca de melhores condições de vida, com o discurso de *modernização* e de *progresso* da área urbana – e também pelos inúmeros deslocamentos por conta de grilagens, expulsões e implantação de latifúndios.

---

<sup>49</sup> “Circulação das forças de trabalho: é o momento da submissão da mobilidade do trabalhador às exigências do mercado, aquele em que o trabalhador, à mercê do capital e das crises periódicas, se desloca de uma esfera de atividade para outra; ou por vezes aquele em que sucede o trabalhador ser ‘sensível’ a toda a variação da sua força de trabalho e da sua atividade, que lhe deixa antever um melhor salário” (GAUDEMAR, 1977, p. 194).

<sup>50</sup> Ver o próximo capítulo desta dissertação.

É importante lembrar que, entre as décadas de 1960 e 1970, o Brasil – viveu uma bipolarização global, no contexto da Guerra Fria, marcada profundamente pela dicotomia capitalismo-socialismo, com consequências nas histórias dos sujeitos e na historiografia sobre o assunto. As sucessões de golpes militares no continente sul-americano são reflexo do autoritarismo político e econômico, mas, como veremos adiante, este contexto não deve ser compreendido fora da dialética, das contradições e ambivalências representadas também nas diversas manifestações de resistências.

Em 31 de março de 1964, os brasileiros testemunharam a queda do presidente João Goulart e, por conseguinte o golpe civil-militar. Na mesma época, ocorreu o mesmo em vários países da América Latina, cada um com a sua singularidade, mas pontos em comum: ditadura, tortura, repressão e perseguição de partidos opositores ao governo – como movimentos sociais Igreja, principalmente Católica, imprensa alternativa, entre outros.

Como resquícios desse período tivemos, no final dos anos de 1970, diversas manifestações de resistência à ditadura que podem ser verificadas nas letras das músicas, nas expressões artísticas em geral e nos diversos seguimentos de movimentos populares. A chamada *nova esquerda* e/ou *novos personagens* entram em cena (SADER, 1988, p. 20), ocupando os múltiplos espaços públicos e reivindicando direitos. É nesse contexto histórico que o *Boletim Vai Vem* é criado. Arriscamos dizer que o próprio periódico pode ser entendido como resistência social e política às diversas injustiças vivenciadas pelos/as migrantes. A Igreja Católica acolheu manifestantes e perseguidos do regime militar, que tentava pulverizar e silenciar os movimentos sociais.

Dito isso, na segunda edição do *Boletim Vai Vem* já é possível observar a tentativa de elaboração de uma *teologia das migrações* (DONELAS & NASSER, 2008, p. 177). Como as propostas da Pastoral dos Migrantes estavam pautadas no compromisso libertador, na busca de transformações de realidade, encontraram na TdL fundamentos teóricos e metodológicos. Porém, esta linha - *teologia das migrações* - dentro da própria TdL não teve tantas amplitudes.

Ao observarmos grande influência da TdL sobre o periódico, perguntamos aos editores do *Boletim Vai Vem*, na ocasião das entrevistas, a respeito da relação com tal teologia. Todos falaram com muita naturalidade e saudosismo sobre o assunto. Na verdade, os envolvidos eram seminaristas, ex-seminaristas, leigos ou padres, os quais viviam e lutavam pelos ideais da TdL. Buscavam a libertação dos *pobres migrantes* – a liberdade de ir e vir, de

poder se expressar, de lutar por melhores condições de vida, de denunciar as mazelas vividas por esses sujeitos migrantes.

Percebemos que era mais do que um simples diálogo da TdL com o *Boletim Vai Vem*, como Dirceu Cutti chama atenção: “[...] a Teologia da Libertação não era uma coisa distante que vinha aqui dialogar, um diálogo de dois distantes. As nossas ações eram pautadas neste ideal”<sup>51</sup>. Esta colocação nos permite afirmar que o periódico representava outras formas de *ser Igreja*, entoadas por meio das ações realizadas junto aos/às migrantes nas CEBs e nas Sociedades Amigos de Bairro (SABs), as quais estavam inseridas no contexto da efervescência do debate da TdL.

A editora Neide Benvindo reafirma o apontamento feito por Dirceu Cutti, ao destacar o cotidiano com os/as migrantes nas CEBs e nas SABs. Essas ações envolviam diversas pastorais, como a Pastoral Operária, a Pastoral da Juventude, a Pastoral da Moradia, a Pastoral Urbana, a Pastoral da Criança e a Pastoral da Terra. As parcerias com as pastorais sociais se davam estrategicamente, no intuito de lutar coletivamente em prol dos/as migrantes, pois, como ela mesma elucida, “os migrantes precisavam de trabalho, saúde, educação, moradia. E se você quer que o migrante tenha tudo isso, você tem que estar ligada com as demais pastorais. [...] sempre dizíamos que não éramos afastados de nenhuma Pastoral”<sup>52</sup>. Observamos a tentativa de articulação com as demais pastorais e também as várias estratégias de solucionar e de colocar em evidência os dilemas dos/as migrantes.

Neide Benvindo continua sua fala relacionando a TdL com a busca de libertação dos/as migrantes: “a Teologia da Libertação e a Pastoral do Migrante, eu acho que têm tudo a ver. Com esta ideia de mudança, mesmo. Eu acredito que este mundo novo só é possível de vir se as pessoas forem felizes. E, para tanto, você tem que lutar muito”<sup>53</sup>. Podemos notar que a noção de felicidade está correlacionada com a prática da luta. Luta esta que está intimamente ligada ao projeto de transformação. Tanto a TdL quanto a Pastoral do Migrante comungam do mesmo projeto de sociedade; a primeira, talvez, esteja associada no sentido macro desta teologia, a qual envolve todos os oprimidos, e a esta última designa-se uma das categorias de excluídos, ou seja, dos pobres que são migrantes.

---

<sup>51</sup> Entrevista realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, a qual teve a duração 1h46min26.

<sup>52</sup> Entrevista colhida por telefone no Serviço Pastoral dos Migrantes – SP, no dia 23/01/2014, com duração de 1h, 44min e 12seg.

<sup>53</sup> *Idem*.

A entrevistada acrescenta ainda que “nossa prática era como um grito mesmo, que a gente tinha que fazer para que as pessoas vissem e ouvissem o povo migrante”<sup>54</sup>. É nítido que as cartas analisadas aqui estão alocadas nesse contexto de transformação eclesial de trabalho pastoral com os/as migrantes a partir da abertura da Igreja Católica para o mundo secular. Interessa ressaltar também o estranhamento da entrevistada com atual conjuntura da Igreja e sua satisfação e seu orgulho de ter participado de algumas conquistas junto com os/as migrantes, as quais podem ser visualizadas em seu bairro.

[...] eu estranho muito hoje o jeito da Igreja, porque eu vim de uma Igreja que você ia pra rua. Você ia pra rua para brigar por melhores condições de vida. E lá onde eu moro [...] Tudo, mais tudo, que hoje temos no bairro foram conquistas da comunidade dentro da Igreja. A gente lutou por asfalto, por posto de saúde, por escolas municipais para crianças. Se o bairro é o que é hoje, deve-se à luta da Igreja, porque a gente saía das quatro paredes da Igreja e ia pra ruas para gritar por estas melhores condições e hoje isso não tem mais. Hoje as pessoas só ficam rezando dentro da Igreja (Neide Benvindo, entrevista gravada em janeiro de 2014).

Nesse trecho, encontramos um dos discursos da TdL, o de ser uma Igreja voltada aos problemas sociais dos sujeitos. A *rua* pode ser entendida na dimensão material e simbólica. É na *rua* que, literalmente, esses sujeitos gritavam, reivindicavam por mudanças, politizavam as múltiplas esferas de seus cotidianos. E nesta mesma *rua* encontravam os dilemas e os sofrimentos dos pobres migrantes. Não obstante, *entre paredes* da Igreja representa, enquanto metáfora, as suas conjunturas rígidas e impermeáveis, nas quais a hierarquia eclesial disseminava seu poder. E as *ruas*, neste sentido, são o contrapoder – as possibilidades de *ser Igreja* em outros espaços, para além dos ditos oficiais, e de construir outra noção de humanidade.

Esses apontamentos vêm ao encontro das entrevistas feitas com Roberval Freire e Ari Alberti. Ambos, ao relatarem suas experiências, trouxeram à luz outras dimensões de espaços de práticas eclesiais e pastorais, como as garagens das casas de periferias e galpões das comunidades, além de compartilharem a reflexão, interessantíssima ao nosso debate, feita pelo Padre Alfredo José Gonçalves:

Ação pastoral tem que ser missionária, mas não trazendo as pessoas pra dentro da Igreja e pregar. A missão deve ser no meio, junto com o povo. A Teologia ajudou muito nisso e o padre Alfredinho nos ajuda colocando outro elemento, que é o seguinte: a libertação não é completa se você pensar a *libertação de*, pois a outra parte que é intrigante: *liberdade para quê?* Algo

---

<sup>54</sup> *Ibidem*.

mais precioso que o ser humano tem é a liberdade. Temos este desafio de construir algo novo à liberdade. Sem ser o novo modelo que volte a oprimir (Ari Alberti, entrevista gravada em janeiro de 2014) [grifos nossos].

Neste momento da fala de Ari Alberti, conseguimos perceber o olhar que os editores do *Boletim Vai Vem* tinham da TdL. Com muita propriedade, o entrevistado elucida a noção de *meio-estar* no meio, junto com povo migrante. Só assim seria possível vislumbrar e ser construída outra ideia de libertação, na qual os/as migrantes fossem encarados, *a priori*, como protagonistas. No entanto, como percebemos, a preocupação não está somente na *libertação de*, mas também na *libertação para quê*. O que motivava a busca pela libertação do sistema, da conjuntura eclesial, dos/as migrantes? Quais os caminhos tomados depois da *libertação*? Como des-naturalizar os modelos de dominação dos sujeitos? Como re-construir o novo do novo?

De fato, vários militantes e teólogos da libertação foram perseguidos e condenados. Um dos casos mais conhecidos e polêmicos é o de Leonardo Boff, que entre 1972 e 1984 foi observado pela Sagrada Congregação para Doutrina da Fé a cada livro ou artigo<sup>55</sup> que publicava. A perseguição teve início com a publicação do livro *Jesus Cristo Libertador* e culminou em 1984, com *Igreja, Carisma e Poder*<sup>56</sup>. Em 7 de setembro de 1984, Leonardo Boff foi condenado a tempo indeterminado de *silêncio obsequioso* após sofrer processo interno do Vaticano, sob o cuidado do então cardeal Joseph Aloisius Ratzinger<sup>57</sup>. Deposto de suas funções editoriais e do magistério no *campo religioso*, a pena foi suspensa em 1986, em uma noite de páscoa. Nesta ocasião, Leonardo Boff entendeu que mais do que censuras a seus livros e à própria TdL, a intenção se assentava no *campo político*, em implicações com a CNBB. Com tom revelador e intrigante, Boff<sup>58</sup> relata a violência simbólica, as perseguições, as torturas e as ações desumanas que vivenciou durante o processo de inquisição, trazendo à tona as estratégias da Igreja para manter sua hegemonia.

Por se sentir insatisfeito com a conduta do Vaticano a seu respeito, o teólogo deixou suas funções oficiais em 1992. Casou-se, mas continuou o trabalho nas comunidades de base,

---

<sup>55</sup> A título de curiosidade, o autor tem 62 livros publicados.

<sup>56</sup> Livro já citado na presente pesquisa.

<sup>57</sup> Este cardeal se tornou Papa, com o nome Bento XVI, em 19 de abril de 2005. Em 28 de fevereiro de 2013, tornou-se Papa Emérito ao abdicar do cargo em função de sua idade avançada (85 anos), o que gerou inúmeras polêmicas.

<sup>58</sup> Para aprofundar sobre a questão em tela, ver a impressionante entrevista do Leonardo Boff feita por: Frei Betto, Marina Amaral, Sérgio Pinto de Almeida, Ricardo Kotscho, Roberto Freire, Carlos Moraes, Chico Vasconcellos, João Noro, Sérgio de Souza, que ao nosso entender é a mais completa e reveladora feita com o teólogo. Segue o link: [http://www.humaniversidade.com.br/boletins/entrevista\\_boff\\_a\\_igreja\\_mente.htm](http://www.humaniversidade.com.br/boletins/entrevista_boff_a_igreja_mente.htm).

realizando celebrações, casamentos, batizados, diversas palestras e entrevistas<sup>59</sup>. Como Leonardo Boff destacou, “mudei de trincheira para continuar a mesma luta”<sup>60</sup>.

Nessa linha de apontamentos, o pesquisador Damião Duque de Farias (2002, p. 18) vai além ao pontuar que “[...] a ‘Igreja Popular’ jamais se constituiu como força hegemônica duradoura no interior do catolicismo brasileiro”. Sendo assim,

As características de tal movimento eram bastante amplas, difíceis de serem definidas, mas que poderiam ser enquadradas como de modernização conservadora, com objetivos explícitos de adaptação de tradição católica à modernidade, vista com elevado grau de otimismo. A Igreja deveria se modernizar incorporando elementos e valores do mundo moderno. Pareceu-nos evidente a ausência de espírito crítico em tal posição. Ela esteve presente em todo o catolicismo brasileiro, espalhando-se por paróquias e por movimentos.

Contudo, não podemos negar que esses fatos influenciaram os caminhos da Teologia da Libertação. O medo, o receio, o desânimo, a censura e a perda de forças foram inevitáveis, mas pode-se dizer que foram suficientes para abafar os gritos destes sujeitos? Certamente não. Esses sujeitos continuam a entoar seus clamores; agora de outras formas, em outros lugares, compostos por outros elementos, em *outras trincheiras*.

Expostas as influências históricas, sociais e eclesiais da TdL nos objetivos do *Boletim Vai Vem*, buscaremos, no próximo item, compreender a história de sua criação, tendo em vista as intencionalidades de suas entidades idealizadoras.

---

<sup>59</sup> Entre elas, destacam-se: *Leonardo Boff no Roda Viva* - [www.youtube.com/watch?v=L5Rxls1dTRw](http://www.youtube.com/watch?v=L5Rxls1dTRw); *Conversas do Mundo, Leonardo Boff e Boaventura de Sousa Santos* - [www.youtube.com/watch?v=qzvJgFN0bpU](http://www.youtube.com/watch?v=qzvJgFN0bpU); *Leonardo Boff – Princípios da Ética* - [www.youtube.com/watch?v=ETve9WC7hXc](http://www.youtube.com/watch?v=ETve9WC7hXc); *Tempo e entrevista com Leonardo Boff* - [www.youtube.com/watch?v=ollggg55M7gc](http://www.youtube.com/watch?v=ollggg55M7gc); *Leonardo Boff: Sangue Latino* - [www.youtube.com/watch?v=O3J6r2VgVHI](http://www.youtube.com/watch?v=O3J6r2VgVHI); *Programa Sempre: Um papo com Leonardo Boff e Com a palavra Leonardo Boff* - [www.youtube.com/watch?v=o9G\\_yX0mwbc](http://www.youtube.com/watch?v=o9G_yX0mwbc).

<sup>60</sup> Citação retirada do site do teólogo: <[leonardoboff.com/site/bio/bio.htm](http://leonardoboff.com/site/bio/bio.htm)> Acesso: 20 de jul. 2014.

## 1.2 Serviço Pastoral dos Migrantes e Centro de Estudos Migratórios: *Eu era migrante e me acolheste*<sup>61</sup>

Digo: o real não está na saída, nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.  
(ROSA, 1965, p. 52)

Neste tópico, será abordada a criação do *Boletim Vai Vem*, levando em consideração os objetivos de seus idealizadores, o Centro de Estudos Migratórios (CEM), o Centro Pastoral do Migrante (CPM) e, posteriormente, o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM). Para tanto, serão utilizados como *fontes primárias* os relatos orais de alguns dos editores do periódico, o *Cartaz da Semana dos Migrantes*, o ofício de mudanças no *Boletim Vai Vem* e o estatuto interno do CEM. Como *fontes secundárias*<sup>62</sup>, serão usados os panfletos de divulgação da *Missão de Paz* e do SPM, o artigo *Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (CEM): História, desafios e perspectivas*, escrito pelo Padre Alfredo José Gonçalves, e os livros intitulados *Pastoral do Migrante: Relações e mediações* e *Serviço Pastoral dos Migrantes: Vinte anos a caminho*.

Delimitamos essas fontes por se tratarem de documentos que representam o ponto de vista dos sujeitos que desenvolveram um trabalho na *Missão Paz*. Portanto, é preciso ficar atento às suas peculiaridades e limitações, tendo em vista o público receptor de cada fonte. Os documentos, às vezes, se apresentam de maneira formal, generalizante e sintética, como o regulamento interno do CEM; outras vezes estão embrenhados de subjetividades e intencionalidades.

Em 1981, ano de sua criação, o *Boletim Vai Vem* era assinado somente pelo CEM e pelo CPM. Em 1987, ficou sob a responsabilidade do SPM, que passou a coordená-lo até junho de 2010, quando foi publicado a última edição. Essa mudança é significativa para observarmos a trajetória do periódico, bem como sua organização. Mas, antes de nos aprofundarmos nessas questões, é preciso fazer alguns apontamentos.

A Congregação dos Missionários de São Carlos (*escalabrinianos*) foi fundada no Brasil em 1887, pelo bispo de Placência (Itália) D. João Bastista Scalabrini<sup>63</sup>, que, em 1895,

---

<sup>61</sup> Em alusão a passagem bíblica (Mateus. 25: 35, Almeida Revista e Atualizada, 2008).

<sup>62</sup> Sobre as possíveis tipologias das fontes ver: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandez. *Ensinar História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>63</sup> Em 8 de junho de 1939, no povoado de Fino Mornasco, no norte da Itália, nasceu João Bastista Scalabrini. Antes mesmo de completar 18 anos Scalabrini já queria ser padre – conhecido, neste período, por sua sensibilidade, excelente oratória e como o *homem das mãos furadas*, por sua generosidade com os menos favorecidos. Em 1857, ingressou no seminário diocesano e antes de completar seus 24 anos de idade já era padre

criou também a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos. Os missionários escalabrinianos iniciaram inúmeras ações pastorais, primeiramente com os/as imigrantes italianos/as que se encontravam em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, incluindo mais tarde os/as demais migrantes.

Em 1939, é criada a *Missão Paz*<sup>64</sup> de São Paulo – Bairro do Glicério (Liberdade) –, na tentativa de se colocar a serviço de todos os que migram. Ela era composta por diversos seguimentos que contemplam as necessidades imediatas dos/as migrantes, a saber: a Casa do Migrante (CdM), o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes (CPMM), o Centro de Estudos Migratórios (CEM), a Paróquia dos Fiéis Latino-Americanos, a Paróquia Italiana e a Paróquia Nossa Senhora da Paz.

Em poucas palavras, pode-se dizer que a *Casa do Migrante*<sup>65</sup>, além de acolher os migrantes recém-chegados com alimentação, alojamento e doações de roupas, procura propiciar apoio integral para inserção e integração desses sujeitos na sociedade brasileira. A *Igreja Nossa Senhora da Paz* é o espaço de celebração de fé, amor, partilha e de solidariedade entre culturas e religiosidades – da vida em comunidade. Já o *Centro Pastoral do Migrante* (CPM), que posteriormente será chamado de *Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes*

---

na paróquia de São Bartolomeu. No livro *João Batista Scalabrini: Apóstolo dos migrantes*, escrito por Dom Redovino Rizzardo (2007), o qual tem inúmeras publicações sobre o carisma scalabriniano, sendo atualmente Bispo de Dourados (Mato Grosso do Sul), encontramos uma sintética descrição sobre a vida e trajetória de Scalabrini. Destacando, sempre, os pontos positivos de suas ações e contribuições no campo das migrações. Este autor descreve Scalabrini como “Pai dos migrantes, Apóstolos da Catequese e da Reconciliação [...] que sabia ver na migração um designio da Providência Divina” (2007, p. 05). Quando ordenado padre, assumiu uma paróquia na cidade de Como, objetivando o trabalho com crianças, juventude e principalmente, o apoio e promoção da classe trabalhadora, escrevendo diversos sermões e textos sobre o tema, como, por exemplo: *O socialismo e a ação do clero*. Sabemos que, neste contexto, não tínhamos, ainda, as leis trabalhistas e o período histórico era de consolidação do Estado-Nação; de profunda crise social – fruto do liberalismo econômico, mas também de fortes influências teóricas e práticas do socialismo marxista e no campo eclesial, ferrenhas discussões sobre as possíveis mudanças no seio da Igreja Católica, conforme as transformações na e da sociedade, as quais serão possíveis visualizar melhor após o Concílio do Vaticano II. Em 30 de janeiro de 1876, Scalabrini foi nomeado bispo de Piacenza, pároco de São Bartolomeu, em Como pelo Papa Bento XV que o descreveu como “um homem cuja pátria foi o mundo” (RIZZARDO, 2007, p. 19).

<sup>64</sup> A sua fundação não se deu automaticamente, existem vários fatores históricos, eclesiais, políticos que tentaremos abordar no decorrer do trabalho.

<sup>65</sup> Movidos pelo entusiasmo e pela alegria, foi feita a segunda pesquisa de campo no final do mês de janeiro (2014), tendo em vista o período que os editores/colaboradores poderiam nos receber. Na ocasião, houve alguns contratemplos que impossibilitaram nosso deslocamento até o hotel, mas, como diz o mestre Paulo Roberto Cimó Queiroz: *a escrita da história é feita também nos acasos da vida*. Assim, fiquei hospedada alguns dias na *Casa do Migrante* (um privilégio, pois a casa não hospeda pesquisadores). A experiência foi tão incrível que em uma nota de rodapé não conseguiríamos transmitir. O contato no dia a dia com os/as imigrantes, sobretudo haitianos/as, com a *rotina* da *Casa* e a interação com os agentes da pastoral, entre eles, com as irmãs escalabrinianas, mesmo não sendo o *foco* do trabalho, foi o *caso* mais sensacional que um pesquisador poderia ter. Perceber as nuances do trabalho teológico-pastoral entre pesquisadores, meios de comunicação e os próprios migrantes; as imediatas dificuldades dos imigrantes ao chegar à *Casa*; as *redes de contatos* constituídas pelos/as migrantes; como a cultura se torna *móvel de luta*; os sentidos das palavras: sonho, saudade, família, língua, resistência para os/as migrantes. Podemos dizer que muito de nossa narrativa no presente texto estará, direta ou indiretamente, ligada a essas vivências.

(CPMM), busca proporcionar cursos de português, assistência jurídica, atendimento psicológico, além de mediação para a saúde, para a regulamentação de documentos e para a educação dos/as migrantes. É o que se pode verificar no panfleto de divulgação da *Missão Paz*:

Imagem 1: Panfleto – Missão Paz



Fonte: Acervo CEM. Acesso em: 20 jul. 2014.

Por fim, a *Missão Paz* está organizada também pelo CEM, sobre o qual cabe, neste momento, uma atenção maior em nosso estudo. Criado em 1962, o CEM<sup>66</sup> se integra à Federação dos Centros de Estudos Migratórios *João Batista Scalabrini*, que congrega os demais Centros de Estudos da Congregação presentes em diversos países, como Argentina, Bolívia, Chile, França, Guatemala, Inglaterra, Itália, Moçambique, Canadá, Peru, Austrália,

<sup>66</sup> A título de curiosidade, para além de doações em geral, o CEM é subsidiado pelos trabalhos pastorais que realiza; pelas vendas de seus materiais (tidas como *valor simbólico*); pela ajuda mensal da Província e, extraordinariamente, da Direção Geral; e por eventuais projetos enviados a entidades filantrópicas.

entre outros. No Brasil, os seguintes estados/cidades<sup>67</sup> têm a presença dos escalabrinianos: Minas Gerais (Campo do Meio), Santa Catarina (Campos Novos), Paraná (Cascavel, Curitiba, Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu), Mato Grosso (Cuiabá), Mato Grosso do Sul (Corumbá, Ponta Porã), Rio Grande do Sul (Encantado, Guaporé, Nova Bassano, Passo Fundo, Porto Alegre, Rio Grande, Rondinha, Serafina Correa), São Paulo (Vicente de Carvalho, Guariba, Jundiaí, Ribeirão Pires, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Paulo), Amazonas (Manaus), Brasília (Sobradinho)<sup>68</sup>.

Segundo informações do Padre Alfredo José Gonçalves (1991), a trajetória do CEM está intimamente ligada às atividades pastorais e aos estudos sobre a mobilidade humana<sup>69</sup>. Na década de 1960, tem-se um despertar significativo para as problemáticas das migrações internas no Brasil, protagonizado pelos carlistas/escalabrinianos recém-formados no Seminário Maior João XXIII, a Equipe Escalabriniana de Migrações (ESMI). Diversos autores apontam que cerca de 28, 5 milhões de homens e mulheres migraram do campo para as cidades entre as décadas de 1960 e 1970.

Havia uma grande necessidade de se responder pastoralmente aos dilemas postos pelas migrações. Para tanto, era necessário mapear a realidade migratória e, por isso, vários seminaristas se dedicaram a fazer viagens por todo o Brasil, como estagiários ou exercendo práticas pastorais depois de formados. Em São Paulo, pode-se citar como exemplo o projeto de Dom Paulo Evaristo Arns (*Operação Periferia*) junto aos/às migrantes internos/as na *favela do Vergueiro*, localizada nas proximidades do Seminário, como menciona o Padre Alfredo José Gonçalves (1991, p. 02):

[...] não seria exagero caracterizar a ESMI como percussora do Centro de Estudos. De fato, da experiência daquela à fundação deste nota-se desde logo uma continuidade na dupla preocupação de, simultaneamente, buscar o conhecimento aprofundado da realidade das migrações, por um lado, e, por outro, responder pastoralmente às interrogações dessa realidade desafiadora.

As experiências vivenciadas no seminário da ESMI se tornaram fundamentais para fomentar as ações pastorais em prol dos/as migrantes. Percebemos que os sujeitos buscavam

---

<sup>67</sup> Este dado se torna interessante ao percebemos os Estados de onde mais enviaram cartas ao periódico. Ver a *imagem 1: Origem das cartas brasileiras* do presente estudo, página 102).

<sup>68</sup> Informações tiradas do site *Scalabrinianos*: <<http://www.scalabrini.org/pt/onde-estamos>> Acesso: 12 jun. 2015.

<sup>69</sup> “Deve-se ter claro que a noção de mobilidade supera a ideia de deslocamento, pois traz para análise suas causas e consequências, ou seja, a mobilidade não se resume a uma ação. Ao invés de separar o ato de deslocamento dos diversos comportamentos individuais e de grupo, presentes no cotidiano, o conceito de mobilidade tenta integrar a ação de se deslocar, quer seja uma ação física, virtual ou simbólica, ao conjunto de atividades dos indivíduos e da sociedade” (BALBIM, 2004, p. 3).

refletir sobre as migrações à luz dos ensinamentos bíblicos, da *Sagrada Igreja* e das ações de Scalabrini. Em outras palavras, intentavam lançar um sentido teológico às migrações, em consonância com as orientações da Conferência Episcopal em Puebla (1979).

Em sua tese de doutorado – *Crise e Renovação católica na cidade de São Paulo: Impasse do progressismo e permanências do conservadorismo (1945-1975)* –, o pesquisador Damião Duque de Farias (2002) dedica alguns subitens de um capítulo à discussão a respeito da Igreja Católica na cidade de São Paulo, tendo em vista a *opção pelos pobres*, as linhas pastorais prioritárias e o perfil – dito *romântico*<sup>70</sup>– de Dom Paulo Evaristo Arns. Neste momento da tese, o autor afirma que com a *Operação Periferia* (1972) e, posteriormente, o Plano Bienal (1975) “[...] ocorre o encontro entre a vida popular e o radicalismo ético católico na Arquidiocese de São Paulo, resultando na formulação da chamada *Igreja popular*” (FARIAS, 2002, p. 358) [grifos no original].

Neste sentido, o pesquisador (FARIAS, 2002, p. 332-346) faz menção ao trabalho pastoral da Equipe Scalabrini de Migrações e elenca várias análises sobre as migrações neste período. Entre elas, concordamos

[...] que o conjunto de reportagens realizadas pela Equipe Scalabrini de Migrações teve o mérito de indicar no fenômeno das migrações as condições sob as quais a subjetividade popular do migrante poderia desintegrar, deixou de enxergar a outra ponta do processo na qual o migrante a rearticula e por meio dela se apropria da grande cidade, recuperando valores em um feixe de relações sociais, que são ao mesmo tempo reprodução e inovação, com base nas tradições familiares, comunitárias e populares (FARIAS, 2002, p. 338).

Para os editores do periódico, relembrar o início da fundação do CEM ou, mais do que isso, os primeiros passos da missão – o carisma missionário – é reviver as inquietações e os sonhos que os motivavam a transformar a sociedade, *o sonho revolucionário*. A imponência do narrar se confundia com o brilho do olhar de cada entrevistado. Podemos

---

<sup>70</sup> De fato, o autor (FARIAS, 2002, p. 378) atribui o caráter *romântico* “[...] a práxis dos progressistas católicos que a partir dos anos 70 lograram êxito em assumir a direção da Arquidiocese de São Paulo tendo à frente a liderança de Dom Paulo Evaristo Arns”. “Este caráter unificador do romantismo fundamentava-se, portanto, em uma crítica à sociedade burguesa por meio de uma inspiração pré-capitalista ou anticapitalista”. “[...] Dessa crítica ao presente teríamos como elemento fundamental dessa ‘visão de mundo’ um desejo de retorno a uma época na qual inexistiam tais características dessa sociedade burguesa, com a restituição de uma subjetividade que definhou no individualismo capitalista, no retorno da unidade com a natureza e a vida em comunidade. Essa *nostalgia* romântica por um passado pré-capitalista idealizado, poderia transformar em luta contra a sociedade atual em variadas modalidades, em geral na construção de um futuro, transformando-a em *utopia*, e assumindo, por vezes, qualidades progressistas e revolucionárias” (*idem*, 2002, p. 379-380) [grifos no original].

perceber, nas falas de Dirceu Cutti e de Ari Alberti, a nostalgia de ter vivido ações que estavam fundamentalmente pautadas no coletivo. Suas histórias pessoais se confundem com o trabalho pastoral, pois, como eles justificam, este deve estar em consonância com as práticas do seu dia a dia.

Dirceu Cutti faz questão de especificar a dinâmica posta nas primeiras ações do CEM:

Quando houve o despejo na Favela Vergueiro, aqui em São Paulo, eles faziam catequeses antes [...] e descobriram que eram, todos, migrantes internos que estavam ali e o cardinal estava presente lá e disse que ninguém iria sair deste lugar [...] se for remover tem que ser para outra habitação. Mas, o poder público perguntou quem queria retornar para a própria terra e as pessoas ficaram desesperadas - como o retorno para o migrante é aquilo que o persegue a vida inteira -, por volta de 300 pessoas (não lembro corretamente) levantaram as mãos dizendo que queriam voltar e nós, um grupo de seminaristas *scalabrinianos*, dissemos: vamos acompanhar este pessoal que vão voltar. Queremos ver como eles vão e quais as condições de lá. Eles foram transportados para onde? Para o processo de espera do poder público. Colocaramnos trens no fluxo contrário da vinda [...] Então, eles descobriram a hospedaria dos migrantes, que é aonde veio toda a corrente migratória europeia quando a substituição dos braços escravos e lá permaneceram durante muito tempo, depois foram colocados nos trens, deram o passe até Montes Claros e os seminaristas embarcaram neste trem. Fizeram a viagem no trem com os migrantes (dos baianos). Viajaram com eles até lá, quando chegaram lá se deparam com aqueles que vinham e que chegaram lá e não davam mais passe para voltar a São Paulo e os que foram daqui até lá. E o pior, tinha passe pra chegar só até lá. Aquilo lá era um esparrame de gente a Deus dará. [...] E depois, os seminaristas fizeram a viagem de volta e denunciaram como os migrantes estavam sendo tratados. [...] Isso fez com que, no início, o Centro de Estudos voltasse para um trabalho interno, junto às migrações internas (Dirceu Cutti, entrevista gravada em setembro de 2013).

No relato de Dirceu Cutti, é possível perceber a complexidade e a dinâmica das primeiras preocupações das ações pastorais, o engajamento político de dentro do *campo religioso* – evidenciado pela presença dos escalabrinianos e do cardinal nas tomadas de decisões – e, ainda, os contextos e as implicações das migrações que levaram esses sujeitos a criarem estratégias sociais e políticas em defesa dos/as migrantes.

Em 1978, um dos principais coordenadores do CEM, Padre Jacyr Francisco Braidó, passou a trabalhar diretamente na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o que contribuiu na escolha do tema da *Campanha da Fraternidade* de 1980 – *Pra onde vais?* – que esteve pautada nos problemas candentes das migrações. Nesse mesmo ano, ocorreu a primeira

visita do papa João Paulo II ao Brasil e o X Congresso Eucarístico, denominado *Eucaristia e Migrações*, em Fortaleza, o que intensificou o debate em torno das migrações.

Diante desse cenário, o próprio Padre Alfredo José Gonçalves (1991, p. 04) destaca a década de 1980 como uma *nova fase* do Centro de Estudos Migratórios. Segundo ele, o envolvimento e a influência na escolha do lema da *Campanha da Fraternidade* e demais eventos proporcionaram visibilidade nas ações e também dinamização na Pastoral Migratória, multiplicando, assim, as atividades, as viagens e os projetos.

Nesse período, ou mais especificamente em 1981, teve-se a realização da *1ª Semana dos Migrantes*, um evento de nível nacional que acontece todos os anos na segunda semana de Julho<sup>71</sup>, envolvendo toda a comunidade migrante de São Paulo e do Brasil. A partir de eventos como esse, o CEM fortaleceu suas ações, iniciando, dessa forma, uma intensa *rede de contatos intraeclesiais, extraeclesiais e intracongregacionais*. O cartaz<sup>72</sup>, a seguir, foi representado na capa da primeira edição do *Boletim Vai Vem*.

---

<sup>71</sup> No *site* do Serviço Pastoral dos Migrantes é possível encontrar todos os cartazes, bem como mais detalhes do evento: <http://spmigrantes.wordpress.com/2010/03/30/semana-do-migrante-jubileu/>. Em 2015, o tema foi *Fraternidade: Igreja e Sociedade* e o lema, *Eu vim para servir*.

<sup>72</sup> Tendo em vista os cuidados pelos direitos autorais, vale registrar o uso deste cartaz como capa em nossa dissertação, bem como as cartas que foram enviadas ao *Boletim Vai Vem*.

Imagem 2: 1º cartaz da *Semana dos Migrantes*



Fonte: Acervo do SPM. Acesso em: 20 jul. 2014.

A pergunta “Porque somos obrigados a sair da nossa terra?” foi abordada no evento e também pelo periódico. Como uma leitura do cartaz, os sujeitos da pastoral reiteraram:

[...] a pergunta expressa, ao mesmo tempo, o lamento e o desafio de todo aquele que se vê privado do chão em que criou raízes e onde enterrou os próprios mortos. De costas, os migrantes se mantêm anônimos e desconhecidos, à espera de quem novamente os acolha e chame pelo nome (SPM, 2005, p. 49).

Percebemos, por meio dessa interpretação, os olhares humanizados sobre a invisibilidade das causas de quem migra. A migração é entendida pela ótica do *drama*, da

*frustração, da pobreza, da miséria* e, logo, os integrantes da *Missão Paz* se sentem responsáveis pela luta dos *pobres migrantes*.

Torna-se oportuno elencar os objetivos do CEM: “[...] estudar sistematicamente a mobilidade social, o fenômeno migratório em suas causas, consequências e implicações pastorais. Quer *sensibilizar* e *formar* agentes para o trabalho pastoral com os migrantes” (Estatuto interno do CEM, 1981, p. 2) [grifos nossos].

Para tanto, o trabalho envolve a Congregação – impulsionando e fomentando o debate acerca das migrações dentro da Igreja, bem como dos documentos conciliares– e os movimentos populares – conscientizando os/as migrantes de sua realidade e vitalizando as organizações populares. Esse caminho de *mão dupla* é visualizado em todos os documentos escritos pela entidade, assim como nas palavras-chave. Estas se tornam *matrizes discursivas* do movimento em prol dos/as migrantes: *conscientizar, formar, despertar, sensibilizar, promover, lutar*. Matrizes que devem ser entendidas

[...] como modos de abordagem da realidade, que implicam diversas atribuições de significado. Implicam também em decorrência, o uso de determinadas categorias de nomeação e interpretação (das situações, dos temas, dos atores) como na referência a determinados valores e objetivos (SADER, 1988, p. 143).

Nesse caso, a Igreja Católica é configuradora de sentidos. O *Boletim Vai Vem* é utilizado como alternativa do poder simbólico estruturado-estruturante para alcançar os seguintes objetivos: *sensibilizar* a sociedade sobre os problemas candentes de quem vive no vai e vem das *migrações*; *reforçar* o discurso teológico-pastoral em favor dos menos favorecidos, no caso os *pobres migrantes*; *fomentar* as organizações populares e os movimentos contestatórios e *criar* redes de contato, de sociabilidade, de solidariedade entre entidades pastorais sociais, movimentos populares, mas, principalmente, entre migrantes e *conscientizar* acerca das *lutas* ideológicas, sociais e políticas dos/as próprios migrantes.

Acrescentamos ao debate as formulações feitas por Padre Alfredo José Gonçalves (1991, p. 05), sobre a importância desse momento para a consolidação do CEM:

Também para estes, podemos seguramente afirmar que a primeira metade dos anos 80 constituiu um marco: de *objetos* de uma pastoral tradicionalmente pensada *para eles*, passam gradativamente a *sujeitos* de uma pastoral feitas com *eles* ou *a partir deles*. Isso se deve, em larga medida, aos numerosos encontros de migrantes realizados pelo CEM, tanto a nível local ou regional como a nível nacional. Nestas ocasiões, as histórias, as experiências e os depoimentos deles constituíam viva matéria-prima para as publicações do CEM, algumas das quais retornavam aos próprios

migrantes, num processo circular e dialético de evangelização [grifos no original].

Em uma leitura renovada do/no âmbito religioso, esses sujeitos se colocam de forma a entender as migrações de cunho científico ou pastoral, sob a perspectiva dos/as migrantes. Os espaços construídos por meio de eventos, atividades, palestras e simpósios se tornam lugares de conscientização política e de junção de luta dos/as migrantes, fortalecendo assim a força social. Além disso, o CEM dispõe de outros meios para atingir seus objetivos na sociedade: *pesquisas* em acervos documentais e bibliográficos sobre os fluxos migratórios; *atendimento* a estudantes e pesquisadores; *ensino a Distância* – EAD em *Pastoral da Mobilidade Humana*<sup>73</sup>; *Biblioteca* especializada nos estudos migratórios, a qual está dividida em livros e periódicos, documentos (jornais, cartas, revistas, artigos) e material popular destinado aos grupos de base, e, por fim, em 1981, tem-se a criação do periódico<sup>74</sup> *Boletim Vai Vem*. Registramos que, no horizonte, já existia um projeto<sup>75</sup>, uma necessidade de veículo de comunicação voltado aos estudos acadêmicos sobre as migrações. A partir de maio de 1988 cria-se, então, outra publicação intitulada *TRAVESSIA, Revista do Migrante*<sup>76</sup>.

Sob o título *Um boletim a serviço do migrante*, temos, no editorial da primeira edição do *Boletim Vai Vem* (1981), a sistematização dos objetivos e da proposta do periódico, ou seja, o olhar que ele pretendia lançar a seus leitores, bem como à sociedade:

---

<sup>73</sup> No ano de 2014, tivemos a satisfação e o desafiante convite para participar do Curso de Especialização *Pastoral da Mobilidade Humana* (PMH). Uma iniciativa do *Scalabrini International Migration Institute* (SIMI), um instituto acadêmico da Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos, incorporado à Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma. Esse programa formativo é oferecido em colaboração com o Centro de Estudos Migratórios (CEM) da Missão Scalabriniana Nossa Senhora da Paz e tem a duração de dois anos (2014-2015). Achamos pertinente participar não só para manter contato com a filosofia da Pastoral Migratória, mas também para apreender as estratégias religiosas para formar os colaboradores da Pastoral dos Migrantes. O Curso está composto com as seguintes disciplinas, no primeiro módulo: *O Magistério da Igreja e a Pastoral da Mobilidade Humana* (PMH) (prof. Sidnei Marco Dornelas); *Antigo Testamento e PMH* (prof. Wellington da Silva de Barros); *Elementos de PMH I* (prof. Paolo Parise); *Proteção e promoção dos Direitos Humanos no contexto migratório* (prof.<sup>a</sup> Rosita Milesi) e *O fenômeno da Mobilidade Humana* (prof. Helion Povoá Neto). Já no segundo módulo: *Novo Testamento e PMH* (prof. Antônio César Segnanfredo); *Ética e PMH* (prof. José Carlos Pereira); *Espiritualidade da PMH* (prof. Alfredo José Gonçalves); *Fundamentos da PMH II* (prof.<sup>a</sup> Carmem Lussi) e *Teologia das Migrações* (prof. Roberto Marinucci). Para mais informações, segue o link do site: <http://diplomasimi.org/>. Em 2004, com a reestruturação do cronograma da CNBB, nasceu o setor da Mobilidade Humana, no qual o Curso de Especialização PMH está pautado.

<sup>74</sup> Além deste boletim informativo, o CEM dispunha das publicações de um jornal: *O migrante*, e de uma cartilha: *Capitalismo e pessoa Humana*. Por seu tom reivindicatório e de crítica feroz ao capitalismo, essa cartilha teve pouco tempo de duração.

<sup>75</sup> Conforme entrevista com Dirceu Cutti, realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, a qual teve a duração 1h46min26.

<sup>76</sup> Importante destacarmos que “a *Revista Travessia* é uma publicação semestral. Sua natureza é interdisciplinar e seus editores recebem artigos e contribuições que favorecem o intercâmbio entre diversos agentes de produção do conhecimento e de atuação na realidade dos migrantes”. Para maiores informações, segue o endereço do site: <<http://missaopaz.wix.com/cem>>. Acesso em 14 jun. 2014.

VAI-DEM quer ser um instrumento que nos ajude a perceber a realidade migrat3ria: suas causas, principais fluxos migrat3rios, e os problemas que a migra33o traz consigo, partindo sempre do ponto de vista do migrante que sofre as consequ4ncias da migra33o for3ada. Quer tamb4m – e acima de tudo – denunciar as causas da migra33o for3ada: grilagem, expuls3o, pol3tica econ4mica, latif4ndio, etc. O Boletim se prop4e tamb4m, apoiar e incentivar as lutas dos migrantes para a fixa33o na terra: favelados, boias-frias, posseiros, meeiros e pequenos lavradores. Quer tamb4m mostrar o avan3o das lutas populares, principalmente a luta pela terra, moradia emprego e melhores condi33es de vida. Enfim, o Centro de Estudos Migrat3rios e o Centro Pastoral de Migrantes pretendem, por meio deste Boletim, colaborar na transforma33o da sociedade, e que a migra33o seja espont4nea e n3o for3ada, como tem sido at4 hoje<sup>77</sup>.

O intuito inicial do *Boletim Vai Vem* era fomentar e promover as lutas de homens e mulheres migrantes por meio da divulga33o de *experi4ncias migrat3rias*. O peri3dico n3o se construiu somente como ve3culo de di3logo entre pessoas e lugares, mas tamb4m como um canal que intentava mostrar o problema das migra33es e, com isso, fomentar o debate sobre suas mazelas, visando a despertar consci4ncia pol3tica na sociedade em geral. Os colaboradores da Pastoral, que atendiam e ainda atendem 3 popula33o migrante, buscavam fornecer informa33es qualificadas e *conscientizar* a popula33o sobre as participa33es nos movimentos sociais.

Em 1987, o comando do *Boletim Vai Vem* passa, oficialmente, para o SPM. No of3cio n4mero 112, o Servi3o Pastoral dos Migrantes explica tais mudan3as, reitera os objetivos do peri3dico e explica que o *Boletim SPM* se unir3, numa mesma publica33o, com o *Boletim Vai Vem*.

Informamos que o *Boletim Vai Vem*, ve3culo informativo do servi3o pastoral dos migrantes, ligado 3 linha 6 da CNBB, deixar3 de ser publicado. 4 que a partir de junho o SPM vai assumir o *Vai-Vem – boletim das migra33es*. [...] Atendendo 3s sugest3es apresentadas nos encontros de migrantes e Assembleias do SPM, o *Boletim SPM* e o *Vai Vem* ser3o incorporados num 4nico ve3culo, a n3vel nacional, *Vai-Vem* que a partir de junho ser3 publicado pelo servi3o pastoral dos migrantes. *O Migrante*, por sua vez, continuar3 a ser publicado pelo Cepani, tendo em vista tratar de temas mais espec3ficos daquela regi3o. Companheiros, o *Vai Vem*, com cara nova estar3 aberto 3 cr3ticas e sugest3es e pretende ser (ou continuar sendo) um espa3o de divulga33o da luta e dos sofrimentos dos migrantes em todo o pa3s. Esperamos com isso contribuir, sobretudo, para a conscientiza33o e organiza33o dos migrantes em sua luta por seus direitos no campo e na cidade [grifos no original].

---

<sup>77</sup> *Vai Vem, Boletim das migra33es*. Ano 1, n. 1, junho, 1981, p. 2.

Cabe ressaltarmos que, em termos de *Boletim Vai Vem*, essa transferência, *a priori*, não significou mudanças em sua estrutura, organização ou objetivos, uma vez que a equipe editorial do periódico se manteve igual. Todavia, nas edições seguintes, são nítidas algumas transformações. Isso deságua na perda de *fôlego* para se manter a publicação do periódico. Tal fato é pontuado pelo colaborador Dirceu Cutti: “*Boletim Vai Vem* foi se apagando como uma vela”<sup>78</sup>. Tentaremos discutir essas questões ao longo da pesquisa, posto que novas implicações históricas, sociais e eclesiais exigiram desses sujeitos novas posturas diante do cenário migratório.

No que tange à trajetória do Serviço Pastoral dos Migrantes, percebe-se que ele cresceu e se consolidou a partir do Centro de Estudos Migratórios. No final dos anos 1970, *tornou-se filho emancipado*<sup>79</sup> e, mais especificamente, em 1985, reintegrou-se à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ligada à antiga *linha seis* da CNBB (sócio transformadora) – que, a partir de 1991, passou a ser Setor Pastoral Social, junto com outras entidades afins, o que contribuiu para o desenvolvimento de suas atividades.

As várias demandas do fenômeno migratório exigiram uma melhor articulação entre os agentes do SPM. No livro *Serviço Pastoral dos Migrantes Vinte anos a caminho* (2005, p. 12-13), observam-se os primeiros passos dessa entidade:

Em meados de dezembro do ano de 1984, um grupo de padres, religiosas, bispos, seminaristas e leigos, reunidos no Centro de Estudos Migratórios (CEM), em São Paulo, lançam as bases para a fundação do SPM, como respostas à intensa problemática vivida pelos migrantes. O objetivo do encontro que pré-definiu a criação do SPM era o de articular os vários trabalhos com migrantes, feitos em diferentes realidades migratórias e buscar objetivos e metas comuns para animação desses trabalhos.

Trabalhando atualmente com várias categorias de migrantes, o SPM intenta ser gestor de *redes integradoras* entre pastorais<sup>80</sup> e de ações humanizadoras que englobem a igualdade social, os direitos humanos, o exercício da cidadania e o respeito à diversidade cultural e religiosa dos migrantes. Em cada período, percebe-se uma preocupação especial com uma categoria de migrante, como podemos analisar em seu panfleto comemorativo de 25 anos de atuação:

---

<sup>78</sup> Conforme entrevista com Dirceu Cutti, realizada no CEM, em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, a qual teve a duração 1h, 46min e 26seg.

<sup>79</sup> *Idem*.

<sup>80</sup> A rede de articulação entre grupos é muito grande e intensa, a exemplo destacam-se a colaboração no *Boletim Cá e Lá* e no *Boletim Nossos*, este último é publicado em espanhol e circula em toda a América Latina.

Imagem 3: Panfleto SPM

Na celebração do Ano Jubilar, o SPM sente-se interpelado pelos desafios e potencialidades da migração.

**Desafios:**

1. **A migração forçada:** Ampliar a luta contra a migração forçada, provocada pelo modelo de desenvolvimento concentrador e ausência do poder público na implementação de políticas sociais.
2. **A questão urbana:** Denunciar todas as formas de preconceito e discriminação aos migrantes, a exploração do trabalho e a exclusão social.
3. **O agronegócio:** Denunciar a exploração dos trabalhadores, as mortes por esforço exaustivo, defender e apoiar a agricultura familiar em lugar do monocultivo de exportação praticado pelo agronegócio.
4. **A Sustentabilidade institucional:** Garantir a execução de projetos através da participação coletiva e da auto-sustentação.
5. **A questão ambiental:** A questão Ambiental: Defender a preservação dos biomas, o desenvolvimento sustentável e solidário e a adoção de padrões energéticos limpos e renováveis. Combater modelos de desenvolvimento que provoquem desequilíbrios ambientais e produzem migrantes climáticos. Lutar para que esses migrantes tenham reconhecimento em seus países e na comunidade internacional.
6. **O Trabalho em redes:** Articular, ampliar e fortalecer a rede de atores sociais engajados na defesa dos migrantes, construir parcerias com organizações combativas e movimentos sociais.
7. **A questão de gênero:** Promover a igualdade de gênero para que as mulheres assumam seus espaços e dar visibilidade à feminização da migração.
8. **Juventude Migrante:** Valorizar o fortalecimento e protagonismo de novos atores sociais capazes de intervenção social, religiosa, política e cultural.

**Potencialidades da Migração**

1. A migração amplia a visão de mundo, agrega valores culturais e gera oportunidades de diálogo inter-religioso.
2. O permanente deslocamento de pessoas interpela à construção e ao reconhecimento da cidadania universal.
3. Os migrantes ultrapassam barreiras culturais, questionam fronteiras políticas e propiciam a constituição de novas identidades.

**"Eu era migrante e vocês me acolheram"**  
(Mt 25, 35)

Foto: Arquivo SPM SPM - 25 Anos Rompendo Fronteiras Com os Migrantes

---

**SPM**  
**Serviço Pastoral dos Migrantes**

**ANO JUBILAR**

**20**  
1985 - 2010

**1985 - 2010**  
**25 Anos Rompendo Fronteiras Com os Migrantes**

<http://spmigrantes.wordpress.com/>  
Rua Caiambé, 126 - CEP 04264-060 - São Paulo - SP  
Tel: (0XX11) 2063-7064  
spm.nac@terra.com.br; spmsp@terra.com.br

---

O **Serviço Pastoral dos Migrantes** é uma Pastoral Social que integra a Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Foi fundado em 1985, fruto da Campanha da Fraternidade de 1980 que teve como lema "Para onde vais?"

**Missão**

Promover a igualdade social e garantir os direitos humanos, o exercício da cidadania, o respeito à diversidade, o protagonismo, a acolhida solidária e a pluralidade cultural e religiosa dos migrantes e imigrantes, por meio da implementação de ações e do fortalecimento de redes de parceria.

**"Acolham-se uns aos outros, como Cristo acolheu vocês."**  
(Rm 15, 7)

SPM - 25 Anos Rompendo Fronteiras Com os Migrantes

---

O **Serviço Pastoral dos Migrantes** atua com Imigrantes, Migrantes Temporários e Migrantes no Urbano.

1. **Imigrantes:** Defesa da liberdade de ir e vir, construção da cidadania universal, respeito às diferenças, promoção dos direitos humanos, regularização da situação migratória e combate ao tráfico de seres humanos.
2. **Migrantes Temporários:** Nas regiões de origem, atua no apoio às comunidades e associações e iniciativas de desenvolvimento sustentável e solidário, soberania alimentar, preservação das águas e lutas pela reforma agrária. Nas regiões de destino, acompanha os migrantes temporários na defesa dos direitos, luta por melhores condições de trabalho, moradia e transporte e denuncia situações de exploração e de trabalho degradante.
3. **Migrantes no Urbano:** Defesa de uma reforma urbana popular, da convivência entre culturas e da religiosidade e lutas contra o preconceito, a discriminação aos migrantes e as violações de direitos.
4. **Semana do Migrante:** Organizada em consonância com a Campanha da Fraternidade, promove a valorização da cultura e da religiosidade, mobilizando a sociedade, o poder público e as Igrejas para a acolhida aos migrantes e a defesa dos direitos de cidadania.

**Muro México-Estados Unidos**  
Mulheres migrantes no IV Fórum Social Mundial das Migrações - Quito/Ecuador - 12-10-2010

**Projeto P1 + 2: Uma terra Trabalhador cortador de o duas águas - Paraíba cana - Guariba/SP**  
Dezembro de 2009 Junho de 2009

**17º Encontro dos migrantes de Carinhanha/BA, em Sorocaba/SP - Dezembro de 2008**

**Semana do Migrante - Teresina/PI**  
Junho de 2010

**Marcha de migrantes no IV Fórum Social Mundial das Migrações - Quito/Ecuador - 12-10-2010**

**Migração de jovens do Vale do Jequitinhonha/MG, para o corte de cana-de-açúcar**

**Encontro de Mulheres, Vale do Jequitinhonha/MG**  
Abril de 2010

Fonte: Acervo SPM. Acesso em: 20 jul. 2014.

O discurso religioso do SPM, assim como o do CEM, está pautado no combate a todo tipo de discriminação, de xenofobia e de preconceito com relação aos/as migrantes no mundo urbano-rural; no direito à moradia de qualidade; na conquista do direito a uma cidadania digna; na construção popular para o Brasil; no apoio à luta na e pela terra; no direito a uma verdadeira Reforma Agrária e Agrícola; na distribuição de renda no campo; e, por conseguinte, nas ações pela *vida*, em prol da agricultura familiar e de um meio ambiente sustentável.

Nesse sentido, temos como espaço sensibilizador e motivador de organizações populares as CEBs, as SABs, os movimentos sociais e sindicais, a campanha contra a Aliança de Livre Comércio das Américas (ALCA) e também os seguintes eventos: *Quarta Semana Social Brasileira*, *Mutirão Nacional pela Sustentação da Miséria e da Fome*, *Fórum Social das Migrações*, *Fórum Social Mundial*, *Grito dos Excluídos*<sup>81</sup> e a *Semana do Migrante*. Além de chamar a atenção da sociedade civil, o SPM procuravam, por meio desses eventos, conscientizar os/as migrantes de que suas próprias *experiências migratórias* possibilitam processos de reflexões e tomadas de decisões políticas e sociais. Acreditava-se que, por meio dos/as migrantes, era possível vivenciar outro modelo de estrutura social e política.

De maneira mais sintética, encontramos no *livro de Ata*, de outubro de 1985, da primeira Assembleia do SPM, algumas orientações acerca do que foi exposto.

O Serviço Pastoral dos Migrantes tem por finalidade a articulação de serviços prestados aos amigos internos e estrangeiros no Brasil. Essa articulação compreende: a) Animação de atividades desenvolvidas pelas diversas entidades que prestam serviços aos migrantes, no que diz respeito à assistência social, cultural, religiosa e econômica, de modo a torná-los os protagonistas de sua promoção e dos colegas. b) Promoção de iniciativas comuns das entidades filiadas ao SPM e intercomunicação de experiências pastorais. c) Pesquisas e publicações sobre a situação sociorreligiosa, econômicas e políticas dos migrantes (LIVRO DE ATAS, 1985 *apud* DORNELAS & NASSER, 2008, p. 305).

---

<sup>81</sup> Atualmente, a secretaria nacional do evento citado encontra-se no Serviço Pastoral dos Migrantes, em que Ari Alberti é um de seus representantes. Cabe destacarmos que a capa do *Boletim Vai Vem*, bem como o conteúdo do periódico fazem alusões a tal evento. “O Grito se define como um conjunto de manifestações realizadas no Dia da Pátria, 7 de setembro, tentando chamar à atenção da sociedade para as condições de crescente exclusão social na sociedade brasileira. Não é um movimento nem uma campanha, mas um espaço de participação livre e popular, em que os próprios excluídos, junto com os movimentos e entidades que os defendem, trazem à luz o protesto oculto nos esconderijos da sociedade e, ao mesmo tempo, o anseio por mudanças. As atividades são as mais variadas: atos públicos, romarias, celebrações especiais, seminários e cursos de reflexão, blocos na rua, caminhadas, teatro, música, dança, feiras de economia solidária, acampamentos – e se estendem por todo o território nacional” (VIERA et al., 2004, p. 11). Para maiores informações acessar: <http://www.gritodosexcluidos.org/>.

Notamos que as práticas desenvolvidas junto aos/às migrantes, tanto na sociedade de origem como na de destino, constituem o diferencial do SPM em relação às demais entidades sociais. As experiências vivenciadas diretamente com os/as migrantes possibilitavam acender novas ações coletivas em prol dos/as próprios/as migrantes. Como podemos observar, a religião funciona como princípio gerador de experiências e, por esse motivo, ela se coloca cheia de funções ideológicas, práticas e políticas.

Vale ressaltarmos também as participações, de maneira direta ou indireta, de intelectuais nos diversos segmentos da *Missão Paz* – na fundação do CEM e do SPM, nas parcerias em projetos e em eventos. Entre os nomes mais citados, estão os de José de Souza Martins<sup>82</sup> e de Maria Aparecida de Moraes Silva.

Ao narrar suas experiências com a Pastoral Migratória, José de Souza Martins elucida a complexidade das migrações no Brasil, logo, o desafio encarado pelo SPM. Nas palavras do sociólogo: “A Pastoral dos Migrantes tem seu sentido pleno na atuação em cima dessas rupturas, na mediação que representa para abrir perspectivas e transformar situações de desalento em situações de esperança” (MARTINS, 2005, p. 69). As rupturas citadas pelo pesquisador englobam os dramas e os dilemas vivenciados pelos/as migrantes no local de origem, e, por conseguinte, ao se deslocarem. Acrescenta o autor que migrar não é um problema social, mas uma “[...] busca de oportunidades, uma forma de ajustamento social. Não raro, é um modo de trocar uma inserção espacial problemática por uma inserção espacial promissora” (MARTINS, 2005, p. 68).

Maria Aparecida de Moraes Silva, por sua vez, ressalta algumas das metodologias utilizadas na Pastoral dos Migrantes – a valorização de cada sujeito como *práxis libertadora*. “Práxis que não se traduz pela imposição de ideias àqueles, supostamente, considerados ignorantes e não portadores de consciência política ou religiosa” (SILVA, 2005, p. 77). A socióloga alerta, ainda que, de maneira alguma, o trabalho realizado por esses sujeitos deve

---

<sup>82</sup> Em outras obras, este autor aponta para os descompassos do trabalho teológico-pastoral com os/as migrantes. Quando convidado, em 1980, para assessorar a assembleia da CNBB, José Martins chamou atenção para *os filhos das migrações*, os quais não são privilegiados nas ações protagonizadas pela Igreja. Nas palavras do pesquisador: “Explicação que é a seguinte: o número de migrantes é irrelevante. A palavra migração é irrelevante. Para correta compreensão do assunto, é seguramente um problema o fato de que muitos filhos de migrantes, pessoas que foram deslocadas do seu lugar social e das suas oportunidades de vida, tenham nascido no lugar de destino de seus pais. Por isso não aparecem como migrantes nas estatísticas oficiais. O filho do migrante nordestino que vai para a favela do Jaguaré em São Paulo, nasce como paulistano. *Ele não é migrante, mas vítima da migração*. Isso não aparece na estatística e isso os bispos também não quiseram ouvir”. (MARTINS, 2002, p. 127) [grifos no original]. A título de curiosidade, durante as entrevistas com os colaboradores do *Boletim Vai Vem*, percebemos que este intelectual, assim como vários outros, atuou, mesmo que indiretamente, na construção do periódico, bem como na criação da *Revista do Migrante - TRAVESSIA*.

ser considerado pelo viés do assistencialismo, pois seria reduzir o alcance das ações políticas e sociais da Pastoral dos Migrantes que

[...] sempre lutaram em defesa dos direitos desta população excluída de direitos e cidadania. Enfrentaram duros embates com os poderosos, com os donos de grandes usinas e fazendas; percorrem alojamentos, pensões de migrantes espalhados por estas imensas áreas de cana do interior paulista. Muitas vezes, enfrentam ameaças, advindas dos representantes dos proprietários. Outros tantas, saíram em defesa dos migrantes escravizados, por meio de denúncias à Promotoria Pública. Por outro lado, desenvolvem também o trabalho de conscientização nos locais de origens dos migrantes. Procuram acompanhar a saga de milhares de homens e mulheres e crianças que todos os anos deixam seus lares e partem em busca de trabalho, esperança e utopias (SILVA, 2005, p. 77).

Em consonância com os apontamentos da pesquisadora, os integrantes da Pastoral dos Migrantes também não entendem seu trabalho como assistencialismo. A preocupação social e política, juntamente com os subsídios criados para os/as migrantes, a fim de assegurar os seus direitos, faz com que esse trabalho extrapole esse entendimento e se configure como uma ação essencialmente pastoral.

Em um bonito e poético título<sup>83</sup>, a pesquisadora Maria Aparecida de Moraes Silva intitula-os como *peregrinos da resistência* em oposição aos latifundiários, aos políticos corruptos, aos sistemas opressores, às legislações desiguais e às alas conservadoras da própria Igreja.

A partir da contextualização realizada até o momento, torna-se possível levantar algumas hipóteses sobre os objetivos que permeiam a criação do *Boletim Vai Vem*. Primeiro: a necessidade de divulgar suas ações pastorais, pois a orientação do Provincial era de que todos os Centros de Estudos, independentemente do meio, deveriam dar visibilidade a sua missão. Segundo: os contextos eclesial, histórico e teológico suscitavam publicações com o perfil do periódico. Por fim – e mais importante no nosso entendimento – as demandas do cotidiano e as tensões do *campo religioso* que levam esses sujeitos a criarem estratégias para intensificar os contatos, *as redes* e *as experiências migratórias*.

Com isso, os sujeitos reelaboram tais lógicas homogêneas sobre as migrações, fazendo, assim, o contraponto com suas próprias convicções: uma leitura *teológica das migrações*. Dessa forma, ao se posicionarem a favor dos *pobres migrantes*, denotam preocupações em torno dos elementos sociais, econômicos, políticos e religiosos que constituem a sociedade. Além disso, por meio de suas práticas e representações, os sujeitos

---

<sup>83</sup> TRAVESSIA: Revista do migrante. Publicação do CEM, Ano XVIII, n. 52, maio-agosto, 2005, p. 25.

contribuem para a transformação das mídias em espaços simbólicos, permeados de conflitos, tensões, disputas e contradições.

### 1.2.1 *Ethos* midiaticizado pelo carisma escalabriniano

*Para o migrante, a pátria é a terra que lhe dá o pão. Eu os vejo desembarcados em terra estrangeira, no meio de um povo que fala uma língua que eles não entendem, vítimas fáceis da especulação desumana. Vejo-os banhar com seus suor e com suas lágrimas, um solo ingrato, uma terra que exala dificuldades, arrebatados pelas fadigas, consumidos pela febre, a suspirar em vão, pelo céu da pátria distante. (SCALABRINI, 1989 apud RIZZARDO, 2007, p. 53) [grifos nossos]*

Como mencionado anteriormente, os sujeitos envolvidos na *Missão Paz* e a equipe editorial do *Boletim Vai Vem* tiveram ou têm influências do que eles chamam de *carisma escalabriniano*. Sob esse aspecto, podemos observar como a Igreja Católica, por meio dos documentos conciliares e da figura do Beato Scalabrini<sup>84</sup>, constituiu-se em matriz formadora do movimento em prol dos/as migrantes, ao aglutinar e revitalizar novas forças sociais. Foram construídos valores, ideologias e crenças entre os sujeitos das pastorais, os voluntários, os leigos e os/as migrantes.

Conforme as demandas migratórias, os envolvidos com o periódico construíram enfrentamentos configurados pelas experiências dos/as migrantes e justificados pelo *ethos midiaticizado* sob a luz do carisma escalabriniano.

Para maior entendimento acerca de *ethos midiaticizado*, tomamos como compreensão os apontamentos de Muniz Sodré (2002, p. 11) ao se referir à presença da mídia na sociedade contemporânea, a qual “implica uma nova qualificação da vida, um *bios* virtual. Sua especificidade, em face das formas de vida na criação de uma eticidade (costume, conduta, cognição, sensorialismo) estetizante e vicária, uma espécie de ‘terceira natureza’”. Desse modo, torna-se oportuno apreendermos a temática em questão.

Em *Vida e missão da Congregação das Irmãs missionárias de São Carlos Borromeo escalabrinianas* (2012), escrito por Analita Candatem, é possível visualizar alguns pontos sobre o que a autora compreende como *carisma escalabriniano*. Em grego, *charis* significa dom, benevolência, gratuidade, graça divina, com a qual o *Espírito* e Deus tornam uma pessoa apta a um determinado ministério religioso. De acordo com Analita Candatem (2012, p. 4): “dado que o carisma só se conhece através da atividade, ele tende a identificar-se com as atividades e serviços realizados”. Cada um dentro da comunidade religiosa recebe seu dom, ou seja, seu carisma, de acordo com o desejo do sagrado, dos interesses hierárquicos e das

---

<sup>84</sup> No dia 7 de junho de 1877, o Papa Pio IX o reconheceu como *apóstolo da catequese*. Em 9 de novembro de 1997, Scalabrini foi beatificado pelo Papa João Paulo II que o chamou de *autêntico pai dos migrantes*.

demandas do lugar, o que torna o campo religioso desempenhado por múltiplas funções de carismas. Partindo desse pressuposto todo cristão é *carismático*.

Em seguida, a pesquisadora e também *religiosa carlista* destaca as principais características que nascem dos carismas quando se fala em gestão de obras, sendo elas: um *movente ideal* – da gratidão, das experiências cotidianas e da obra de seu fundador – *identidade carismática*; da reciprocidade e da beleza em fazer coisas boas e belas. Procurando proporcionar ao/à migrante “[...] o pão para satisfazer suas necessidades materiais, da *Palavra* para encontrar o sentido de sua existência e de *comunidades* que satisfaçam suas necessidades de amor e de pertença, nas quais ninguém se sinta estrangeiro” (2012, p. 9) [grifos no original].

Para o teólogo e militante da TdL, Leonardo Boff (1982, p. 240), “[...] o carisma é uma manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo o que são e fazem, seja feito e ordenado em benefício de todos”.

Concordamos, no entanto, com as formulações do sociólogo Pierre Bourdieu (2013, p. 55):

Assim, talvez seja preciso reservar o nome *carisma* para designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, *o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico* [grifos no original].

Assim, podemos registrar que *carisma escalabriniano* está intimamente ligado ao empoderamento simbólico, da *graça* divina do trabalho teológico-pastoral a partir do legado de seu fundador, Scalabrini, o qual demonstrou sensibilidade com os homens e as mulheres migrantes. Isso permite que o *ethos* *mediatizado* pelo *carisma das migrações* constitua-se em estrutura estruturante do *Boletim Vai Vem*.

Na segunda viagem de pesquisa de campo, achamos interessante o comentário de uma das voluntárias, uma irmã escalabriniana: “Você, Marciana, tem o *carisma scalabriniano*, que lindo isto!”. Mesmo sem saber naquele momento o que esta atribuição significava, tanto para ela quanto para mim, me senti honrada e ao mesmo tempo com mais responsabilidade diante do nosso ofício e dos sujeitos privilegiados na pesquisa.

Dito isso, para este momento, priorizamos alguns olhares *de dentro do campo religioso* que elucidaram a temática sobre a qual estamos refletindo. No decorrer das entrevistas, questionamos os editores a respeito da importância e da representação de

Scalabrini para os trabalhos que desenvolvem, bem como para a construção e a organização do periódico.

Reforça-se que, de maneira alguma, a fonte oral deve ser compreendida como complemento às cartas ou ao periódico e vice-versa. Cada uma delas possui potencialidades e especificidades metodológicas que devem ser reconhecidas e respeitadas. A tentativa está em seguir as orientações postuladas por Teresa Malatian (2009, p. 205), a de contrapor os documentos uns com outros e, logo, entre si, pois

ainda que as cartas sejam dotadas de grande potencial expressivo, vale aqui a mesma regra de método usualmente empregada na historiografia: nenhum documento pode iluminar por si só um tema. A confrontação com outros documentos se impõe, abrindo ao historiador novas perspectivas e novos ângulos de compreensão. Tal procedimento também evita a ilusão de que o material obtido nas correspondências constitui verdade bruta e inexplorada, confiável uma vez garantida sua ‘espontaneidade’ e, portanto, sua ‘veracidade’.

Assim sendo, segundo Neide Benvindo, a relevância de Scalabrini é inquestionável, ela o enxerga como figura principal. Ficou em sua memória o registro das experiências vivenciadas, especificamente as relacionadas com as irmãs escalabrinianas, como podemos constatar:

Eu não sei muito desta história. Mas, a gente conviveu muito com irmãs e padres *scalabrinianos*. Acredito que quando ele fundou a Congregação ele já tinha como meta o trabalho com os migrantes. Ajudar os migrantes que saíam de um lugar para o outro, para conseguir dias melhores. Melhores lugares para morar. Muitas pessoas foram expulsas, nós sabemos como é luta da e pela terra. De não poderem plantar, não poderem colher e de ter que vender seus bens aos grandes proprietários. Acho que foi isso [...]. Sua figura é de uma importância que não temos nem o que questionar. Ele é a figura principal de toda esta luta que é a Pastoral dos Migrantes. E os padres e as irmãs *scalabrinianas* dão e deram suas vidas por este trabalho e eu tenho muito respeito por estes padres e estas irmãs até porque muitos deles são amigos da gente. Amigos mesmo! Que ajudaram, inclusive quando eu entrei na pastoral do migrante. Eu nem sabia o que era pastoral do migrante. Eu tinha uns quinze anos [risos] (Neide Benvindo, entrevista gravada em janeiro de 2014).

O segundo relato que destacamos é o dos editores do *Boletim Vai Vem* Ari Alberti e Roberval Freire. Em tom descontraído, um deles respondeu rapidamente ao questionarmos sobre Scalabrini: “Ele foi o cara!”. Em seguida pontuou sua importância, descrevendo-o como *profeta* e sublinhando as consequências das migrações sob a ótica capital/trabalho.

Ao ver aquela moçada com maleta e tudo [...] migrando. Acho que na época ele foi um grande profeta. Contaram sobre a América pra eles, mas não foi daquele jeito que contaram. Ele compreendeu isso tudo e teve uma visão profética. Poxa vida! É preciso fazer alguma coisa. O capital cria todas as condições e os empecilhos criando um sentimento em você, que você quer sair, como ‘coitadinho’. Têm muitas pessoas na Congregação que pensa isso aí. Scalabrini fez diferente (Ari Alberti, entrevista gravada em janeiro de 2014).

Observamos que João Scalabrini aparece nos relatos orais – bem como, no periódico e nas missivas – como um exemplo a ser seguido. Representa o sentido do trabalho com os/as migrantes e das ações da Pastoral dos Migrantes, afinal foi ele quem iniciou o trabalho. Assim, de maneira respeitosa, os entrevistados reverenciam a hierarquia eclesial por meio dele.

Sublinhamos que, no ano de 2005, na celebração do centenário da morte de seu fundador, a Congregação dos Missionários de São Carlos/escalabrinianos homenageou João Scalabrini com uma edição da *Revista Travessia* dedicada a seu legado. Para seguirmos com a análise, destacamos um trecho do prefácio escrito por Dirceu Cutti referente a Scalabrini:

[...] definido como homem de ação e do diálogo. Sempre que se deparava com problemas no campo social, buscava encaminhar soluções. Organizou cozinha popular para socorrer os famintos; fundou um instituto em favor dos surdos-mudos; promoveu a criação de cooperativas de produção e consumo; caixas rurais para financiamento e o banco católico Sto. Antônio. Valoriza a comunicação: criou jornais e incentivava que outros o fizessem. [...] pronunciou inúmeras conferências, sempre muito concorridas. Defendeu a participação dos católicos nas eleições, proibidos de fazê-lo pela Cúria Romana, o que lhe causou fortes dissabores [...] são esses alguns aspectos da sua atuação social. Mas, o maior legado decorre do campo da migração (CUTTI, 2005, p. 3).

Diversos textos, sejam eles de cunho religioso ou de cunho acadêmico, identificam a importância de Scalabrini, principalmente por ele ter idealizado e desenvolvido a Pastoral do Migrante. Várias citações suas sobre migrações são bastante conhecidas, entre elas: “A migração alarga o conceito de Pátria para além das fronteiras Geográficas e políticas, fazendo do mundo a pátria do homem”; “Para o migrante, a pátria é a terra que lhe dá o pão”; “Migram as sementes nas asas do vento, migram as plantas de continente a continente,

levadas pelas correntes das águas, migram os pássaros e os animais e, mais que todos, migra o homem”<sup>85</sup>.

Vários autores destacam que Scalabrini despertou seu olhar para a luta do/as migrantes após ver, diariamente, em Milão, milhares de migrantes italianos/as que se encontravam na estação ferroviária em macha para a América. Reconhecido como *homem de ação*, entre 1887 e 1892, Scalabrini fez pesquisas, palestras e conferências a fim de ampliar a consciência a respeito dos problemas em que as migrações estão inseridas, fazendo com que os ouvintes entrassem no debate religioso, político, econômico, cultural e social.

A preservação e a valorização do patrimônio espiritual existem a conservação da cultura étnica: religião e pátria se completam nesta obra de amor e de redenção. A Pastoral dos Migrantes deve ter presente este princípio. Tanto os missionários, quanto a Igreja de acolhida devem respeitar a identidade cultural e a religiosidade própria do migrante (SCALABRINI, 1989, p. 373).

Em 1887, no auge das migrações italianas, Scalabrini fundou a Congregação dos Missionários de São Carlos e a Associação Leiga São Rafael, ambas destinadas, inicialmente, a receber e acolher os/as i/emigrantes italianos/as. Em 1895, os missionários de São Carlos chegaram a São Paulo, na região do Ipiranga, e tiveram como suas primeiras obras o Orfanato Cristóvão Colombo e a Igreja da Paz. Em 1901, Scalabrini visitou as Congregações nos Estados Unidos e, em 1904, no Brasil. Um ano mais tarde, em 1905, lançou vôo, dentre nós, rumo à última migração sem presenciar, em maio de 1906, a aprovação, em âmbito nacional e internacional, do Serviço Especial da Emigração – em 1988, esta Comissão passou a se chamar *Conselho Pontifício para a Pastoral de Migrações e Itinerantes*<sup>86</sup>.

Cabe destacarmos que, em termos de documentos conciliares, o *Rerum Novarum* é o primeiro documento eclesial voltado à doutrina social da Igreja, suscitando intenso debate sobre as preocupações sociais e, conseqüentemente, com os/as migrantes. A esse respeito, a Constituição Apostólica *Exsul Família*<sup>87</sup> é considerada a *carta magna* dos ensinamentos de

---

<sup>85</sup> Essas citações podem ser encontradas em Redovino Rizzardo (2007); Revista *Travessia* (2005); Anita Candatem (2012).

<sup>86</sup> O cuidado pastoral com os/as migrantes foi incorporado na formulação do novo código de Direito Canônico, publicado em 1985, e, em 1988, na reestruturação da Cúria Romana. A Pontifícia Comissão passa a se chamar *Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes Itinerantes – Erga migrantis Caritas Christisite*: [http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm).

<sup>87</sup> PIO XII, *Exsul Família. Constituições Apostólicas sobre os cuidados espirituais aos emigrantes* (1952). São Paulo, 1955.

toda a atividade Pastoral junto aos/às migrantes. Ela representou a primeira formulação mais orgânica sobre as migrações, além de oferecer orientações gerais para a Igreja<sup>88</sup>.

Os documentos conciliares citados contribuem para justificar/embasar as ações junto aos/às migrantes, uma vez que o *campo religioso* é composto, também, por uma ala conservadora, a qual não admite os ideais defendidos pela *Teologia das Migrações* e, muito menos, pela *Teologia da Libertação*. As práticas e as ideologias desses sujeitos eram e são consideradas heresias contra a Igreja.

Como podemos notar, pelos *ethos midiaticizado nas migrações*, o *Boletim Vai Vem* constitui-se em espaço de tensão e de negociação não somente diante da *grande mídia*, mas também nos *campos político e religioso*.

Tendo essas reflexões em vista, elencaremos a seguir, em linhas gerais, como o *Boletim Vai Vem* estava estruturalmente organizado para que, assim, possamos analisar as histórias de migrações expressas nas narrativas epistolares. Para tanto, adotamos como referência a mudança do comando do periódico para o SPM, em 1987, atentando para as condições materiais (formato, tipo do papel, capa, contracapa, uso ou não de ilustrações, divisão de conteúdo) e técnicas do periódico, conforme orientações sugeridas pela pesquisadora Tania Regina de Luca (2005, p. 138).

Sobre as sessões, podemos dizer que não havia, de modo geral, uma padronização rígida das colunas. O que percebemos, durante os anos de publicação do *Boletim Vai Vem*, é a permanência de algumas seções, como: notícias migratórias; indicação de leitura e de eventos; entrevistas com os/as migrantes; matérias sobre o contexto migratório – estas eram enviadas pelas Pastorais Migratórias do Brasil e do Mundo, por meio das *redes de contados*; e as cartas dos/as migrantes.

A partir de 1987, o periódico para a ter, com mais frequência, reflexões feitas por intelectuais. Neste aspecto, concorda-se com a afirmativa: “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 1996 *apud* DE LUCA, 2005, p. 140).

Já o editorial, de responsabilidade de algum padre, bispo convidado ou dos colaboradores, constitui-se no olhar sistematizado da redação. E, portanto,

---

<sup>88</sup> Chamamos atenção para a repercussão e o conteúdo da *Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco* (18 de junho de 2015), na qual, em defesa de *conversão ecologia*, o pontífice tece críticas ao modelo do sistema capitalista, logo, às multinacionais. Segue o link para a carta: <[http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

as redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações, literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linguagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste (DE LUCA, 2005, p. 141).

Outro dado importante é o registro dos nomes da equipe. De início, eram elencados somente os nomes das entidades idealizadoras do periódico – CEM/CPM e, posteriormente, SPM. O mesmo ocorria com as colunas do periódico, por uma questão estratégica da equipe de redação em reforçar o discurso do trabalho coletivo. Todavia, a partir de 1985, passa-se a ver os seguintes nomes envolvidos diretamente e apresentados na edição e na colaboração: Adair Bagatini, Cheila Subenko, Marilda Menezes, Wander Pessoa, Francisco Nunes, Miguel Longhi, Marilda Ap. Menezes, Paulo Prigol, Miguel Dalla Vecchia, Elvira, Zé Roberto, Ildo Nivaldo, Darciolei Volpato, Deoclério Rissini, Valdiram Santos, Padre. Antônio Garcia, Antônio Rosa, Isaldo Betin, Mari Solange Cella, Maria José, Zé Maria e Ana Valim. Na diagramação: Antonio Carlos de Oliveira, Patrícia Terra Pretel, Luciane Udovic, Hernane M. Ferreira, Renato Fabriga Salma Meroto e Claudio Alberto de Souza. Alguns dos nomes citados eram de voluntários de uma determinada edição do periódico, outros eram vinculados à *Missão Paz*, mais especificamente a seus seguimentos SPM e CEM.

Contudo, faz-se necessário identificar os responsáveis que participaram com mais assiduidade da dinâmica com o *Boletim Vai Vem*, sendo eles: Alfredo Gonçalves, Neide Benvindo, Nelson Bison, Dirceu Cutti, Luiz Bassegio, Roberval Freire e Paulo Liles. É interessante destacar também que, a partir de 1990, as colunas passam a ser assinadas pelos colaboradores. Assim, a equipe de redação se responsabilizava apenas pelos textos não assinados, pela diagramação e pela organização do periódico.

Ao elencarmos os nomes dos sujeitos envolvidos estamos dizendo que para nos debruçarmos sobre as cartas publicadas *nas linhas do mensageiro – Boletim Vai Vem* – devemos compreender, mesmo que minimamente, as trajetórias de seus idealizadores, a fim de conhecer as pretensões e as contradições por trás de cada escolha de título, de assunto, de imagem, de cor e assim sucessivamente.

Nas capas do *Boletim Vai Vem* (como é possível conferir nas capas selecionadas das *imagens 4 e 5*), encontram-se o nome do boletim, seu *slogan*, o índice de matérias e um desenho que simboliza o assunto mais destacado na edição. O nome *Vai Vem* está representado em uma placa que indica, ao mesmo tempo, dois – ou mais – caminhos. Nota-se

que esta se parece com as folhagens de uma possível árvore. E, ainda, um pássaro *descansando nela*.

Essas capas representam as migrações, a vida dos homens e das mulheres migrantes, pelo viés da dramaticidade, da frustração, da tristeza e da angústia. Como já pontuado, os cartazes da *Semana dos Migrantes* são utilizados como capas do periódico.

Todavia, a partir de 1987 (*imagem 6*), percebemos algumas mudanças no formato das capas: o *Boletim* passa a utilizar mais fotografias do que de desenhos e a sigla SPM (Serviço Pastoral dos Migrantes) é acrescentada ao lado do nome do periódico. Essas edições faziam-se referência ao número anterior por meio da capa que foi utilizada, nota-se, ainda, que sumário não tinha um lugar fixo (vertical ou horizontal). Em seguida tem-se uma frase com letras versais, na cor vermelha, marcada, intencionalmente, pelo tom de *lema*, *exclamação*, *reivindicação política e social*. Por exemplo: *Ocupar e resisti! É a resposta dos Sem-Terra. Devemos marchar e conquistar essa terra*. Informações bem características de palavras-chave utilizadas pelos movimentos populares do período.

Por meio das capas, os leitores podem atribuir os primeiros sentidos ao *Boletim Vai Vem*. A escrita (icnográfica e/ou textual) expressa, em uma primeira dimensão, as intenções do periódico e o caráter de seus conteúdos. Nesse sentido, a diagramação é responsável por cada detalhe visual e estético do periódico. A escolha de cada frase, em melhores palavras, de como esta frase vai ser representada, perpassa as intenções dos envolvidos na diagramação. E, portanto,

é preciso esclarecer que a “primeira leitura” que se faz de uma capa de jornal é comunicação não verbal, ou mesmo pré-verbal. No todo do padrão visual, as cores se antecipam às formas e aos textos. Quanto maior o potencial de informação das cores (força semântica e clareza na identificação dos matizes), maior será a antecipação da informação cromática em relação aos elementos figurativos e discursivos do padrão (GUIMARÃES, 2003, p. 37).

No início da década de 2000 (*imagem 7*), as capas terão fotografias registradas durante as atividades ou ações pastorais, também aparecendo os cartazes do evento *Grito dos excluídos*. No que tange às frases em destaque, ora elas aparecem, ora não. Quando são destacadas, perdem o cunho de crítica política para se transformar em um chamado de cunho religioso e migracional.

Na *imagem 8*, observamos a capa<sup>89</sup> da última edição publicada pelo periódico, em 2010. Nela, a equipe editorial faz menção tanto ao *Boletim Vai Vem*, para o *Boletim do Serviço Pastoral dos Migrantes* (sendo este outro veículo de mídia, ainda em circulação, do SPM), quanto à comemoração de 25 anos do SPM. Torna-se oportuno ressaltar a escolha da fotografia destacada na capa, uma imagem da primeira assembleia nacional que elegeu a primeira coordenação do SPM e, em destaque, a frase: “A luta continua!”.

Por meio dessas amostras de capas, já podemos perceber algumas mudanças no periódico quando ocorre a transferência de comando do CEM para o SPM. Evidentemente, as alterações também estão relacionadas ao contexto histórico e à transformação tecnológica em que o *Boletim Vai Vem* estava inserido.

---

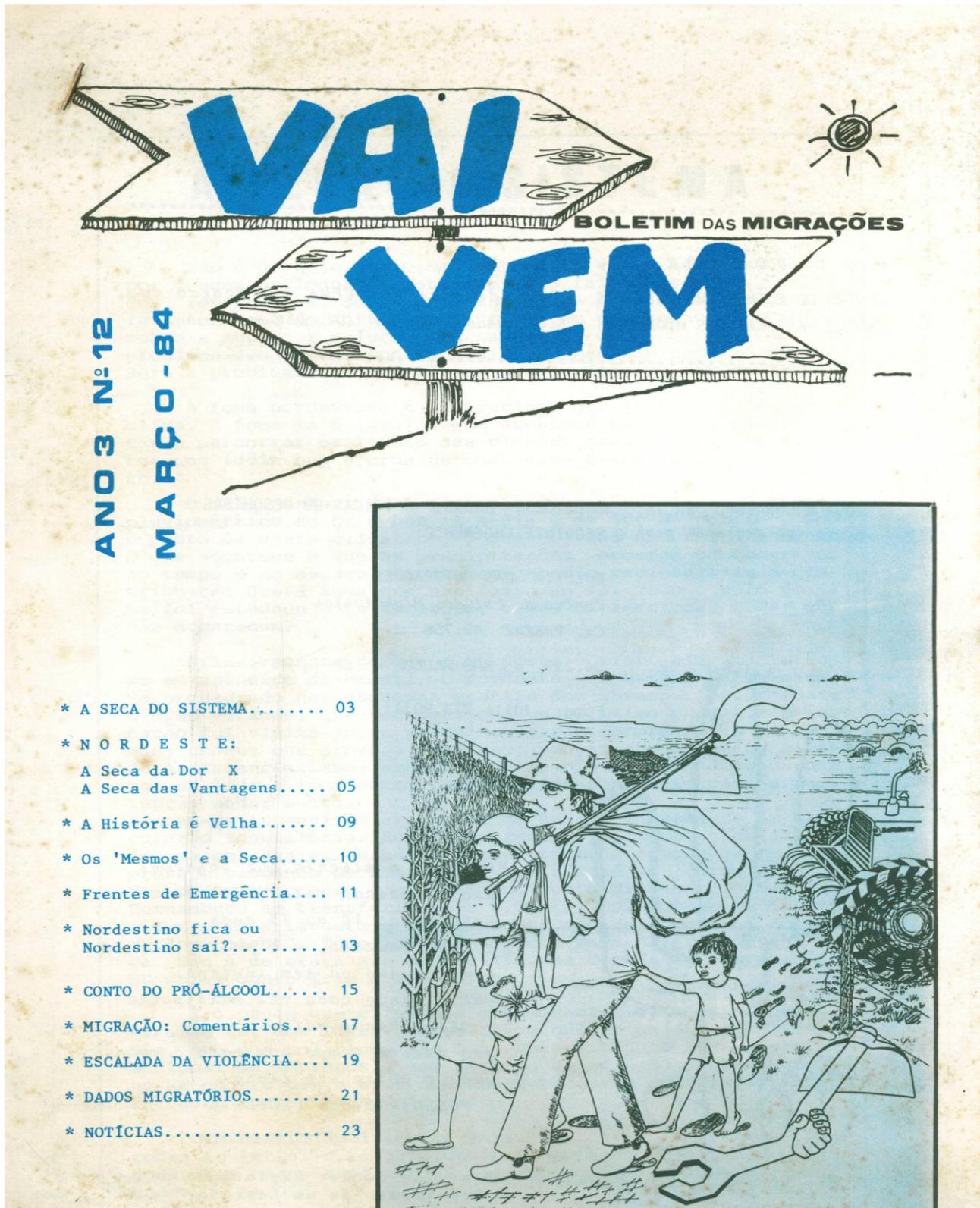
<sup>89</sup> Cabe registrar que tanto esta capa quanto a contracapa representada na *imagem 12* foram originalmente impressas em cores. Entretanto, só se teve acesso a uma fotocópia em preto e branco.

Imagem 4: Amostra de capa I



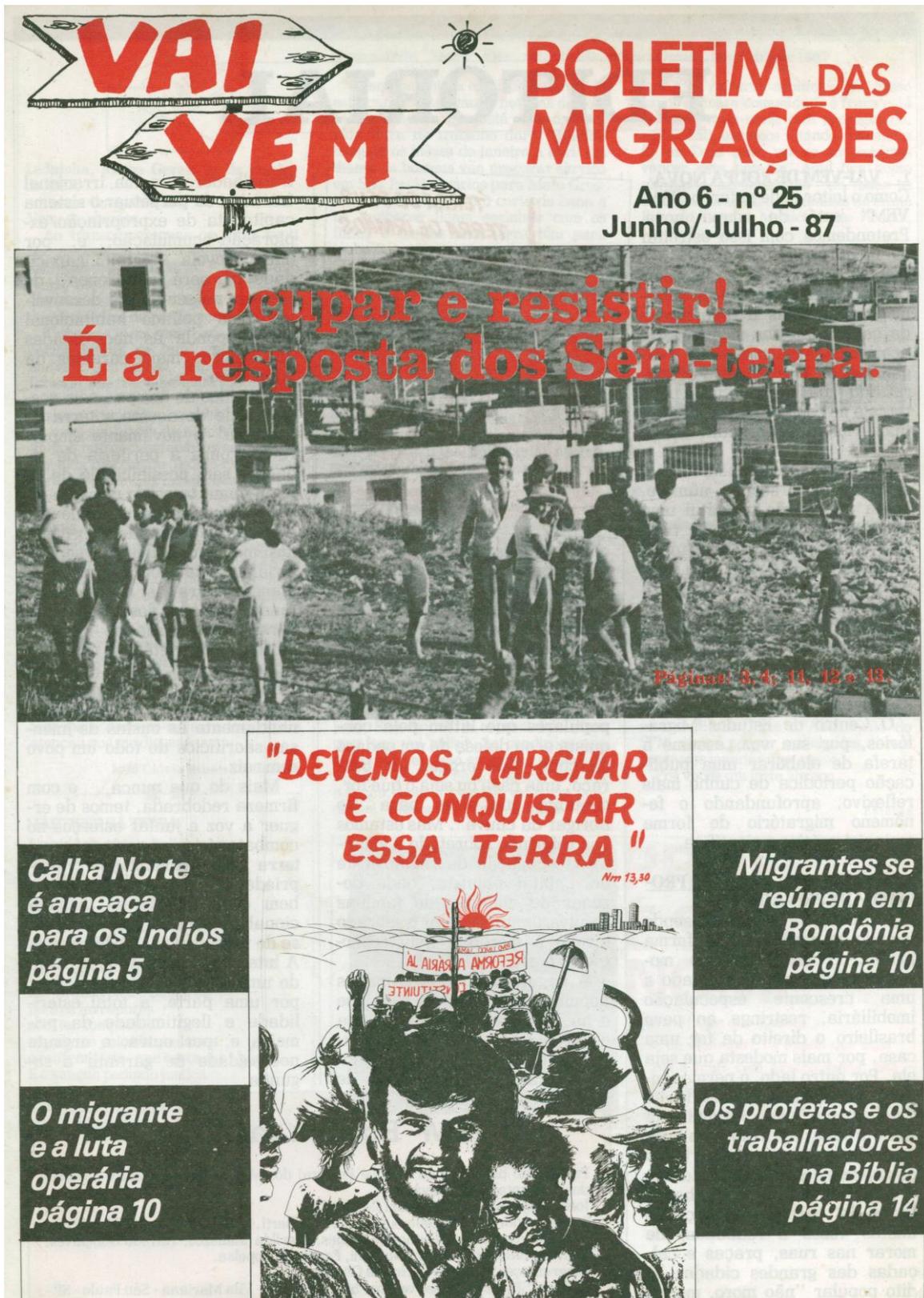
Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 1, n. 1, junho de 1981.

Imagem 5: Amostra de capa II



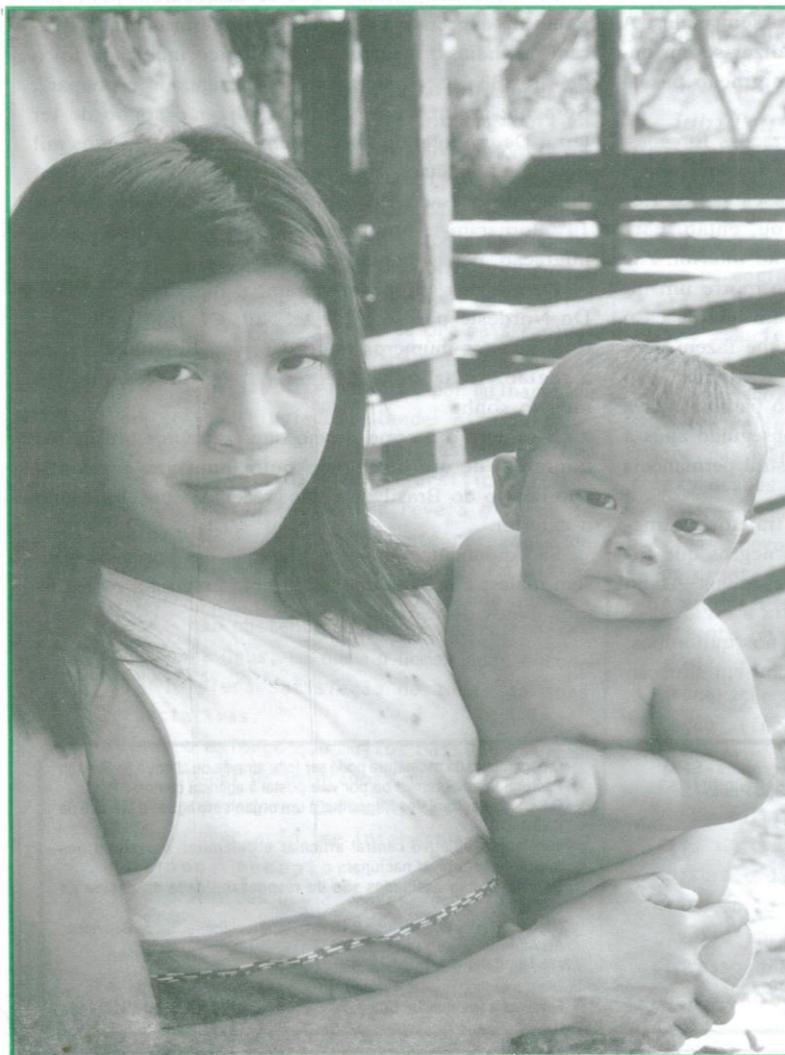
Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 3, n. 12, março de 1984.

Imagem 6: Amostra de capa III



Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 25, junho/julho de 1987.

Imagem 7: Amostra de capa IV



● *Migrações nos Cerrados*

pag. 3

● *O Vale Verde*

pag. 6 e 7

● *Mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados*

pag. 8

● *Todo Dia é Dia da Mulher*

pag. 10

Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 19, n. 79, janeiro-fevereiro-março, 2000.

Imagem 8: Amostra de capa IV



Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 26, n. 115, janeiro-junho, 2010.

Prosseguimos nossa análise com mais quatro contracapas do *Boletim Vai Vem*. Duas do período de coordenação do CEM e outras duas, do SPM.

Na *imagem 9*, observamos uma crítica ao sistema capitalista feita pelo artista Kampus. Sob a frase “Era uma vez um migrante”, a charge representa o vai e vem dos/as migrantes, ou melhor, os dilemas destes/as ao chegar à cidade. Esta era uma característica dos primeiros números do periódico: havia sempre *charges* relacionadas aos/às migrantes.

O mesmo ocorre na página da *imagem 10*, com outra charge de Kampus. Nesta observamos duas frases, a primeira: “Papiê! Sobremesa, sobremesa, nhoc! Nhoc!”; e a segunda: “Enquanto isso, no nordeste: Vamos saquear a seca selvagem do sistema”. Nota-se a tentativa de mostrar as dificuldades do dia a dia dos/as migrantes pela exploração do sistema capitalista e dos latifundiários.

Já nas contracapas organizadas pelo SPM observamos outras características, como a utilização de fotografias, poesias, músicas e, ainda, reflexões do evento *Grito dos Excluídos*. Na *imagem 11*, temos a poesia intitulada *O fim da Ambição*, escrita pela autora Costa Senna, e uma fotografia feita por Pedro Richalski. Na *imagem 12*, notamos o apoio ao plebiscito popular pelo limite da propriedade da terra e ao 16º *Grito dos Excl*

Imagem 9: Amostra de contracapa I



Fonte: Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 1, n. 1, junho de 1981, p. 18.

Imagem 10: Amostra de contracapa II



Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 3, n. 12, março de 1984, p. 26.

Imagem 11: Amostra de contracapa III

## O Fim da Ambição

Que neste novo milênio a data tão esperada  
O menos favorecido já tenha sua morada  
E o lindo Nordeste esteja livre da peste  
E a terra toda molhada.

Que venha cheio de amor e de paz pra nossa Terra  
Os verdes ramos da mata enfeitem os olhos da serra  
Os males que nos consomem não estejam no homem  
Assim não terá mais guerra.

Nos corações das pessoas a fé esteja presente  
Dando força a nossa alma pondo luz em nossa mente  
É isso que o bem nos traz com carinho, amor e paz  
a gente será mais gente.

Homens, animais e árvores não marchem pra extinção  
A importância do amor cresça em cada coração  
É isso que eu espero, é tudo isso que eu quero  
pra o mundo e nossa nação.

Não quero ver nesta data as criancinhas sofrendo  
As nações pisoteadas e o mal prevalecendo  
Triste, confesso a você, tudo que não quero ver  
é hoje o que estou vendo.

Que não exista sem teto  
Que não exista sem chão  
Que não exista sem água  
Que não exista sem pão  
Quero o fim da violência  
Quero o fim da indecência  
Quero o fim da ambição

(Costa Senna)



FOTO: PEDRO RICHALSKI

Fonte: *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 19, n. 79, janeiro-fevereiro-março, 2000, p.12.

CNBB



## Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz

### APOIO AO PLEBISCITO POPULAR PELO LIMITE DA PROPRIEDADE DA TERRA E AO 16º GRITO DOS EXCLUÍDOS

**Dom Pedro Luiz Stringhini**

*Presidente da Comissão*

**R**eunidas em Brasília, nos dias 14, 15 e 16 de Junho, as coordenações regionais e nacionais das Pastorais Sociais e Organismos da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da CNBB, assumem o compromisso de participar do 16º Grito dos Excluídos e da organização do Plebiscito Popular por um Limite da Propriedade da Terra no Brasil.



Esta decisão tem como base a consciência de que a democratização da terra através da reforma agrária é uma luta histórica do povo e uma exigência ética afirmada pela CNBB há décadas. É também a realização de um gesto concreto proposto pela Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010, promovida pelas Igrejas membros do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), como consta no Texto Base, n. 120: “Mobilização de apoio ao Plebiscito de iniciativa popular pelo Limite da Propriedade da Terra, em defesa da Reforma Agrária, da Soberania Territorial e Alimentar, promovido pelo Fórum Nacional de Reforma Agrária e Justiça no campo”.

Para isso, convidamos os cristãos e cristãs das dioceses, paróquias, comunidades, movimentos a engajarem-se neste exercício de cidadania que será realizado na Semana da Pátria e especialmente no dia 7 de setembro, junto com o 16º Grito dos Excluídos/as, abrindo espaços, formando comitês, colaborando com os comitês estaduais no processo de informação, formação e coleta dos votos.

O engajamento nesta prática cidadã de democracia direta é uma forma de realizar nossa missão evangélica em favor e junto com os excluídos e excluídas, construindo uma sociedade justa e solidária que garanta vida digna para todos os brasileiros e brasileiras.

*Brasília, 16 de Junho de 2010.*

Como podemos notar, cada elemento do periódico permite inúmeras possibilidades de pesquisas: estudar as representações imagéticas das migrações, apresentadas nas capas e nas contracapas do periódico; discutir a trajetória e a criação do *Boletim Vai Vem*, pensando-se nas suas implicações eclesiais, políticas, sociais e migracionais; refletir sobre a (re)construção de identidades migratórias, por meio das poesias, músicas ou – porque não? – do próprio boletim.

No entanto, o objetivo que nos trouxe até aqui é outro: o de discutir as migrações por meio das histórias expressas nas cartas dos leitores do periódico. Essa discussão se aproxima do que foi refletido até o momento, pois essas cartas estão pautadas, também, no *ethos midiaticizado das migrações* – do *carisma escalabriniano*.

## CAPÍTULO II

### O VAI E VEM DAS MIGRAÇÕES

A gente se levanta as 4 hs. da manhã a fim de trabalhar para poder viver. Logo de manhã a gente fica toda molhada de orvalho, hora chuva, e sol. Ainda quando Deus da saúde pra gente enfrentar o Serviço do dia-a-dia carpa de cana, corte, planta de cana. Somos obrigados a trabalhar com enxadão arrando capim. Não há tarde estamos cançadas sem forças, e assim vai dias, meses, e anos sem poder perder dias. Apesar de luta pra sobreviver o salário que ganhamos não compensa o suor que derramos. Nesta luta dura estão empenhados pessoas de todas as idades desde jovens até idosas com 60 anos de vida e luta. O que nos anima e a esperança de que um dia em meio de tantas injustiças houvera justiça para todos.  
(*Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 2, n. 05, março, 1983, p. 12)

A epígrafe citada é um trecho da carta de uma mulher trabalhadora – ou simplesmente *migrante temporária* (boia-fria) – que teve sua epístola publicada no *Boletim Vai Vem*. A narrativa, carregada de seus dilemas cotidianos do trabalho, nos faz apreender os *mundos das migrações* pelo *chão* de suas experiências, pela forma como ela se identifica enquanto migrante e compreende os sentidos do seu vai e vem.

Tendo em vista a pluralidade das *experiências migratórias*, este capítulo foi dividido em dois momentos de reflexão. Primeiramente, com a explanação de como as missivas foram organizadas e publicadas no *Boletim Vai Vem*. Para isso, foram levados em conta os temas que mais aparecem entre seus conteúdos, bem como suas intencionalidades, uma vez que as epístolas eram consideradas pelos os editores a *matéria prima* do periódico pelo qual homens e mulheres migrantes expressavam e registravam as marcas de suas travessias.

A partir disso, assinalamos e discutimos os sentidos de *migrações* arroladas nas cartas e iniciamos debate sobre os *mundos das migrações* ou, mais especificamente, sobre as *migrações internas* no Brasil no período delimitado pela pesquisa, de 1981 a 1997. Trata-se de uma abordagem que busca, por meio dos horizontes e dos desafios das migrações de homens e mulheres migrantes, apontar as tendências das migrações e sua complexidade.

## 2.1 O fazer-se migrante pelas linhas do mensageiro

O *Boletim Vai Vem* foi criado com o intuito principal de dar visibilidade às *experiências migratórias* narradas pelos/as próprios/as migrantes, bem como denunciar os problemas oriundos das *migrações* e fomentar as organizações populares entre colaboradores e leitores. As cartas dos/as migrantes eram consideradas, segundo o colaborador Dirceu Cutti, “a matéria prima do *Vai-Vem*. As cartas eram o coração do periódico”<sup>90</sup>. Assim, as missivas ocupavam lugar privilegiado, no qual os/as migrantes exerciam o papel de protagonistas de suas histórias; *agentes orgânicos* a transformar o meio em que vivem.

De outro modo, a presença das missivas significou a visibilidade do *Boletim Vai Vem* entre a comunidade migrante, a credibilidade entre seus leitores e o respaldo para seus objetivos e para sua aceitação. O ato de enviar as cartas era a *recepção midiática* (COGO, 2012, p. 12) de que os colaboradores necessitavam para dar continuidade ao projeto. Elas vinham de vários lugares do Brasil e do mundo, o que significou a intensidade e as dimensões de sua circulação. Aberto para debate, críticas e sugestões, o *Boletim Vai Vem* intentava representar um espaço democrático que se preocupava com as demandas dos *pobres migrantes*.

Durante o período de circulação do periódico (1981-2010), foram publicadas 163 epístolas, das quais 47 foram escritas por mulheres; 63, por homens; e 53 foram assinadas coletivamente. Como é possível verificar no quadro abaixo, registrou-se um expressivo volume de cartas, principalmente entre 1985 e 1993. No total, 109 cartas foram publicadas na década de 1980; e 53 nos anos 1990, momento em que as últimas cartas foram publicadas. Houve apenas uma carta na década de 2000.

---

<sup>90</sup> Entrevista realizada no Centro de Estudos Migratórios (CEM), em São Paulo (SP), no dia 06/09/2013, com duração de 1h, 46min e 26seg.

**Quadro 1:** *Cartas publicadas por ano*

Período de 1980		Período de 1990	
<i>Ano</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Ano</i>	<i>Quantidade</i>
1980	*	1990	27
1981	2	1991	9
1982	5	1992	13
1983	3	1993	0
1984	1	1994	2
1985	9	1995	0
1986	13	1996	0
1987	17	1997	1
1988	26	1998	0
1989	33	1999	1

\*O periódico foi criado em 1981.

**Organização:** OLIVEIRA, M. S. 18 de maio. 2015.

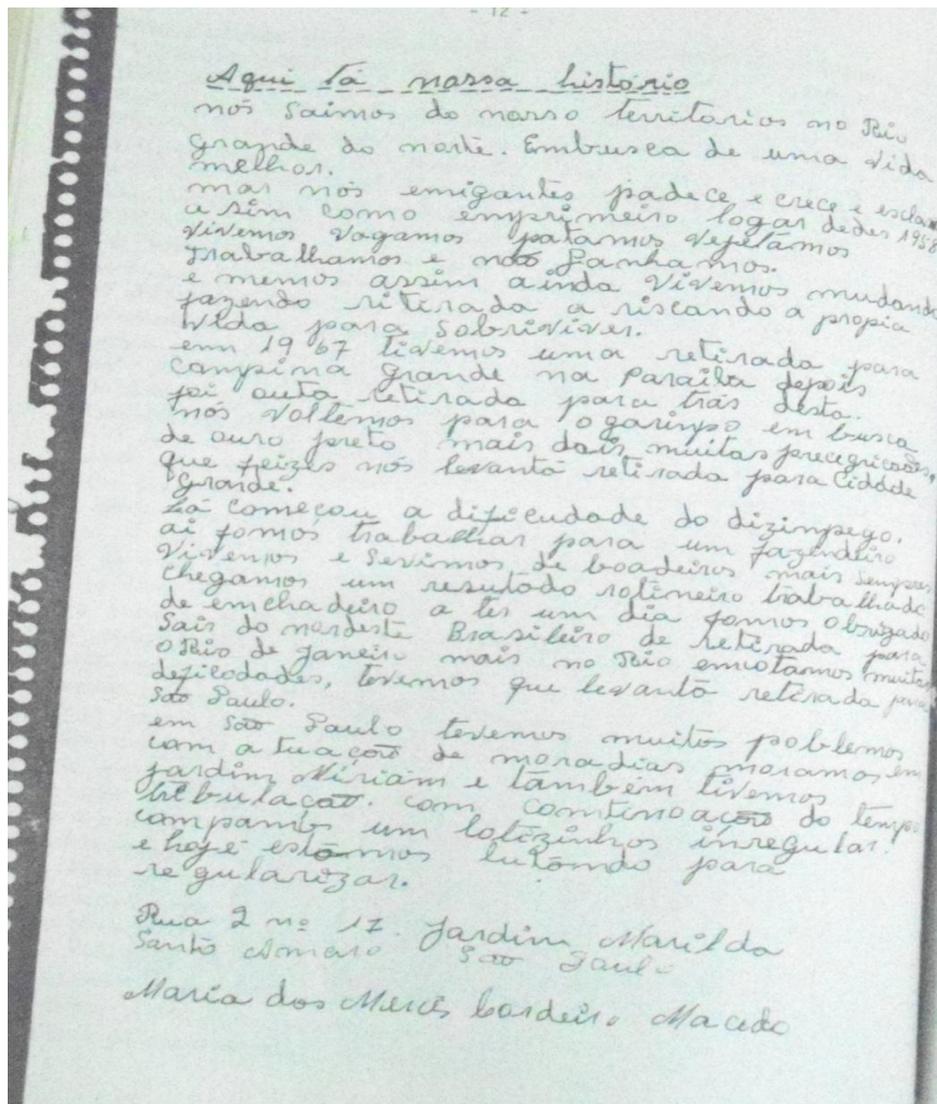
Para nossos entrevistados, a diminuição da presença das missivas aconteceu aos poucos, ou seja, não foi uma decisão pontual dos editores do veículo. Quando criado o *Boletim Vai Vem*, a prática de escrita de cartas<sup>91</sup> era o principal meio de diálogo traçado por seus leitores. Todavia, com os avanços tecnológicos, esse contato passou a ocorrer por meio de novos suportes como telefone, *email*, *site*, *blog*, *facebook*, entre outros meios eletrônicos.

---

<sup>91</sup> Pode-se perceber a longevidade do gênero epistolar na cultura letrada por meio de alguns estudos, entre eles o de Marcos Antônio Moraes em *“Me escreva tão logo possa”* (2005, p. 21), que aponta: “[...] Alguns dos materiais utilizados para colher a escrita, tais como pedras, tabuinhas de argila ou de madeira, papiros, pergaminhos, os diversos tipos de papel da era moderna, o meio magnético e o meio virtual. E os instrumentos da escrita: estiletes, caniços, penas de aves, penas metálicas, lápis, caneta-tinteiro, canetas esferográficas etc. Quanto à maneira de elaborar a carta, dou um exemplo, entre muitos. Na Idade Média europeia, os religiosos, seguindo preceitos da retórica clássica, deviam organizar a epístola em tópicos estruturais: *salutatio* (breve saudação), *benevolentiaecapitatio* (expressão de modéstia para cativar o destinatário), *narratio* (narração), *petitio* (pedido) e *conclusio* (conclusão)”.

Até meados de 1985, apenas uma carta era publicada por edição – como podemos visualizar na *imagem 13* –, uma fotocópia da carta original. Em um segundo momento, passam a ser veiculadas de quatro a cinco cartas reescritas pela equipe do veículo e situadas nas seções intituladas: *Varal dos Migrantes*; *Trabalhador com a Palavra*; *Opinião do leitor*; *Cartas e Migrante com a Palavra*.

**Imagem 13:** Amostra de cartas fotocopiadas



Aqui tá nossa história  
nós saímos do nosso território no Rio  
Grande do norte. Em busca de uma vida  
melhor.  
mas nós emigrantes padecemos e crescemos e escoramos  
a sim como emigrantes logo depois 1968  
vimos vagamos por vários lugares  
trabalhamos e não pagamos nada  
e nem assim ainda vivemos mudando  
fazendo retirada a riscando a própria  
vida para sobreviver.  
em 1967 tivemos uma retirada para  
Campina Grande na Paraíba depois  
foi outra retirada para trás desta.  
nós voltamos para o garimpo em busca  
de ouro preto mais daí muitas peregrinações  
que fizemos nós levamos retirada para cidade  
Grande.  
lá começou a dificuldade do dinheiro,  
aí fomos trabalhar para um fazendeiro  
vivemos e servimos de boateiros mais sempre  
chegamos um resultado ruim trabalhado  
de embaixador a ter um dia fomos obrigados  
sair do Nordeste Brasileiro de retirada para  
o Rio de Janeiro mais no Rio encontramos muitas  
dificuldades, tivemos que levantar retirada para  
São Paulo.  
em São Paulo tivemos muitos problemas  
com a situação de moradia moramos em  
jardim olivário e também tivemos  
dificuldade com a situação do tempo  
comprometido um loteamento irregular  
e hoje estamos lutando para  
regularizar.  
Rua 2 nº 12. Jardim Marilda  
Santo Amaro São Paulo  
Marta dos Anjos Bardeiro Maciel

**Fonte:** *Vai Vem, Boletim das Migrações*, Ano 1, n. 4, março, 1982, p. 12.

A publicação das missivas nos primeiros números do *Boletim Vai Vem* permitiu aos/às migrantes pontuar suas histórias de migrações sem a intervenção dos editores, embora saibamos que eles escolhiam tais cartas conforme a temática central

abordada pelo número do periódico. Em cada edição tinha-se um tema norteador das matérias, o qual era escolhido em reuniões com todos da equipe.

Mesmo conscientes disso, acreditamos que as narrativas se dispunham conforme os olhares dos/as remetentes – na íntegra, sem cortes. Nem mesmo as rasuras, as dificuldades na escrita ou os erros de grafia<sup>92</sup> eram obstáculos suficientes para que os sujeitos imprimissem seus *jeitos*, seus *pedaços de mundos* vivenciados pelas migrações. “Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada” (MALATIAN, 2009, p. 197).

Grande parcela das cartas que assinalamos como de *caráter privado* (doze no total) – as quais não tinham intencionalidade de publicação, eram enviadas entre quem *partiu* e quem *ficou*. As missivas de *caráter privado* são escritas por mulheres<sup>93</sup> (com exceção de três epístolas assinadas *coletivamente* e que foram direcionadas como *carta aberta* ao periódico). Como sugerido pelo pesquisador Marcos Antônio Moraes (2005, p. 13), “precisamos da nossa atenção constante, porque a carta traz sempre a verdade do indivíduo, em determinado momento, diante de um destinatário específico”.

No que tange a seus conteúdos, não é fácil esquematizá-los, mas podemos destacar: desejo de enviar notícias, saudade dos familiares, pedido de ajuda financeira, nascimento dos filhos, luta pela moradia e pela saúde, luta dos posseiros, ilusão em morar na cidade, dificuldade de emprego para homens e para mulheres, *precariedade de trabalho*, desejo de retornar, lembrança dos familiares, despedida, saúde debilitada, pedido para que cuidem das crianças, frustração de suas migrações, falecimento de familiares, testemunho cristão, trabalho pastoral na comunidade, organização popular, abertura das fronteiras, esperança em Deus, terra em desuso, civismo e patriotismo, lei de terras, desapropriação de terras e resistência.

As cartas ocultam e revelam os segredos mais íntimos dos nossos narradores e das nossas narradoras. No entanto, a escrita de uma missiva, na qual pressupõem alguns

---

<sup>92</sup> Federico Croci (2008, p. 21) chama atenção para as práticas de escrita da classe subalterna (o binômio emigrante-analfabeto): “Assim, identifica-se uma linha de continuidade que atravessa os séculos, que representou uma produção surda e informal de comunicação escrita, e se desenvolveu em uma espécie de zona cinzenta, na fronteira entre oralidade e escrita, ou melhor, entre cultura oral e cultura escrita, cujos autores são homens e mulheres das classes subalternas que empunharam a pena mesmo sem dominá-la completamente e exercitaram – na maior parte dos casos, inconscientemente – o próprio *direito da escrita* desafiando uma sociedade que fazia do privilégio e da exclusividade desse direito um elemento discriminante para a exclusão” [grifos no original].

<sup>93</sup> Devido a essa característica, analisaremos essas narrativas com mais propriedade no segundo tópico do terceiro capítulo do trabalho.

códigos sobre os tons de cada gênero epistolar em consonância com o seu destinatário, reflete *o encontro mais intenso dos sujeitos com ele mesmo*. “Neste sentido, é que os estudiosos do gênero epistolar afirmam que a carta sempre conserva o *traço anímico* (da alma), ou seja, o talhe simbólico do outro” (MORAES, 2005, p. 15) [grifos nossos]. Ou, como afirma Ademir Pacelli Ferreira (1999, p. 86), “pela atividade da escrita, a carta transporta o sujeito para o centro da palavra conectada com o outro, onde ele passa a circular no fio que o ata ao destinatário”.

Os conteúdos das cartas desnudam as representações e as atitudes dos sujeitos sobre si e sobre *os mundos das migrações* onde se movimentam e onde são colocados em movimento. As trocas de cartas entre familiares e amigos demonstram, em um primeiro plano, a necessidade de *romper distâncias* em decorrência das migrações; e, em segundo lugar, o saber do outro – se sua *migração deu certo* ou se seus parentes e conhecidos estão todos bem –, que se entrelaça com as dificuldades encontradas no vai e vem de suas travessias. O ato de escrever e de narrar suas trajetórias se insere em uma “função nutridora dos laços intersubjetivos” (PACELLI FERREIRA, 1999, p. 85). Ademais, *quem ficou* relata os problemas encontrados na terra natal, sobretudo financeiros. As simples folhas arrancadas do caderno evidenciam o *status social* de nosso remetente, bem como suas relações cotidianas e suas *redes epistolares* com *o de lá e o de cá*; entre ir e vir.

Tanto as missivas de cunho *privado* quanto as de cunho *público*, as quais tinham intencionalidade de publicação, poderiam ser seguidas de um comentário ou resposta da equipe da redação do *Boletim Vai Vem*. No entanto, essa prática não era casual. Observam-se exemplos muito específicos em que os questionamentos do remetente são respondidos pelo periódico, como este: “Agradecemos as informações enviadas e, sem dúvidas, precisamos unir forças para encontrar um jeito eficaz para trabalhar a problemática da migração, que atinge a fundo, milhares de famílias e de jovens”<sup>94</sup>. Outro exemplo seria quando alguma epístola necessitava de esclarecimento, como podemos observar, neste mesmo número, o comentário do Padre Mário Jeremia:

O filho João não pode socorrer a mãe por sua situação financeira precária e a filha Maria, profundamente inconformada por não chegar a tempo de ver a mãe viva e ajuda-la partiu com nossa ajuda no dia 28/02/90 para buscar seus dois filhos que estavam sob os cuidados da mãe devido da impossibilidade de trazê-los consigo para São Paulo. A mãe faleceu no dia 10/02 e a filha Maria

---

<sup>94</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 10.

está de retorno com sua maior riqueza; seus dois filhos (*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 10).

As narrativas, as assinaturas, as rasuras e os detalhes também evidenciam os tons que os escritores querem inserir em suas *experiências migratórias*. Embora os títulos das missivas sejam os primeiros indícios de como os remetentes querem aludir a suas histórias, sua localização na carta (sempre centralizado, com letras maiores, no início da narrativa), exerce também um papel de atribuir sentido aos leitores.

De uma forma geral, os títulos das cartas de *caráter privado* são os seguintes: *Prezado amigo Manoel – Saudações, Solidariedade na luta, Meu querido irmão Duarte, Ao longe meu abraço, Saudações, Querido e lembrado povo de nossa comunidade, e Queria tirar São Paulo da Minha Mente*.

Quanto às cartas de *caráter público*, encontramos os títulos seguintes: *Saudações, Caros Diretores, Caríssimos Amigos, Queridos companheiros, Aos amigos do SPM, Serviço Pastoral dos Migrantes, Prezada equipe do SPM, Querido amigos e amigas do SPM, Prezados amigos, Estimados Señores, Companheiro do Boletim das migrações, [...] Longe da família, dói, Señores, Caros amigos, um forte abraço!, Seca, água e migração, Olá companheiros(as) da Pastoral do Migrantes, Queridos amigos do Vai-Vem, Caros amigos e companheiro o nosso abraço!, Estimado povo do Centro de Migração, Srs. Do Centro de Estudos Migratório, Prezados Senhores, Prezados irmãos, saudações em cristo, Olá, pessoal, Por que existe a favela, De mi especial consideración y fraternidad, Porque o desemprego é necessário, Passa fome a gente aqui e a família lá, A fé, esperança que vence qualquer parada, Aqui tá nossa história, A vida da mulher trabalhadora, boia-fria, Governo nenhum vai dar terra, O problema da Moradia, O esposo continua indo para São Paulo e O lavrador e a Mecanização*.

Outro ponto pertinente a ser salientado refere-se às cartas que não eram intitulasdas pelos remetentes. O *Boletim Vai Vem* as anunciava conforme o Estado de origem, o mês e o ano de seu envio, por exemplo: São Paulo, Julho de 1988; Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1988, Queixada, CE 10 de Janeiro de 1990, e assim por diante. Elas poderiam ser indicadas também segundo o assunto norteador da narrativa, o qual deveria estar em consonância com a temática principal do número publicado. Assim sendo, os títulos eram: *Nova conquista; Secretariado Nacional de Pastoral Social – Bolívia; Pastoral dos Migrantes no Norte do Paraná; Corpus Christi – Paraguai, Carta aberta às autoridades e ao povo; Povo que luta defende a vida; Advogados e capangas*

*dos fazendeiros promovem tiroteio e tortura psicológica nos acampados na fazenda Santo Antônio em Ipirá-BA; Carta de um migrante no Acre; Carta dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, ao presidente Lula; Cortador de cana; Nunca mais migração; Macarrão Caseiro; Migrantes de Cortiço escrevem ao Bispo; O drama das migrações na Diocese; Mineiros se revoltam em São Paulo; Os sem teto na ilha da magia; Luta do migrante pela moradia; A História de um acampamento no Ibirapuera; Índios: a luta pela reconquista da terra; Migrante Paraguaio; Os que lutam pela justiça e Mas a realidade.* Cabe salientar que algumas cartas não são assinadas.

Os títulos dados nas epístolas escritas pelos/as migrantes, assim como os dados pelos membros da equipe do periódico, são vestígios riquíssimos para a nossa análise histórica. Por meio deles, intensifica-se a mensagem epistolar que se deseja transmitir e como quer que seja sentida pelo destinatário. Eles são, ainda, possibilidade de chamar a atenção dos leitores para histórias de alegrias, sonhos, utopias, *encontros, desencontros*, tristezas, frustrações, contradições, conformismo e re-existências.

Os títulos das missivas de *cunho privado* ou de *cunho público* e aqueles criados pela equipe da redação do periódico possuem semelhanças e diferenças. Nas cartas trocadas entre familiares e amigos, os títulos refletem as relações cotidianas, o que evidencia que, para os sujeitos migrantes, as epístolas têm outras conotações, como a de manter inalterado aquilo que a migração havia irremediavelmente interrompido ou modificado. Diferentemente dos títulos dos leitores do *Boletim Vai Vem*, os quais evidenciam, por meio de cumprimentos formais (*saudações; prezados SPM; Olá, pessoal*), a identificação com o outro, ao chamá-lo de companheiros, amigos, colegas, e, fundamentalmente, pelo uso da palavra *luta*, o que demonstra que remetentes e destinatários se solidarizam e caminham no mesmo ideal de vida e de sociedade, mesmo sem se conhecerem pessoalmente e sem estarem próximo no âmbito espacial.

Registramos, então, que as cartas que foram pensadas, formuladas e escritas para publicação no *Boletim Vai Vem* fogem ao estilo das cartas de cunho privado<sup>95</sup>. Estas não querem somente romper distâncias ou serem lidas, sentidas, respondidas e depois guardadas na gaveta, “num fundo de armário, na posta-restante milênios e

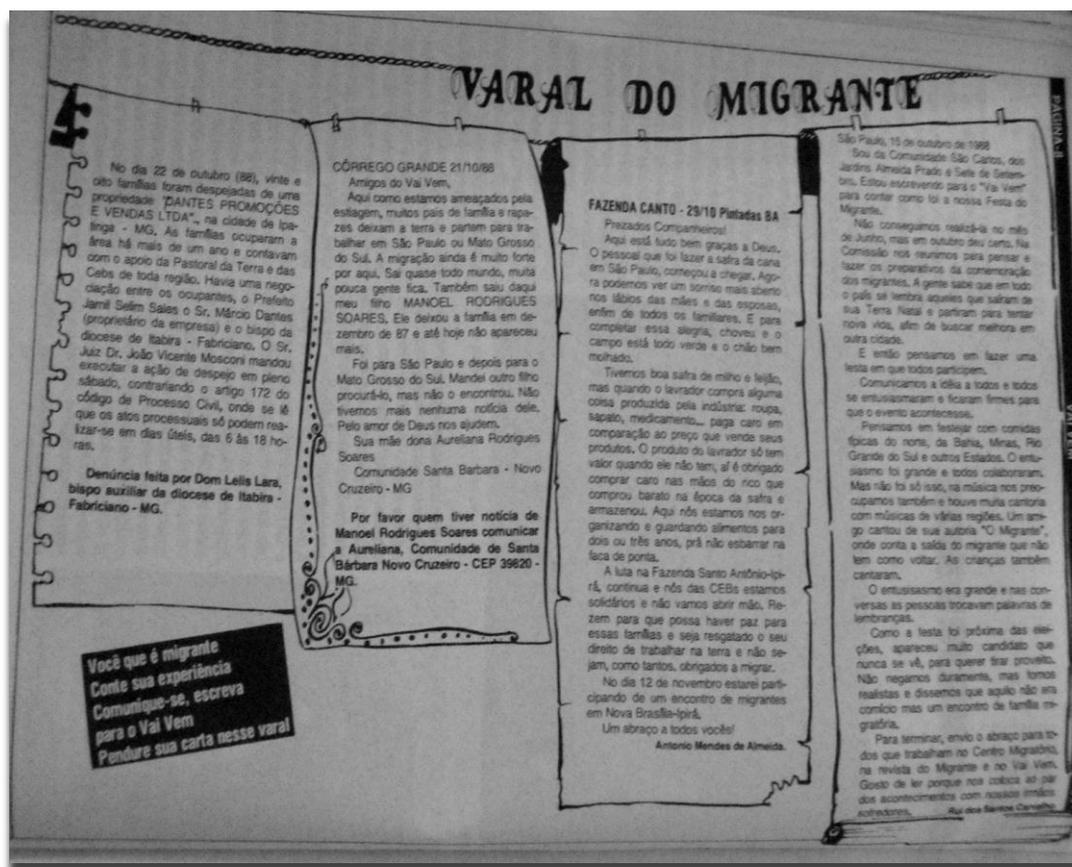
---

<sup>95</sup> “A carta que vai e vem trocando afetos, apreensões e sensibilidades circula no espaço intermediário entre o eu e o outro, outro que se quer íntimo do eu. [...] Serve, assim, para estabelecer uma relação de intimidade e de cumplicidade, oferecendo um certo encanto e fascínio pelo exercício da interioridade endereçada e trocada com o outro (PACELLI FERREIRA, 1999, p. 87).

milênios no ar”<sup>96</sup>. Querem mais! Muito mais! Recusam os silêncios e escolhem o *barulho do espetáculo*, os múltiplos olhares, as várias vozes e as infinitas interpretações, ao serem postas no periódico, como anuncia o migrante Ildeu dos Santos: “Por meio destas linhas venho dizer ao Brasil e ao mundo a vida do migrante de um modo geral [...]”<sup>97</sup>. Nota-se uma mistura de sentimentos que invade a escrita do remetente à medida que se imagina que seus destinatários são também migrantes. Uma linguagem específica de vivências sobre *os mundos das migrações* entrelaçadas com o desejo de sensibilizar os demais leitores sobre os problemas que as migrações abarcam, tanto na sociedade de origem como na de destino. Assim, a crítica social, política e econômica perpassa intensamente essas narrativas.

Na *imagem 14 e 15*, podemos ver como as referidas cartas estavam organizadas no *Boletim Vai Vem*.

**Imagem 14:** Amostra da organização das cartas – *Varal do Migrante*



**Fonte:** *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 8, n. 38, setembro-outubro, 1989, p. 10.

<sup>96</sup> Trecho da música *Futuros amantes*, composta pelo cantor Chico Buarque. Localização: <<https://www.youtube.com/watch?v=mCRXqukn688>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>97</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 27, outubro-novembro, 1987, p. 9.

Imagem 15: Amostra da organização das cartas

PÁGINA - 10 VAI-VER JUNHO/JULHO - 88

**...“GOVERNO NENHUM VAI DÁ TERRA...”**  
(Teixeira Soares, 22 de março de 1988 - PR)

Companheiros, venho através desta trazer-lhes um relato da nossa luta em nosso município e em nossa região sul do Paraná.

Conto a luta que tivemos e temos para a conquista da terra. Nossa região é formada por 85% da população sem-terra, migrantes e arrendatários. Hoje conseguimos com nossa luta conquistar um pedaço de terra, ou melhor, ocupamos um latifúndio improdutivo no município de Teixeira Soares e depois de cinco meses debaixo de uma barraca conquistamos nossa terra, que servirá de sustento para nós e para nossos filhos. Mas existem milhares de famílias que igual a nós ficaram em suas comunidades a espera de um pedaço de terra. Só que para conseguir um pedaço de terra não dá para ficar de braços cruzados, porque governo nenhum vai dá terra. A única maneira de se ter um pedaço de terra é se organizar e lutar para conquistá-la. Por isso peço a todos os companheiros do Brasil que lutem por um pedaço de terra, pois só assim poderemos ter uma vida melhor e ao mesmo tempo acabaremos com o latifúndio improdutivo.

José A. Morfili

\*\*\*

**São Paulo; 06 de Maio de 1988**

Estou escrevendo para dizer o quanto é importante o boletim Vai Vem nos nossos trabalhos.

Faço parte da Pastoral de favelas e usamos o boletim como fonte de informação. reunimos todas as notícias importantes para fazer nossas reuniões. Questionamos os problemas que existem nos interiores ligados ao migrante. É importante porque chega

ao conhecimento dos migrantes os problemas que estão passando.

Abraços da companheira

Lurdes Bianchini Reginato

\*\*\*

**Porto Alegre, 22 de fevereiro de 1988**

Vai Vem, é um valioso informativo de muita influência em nosso meio. Caloca-nos em contato com a realidade dos migrantes que são aos milhares por este país e pelo mundo todo. Este informativo suscita interesse pela leitura, debate e solidariedade com aqueles que vivem na condição de peregrinos. Agradecemos toda a atenção em nos remeter os exemplares com assiduidade.

Atenciosamente

Luisa Dal Moro

\*\*\*

**COMUNIDADE SETÚBAL - ARACUÍ - MG**

Aqui em nossa Comunidade de um fazendeiro (Cenivaldo) matou a tiros e facadas um trabalhador (João Duta). Esse fazendeiro foi um grande seguidor dos pequenos e até agora nada aconteceu com ele. Hoje é um dos grandes fazendeiros porque tomou parte das terras dos pequenos trabalhadores. Nossa comunidade reza para que a justiça divina reine sobre a terra.

A comunidade

\*\*\*

**VALE DO JEQUITINHONHA (Berilo - MG)**

...Faz dois anos que não colhemos quase nada...

Estamos vivendo uma situação de calamidade em nosso sofrido Vale do Jequitinhonha. Faz dois anos que não colhemos quase nada, por causa da terrível seca que atinge nossa região e até hoje nada foi feito para o combate a seca. Estão falando da criação do PADVALE, mas isto não vem beneficiar famílias da região.

Aqui na nossa comunidade nessa época do ano não se encontra quase nenhum homem a não ser os mais velhos e doentes, que já não podem mais com o serviço pesado. Todos partiram em busca de algumas migalhas para não verem os filhos e esposas morrerem de fome.

A única esperança que temos é na nova Constituição, esperamos que sejam feitas leis para beneficiar a classe menos favorecida e isso só acontecerá se a renda do nosso país for distribuída para que não haja tanta desigualdade, quando os ricos não sabem o que possuem e a maioria não pode nem se alimentar.

A comunidade agradece

Luiz Pereira dos Santos

\*\*\*

**SOLIDARIEDADE NA LUTA**

Acabo de endereçar minha carta de apoio ao Comitê Permanente pela Defesa dos Direitos Humanos da Colômbia.

Os dizeres foram praticamente os mesmos lançados nesta revista, por isso não mando cópia.

Achei bellissima a iniciativa de vocês!

São Gotardo, 15 de abril de 1988

Márcia Ney Pessoa.

Vários leitores do Vai Vem manifestaram o seu apoio ao Comitê Permanente pela Defesa dos Direitos Humanos da Colômbia.

A todos agradecemos e esperamos que continuem com esse espírito de solidariedade às lutas do povo latinoamericano.

Fonte: Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 7, n. 31, junho-julho, 1988, p. 10.

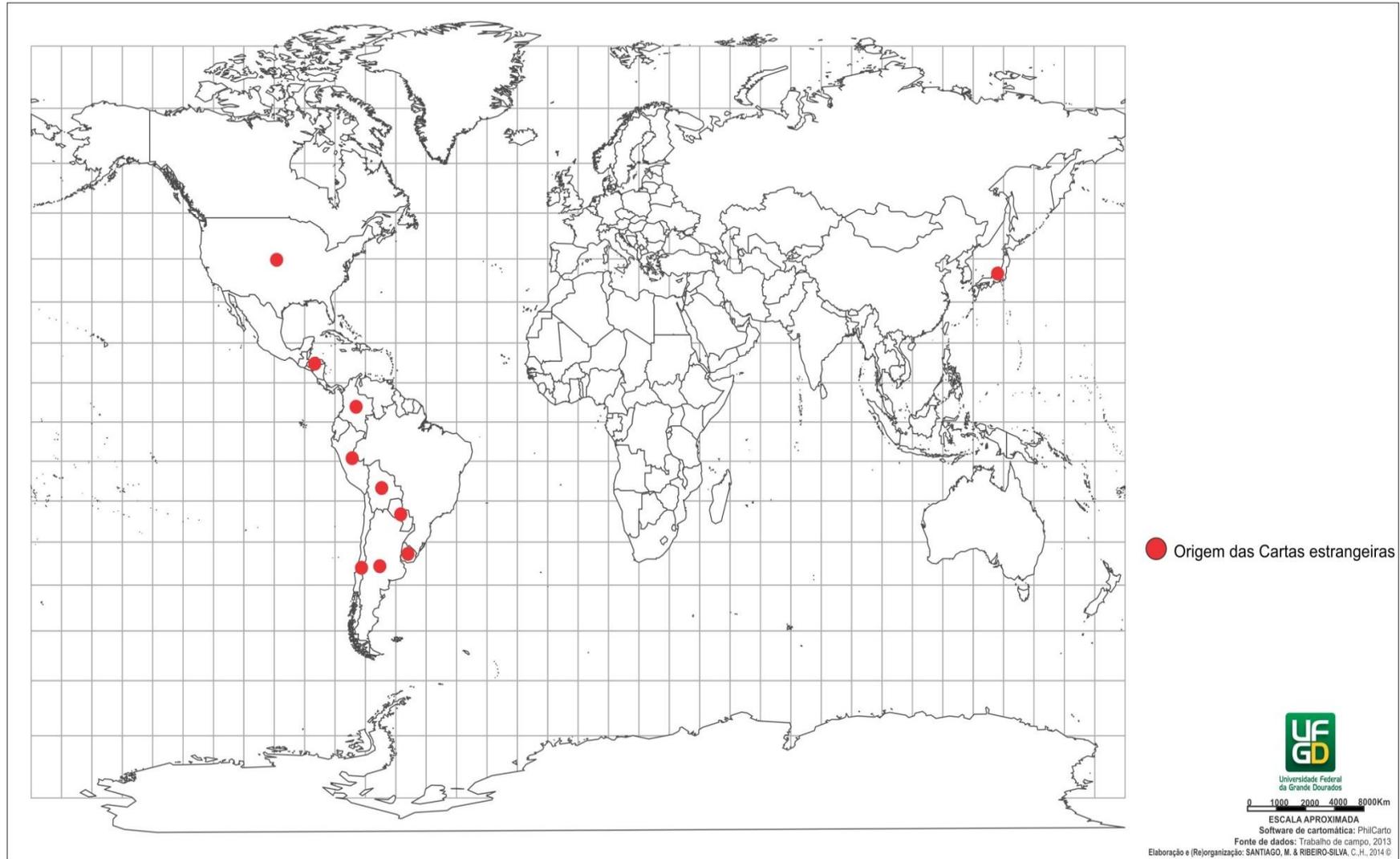
Chama atenção o simbolismo da coluna intitulada *O Varal dos Migrantes*. As histórias dos/as migrantes parecem penduradas ao vento, expostas *ao sol, como roupas a enxugar cada gota d'água. Podemos fazer alusão às águas como se fossem suores do dia-a-dia pela sobrevivência da vida, entre o vai e vem das travessias, ou ainda, lágrimas/lamento motivadas pela saudade. A busca do amanhã, no horizonte do novo devir.*

Da pluralidade de experiências narradas nas missivas, podemos observar as regiões das quais foram as cartas enviadas: localidades de estados brasileiros e localidades de outros países. Nos mapas a seguir, intitulados *origem das cartas brasileiras* e *origem das cartas estrangeiras* analisamos, esses dados com mais precisão:

**Mapa 1: Origem das cartas brasileiras**



Mapa 2: Origem das cartas estrangeiras



Cumpramos ressaltarmos que as missivas eram enviadas de várias regiões do Brasil e do mundo, com destaque para países da América Latina, devido às *redes de contatos* com as entidades religiosas e sociais entre os países sul-americanos. A pluralidade das localidades demonstra, em um primeiro plano, a diversidade das migrações aqui estudadas, e, em segundo, a tamanha visibilidade do *Boletim Vai Vem* em nível nacional e internacional.

No mapa intitulado *origem das cartas brasileiras*, observamos que apenas os estados do Acre, Amapá, Tocantins, Rio de Janeiro e Espírito Santo não foram assinalados com envio de narrativas epistolares. Mas isso não significa que os/as migrantes não tenham descrito esses estados em suas rotas migratórias. Outro aspecto interessante a pontuar é o relativo à concentração de envio das missivas nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Já no mapa sobre as origens das cartas estrangeiras, constatamos que os países da América Latina protagonizam um volume maior em relação às demais Américas. Essas epístolas são, em sua maioria, de brasileiros que residem no exterior por condições de trabalho/missão pastoral ou, *simplesmente*, de migrantes que se lançaram no *fazer-se da travessia*.

Contudo, as cartas criam *redes de solidariedades, contatos e sociabilidades* (COGO, 2004, p. 8) entre migrantes, sujeitos das pastorais envolvidos com os movimentos sociais e, conseqüentemente, entre as demais organizações populares. Logo, a pretensão das escritas e das leituras das narrativas epistolares possibilita múltiplas interpretações: ao narrarem suas histórias, os remetentes incentivam os/as migrantes a manterem-se na luta, a participarem das organizações sociais. Do mesmo modo, a escrita e a leitura eram consideradas um canal de redes de comunicação, de desabafos, sendo vistas também como uma forma de desafogar a saudade e buscar ajuda, indicando um possível elo entre lugares e pessoas distantes, aproximando-as, fazendo, assim, com que migrassem, transpondo lugares e, ao mesmo tempo, permanecessem no lugar em que se encontravam. Um elo da memória que aproxima e distância tempos distintos e transforma *espaços ausentes* em *presentes* e *presentes* em *ausentes*.

Migrantes que lançam luz, novos sentidos, novos elementos às experiências de seu cotidiano. A saber, que “o cotidiano não pode ser pensado como um lugar místico onde, em sua pureza, os pobres se apresentam como são, libertos de ideologias estranhas. Melhor vê-lo em sua ambigüidade de ‘conformismo e resistência’, expresso na ‘consciência fragmentada’ da cultura popular” (SADER, 1988, p. 41-85). Não obstante, podemos acrescentar ao debate,

as formulações feitas pelo pesquisador José de Souza Martins (2008, p. 95). Para este pesquisador o cotidiano deve ser entendido para além do âmbito do vivido, pois “é nas tensões do vivido que tem lugar o encontro/desencontro da vida cotidiana com a vida privada, e da vida cotidiana com a História”.

Contudo, cumpre destacarmos que a caracterização dos conteúdos das epístolas foi essencial para apreendermos as intencionalidades dos sujeitos migrantes e, principalmente, os sentidos atribuídos às suas migrações. Essa primeira e necessária análise nos levou a estudar os tipos de migrações que se sobressaíam entre as missivas.

## 2.2 O movimento das *migrações internas* a partir das experiências relatadas nas cartas publicadas

Neste subitem pretendemos discutir as *migrações internas* no Brasil, por meio das experiências narradas nas missivas publicadas no *Boletim Vai Vem* entre os anos de 1981 e 1997. Mais do que tecer um panorama geral dos fluxos migratórios do período, intentamos compreender os desafios e os horizontes dos movimentos migratórios na vida dos que os fazem movimentos pelas *linhas* de suas travessias.

Entendemos que a leitura *macro* das migrações deve estar entrelaçada com os dilemas do dia a dia dos/as migrantes, para além dos dados estatísticos e das formulações meramente teóricas que permeiam a grande parcela dos estudos migratórios. Ao negligenciar as experiências entre resistências e conformismos<sup>98</sup> das histórias, estamos perdendo os elementos que compõem a complexidade dos *mundos das migrações*.

Nesta perspectiva, o período de 1980 e 1990 não foi marcado somente pelas rupturas entre *velhos fluxos migratórios* e *novos fluxos migratórios*, como apontam as literaturas sobre o assunto, mas, sobretudo, pelas continuidades que são essencialmente históricas. Em outras palavras, o perfil das *migrações internas* está relacionado aos chamados *velhos fluxos migratórios* ao fazer alusão ao contexto das *fronteiras agrícolas* no Brasil, dos fluxos intensos para a região metropolitana de São Paulo, das propagandas de fomento, do Estado brasileiro, às migrações e do chamado *êxodo rural*. Porém, ao mesmo tempo, as experiências destacadas pelos/as migrantes já anunciam o vai e vem com *outros rostos*, outras motivações e outras características das migrações.

---

<sup>98</sup> Em aproximação com Marilena Chauí (1986, p. 20).

O pesquisador Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira (2011, p. 2), em seu artigo intitulado *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*, aponta a década de 1980 como um período de transformações, o qual rompe com o processo bipolar da distribuição espacial no Brasil, e faz surgir, assim, novos eixos de deslocamentos, como podemos observar a seguir nos argumentos do autor:

i) a inversão nas correntes principais nos Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; ii) a redução da atratividade migratória exercida pelo Estado de São Paulo; iii) o aumento de retenção de população na Região Nordeste; iv) os novos eixos de deslocamentos populacionais em direção às cidades médias no interior do País; v) o aumento da importância dos deslocamentos pendulares; vi) o esgotamento da expansão da fronteira agrícola; e vii) a migração de retorno para o Paraná.

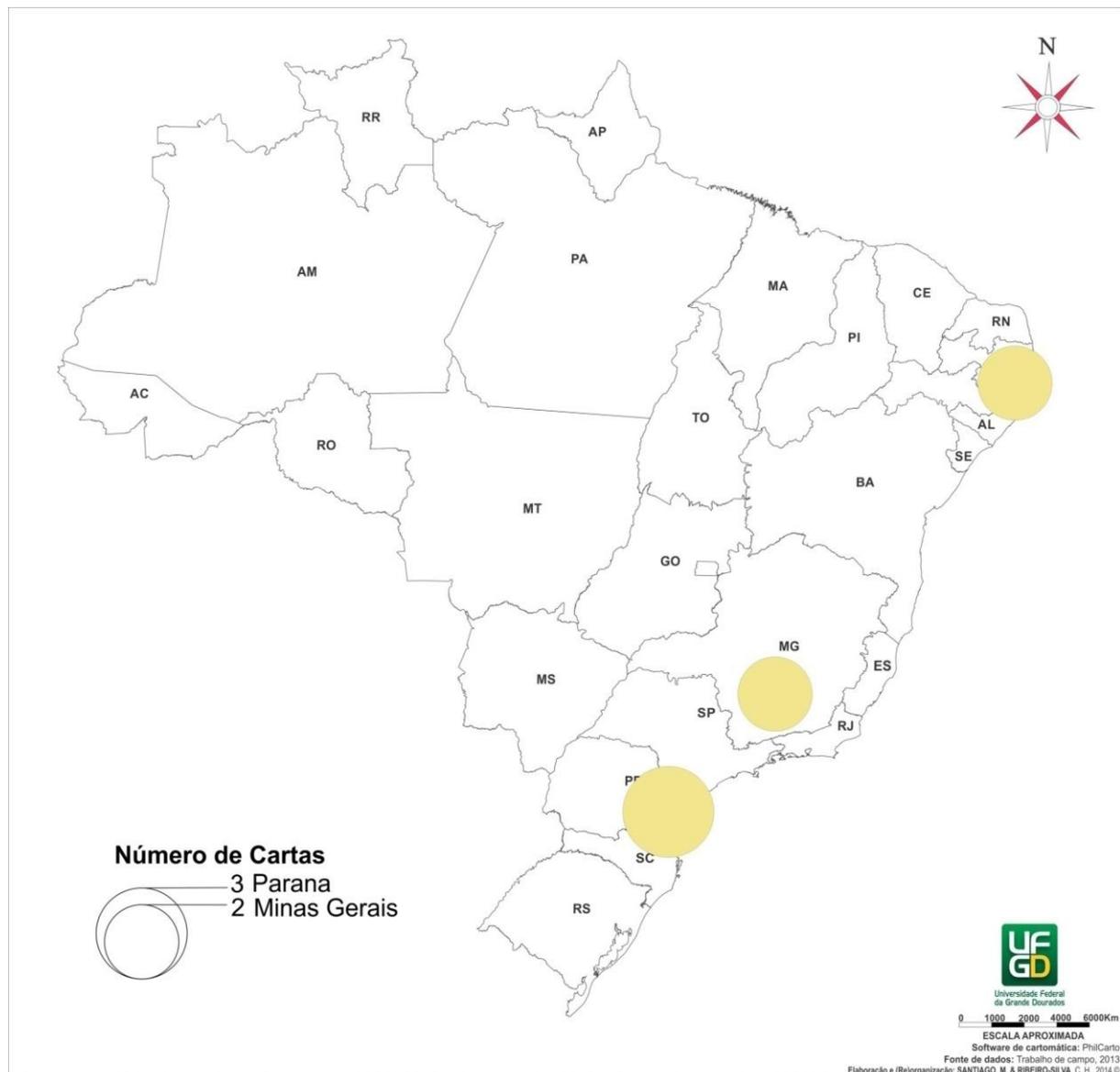
É importante compreender os apontamentos feitos pelo pesquisador Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira. Todavia, o trabalho empírico com as fontes desnudou outras tendências relacionadas às migrações, ou melhor, apresentou a transição entre *velhos* e *novos* movimentos migratórios, evidenciando, assim, o dinamismo entre as *experiências migratórias* que são únicas de cada sujeito e, ao mesmo tempo, podem ser consideradas coletivas, tendo em vista o sentimento de pertencimento a um determinado grupo. “Seu exercício tem um efeito para a própria coletividade que, através do exercício desta escrita lançada ao outro, ativa e inscreve seus traços, criando assim uma memória coletiva” (PACELLI FERREIRA, 1999, p. 87).

Cumprir registrar os sentidos de *migrações internas* no estudo, que podem ser entendidas pela mobilidade espacial dos sujeitos em território nacional, no caso o Brasil. O deslocamento de homens e mulheres de sua sociedade de origem para outros lugares, sejam cidades ou Estados, é chamado de *migração interna*. Esta, por sua vez, pode ser caracterizada por outras noções, como *migrações intra-regionais* (no interior de mesma região) e *inter-regionais* (de uma região para outra). E, ainda, *migrações rural-urbano*, *migrações urbano-rural* e *migrações rural-rural*. Neste sentido, o pesquisador Itamar Souza sintetiza (1978, p. 48):

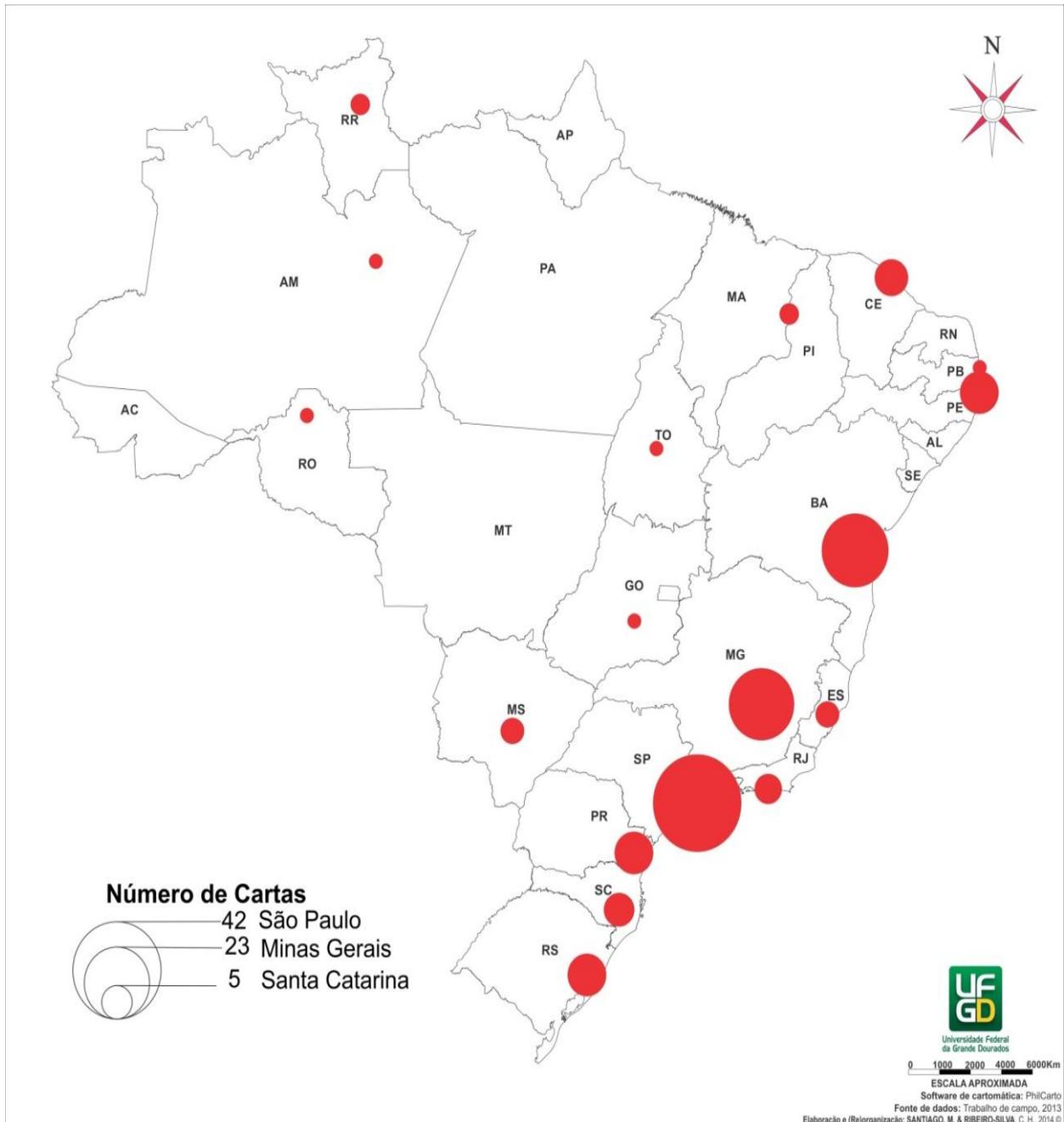
Migração interna é um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país que provocam o deslocamento de grupos sociais, pertencentes às diversas classes sociais, os quais, por motivos diversos, deixam o seu município de origem e vão fixar residência noutra.

Para prosseguirmos com o debate, a seguir temos dois mapas nominados, respectivamente, *Estado de origem* e *Estado de destino*. Os dados que compuseram os mapas são as localidades das migrações assinaladas pelos/as migrantes em suas missivas. De um total de 163 cartas analisadas, em apenas 20 delas pudemos observar a dinâmica das *migrações internas*. Isso porque levamos em consideração as narrativas que destacavam tais origens e destinos de suas migrações e não necessariamente as localidades assinadas nas cartas pelos seus remetentes, haja vista que as intencionalidades e os conteúdos delas são plurais.

**Mapa 3: Estados de origem**



**Mapa 4: Estados de destino**



No mapa intitulado *Estados de destino*, São Paulo, Minas Gerais e Bahia aparecem com maior proporção como local de destino dos/as migrantes. Já Mato Grosso, Acre, Amapá, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe não aparecem como sociedade de destino. Por outro lado, no mapa denominado *Estados de origem*, Paraná, Pernambuco e Minas Gerais aparecem como lugares onde os/as migrantes mais se deslocaram.

Não causa estranheza a quantidade de migrantes que se direcionaram a São Paulo ou que tiveram a metrópole como rota migratória, uma vez que, na década de 1970, os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro eram considerados polos principais das *migrações internas*. Nesse período, o Brasil teve um aumento populacional de 25 milhões de pessoas, dos quais sete milhões – ou seja, 28% do total do país – se encontravam em São Paulo. Todavia, houve pessoas migrando de São Paulo para outras regiões, mesmo que em pequena quantidade.

Compondo esse cenário<sup>99</sup>, o Nordeste, com os Estados da Paraíba e de Pernambuco, protagonizou os deslocamentos para a região Sudeste do Brasil. Entretanto, a partir da década de 1980, o Estado da Bahia aparece como receptor dos/as migrantes devido às *migrações de retorno*<sup>100</sup>. Não obstante, Minas Gerais é apontado tanto como local de origem quanto de destino, este última pelos efeitos das *migrações de retorno* e pelo movimento *rural-urbano*.

Ainda analisando os mapas, chamamos atenção para o Estado do Paraná, no qual se registram fluxos migratórios do campo em direção à cidade e uma dinâmica inter-regional em virtude das chamadas *fronteiras agrícola*. Em um primeiro olhar, o termo *fronteiras agrícolas* remete às terras demograficamente desocupadas, economicamente inexploradas. Sua posição geográfica, onde se faz necessária a presença de segurança nacional, é outra característica. Segundo os autores Luiz Bassegio e Francinete Perdigão (1992, p. 149), a *fronteira agrícola* se caracteriza também “pela ocupação e incorporação de novas terras, por pequenos agricultores oriundos de regiões onde era impossível obter a posse de um pequeno lote para manter a sobrevivência de um vazio demográfico”. Havia então, um *discurso contraditório* pautado, por um lado, na função social e, por outro, na expansão do capital.

Guardadas as devidas especificidades dos contextos históricos, os deslocamentos internos, marcados pela propaganda do Estado brasileiro, às ditas terras *vazias* ou *desocupadas* fazem parte de um processo de colonização que emerge desde a

---

<sup>99</sup> Notamos uma literatura extensa sobre os fluxos migratórios dos Estados citados e, ainda mais, sobre as *migrações internas* no Brasil. Numa ótica nacional, contudo, deixamos ao leitor algumas referências que consideramos pertinentes ao assunto: RIBEIRO, J. T. L. *Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991*. Tese de doutorado em Demografia. Belo Horizonte: Cedeplar / UFMG, 1997; SINGER, P. *Migrações internas: considerações teóricas sobre o estudo*. In: Economia política da urbanização. São Paulo: Brasilense/CEBRAP, 1979; MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986; MOURO, Hélio A. *Migração interna; textos selecionados*. Fortaleza : BNB, 1980; COSTA, Manoel Augusto. *Migrações interestaduais no Brasil, 1950/80*. Rio de Janeiro: IPEA, 1988.

<sup>100</sup> No próximo capítulo, propomos uma reflexão mais aprofundada sobre esta modalidade migratória.

década 1930 com a política *Macha para Oeste* (para a Amazônia), do governo do presidente Getúlio Vargas<sup>101</sup>, e continua com as políticas do regime militar pós-1964 e sua incidência sobre a construção territorial das chamadas *fronteiras de agrícolas*. Esses condicionantes históricos e políticos nos ajudam refletir sobre as experiências dos narradores, ao destacar:

Aqui a realidade continua muito dura, os clamores do povo continuam. Agora já não saem do Egito, mas de Rondônia. A imagem que é projetada no sul a respeito de Rondônia não corresponde à realidade. [...] Aqui só tem dinheiro para comprar terra, influência e favores. A propaganda tem como objetivo esvaziar as tensões sociais do Brasil, causadas pelo desemprego, aumento do latifúndio, projetos, multinacionais. Rondônia, a terra da esperança, de engano e de morte<sup>102</sup>.

Podemos perceber a frustração desses migrantes ao chegarem a Rondônia. Ao mesmo tempo em que o Estado pode ser entendido por eles como *espaço de esperança*, se torna *espaço de engano* e de *morte*, ao verem seus projetos migratórios frustrados. Importa destacar a comparação de suas dificuldades com a peregrinação do povo do Egito. É uma alusão aos referenciais sagrados que demonstra, também, consciência política sobre os contextos que embasam o discurso de migração aos/as trabalhadores/as migrantes. O migrante prossegue sua carta dizendo:

Não é verdade que todos os que chegam recebem terra, que existem estradas bonitas. Que há escolas para todos, que o sistema de assistência à saúde é bom. Que a terra é das melhores, que os agricultores recebem orientação sobre o cultivo desta terra, que o preço dos produtos é justo, que os financiamentos são melhores que em outros cantos do país<sup>103</sup>.

A narrativa está repleta de frustração, denúncia e, principalmente, de alerta. A Rondônia projetada pelas propagandas não se condizia com a realidade. Ao chegar ao local de destino suas migrações ganham outras conotações, outras demandas, outras lutas.

Nos últimos 60 anos, as migrações para as *fronteiras agrícolas* foram uma das tendências das *migrações internas* no Brasil. Vários projetos de colonização *atraíram* os migrantes para essas áreas, entre os quais as construções de vias de acesso à região,

---

<sup>101</sup> “[...] a grande organização burocrática mostrou-se portadora de mais um novo e poderoso componente do poder – a máquina de propaganda” (LENHARO, 1986, p. 38).

<sup>102</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 5, n. 17, junho, 1985, p. 18.

<sup>103</sup> *Idem*.

como a Rodovia Belém-Brasília, a Transamazônica, a Cuiabá-Porto Velho. Após o fracasso do projeto transamazônico, o governo intensificou a migração para Rondônia. Só na década de 1970, o “Estado cresceu 15,8% ao ano, ao passo que o crescimento populacional de todo o território nacional não ultrapassa a taxa de 2,5% ao ano” (CEM, 1986, p. 67).

É importante registrar que as localidades assinaladas pelos/as os/as migrantes não são compreendidas somente pelo viés físico ou absoluto, mas, sobretudo, como *espaços vividos*, construídos por meio de suas relações sociais, culturais e religiosas. Neste sentido, concordamos com Henri Lefebvre (2006, p. 10) quando o pesquisador define três momentos na produção social do espaço: o *espaço concebido*, o *espaço vivido* e o *espaço percebido*. Nesta perspectiva, os espaços mudam conforme os modos de produção da sociedade, ou melhor, de acordo com as práticas sociais dos sujeitos. Ao relatar o *local de origem* e o *local de chegada* os/as migrantes remetem suas experiências (re)construídas no âmbito espacial não como espaço homogêneo, mas como espaços sociais que, de acordo com suas ações, mudam em uma multiplicidade indefinida. Espaços e tempos se misturam nos atos de recordar e narrar suas *experiências migratórias*.

Outra tendência nas *migrações internas* no Brasil, evidenciada nas narrativas dos/as migrantes, foi quanto às *migrações rural-urbano*, o chamado *êxodo rural*. Para a pesquisadora Leonara Corsini (2010, p. 531), a categoria *êxodo* deve ser pensada para além das vias *exit* (saída, fuga); esta “[...] é vista como resistência, e aponta positivamente para transformação e para a constituição de uma nova ordem política, econômica e social”. Em consonância com o posicionamento da autora, o *êxodo rural*, perpassa não somente tempos e espaços, mas inúmeras intencionalidades dos sujeitos e da sociedade que os cercam.

Contudo, como as fontes privilegiadas neste estudo são missivas que desnudam as trajetórias dos próprios remetentes e às vezes remetem aos deslocamentos coletivos, não utilizaremos aqui o entendimento de *êxodo rural*, apenas *migrações rural-urbano*. Em tempo, chamamos atenção para a necessidade de se entender o rural e o urbano não como dois polos dicotômicos, distantes e inseparáveis, mas pelas singularidades e complexidades que os compõem.

Dito isto, podemos analisar algumas das implicações que, segundo os/as migrantes, fizeram com que deixassem o campo em direção à cidade.

Eu nasci e fui criado em uma fazenda S. José de Balan, município de União de Palmares, mas o fazendeiro vendeu a fazenda para uma Usina, para plantação de cana e expulsou todos os moradores, soltando os gados nas plantações sem pagar nada a ninguém e ainda ameaçaram todos, então sai da fazenda e vim morar no Paraná na Agricultura mas com problemas dos maquinários acabaram com os trabalhadores braçais<sup>104</sup>.

Escrevo só para dar as nossas notícias aqui no nordeste. Companheiros, a situação aqui no nordeste não é nada boa. Povo sem terra, migrando a cada dia para os grandes centros e para as grandes plantações de cana de açúcar, iludidos com um salário de fome. Por exemplo, no sítio em que eu moro, de 40 famílias, 10 saíram a partir de janeiro, forçados pela falta de chuva, falta de terra para trabalhar e falta de emprego<sup>105</sup>.

Nós morávamos na ilha de Jacará ou Bandeirantes (Guaíra). Lá tínhamos terra, plantávamos arroz, feijão, milho, mamona, café! Tudo o que plantávamos produzia: nunca aconteceu de dizer que não deu nada. Mas por causa da ITAIPU tivemos que abandonar tudo, largavam as compostas da barragem e a água cobria toda a lavoura. Perdemos tudo: o suor de um ano inteiro de luta<sup>106</sup>.

Aos queridos migrantes como eu, que sofremos na vida ao deixar a terra que nascemos. Porque não tinha mais condições de viver, porque não tinha mais condições de viver, porque trabalhamos em terra dos patrões, que não deram valor ao nosso trabalho e só queriam para eles. Fomos para a terra do café, mas que desilusão porque essa a mesma coisa sempre explorando pelo patrão, que só queria para si o lucro. Casei e o meu esposo disse vamos para a cidade grande para tentar a nossa vida [...] <sup>107</sup>.

Por meio das narrativas, percebemos uma valorização da vivência no campo em oposição à cidade, uma ideia mergulhada em nostalgias da vida cotidiana e dos sentidos da terra. Neste caso, a terra é mais que *fonte* de sobrevivência, ela está relacionada com a própria vida dos narradores. Ao entender essa dimensão, compreenderemos *o tom* reivindicatório e frustrado dos/as migrantes ao verem suas plantações destruídas pelos patrões, pelas construções de usinas hidrelétricas ou mesmo pelas implicações climáticas. E, ainda, permite apreender declarações como: “eu nasci e fui criado [...]”; “sofremos na vida ao deixar a terra que nascemos”; “Perdemos tudo: o suor de um ano inteiro de luta”.

---

<sup>104</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 26, agosto-setembro, 1987, p. 10.

<sup>105</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 2, n. 5, junho, 1982, p. 07.

<sup>106</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 5, n. 21, abril-maio-junho, 1986, p. 16.

<sup>107</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 10.

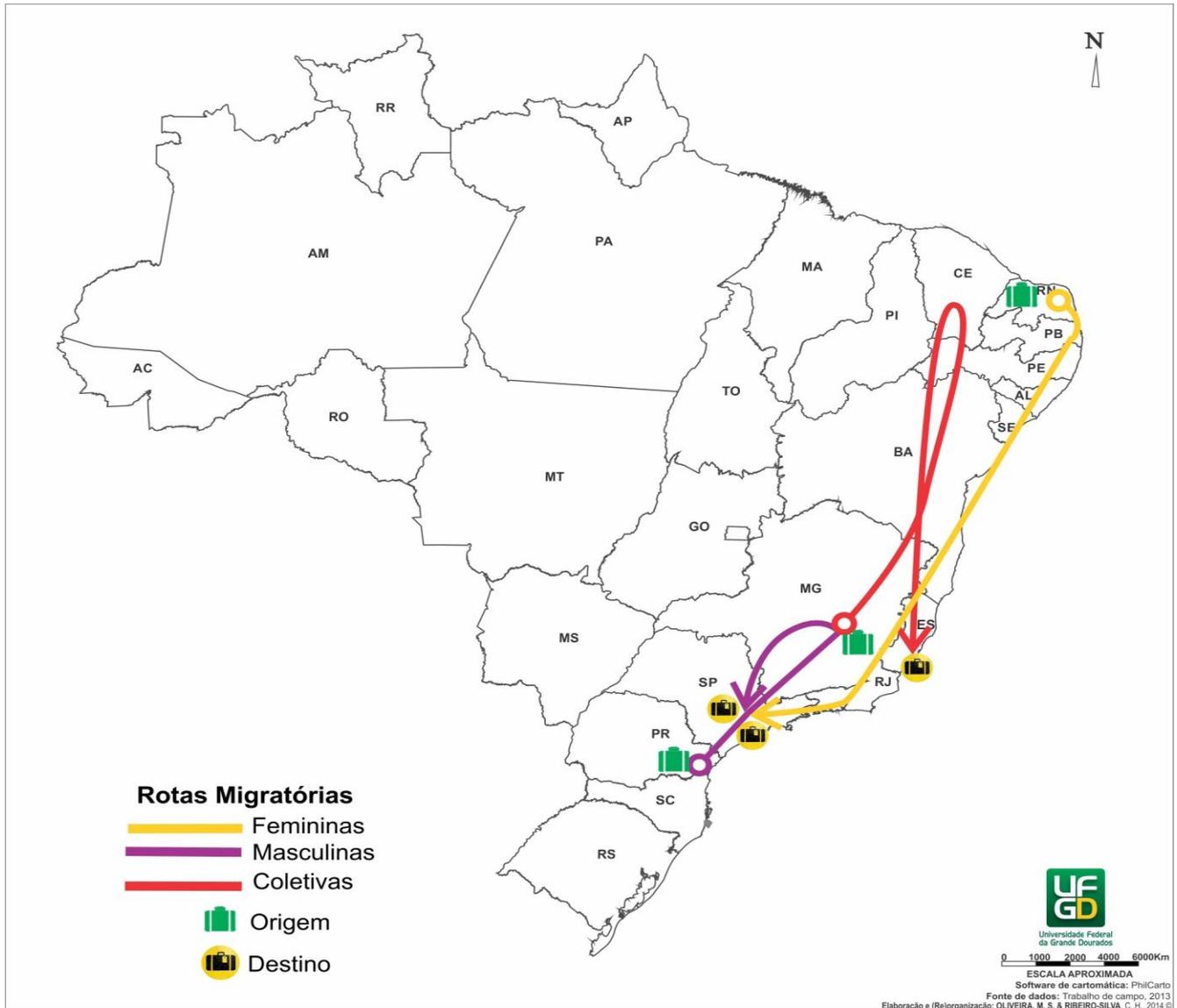
Além disso, a presença das máquinas no campo é vista com olhar negativo pelos/as migrantes, uma vez que se veem em um *campo de disputa* onde a mão de obra é substituída por elas. O mesmo se aplica à relação entre os/as migrantes e os patrões, na qual se percebe um nítido distanciamento entre os interesses. Esses pontos se inserem entre os motivos pelos quais os/as migrantes se deslocaram do campo para a cidade.

Diante do que foi refletido até o momento, podemos dizer que são inúmeras as tendências das *migrações internas* no Brasil. Portanto, mais que ruptura entre *velhos movimentos migratórios* e *novos movimentos migratórios*, de 1981 a 1997, observa-se a complexidade desses movimentos. As migrações não se inserem apenas entre *local de origem* e *local de destino*, *saída* e *chegada* ou, ainda, *encontros* e *despedidas*. São movimentos contínuos nas vidas dos sujeitos, os quais se encontram em constante vai e vem, seja nos espaços geográficos das migrações ou nos *espaços afetivos* dos sonhos, dos desejos, das esperanças. Por isso, para compreensão dos *mundos das migrações*, concordamos com o entendimento de *transitividade migratória* proposto pelo pesquisador Jones Dari Goettert (2009, p. 54):

Em síntese, adiantamos, a transitividade migratória é a dialética de tempos e espaços que são ‘portadores’ por toda ou todo migrante, que dificultam uma definição mais acurada sobre lugares de pertencimento e de não pertencimento daquela ou daquele que migra. A transitividade migratória, por isso, se constituiria como parte dos movimentos de subjetivação no interior de experiências migratórias.

Devido ao vai e vem constante representado nessas missivas, construímos o mapa denominado *Amostra de rotas migratórias*, composto de três *rotas migratórias*. A escolha destas se deu pelo fato de representarem as cartas masculinas, femininas e coletivas, conforme a divisão metodológica aplicada no trabalho.

Mapa 5: Amostra de rotas migratórias



A rota feminina é marcada pelos Estados de Roraima, Rio de Janeiro e São Paulo; a masculina, por Paraná, Minas Gerais e São Paulo; e, por último, mas não menos importante, as rotas migratórias de uma das cartas, assinada coletivamente, com Minas Gerais, Ceará e Espírito Santo. Essas rotas evidenciam as especificidades dos movimentos migratórios na vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, as relações e o entrecruzamento dos movimentos migratórios que deságuam em novas tendências, novos rostos e novas implicações aos *mundos das migrações*, tema que abordaremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### EPÍSTOLAS DE HOMENS E MULHERES MIGRANTES: *EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS*

*Experiência, experiências. Experiência plástica, atentando para os ‘sentidos inesgotáveis de uma práxis’; experiência perceptível, nos traços de singularidade; e experiência realizável, por uma realidade dada pela diversidade interpretativa que pode sustentar. Experiências no fazer-se sujeito que migra e no fazer-se sujeito que fica. Sujeitos do trabalho, da família, dos sonhos, das frustrações, dos retornos, dos constrangimentos, das tensões e da saudade. Dos que partem e dos que ficam. Dos sentidos inesgotáveis de uma práxis. Das singularidades e das interpretações do diverso.* (GOETTERT, 2008, p. 36) [grifos no original]

Neste capítulo, pretendemos discutir, por meio das análises das narrativas epistolares, os movimentos migratórios contemporâneos ocorridos no Brasil entre as décadas de 1981 e 1997. Homens e mulheres migrantes que experienciaram o vai e vem das migrações apresentam-se a nós em múltiplas facetas, as quais serão destacadas no decorrer do capítulo. Os dilemas do sair, do chegar, do ficar, do retornar dos/as migrantes – do viver entre a incompletude da travessia – tanto no cenário das e/migrações como nas *migrações internas* chamam atenção para a diversidade e as diferenças entre as modalidades nos estudos migratórios.

Discutiremos, ainda, as particularidades das missivas escritas pelas mulheres, no intuito de desvelar a dupla condição das mulheres migrantes, bem como as peculiaridades dessas migrações, que se desenrolam no tempo e no espaço, marcando profundamente as vidas destas mulheres.

Em um primeiro momento, o presente capítulo pode parecer audacioso à medida que se propõe a refletir a respeito dos conteúdos dessas narrativas, em outras palavras, dos dilemas que norteiam a vida dos/as migrantes. Por sua complexidade e sua diversidade conceitual, só esse material já permitiria pensar inúmeras abordagens de pesquisa. De toda forma, podemos dizer que, mesmo sem nos aprofundarmos muito nessa questão, este exercício é salutar, pois proporcionará um apreender da dinâmica das cartas dos leitores, suas intencionalidades e suas estratégias dentro do *Boletim Vai Vem* e da sociedade e, ainda, os sentidos de *migrações* para esses sujeitos.

### 3.1 A e/migração i/legal e a transposição de lugares: travessias no sair, no chegar e no ficar

Estudar migrações, por meio das narrativas dos/as migrantes, implica atentar para os horizontes, as dimensões e as implicações espaço-temporais, socioculturais, políticas e econômicas de cada fluxo migratório. Esses movimentos se apresentam em um arsenal de múltiplos sentidos<sup>108</sup> e levar esses apontamentos em consideração significa ter consciência da complexidade dos estudos migratórios, em outras palavras, *dos pedaços de mundos* em que os/as migrantes se encontram.

Os meios de comunicação constroem, na maioria das vezes, discursos sobre os/as migrantes com cunho pejorativo, atrelados a imagens *policialescas*, evidenciando posturas assimilacionistas, discriminatórias e excludentes em relação ao *outro*. Vislumbrar no *Boletim Vai Vem* o inverso disto requer cuidado para evitarmos qualquer postura dualista, em que um vilão se opõe a uma vítima. O mais importante é compreender os/as migrantes seus contínuos trânsitos permeados por tensões e contradições.

Assim, em cada história expressa nas cartas, percebemos as especificidades das *experiências migratórias*, as quais são únicas dos sujeitos. Os itinerários individuais, que se apresentam também como *experiências coletivas*, são partículas do universo migratório; o deslocar marcado pelas saudades e pelo medo/receio do que *está por vir*; as dificuldades de inserção na cidade; a esperança de usufruir de melhores condições de emprego e as frustrações postas pela *precariedade do trabalho*; a ousadia de transpassar fronteiras e os dilemas de *viver na ilegalidade*; a busca por melhores condições de vida para os sonhos concretizados.

No horizonte dessa pluralidade, entendemos as migrações como “fato social total” (SAYAD, 1998, p. 16). Estudar migrações sob esta perspectiva é refletir sobre a sociedade, tanto na sua dimensão diacrônica (perspectiva histórica) como na sua extensão sincrônica (a parte relativa à migração). O equilíbrio entre movimentos diacrônicos e sincrônicos permite trazer à tona os processos migratórios. Em acordo

---

<sup>108</sup> Em aproximação com Abdelmalek Sayad (1998, p. 15): “[...] Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, antes de mais nada no espaço físico; nisto encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, [...]. Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos [...]”.

também com José de Souza Martins (1999, p. 31), compreendemos que migrantes são aqueles

que colocam temporariamente entre parênteses o sentido de pertencimento e voluntariamente se sujeitam a situações de anomia, de supressão de normas e valores sociais de referência. [...] Nesse sentido, é necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social de referência do migrante que se desloca.

Dessa forma, torna-se oportuno destacar o entendimento a respeito de *emigração* e de *imigração* que utilizaremos, especialmente neste tópico do trabalho. Segundo a *Organização Internacional para as Migrações – OIM* (2009), as imigrações e as emigrações apresentam diferenças, tendo em vista alguns argumentos. Primeiramente, *emigração* é “abandono ou saída de um Estado com a finalidade de se instalar noutro” (OIM, 2009, p. 26). Já a *imigração* é entendida como “processo através do qual os estrangeiros se deslocam para um país, a fim de aí se estabelecerem” (*idem*, 2009, p. 35). Em síntese, podemos dizer: emigração é o ato de *sair* do lugar/sociedade/país do qual se é originário; já imigração é o ato de *entrar* em uma sociedade/lugar/país de que não se é originário. Chamamos, correlativamente, de emigrantes e de imigrantes os sujeitos que protagonizam esses movimentos.

Cabe orientar que não devemos estudar as emigrações e as imigrações como movimentos isolados, distantes uns dos outros. Ambas precisam ser encaradas como parte integrante do mesmo movimento. A dupla condição de emigrante e imigrante faz parte do mesmo processo migratório. O ato inicial do deslocar, a emigração, desencadeia a origem da imigração. Dois mundos (mundos infinitos) implicados no mesmo sujeito. O emigrante *de lá* e o mesmo imigrante *daqui*. Portanto, não é um *ato simples*, como chama atenção Abdelmalek Sayad, ao analisar a imigração argelina na França (1998, p. 273):

[...] Imigrar é vir para o interior (do exterior) ou no interno (do externo), é estar presente aqui etc.; emigrar é ir do interior (ou do interno) para o exterior (ou para o externo), da intimidade, do ‘privado’ (do doméstico) para o público, é estar ausente daqui para estar presente lá, etc.

O leitor deve ter percebido que às vezes pontuamos como *migrações*, tanto a *emigração* e como a *imigração*. Isso ocorre porque acreditamos que o termo permite enfatizar as várias dimensões de movimentos, trânsitos e temporalidades em que as

migrações contemporâneas estão inseridas. “Migração”, bem como “[...] o termo migrante é frequentemente usado para definir as migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar” (COGO & SOUZA, 2013, p. 47). Deste modo, ao utilizarmos o termo *migração*, estaremos nos referindo tanto à *emigração* como à *imigração*.

O Brasil sempre foi conhecido como um *país de imigração*, aspecto que pode ser observado até as décadas de 1960 e 1970. A partir dos anos 1980, os fluxos internacionais direcionados ao País são menores, mas, por outro lado, é possível notar uma quantidade considerável de brasileiros com destino ao Japão e aos Estados Unidos, bem como aos países da Europa.

Essa desaceleração pode estar relacionada à crise econômica dos anos 80, ao retorno de migrantes exilados e, ainda, às novas formas de mobilidade da população na região, principalmente na área de fronteira, que não implicam na mudança de residência de um para outro país. Dessa forma, observa-se uma desaceleração do movimento migratório interno à América Latina e um incremento no movimento latino-americano para os Estados Unidos (COGO & SOUZA, 2013, p. 24).

Isso não significa que o Brasil tenha deixado de receber imigrantes, exemplo disso foi a nova configuração *desenhada – novos rostos das migrações* – pelas imigrações latino-americanas, as quais marcaram profundamente o país neste período, com a presença, principalmente, de colombianos, venezuelanos, peruanos, bolivianos e chilenos.

Destarte, tendo a maior extensão territorial e economia da América do Sul, o Brasil ofereceu e continua a oferecer empregos e melhores condições de trabalho a milhares de migrantes qualificados e também àqueles que possuem nível de escolarização mais baixo. Mesmo sabendo que cada migrante traz consigo especificidades no deslocar, torna-se interessante observar, para continuarmos nossa reflexão, as considerações feitas pela pesquisadora Delia Dutra (2013, p. 100) acerca dos possíveis motivos da imigração no Brasil:

O crescimento da taxa de desemprego na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai; a diminuição do desemprego no Brasil; a menor procura por trabalhos temporários para os setores da agricultura na Argentina; o elevado crescimento demográfico da Bolívia e do Paraguai; a diminuição das alternativas de trabalho na fronteira paraguaio-brasileira e a redistribuição da população desde o planalto andino-boliviano para regiões próximas à fronteira com o Brasil.

Esses aspectos são relevantes para pensarmos nas causas das imigrações no seu sentido geral e no fomento de uma *cultura da migração*, a qual está posta independentemente de cada movimento migratório. Como sugere Jesús Javier Sánchez Barricarte (2010, p. 33), “quanto mais habitual se torna a migração numa determinada comunidade [de origem e de destino], mais mudam os valores e as percepções culturais, de tal maneira que aumenta a probabilidade de futuras migrações”.

Muitos dos dilemas e dos horizontes que temos observado na atual conjuntura das migrações no Brasil tiveram seu início nesse período (1970-1980), quando milhares de emigrantes brasileiros se deslocaram para outros países, momento também em que surgiram sinais de *novos ventos soprados* por imigrantes que *escolheram* o Brasil para morar.

Alguns atores (por exemplo: SEYFERTH, 2007, p. 12) chamam atenção para a tese de *branqueamento* que foi sustentada no país com a entrada de imigrantes, sobretudo europeus<sup>109</sup>, desde a chegada dos portugueses. Esse fato permitiu constituir o imaginário nacionalista atrelado ao processo de miscigenação cultural e, também, o sentimento de *abrasileiramento* e integração dos imigrantes europeus com a cultura brasileira. Porém, percebemos diferentes comportamentos e posturas com os atuais sujeitos protagonistas das imigrações – nossos remetentes - para o Brasil<sup>110</sup>. Elementos de construções do *outro* perpassam com outras intencionalidades e outras escalas os processos culturais, políticos e socioeconômicos dessa migração.

O termo migrante deve ser entendido como *construção social*, “[...] uma vez que a denominação de migrante não surgiu das relações sociais estabelecidas com seus pares originais, mas sim foi-lhe atribuída a partir das relações sociais que ele passou a

---

<sup>109</sup> Esta modalidade de imigração assume estilo de representações *ocidentalistas* do *Outro Geográfico* não europeu. A *civilização* europeia incorpora o discurso de *atraso* de nação para afirmar seu *status de superioridade e progresso*. Sobre o entendimento da construção do *Outro Geográfico*, Lyliá da Silva Guedes Galetti (2000, p. 53-54), em sua brilhante tese, ressalta: “construção extremamente ambígua, as representações sobre este *outro geográfico*, projetam regiões bárbaras e atrasadas, sobre as quais uma outra parte do país, em geral aquela onde os efeitos da modernização capitalista eram mais visíveis e que portanto representam sua face ocidentalizada, podia e devia exercer a sua própria missão civilizadora”.

<sup>110</sup> No que se remete ao termo de *velho e novo* migrante, Gláucia de Oliveira Assis (1995, p. 9) ressalta: “O termo novos migrantes, elaborado por estudiosos da questão, refere-se a tais fluxos que expressam, no plano da divisão internacional do trabalho, a mundialização crescente da economia, ao mesmo tempo que indicam relações estabelecidas num mundo cada vez mais globalizado culturalmente. [...] As similaridades seriam: a migração para áreas urbanas, sua concentração em algumas cidades portuárias e sua capacidade de aceitar os serviços menos remunerados. No que se refere à composição étnica destes fluxos, os ‘velhos’ migrantes eram na maioria europeus e brancos, já os ‘novos migrantes’ constituem-se em larga escala de não-brancos provenientes de países do Terceiro Mundo, evidenciando as diferenças entre os mesmos”. Evidentemente que não podemos homogeneizar estas relações, todavia, cabe sublinhar os interesses implicados nas migrações.

vivenciar na sociedade de destino” (DORNELAS & NASSER, 2008, p. 28). Essas categorizações e suas intencionalidades podem ser percebidas nas denominações regionais: *migrante nordestino*, *migrante gaúcho*, *migrante carioca*, *migrante paulista* e assim por diante ou, quando se tratam de outros países, *imigrante boliviano*, *imigrante peruano*, *imigrante colombiano*. Devemos destacar que estes últimos têm dimensões diferentes, por se tratarem de sujeitos com dupla ou mais nacionalidades, culturas, costumes, linguagens e hábitos. Desta forma,

o termo ‘categoria’ é perfeitamente abstrato e pode ser aplicado a qualquer agregado, nesse caso as pessoas com um estigma particular. Grande parte daqueles que se incluem em determinada categoria de estigma podem-se referir à totalidade dos membros pelo termo ‘grupo’ ou um equivalente, como ‘nós’ ou ‘nossa gente’. Da mesma forma, os que estão fora de categoria podem designar os que estão dentro dela em termos grupais (GOFFMAN, 1988, p. 32).

Em aproximação com a citação, entendemos que homens e mulheres<sup>111</sup> migrantes por si só já carregam um estigma particular – o de *ser migrante*. Esta condição os/as coloca a todo momento em estado de tensão e de negociação, tanto na sociedade de origem quanto na de destino, seja pelas relações socioeconômicas, culturais, religiosas, étnicas ou pelas lutas por demandas. Com isso, podemos dizer que

[...] nenhuma coletividade vai jamais se definir como *Uma* sem de imediato colocar o *Outro* na sua frente. E esse outro, assim como o si próprio (self), terão sempre alguma(s) qualidade(s) que os particulariza, algum adjetivo para nomeá-la(s) e que, muitas vezes, acaba se tornando um estigma; i.e., uma marca característica que os inclui (‘nós’) ou os exclui de um determinado grupo (‘ele/as’) ou categoria (DUTRA, 2013, p. 254) [grifos no original].

Estamos a todo o momento categorizando as relações humanas. *Eu sou isto / você é aquilo; o eu / o outro; o nós / e eles; os de dentro / os de fora; o feio / o bonito; a ordem / a desordem; o civilizado / o não civilizado; o colonizado / o não colonizado*. Dualidades que permeiam as relações e os espaços que e às quais a sociedade, especialmente os/as migrantes, está exposta. O *outro*, como afirmação da alteridade, ao mesmo tempo em que inclui, exclui os sujeitos. Todavia, esquecemos que *o outro é o outro* do nosso próprio eu.

No artigo intitulado *Processo civilizador, fronteiras e figurações estabelecidos/outsidere*s, o pesquisador Jones Dari Goetttert (2012, p. 219-221) apresenta

---

<sup>111</sup> No que tange às discussões sobre as mulheres migrantes, ver o próximo tópico deste capítulo.

uma discussão pertinente ao nosso debate. De fato, o pesquisador não está interessado em *simplesmente* discutir conceitualmente o que Norbert Elias e John L. Scotson chamaram de *estabelecidos/outsidere*s – embora, só este exercício já seria plausível –, ele intenta identificar e refletir as reconstruções e as redefinições, em cada situação escalar (regional, nacional e global) do processo civilizador moderno-contemporâneo, que invadem e configuram as relações humanas e os espaços. Desnuda-se, assim, os sentidos, as relações de poder e as múltiplas intencionalidades do emoldurado das fronteiras étnico-espaciais. No que tange aos/às migrantes, o autor, com tom irônico, nos provoca fazendo a seguinte ponderação sobre as relações *estabelecidos/outsidere*s:

Os estabelecidos: os paulistas trabalham; os gaúchos desbravam; os agropecuaristas produzem. Trabalho, desbravamento e produção, sob os auspícios da ordem, rumam o Brasil ao futuro, ao progresso... Os outsiders: os nordestinos desqualificados; os baianos lentos; os indígenas preguiçosos. Trabalho braçal, ausência de espírito empreendedor e preguiça, desordenadores do Brasil Gigante, devem se qualificar, ter o futuro como destino e produzir mais, muito mais... (GOETTERT, 2012, p. 240).

Pares em oposição entre migrantes e não migrantes e ainda entre os/as próprios/as migrantes marcam as histórias e as trajetórias dos sujeitos, dos grupos, da sociedade. Nas narrativas das cartas, identificamos várias condições de *estabelecidos/outsidere*s. Na história de Silvano Tomasi, imigrante brasileiro residente no Japão, podemos observar o estranhamento entre culturas e a distinção entre elas: “Apesar da crise, o Brasil ainda é o melhor lugar para se viver. A forma de ser, agir e a cultura do povo japonês é totalmente diferente do nosso – *eles* são muito *abnegados ao trabalho*”<sup>112</sup> [grifos nossos].

Podemos elencar as considerações do pesquisador Pierre Bourdieu (2007) feitas no livro *Distinção: a crítica social do julgamento*. Nele, notamos que as distinções são historicamente (re)construídas e naturalizadas nos sujeitos, servindo como meio de distinguir uma classe da outra; fortalecendo assim, as hierarquias sociais. Nas palavras do autor (2007, p. 439): “Tudo se passa como se os condicionamentos sociais vinculados a uma condição social tendessem a inscrever a relação com o mundo social em uma relação duradoura e generalizada com o próprio corpo [...]”.

Após a análise das cartas é possível dividi-las em dois cenários. O primeiro diz respeito às narrativas dos integrantes das pastorais migratórias e das entidades afins.

---

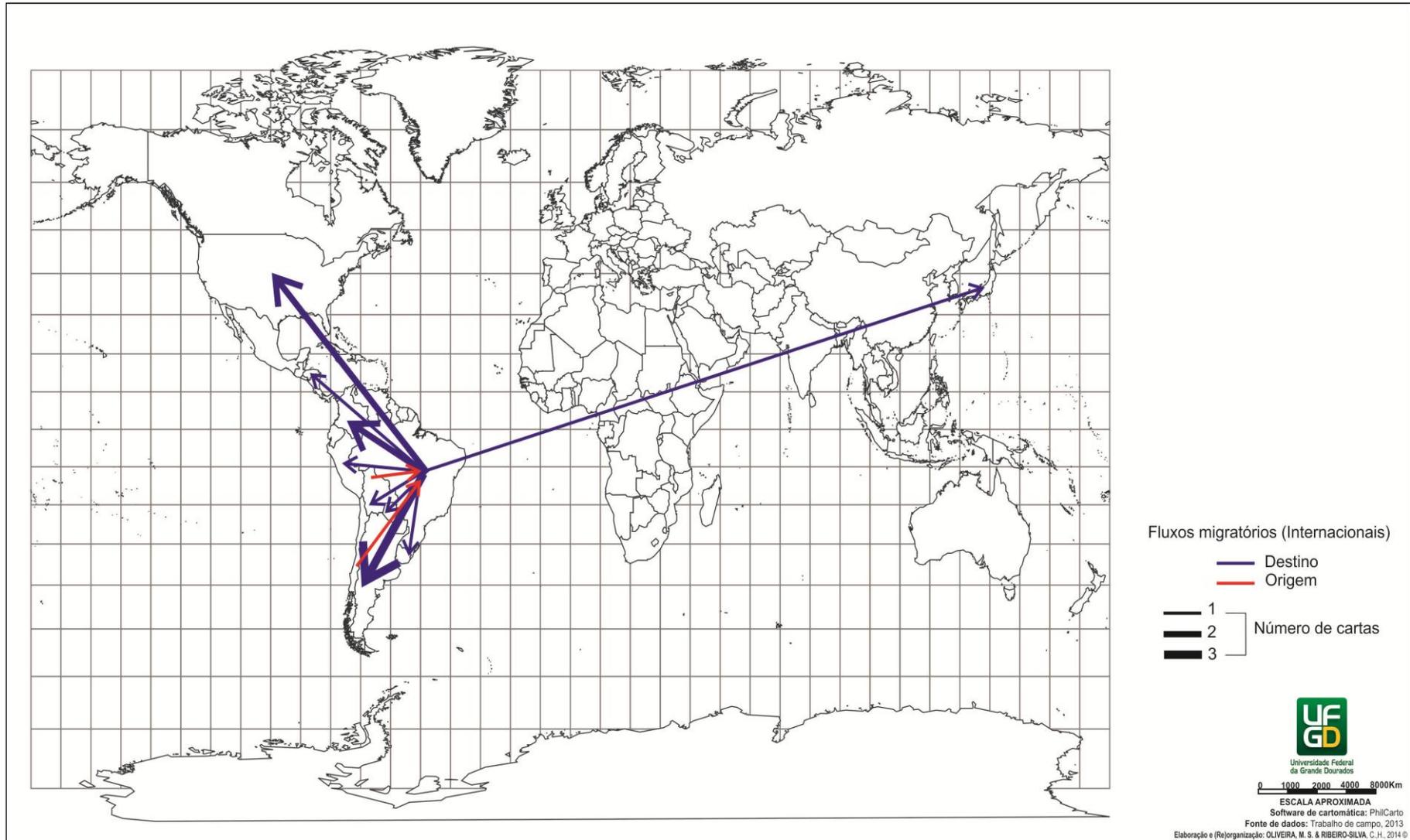
<sup>112</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 12, n. 58, janeiro-fevereiro-março, 1994, p. 10.

Estas apresentam o trabalho pastoral e social realizado com os/as migrantes, especialmente com os/as brasileiros/as que vivem em outros países. Sendo assim, observam-se os dilemas e os horizontes das migrações pela ótica desses sujeitos, conforme as demandas migratórias de países como Argentina, Honduras, Colômbia e Peru. Já no segundo cenário, estão as narrativas dos/as e/imigrantes. Emigrantes brasileiros/as que vivem em outros países (Japão e Estados Unidos) – portanto, imigrantes *lá* – e emigrados/as da Bolívia, Paraguai e Chile que residem como imigrantes no Brasil.

No mapa a seguir, intitulado *Fluxos migratórios internacionais*, podemos analisar as localidades assinaladas pelas cartas dos leitores, bem como a direção tomada pelos narradores migrantes. Notamos três cartas do Brasil em direção à Argentina, duas para a Colômbia e outras duas para os Estados Unidos. Os demais fluxos são representados com apenas uma narrativa epistolar. Entre as 163 cartas publicadas no periódico, há um total 15 cartas de e/imigrantes.

O mapa, além de simbolizar as *experiências migratórias no lugar deixado* e no *lugar escolhido*, representa o tamanho do alcance do *Boletim Vai Vem*. O periódico não se limitava somente aos cenários locais ou nacionais, ou seja, o campo internacional era também desafio de uma agenda para as migrações contemporâneas. Assim, podemos afirmar que as cartas representam o intercâmbio entre o corpo editorial e os/as migrantes e, ainda, entre migrantes e outros/as próprios/as migrantes.

Mapa 6: Fluxos migratórios internacionais



Ainda seguindo com a análises das cartas, destaca-se a missiva assinada pelo padre Aldo Pasqualotto<sup>113</sup>, que evidencia uma das características das narrativas epistolares escritas por integrantes de pastorais, entidades religiosas e sociais ou por padres, bispos e missionários. O conteúdo de suas missivas diferencia-se das demais cartas por evidenciar o trabalho teológico-pastoral com os/as migrantes em outros países e, conseqüentemente, a sensibilidade para com os fenômenos das migrações.

Ao relatar as dificuldades e as realizações do trabalho teológico-pastoral, esses sujeitos proporcionam reflexões de seu ofício e, por conseguinte, da revitalização de suas práticas. No caso mencionado, o padre Aldo Pasqualotto e mais três missionários scalabrinianos desenvolvem ações junto aos/às imigrantes mais necessitados/as da periferia de Buenos Aires, capital da Argentina. Esses imigrantes vieram de diversas regiões do mundo, como Portugal, Espanha, Paraguai, Chile, Bolívia e Uruguai.

Os fluxos migratórios são, sobretudo, do campo para a cidade. Os imigrantes, ao chegarem à Argentina, deslocaram-se para o campo, como *rota de fuga*. Porém, as dificuldades encontradas na zona rural fizeram com que esses sujeitos migrassem novamente, desta vez para os centros urbanos. Neste universo é que os integrantes da Pastoral dos Migrantes atuaram. Na tentativa de proporcionar assistência espiritual, contribuíram também para as organizações populares, como na luta de permanência destes sujeitos na terra via *Reforma Agrária*. Essas observações podem ser verificadas no trecho a seguir: “*Aquí casi nadie habla de Reforma Agraria, pero nosotros cada vez más nos convencemos que hay que luchar aquí también para que se haga una Reforma Agraria para terminar con el latifundio y concentración de la tierra*”<sup>114</sup>.

Essas estratégias para amenizaras dificuldades dos/as imigrantes ao chegarem à sociedade de destino demonstram que esses sujeitos se posicionam no *campo religioso* e, especialmente, nos espaços políticos da sociedade. Imbuídos do discurso da libertação dos *pobres migrantes*, estes contribuem na fortificação das *redes de sociabilidade e de luta* entre os mesmos. Deste modo, a Igreja Católica, por meio do *Boletim Vai Vem*, age como tensionadora “[...] na disputa de sentidos para visibilização pública de uma agenda orientada às questões migratórias, incluindo a própria presença de mídias especializadas e/ou alternativas produzidas para e/ou pelas populações migrantes” (COGO, 2012, p. 10).

---

<sup>113</sup>Missionário scalabriniano, atualmente é coordenador da Pastoral de Mobilidade Humana na cidade de La Paz, na Bolívia. Háduas cartas deste remetente publicadas no periódico.

<sup>114</sup>*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 29, fevereiro-março, 1988 e p. 10.

Podemos citar outras duas cartas com o mesmo perfil, uma escrita por uma entidade social, o Departamento Campesino de Comissão Episcopal de Ação Social (CEAS), do Peru, e a outra, por uma entidade religiosa protagonizada por leigos, da Colômbia. Ambas destacam a importância de um veículo de comunicação da magnitude do *Boletim Vai Vem* para as ações que desenvolvem, denominando-o como espaço legítimo de reivindicações sociais e de informações sobre a realidade das migrações brasileiras.

*También para contarles y darles mis agradecimientos por el Boletín Vai-Vem el cual me ha estado llegando de parte de Uds. y me es de gran ayuda en el camino de mi trabajo y conocimiento de la realidad que afrontan situaciones similares a las nuestras. [...] Espero nos comuniquemos siempre y que nos sigan aportando sus experiencias. Solo me queda desearles que el Señor les conceda muchos éxitos en su trabajo (Departamento Campesino de Comisión Episcopal de Acción Social/CEAS, do Peru)<sup>115</sup>*

*Quiero agradecer vuestra gentileza para enviarme los últimos boletines Vai-Vem, que contienen importante información sobre el problema migratorio y sus repercusiones para el trabajo pastoral en el Brasil. Su contenido nos permite manejar e tener conocimiento sobre los problemas fundamentales de las corrientes migratorias y el papel que la Iglesia brasileña juega en esta coyuntura. [...] Por nuestra parte, deseamos informarles que también deseamos enviarles algunas de nuestras publicaciones (entidade colombiana organizada por leigos)<sup>116</sup>.*

Mais uma vez, por meio das cartas, percebemos a articulação entre o CEM e o SPM. Nesses exemplos, as epístolas evidenciam a visibilidade do periódico em nível internacional e, mais do que isso, a aceitação do leitor em relação ao trabalho desenvolvido com os/as migrantes. As trocas de publicações e informações entre as entidades sociais e religiosas configuram, assim, novas formas de ações e de estratégias. Nesta linha de apontamentos, tem-se a carta do Secretariado Nacional de Pastoral Social, escrita por Roberto Pablo Quisbert:

*Este contacto con el Servicio de Pastoral de Migraciones de San Pablo nos permite mantener una relación continua, y a la vez las informaciones acerca de los migrantes bolivianos en esa nos mantiene informados. Esta comunicación nos iluminará en el trabajo concreto que pensamos realizar en el próximo año que se avecina<sup>117</sup>.*

O primeiro cenário, representado pelas cartas oriundas de outros países, nos permitiu tecer algumas reflexões sobre o papel e as estratégias cotidianas que os integrantes das pastorais e das Organizações Não Governamentais (ONGs) desenvolveram em prol das

---

<sup>115</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 29, fevereiro-março, 1988 e p.10.

<sup>116</sup> *Idem*.

<sup>117</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano: 8, n. 40, janeiro-fevereiro, 1990, p. 10.

migrações. Enviar sua carta para o periódico era sinônimo de construir matrizes constitutivas do *ethos miditizado* das migrações (COGO& LORITE GARCÍA, 2004, p. 6).

O segundo cenário está constituído pelas trajetórias dos/as migrantes, pelos dilemas que os/as e/imigrantes experienciaram ao saírem de seus países de origem e ao chegarem ao local de destino. Brasileiros que vivem em outros países e imigrantes que residem no Brasil descrevem seus dilemas mais íntimos, pautados no cotidiano de *ilegalidade*; na importância das *redes familiares*; nos obstáculos em falar em outra língua; nas migrações devido ao contexto de repressão política; nas dificuldades de encontrar trabalho; na busca por cidadania e por direito à terra.

A próxima carta a ser incluída no debate foi escrita por emigrantes brasileiros originários do Rio de Janeiro e do sul de Minas Gerais. Eles descrevem suas histórias pelo viés da religiosidade. Ao chegarem a StatenIsland (um distrito da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos), os/as emigrantes brasileiros/as veem nos encontros religiosos uma estratégia de constituírem laços de afetividades entre os/as imigrantes nascidos/as no Brasil. A cada semana, o estudo bíblico era na casa de um companheiro. Nesses encontros, a *cultura religiosa* incorpora o *capital simbólico* dos sujeitos, em um movimento multiétnico-social e multicultural na construção de suas identidades e na luta por suas demandas.

O estranhamento do clima da cidade de StatenIsland não impede que os/as e/imigrantes continuem a sonhar por melhores condições de vida.

Apesar do frio e do calor demasiado e ainda o cansaço, nós continuamos firmes. Como imigrantes aqui na América, gostaríamos de nos solidarizar com todos os migrantes Brasileiros em busca de melhores condições de vida e na partilha dos sentimentos de ver realizados os nossos ideais<sup>118</sup>.

As *redes* possibilitam a partilha dos medos, receios e alegrias do dia a dia dos/das migrantes. Assim, os espaços de orações constituem em lugar por excelência de organizações coletivas, as quais estimulam a permanência desses sujeitos na sociedade de destino. O envio coletivo de dinheiro aos familiares pode ser entendido como formas de aplacar *ausências*, de enfrentar questões sociais e econômicas dos parentes e, também, ascensão social<sup>119</sup> dos/as imigrantes.

Já na carta intitulada *Estimados Señores*, o remetente destaca outro aspecto relevante que encontramos nas imigrações no Brasil, a dificuldade de regulamentar os documentos de

---

<sup>118</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 20, n. 80, abril-maio-junho, 2000, p. 12.

<sup>119</sup> Cynthia Andersen Sarti (1996, p. 12) distingue o que os migrantes chamam de *melhoria de vida* com projeto de ascensão social.

registro no país de destino. Nesta condição, aumenta-se a *vulnerabilidade* dos/as imigrantes nas relações sociais e, principalmente, nas relações de trabalho. Por estarem em situação irregular, quando encontram um emprego, se submetem a situações precárias, sem subsídios trabalhistas básicos, como podemos observar na carta escrita por/pelas uruguaios/as que vivem no Brasil:

*Esta es mi carta que les mando ya que mi problema es de suma urgencia. Somos uruguayos y hace un año que estamos en Brasil procurando una vida mejor, es lamentable que en todo este tiempo nadie nos ha ayudado por causa de los documentos. Sera que para la gente es más importante una documentación que cuatro personas sufriendo. Estamos cansados de salir a pedir trabajo. Siempre nos dicen no podemos dar trabajo por no tener la cartera<sup>120</sup>.*

Os/as imigrantes saíram do Uruguai em direção ao Brasil em busca de melhores condições de trabalho. Venderam o pouco de bens materiais que tinham na tentativa de desfrutar de uma vida melhor em *terras estrangeiras*. Contudo, ao se depararem com a exigência de documentação para se empregarem em qualquer trabalho, viram-se desamparados, com a falta de informações sobre o assunto.

Há que se perceber ainda que esta carta está escrita em espanhol, mas tem-se a tentativa de pronunciar, ou melhor, de escrever algumas palavras em português. Assim, observamos a necessidade de integração à sociedade de destino. No que se refere às migrações, a língua – linguagem – torna-se um dos primeiros obstáculos na interação desses sujeitos no *local de chegada*.

No texto “Migrações internacionais não documentadas: Uma tendência global crescente”, o pesquisador Graeme Hugo (1998, p. 5-12) faz uma discussão pertinente sobre a situação global contemporânea das migrações internacionais ilegais, apontando, assim, para o crescente número de *migrações ilegais* no mundo. O autor compreende que este movimento acontece à margem das regulações oficiais tanto do governo do país de origem como do de destino.

Esse tipo de migração pode acontecer por vários motivos. Por exemplo, os migrantes podem entrar no país de maneira *clandestina* ao ultrapassarem barreiras fronteiriças impostas tanto pelo país de origem como pelo de destino; os migrantes podem entrar de maneira *legal* – no que tange à legislação do estrangeiro – e depois ultrapassar o período de permanência autorizada ou desrespeitar as condições impostas para estabelecer residência.

---

<sup>120</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 28, dezembro, 1988, p. 09.

O livro intitulado *Organização Internacional para as Migrações – OIM* (2009, p. 44) sistematiza essas denominações. Destacamos o entendimento de *migração irregular*:

Movimento que ocorre fora do âmbito das normas reguladoras dos países de envio, de trânsito e de acolhimento. Não existe uma definição clara ou universalmente aceita de migração irregular. Da perspectiva dos países de destino, a entrada, a permanência e o trabalho num país é ilegal, sempre que o migrante não tenha a necessária autorização ou os documentos exigidos pelos regulamentos de imigração relativos à entrada, permanência ou trabalho de um dado país. Da perspectiva do país de envio a irregularidade é vista em casos em que, por exemplo, uma pessoa atravessa a fronteira internacional sem um passaporte válido ou documentos de viagem ou não preenche os requisitos administrativos para deixar o país. Há, porém, a tendência de usar o termo ‘migração ilegal’ nos casos de contrabando de migrantes e de tráfico de pessoas.

Embora essas reflexões sejam relevantes ao tema, acreditamos que não problematizam termos atribuídos aos/às migrantes e às migrações. É *migração não documentada, ilegal, clandestina, irregular* para quem? Interesse de quem ou do quê? Quais os meandros e a intencionalidade desses termos?

Entendemos as formulações, bem como as leis que as asseguram, como a necessidade dos Estados-Nação em manter suas hegemonias e suas distinções. As pesquisas de Nicos Poulantzas ajudam a pensar a respeito das matrizes espaciais e temporais regidas pelo processo homogeneizado do Estado-Nação. Na tentativa de assegurar seu domínio, controle e poder, tem de

[...] separar e dividir para unificar, fracionar para enquadrar, celularizar para englobar, segmentar para totalizar, estabelecer balizas para homogeneizar, individualizar para suprimir as alteridades e as diferenças, as raízes do totalitarismo estão inscritas na matriz espacial materializada pelo Estado-nação moderna, já presente nas suas relações de produção e na divisão social capitalista do trabalho (POULANTZAS, 1985, p. 122-123).

Neste aspecto, a Igreja Católica tem desempenhado um papel fundamental<sup>121</sup>. Ao mesmo tempo em que respeita os espaços e as *redes de clandestinidades*, se apresentando como *porta voz* desses sujeitos, esbarra na ala conservadora da própria instituição e nas orientações bíblicas de obedecer às autoridades governamentais.

---

<sup>121</sup> O artigo, escrito por Sidnei Marco Dornelas (1998, p. 10), apresenta como é importante a reflexão sobre o trabalho da Pastoral dos Migrantes frente às *imigrações clandestinas*, sobretudo dos bolivianos em direção a São Paulo (Brasil). Entre os subtítulos de seu texto, o autor intitula um deles como: *O mal-estar na Pastoral*. Neste, em especial, observam-se as tensões entre o trabalho teológico-pastoral com os meios de comunicação, os quais, em sua maioria, apontam e relacionam as *migrações clandestinas* (podemos dizer, também, as *migrações irregulares* e as *não documentadas*) ao trabalho escravo, ao crime, ao tráfico, entre outros elementos negativos.

A missiva denominada *Carta de um migrante no Acre*<sup>122</sup> contribui também para nossa reflexão, à medida que se apresenta como história de luta por um pedaço de chão, pelo direito à terra dos/as migrantes. Estes se organizaram e enviaram uma carta ao Juiz de Direito da Comarca Brasileira reivindicando posse da área em que moravam no Acre. Essa carta representa não só a voz de um migrante, mas também as vozes de 40 famílias de seringueiros/posseiros que, na década de 1970, migraram para a Bolívia a fim de trabalhar nos seringais. No entanto, no ano de 1977, foram expulsos do país e, ao voltarem ao Brasil, fixaram-se na fronteira.

Os posseiros se identificam como “seringueiros brasileiros, oriundos da Bolívia” (p. 9). Ao retornarem ao Brasil, encontraram uma área abandonada e desabitada, “inclusive sem cercas ou marcos”, e ocuparam-na, “começaram a construir suas humildes choupanas sem que aparecesse nenhum interessado a reclamar direitos sobre a área. Em poucos meses, a área estava totalmente habitada” (p. 8).

Contudo, a viúva do político refugiado boliviano Ismael Zuazo, senhora Vitória Barroso de Zuazo, juntamente com seu advogado, exigiu que todos saíssem de tal área, humilhando os posseiros: “Todos os posseiros da referida área foram intimados no dia 6 de julho de 1984 a abandonarem suas casas e pagarem inclusive uma “multa” de CR\$ 200.000.00 por pessoa e caso não queiram se retirar, pagarão CR\$ 500.000.00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros) também por pessoa” (p. 9).

Essas famílias pedem na carta que a justiça seja realmente justa e compreenda que os/as migrantes não têm condições de pagar indenização à senhora Vitória Barroso, até por que entendem que não seria justo por já pagarem o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) da propriedade e por contribuírem com a segurança nacional ao trabalharem na fronteira, como o seguinte trecho destaca: “[...] o valor, o civismo e patriotismo desses brasileiros, pois ao ocuparem uma área de terra abandonada junto à faixa de fronteira, pode haver inclusive evitado uma invasão de estrangeiros” (p. 9). Cabia ao juiz a decisão: “expulsos do Brasil (pelo latifundiário), expulsos da Bolívia pelas autoridades de emigração e hoje, depois de 6 anos, obrigados a deixar a faixa de fronteira, não têm mais para onde irem” (p.9).

A próxima carta a ser incluída em nosso debate é intitulada *Migrante Paraguaio*<sup>123</sup>. Esta é escrita por José Golf, que nasceu no Estado do Paraná, migrou para a Argentina e

---

<sup>122</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 4, n. 14, setembro, 1984, p. 08-09.

<sup>123</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 22, julho-agosto-setembro, 1986, p. 14.

depois retornou para sua terra natal com toda a família. Interessa observar como o remetente se identifica no título da carta, mesmo residindo no Brasil, e o porquê de escrever a carta em espanhol.

Esta carta revela também, por meio do olhar do migrante, as atrocidades cometidas pela ditadura militar na Argentina<sup>124</sup> e as perseguições do Estado sobre migrantes, revelando as dificuldades vividas por estes sujeitos. No início da carta, o remetente elucida o palco em que estava vivendo na Argentina.

Segundo o remetente, havia cinco mil mortos em consequência da tirania do Estado, *“em consecuencia, mucha inestabilidad, ausencia de perspectivas, mucho miedo, nada de garantías, se presentaba negro el camino hacia el futuro”* (p. 14).

Nesse período conturbado, cinco dos irmãos de José Golf voltaram para o Brasil devido à repressão que estavam vivendo na Argentina e às promessas de Reforma Agrária no Brasil: *“sin tierra, sin créditos, sin trabajo, otra vez con un futuro negro. Resultado, a las dos años, después de muchas privaciones y humillaciones, desilucionados de la patria querida, recorosos con su gobierno desleal y antinacional, todos mis Hermanos emigraron para Argentina por segunda vez!”* (p. 14).

Em 1976, como narra a seguir, o remetente acaba por se envolver na Liga Campesina:

*todos por nuestra condición de “sin tierra” y obligados a vivir de la tierra ajena por falta de otra posibilidad, durante los 6 años siguientes militamos en las filas de las Ligas Agrarias Cristianas, una organización gremial campesina muy cuestionada y perseguida por las autoridades: en 1976 el descubrimiento de la existencia de una incipiente organización clandestina de carácter militar y revolucionario, sirvió de ocasión y pretexto al Gobierno dictatorial para terminar con la organización de los campesinos, de los cuales una treintena son asesinados, y miles son presos y torturados. A mí me toca la suerte de estos últimos, sobrevivendo a duras penas a tres años de maltratos y privaciones en campo de concentración* (p. 14).

A narrativa assinala as condições vivenciadas pelos/as migrantes. Dilemas que norteiam suas vidas com e após os deslocamentos coletivos. José Golf, no decorrer de toda a carta, traz à tona esses dilemas e ao final sistematiza alguns deles:

*debemos seguir llevando en nuestros hombros el montón de inconvenientes que encarna la condición del migrante: inseguridad, incomprendiones, indocumentación, inadaptación, desempleo, dificultades de idioma, obstáculos en la escolaridad, indefinición subjetiva frente al futuro familiar*

---

<sup>124</sup> Sobre um estudo mais profícuo, ver: NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. *A ditadura militar na Argentina (1976-1983)*. São Paulo. Edusp, 2007.

*insatisfacción de los derechos ciudadanos por imposibilidad de participación activa, etc* (p. 14).

*De mi especial consideración y fraternidad*<sup>125</sup>: essa carta permite, como as outras, inúmeras possibilidades de análise. Nesta, em especial, o remetente envia sua carta para a *família da Pompéia*, que mora em Porto Alegre (RS), para pedir orações e conselhos religiosos sobre a comemoração de Independência do Chile<sup>126</sup>. Desde seu início, a narrativa é repleta de críticas a tal comemoração.

O país celebra a Independência com comidas típicas e shows de músicas regionais. Importa observar a inquietude do remetente ao ver esta comemoração e ainda a escrita *Independencia de Chile* com letras maiúsculas em todos os letrados, em decorrência do período turbulento da ditadura militar naquele país.

*Hay alguna cosa que celebrar? Como puede olvidar un buen chileno nuestro país es uno de los más cultos de América: dos Premios Nobeles y otros tantos científicos, artistas, escritores que en el exilio ocupan cargos de inmensa importância em Universidades y Centros de Estudios Latinoamericanos y Europeos?*(p. 12).

O narrador vivenciou momentos terríveis no Chile, assim como inúmeros/as imigrantes bolivianos/as, peruanos/as, uruguaios/as e paraguaios/as, por isso tal inquietude:

*Un grupo numerosissimo de chilenos, bolivianos, peruanos, uruguayos y paraguayos con quienes convivimos demostraron justa sorpresa por cuanto en estas mismos momentos Chile passa por Uno de sus peores momentos después del 11 de septiembre de 1973: asesinatos, detenciones en massa, 1 de cada 3 chilenos sin trabajo, escuelas de pedagogia en las universidades cerradas; universidades intervenidas, iglesias asaltadas, sacerdotes calumniados, prostitución en el más alto grado, delincuencia infato juvenil nunca vista, alcoholismo consuetudinario, miedo, assaltos por grupos facistas de grupos de reflexión bíblica, Ministério de Educación destruído, organizaciones como de la salud, previdência hoy em manos de*

---

<sup>125</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 4, n. 16, março, 1985, p. 12.

<sup>126</sup> A título de contextualização, em 1973 sucedeu com a nomeação de Augusto Pinochet o comandante supremo da nação, o golpe militar no Chile. A ditadura no Chile, não diferente das demais ocorrida na América Latina, foi caracterizada por inúmeras torturas, atrocidades, mortes, e repressão a qualquer movimento contrário ao atual governo. Este especializou a polícia e o exército nacional a criarem núcleos de repressão, a fim de garantir a manutenção da Doutrina de Segurança Nacional (DSN). No dia 11, de setembro de 1973, iniciou-se o bombardeio ao Palácio Presidencial da Moeda, apesar da resistência, com a morte de seu líder/presidente Salvador Allende, pôs-se o fim da democracia *Via Chilena*, e o início de uma dolorosa e amarga ditadura até meados de 1987, quando haverá um plebiscito popular. Para maiores informações sobre o assunto, ver: SADER, E. *Democracia e ditadura no Chile*. São Paulo. Brasiliense, 2006.

Deixamos também ao leitor algumas dicas de longas-metragens que representam, cinematograficamente, este momento do Chile: *A Batalha do Chile (1975 – 1980)*; *Chove sobre Santiago (1976)*; *Missing – Desaparecido (1982)*; *Acta General de Chile (1986)*; *A Casa dos Espíritos (1993)*; *Machuca (2004)*; *Condor (2007)*; *Rua Santa Fé (2007)*; *Tony Manero (2008)* e *Nostalgia da Luz (2010)*.

*la plutocracia nacional e internacional, modelo de gobierno en contracción con el espíritu tan sui géneris del chileno, etc. etc (p. 12).*

A carta é finalizada com a esperança pautada em sua crença:

*Ustedes no deberían desconocer que la Iglesia en Chile está sendo perseguida por Pinochet y su banda de asesinos: no deberían olvidarse que Chile merece mejor recoración que una FIESTA?, que nuestros muertos: 340 mil, merecen oraciones, retiros, estúdios bíblicos, etc., sin perder por eso el optimismo sano em sana consciência. Fraternalmente, em la esperanza de ser entendido a la luz del evangelio y comprendido em el orgullo histórico (p. 12).*

Em todas as cartas, registra-se a necessidade dos autores em narrar suas próprias *experiências migratórias* para contribuir, de alguma forma, com o movimento dos/as migrantes. As marcas das migrações fazem com que esses sujeitos enviem suas epístolas ao *Boletim* e se organizem para mudar o contexto em que vivem. Suas narrativas eram vistas como um enfrentamento contínuo de afirmação pública em busca de visibilidade de suas demandas e cidadanias.

Os dilemas do sair, do ficar e do chegar podem ser notados em cada palavra expressa pelos remetentes. O mesmo pode-se dizer das causas ou motivos do deslocar. Uns migram por melhores condições de vida, trabalho (*migrante laboral*), outros por embates políticos, questões ambientais ou de fronteiras. Isso indica que as migrações são plurais, não só pelas direções e intensidades dos movimentos, mas também e, principalmente, pelas trajetórias individuais dos/as migrantes, as quais compõem, com suas particularidades e subjetividades, *os mundos das migrações*.

### 3.2 Mulheres migrantes

Por muito tempo, coube às mulheres somente o silêncio, imposto, cotidianamente, por uma ordem machista de dominação simbólica e prática. O silêncio que perpassava a vida pública e privada em sua múltipla possibilidade de sentidos (dentre outras, como resistência de contrapoder e como sua grande maioria, imposição masculina), marcou e ainda marca profundamente as vidas das mulheres, em especial, das migrantes.

A historiadora Michele Perrot (2005, p. 9-11) nos ajuda a compreender os elementos que formam esses silêncios<sup>127</sup>. Segundo a autora, são silêncios reiterados pelos discursos religiosos, políticos e pelos manuais de comportamentos, tornando-o, assim, uma virtude entre as mulheres. Verbos como aceitar, conformar-se, obedecer e calar-se eram mais do que palavras de ordem. Nesse sentido, a naturalização desses verbos fez-se de modo que as mulheres interiorizassem a inferioridade e a dominação.

De acordo com Michele Perrot (2005, p. 10), o silêncio das mulheres “no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e a uma atitude barulhenta demais como da ‘vida fácil’”. Silêncio imposto “até mesmo na vida privada, quer se trate do salão do século XIX onde calou-se a conversação mais igualitária da elite das Luzes [...]. ‘Seja bela e cale a boca’”.

Pierre Bourdieu (2002, p. 103) contribui, também, para esta compreensão, que pode ser chamada *demovimentos de silenciamento*. Bourdieu aponta como dispositivos modeladores, produzidos estruturalmente – a Igreja, o Estado, a Escola, a Família, dentre outros – como instâncias que agem sobre os sujeitos inconscientemente, fazendo com que as normas passem a compor o cotidiano das pessoas aos poucos, chegando uma a uma. Por isso, acabam sendo incorporadas sem que sejam percebidas como aspectos excludentes, vividos com naturalidade como se verdadeiros fossem, não questionando as lacunas, nem mesmo poderes e pertencimentos sociais diferenciados.

Para o autor: “é sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita da linguagem” (BOURDIEU, 2002, p. 103). Nesse sentido, tem-se a força da norma social

---

<sup>127</sup> No que tange às lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio, concordamos com Michael Pollak (1989, p. 5) ao destacar, que “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a *resistência* que uma sociedade civil opõe ao excesso de discursos oficiais” [grifos nossos].

diferenciada para homens e mulheres, instituída lentamente e interiorizada por todos/as, conduzida através dos tempos e espaços, reforçada até mesmo pelas mulheres, porque foram educadas nessa lógica privada e por isso não se dão conta das diferenças nela embutidas.

As forças simbólicas exercidas sobre as mulheres são, no entender de Pierre Bourdieu, uma forma de poder – uma forma de magia –, sem qualquer coação física. Delimita-se a *fronteira mágica* entre os dominantes e os dominados, entre *linhas de demarcação místicas*: homens nos espaços públicos e mulheres nos espaços privados.

Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da *fronteira mágica* entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes, à sua revelia, ou até contra sua vontade, para própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais (em aproximação a BOURDIEU, 2002, p. 9).

Essas questões desaguam na historiografia – retomando os apontamentos de Michele Perrot (2005, p.14-15) –, com a ruptura entre a concepção positivista, nas décadas de 1930, e a primeira geração dos *Annales* (principalmente com Marc Bloch e Lucien Febvre), que substituem o político pelo econômico e social. Esses pesquisadores não conseguiram mudar os paradigmas preexistentes (sobretudo a definição de gênero como categoria social imposta sobre o corpo sexuado). Além disso, com algumas exceções, as mulheres não estavam presentes nestes espaços, ou melhor, nos documentos oficiais analisados por esses pesquisadores.

De fato, nas décadas de 1960 e 1970, com os movimentos feministas e com a *Nova História*, tem-se a possibilidade de novos objetos, sujeitos e abordagens, *Histórias em migalhas*<sup>128</sup>, no campo da História, e, efetivamente, uma escrita das mulheres<sup>129</sup> e a utilização da própria categoria de gênero como possibilidade de análise. O silêncio nos arquivos públicos torna-se relevante para apreender os motivos de sua ausência.

A ausência das mulheres nos espaços públicos tornou-se uma das dificuldades, em um primeiro momento, para os pesquisadores. No entanto, em contrapartida, cartas, diários, artesanatos, artefatos, fotografias, dentre outros tornaram-se campo fértil para os

---

<sup>128</sup> Ver: DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1992.

<sup>129</sup> Torna-se importante as orientações propostas Joan Wallach Scott (2008, p. 42), ou seja, uma perspectiva de gênero enquanto transversal à escrita das histórias de mulheres, que não fique na *esfera separada* em relação ao sexo e ao corpo enquanto diferença sexual – masculino e feminino –, mas que esteja preocupada em teorizar a categoria gênero conforme sua historicidade, uma vez que a natureza biológica é por si só uma construção social naturalizada.

pesquisadores, já que elas se encontravam nos espaços privados. Portanto, não podemos negligenciar que “os modos de registros das mulheres estão mais ligados à sua condição na família e na sociedade” (PERROT, 2005, p. 39).

Não sendo diferente nos estudos migratórios, notamos maior visibilidade de abordagens sobre as migrações masculinas. O homem era o único sujeito ativo – ator principal; às mulheres cabia, somente, o papel de coadjuvante nesses processos. Segundo estas interpretações, a decisão de migrar, bem como do retornar, está, impreterivelmente, nas mãos masculinas. Quando os homens partem, as mulheres ficam, na maioria das vezes, com os seus filhos, na terra natal.

Muitos dos trabalhos, permeados pelas teorias neoclássicas e/ou estruturalistas, partem do pressuposto de que os fluxos migratórios ocorrem em detrimento das relações capital-trabalho. Nesta perspectiva, os fenômenos migratórios são, essencialmente, de cunho economicista. Assim sendo, a participação das mulheres reduzia-se ao aspecto laboral, ou melhor, aos afazeres de casa (mãe, esposa, dona de casa, etc.), pois quem migrava em busca de melhores condições de trabalho eram os homens. As mulheres eram *simples variáveis* que compunham o arsenal dos fatores das migrações masculinas.

A autora Maria Aparecida de Moraes Silva (1996, p. 7), em *O rosto feminino da Migração sazonal*, analisa as histórias de vida das mulheres migrantes sazonais, camponesas do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais) que partem em busca do *pão de cada dia* na Região de Ribeirão Preto (São Paulo). Maria Aparecida de Moraes Silva aponta alguns dos elementos explicativos sobre as razões das invisibilidades das mulheres no campo migracional:

1 – em se tratando de populações camponesas, geralmente, o que ocorre, é que alguém precisa ficar para desempenhar as tarefas agrícolas durante o tempo de ausência daqueles(as) que partem. Normalmente, atribuem-se às mulheres o papel de ficarem na terra, uma vez que o mundo exterior pertence aos homens.

2- em virtude das relações de gênero prevalentes na sociedade, cabe às mulheres as funções ligadas à reprodução, tais como as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos.

3 – geralmente, a migração feminina é interpretada *vis-a-vis* o emprego doméstico de mulheres solteiras nas cidades [grifos no original].

Guardando as devidas especificidades do campo migratório, esses fatores salientados pela autora reiteram as migrações sob a ótica da divisão sexuada do trabalho, uma vez que as mulheres são destinadas às funções ligadas à terra. As migrações femininas aparecem, também, desestimuladas pelos estereótipos atribuídos a elas. Não há uma reflexão profícua e

crítica sobre as relações de gênero, enquanto construção social, histórica, culturalmente constituída e condicionada na/pela sociedade. Utiliza-se o critério epistêmico de gênero aos aspectos biológicos de e entre homens e mulheres.

Para fugirmos desses *olhares simplistas*, é preciso ter em mente os apontamentos da pesquisadora Simone de Beauvoir (1980, p. 9), nos quais ressalta que “não se nasce mulher: torna-se mulher” (ou homem). “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume na sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.

Contudo, observamos, ainda, movimentos muito tímidos em oposição às abordagens expostas anteriormente. Apesar das influências dos trabalhos de intelectuais feministas e das conquistas das mulheres nos espaços públicos no final da década de 1970, notamos um amplo leque de pesquisas sobre o assunto em questão, em que se discutem temas como: identidades femininas nos processos migratórios, redefinição do papel da mulher no mercado de trabalho, relações de gênero, classe e etnicidade, *feminização das migrações*<sup>130</sup>, memória e questões de gênero nos movimentos migracionais<sup>131</sup>. E, o mais importante, os *por que* e *como* são construídas as diferenciações de gêneros, tendo em vista as preocupações de Joan WallachScott (1995, p. 13):

1. Os símbolos culturalmente disponíveis evocam representações simbólicas (e com frequências contraditórias: Eva e Maria como símbolo da mulher; 2. Os conceitos normativos põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas; 3. O desafio da nova pesquisa histórica é fazer explodir essa noção de fixidez e descobrir a natureza do debate que produzem a aparência de uma permanência eterna na representação binária de gênero; 4. As (os) historiadoras (es) [...] devem examinar as maneiras pelas quais a identidades de gênero são realmente construídas.

---

<sup>130</sup> Nesta, em especial, tem-se várias abordagens recentes, nas quais as mulheres são protagonistas nas reflexões, conforme *os novos rostos* dos movimentos migratórios. Em alusão a Roberto Marinucci (2007, p. 9): “a feminização das migrações, nesta última abordagem, diz respeito à mudança de perfil da mulher migrante que, na atualidade, está assumindo um papel protagônico, incentivada ou induzida por razões socioeconômicas, por mudanças do mercado de trabalho, bem como por transformações ou procura de transformações nas relações de gênero”. Deste modo, “A feminização das migrações é, também, um sinal do clamor de milhões de mulheres que, no deslocamento geográfico, buscam maior autonomia e libertação de realidades que as sufocam. Muitas delas aceitam enfrentar sérios riscos para poder realizar seus sonhos. Conclui-se que este potencial de transformação, expresso no clamor, na coragem e nas escolhas dessas mulheres, seja uma fecunda semente para a construção de um mundo mais humano” (*idem*, 2007, p. 13).

<sup>131</sup> Sobre os temas expostos, pesquisar autores como: BILAC, Elizabeth. *Gênero, família, migrações internacionais*. Campinas. NEPO. 1995; TEDESCHI, Losandro Antônio. *O sentido da memória e das relações de gênero na História de migração de mulheres camponesas Brasiguaias*. In: *Projeto História*, São Paulo, nº 45, p. 169-1986, dez. 2012; CAMPAÑA, Pilar. *El contenido de género en la Investigación en Sistemas de Producción*. Serie Materiales Docentes, n. 2, Santiago: RIMISP 1993.

Desse modo, não basta uma escrita de histórias de mulheres migrantes que constate as suas mudanças e condições, mas que, fundamentalmente, preocupe-se com a des-historicização dos mecanismos e estratégias de poder que são estabelecidos, *naturalizados* e, logo, interiorizados nas trajetórias das próprias mulheres.

As mulheres vivenciam experiências por sua condição socioeconômica, mas, principalmente, por sua condição de mulher e de ser migrante. As cartas das mulheres, especificamente, revelam os fragmentos das condições socioeconômicas e culturais entrelaçados nos códigos, símbolos, ditos e não ditos das mulheres migrantes, bem como *os pedaços de mundo* de sua volta. Tratam-se de escritas que permeiam o subjetivo da narradora e as relações que estão a seu redor, em que o público e o privado fazem-se e refazem-se de acordo com as regras escolhidas. *Fontes em potencial* para desvelarmos as especificidades desta migração.

As missivas de mulheres migrantes acarretam apelo excepcional, pelo simples fato de evidenciar as relações cotidianas, no âmbito do privado, nas teias das *redes de contatos* entre familiares e amigos – *dos que partem e dos que ficam* – do ponto de vista das protagonistas. Do mesmo modo, aquelas epístolas que são intencionalmente direcionadas à publicação. Estas revelam outros mundos de significados, que afloram sob as intencionalidades do editorial do periódico.

As migrações produzem *distâncias* e *proximidades*, pela necessidade de comunicação. As epístolas, neste sentido, são provas das formas pelas quais as migrantes entendem pertinentes se apresentarem.

No subitem do presente tópico, poderemos analisar quem são essas mulheres. E, ainda, questionar como e por quais motivos elas migram e escrevem para o *Boletim Vai Vem*; quais são seus dilemas, utopias e demandas. Cabe ressaltar que essas reflexões se assentam na tentativa, como já mencionado, de romper *os movimentos de silenciamentos* sobre o campo da historiografia e, principalmente, sobre as particularidades das narrativas das mulheres migrantes, das relações de gêneros, ou seja, de poderes socialmente diferenciados em que elas estão inseridas.

### 3.2.1 Rompendo silêncios: visibilidade das cartas escritas pelas mulheres migrantes

As cartas escritas pelas mulheres apresentam-se como terrenos riquíssimos de múltiplas possibilidades de análises e de abordagens. Esses aspectos, ao mesmo tempo em que enriquecem o trabalho, exigem do pesquisador cuidados especiais, sobretudo, no delimitar da problemática a ser lançada às fontes. Nesse sentido, procuramos, por meio dessas narrativas, compreender os sentidos atribuídos às migrações. Porém, tentaremos não negligenciar os demais conteúdos, como as experiências de vida, pois, como já dito em outro momento do texto, além de serem escritas pelos/as migrantes, as cartas são assinadas também por integrantes das pastorais. Cabe lembrar que esses sujeitos também são migrantes, todavia suas epístolas revelam outras experiências – o fazer-se do trabalho teológico-pastoral com os/as migrantes.

Exposto isso, as mulheres migrantes, em geral, intitulam-se mediante as experiências vividas pela migração: mulher migrante boia-fria, mulher migrante boiadeira, mulher migrante operária, mulher migrante sindicalista, mulher migrante sem terra, mulher migrante sem teto, mulher migrante agricultora, mulher migrante desempregada, mulher migrante dona de casa. Observamos o deslocar pautado na busca por melhores condições de vida entrelaçado com o desejo de condições dignas de trabalho.

É importante pontuar que, na década de 1980, não havia a preocupação, nem mesmo por parte dos institutos de pesquisa, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em considerar como trabalho as atividades realizadas nos espaços privados. Por isso as mulheres não tinham uma *profissão*, sendo consideradas *do lar*. Tratavam-se de sujeitos que não geravam riquezas e ainda gastavam o que vinha de outrem, como bem colocou a pesquisadora Alzira Salete Menegat (2012, p. 225): “O não reconhecimento da denominação ‘do lar’ justificava-se pelo fato de que as mulheres não recebiam remuneração pelo trabalho que faziam, nem monetariamente e nem de *status* social”. Sendo assim, o espaço privado inexistente como lugar de visibilidade e isso resulta, ainda nos dias atuais, em desprestígio social às pessoas que nele trabalham. É o que acontece com funcionárias domésticas, que têm remuneração pelos trabalhos que ali desempenham.

Os elementos que motivam a travessia são condicionados por inúmeras causas, que englobam desde fatores econômicos até aos desejos involuntários e subjetivos das migrantes. Podemos atribuir, também, as especificidades de cada *experiência migratória*, que contribui

para dinamizar o universo migracional. As cartas das mulheres migrantes acenam para essa complexidade, desde o nomear dos títulos das missivas.

Nesse sentido, entendemos que essas intitulações são os primeiros indícios de como as remetentes querem transmitir suas histórias e, sobretudo, as maneiras pelas quais compreendem suas migrações. Como podemos notar em: *Aqui tá nossa história*, *A vida da mulher trabalhadora*, *boia-fria*, *Saudações*, *Ao longe meu abraço*, *Caros Diretores*, *Caríssimos Amigos*, *O esposo continua indo para São Paulo*, *Solidariedade na luta*, *Prezado amigo Manoel – Saudações*, *Queridos companheiros*, *Aos amigos do SPM*, *Serviço Pastoral dos Migrantes*, *Prezada equipe do SPM*, *Meu querido irmão Duarte*, *Solidariedade na luta*, *Querido amigos e amigas do SPM*, *Queria tirar São Paulo da Minha Mente* e *Prezados amigos*.

O conteúdo da missiva será conduzido pelas primeiras impressões do título. Ao narrar suas experiências, as remetentes escolhem as maneiras pelas quais querem ser vistas. Empoderam-se *da folha de papel e da caneta*, para compartilhar suas dores, suas alegrias, suas saudades, suas angústias. *A vida da mulher trabalhadora*, *boia-fria*, ou, simplesmente, *saudações* – de sua condição de migrante, de mulher e de trabalho ao cumprimento formal – imprimem seus olhares sobre seus *pedaços de mundos*.

Além das cartas nomeadas pelas narradoras, há epístolas intituladas pelo editorial do *Boletim Vai Vem*: *São Paulo, Julho de 1988*; *Queixada, CE 10 de Janeiro de 1990*; *São Paulo, 06 de Maio de 1988*; *Porto Alegre, 22 de Fevereiro de 1988*; *Pintados – BA – 1 de julho de 1988*; *Pintadas BA, 20 de março de 1989*; *Remanso BA, 15 de março de 1989*; *Uberaba-MG, 13 de março de 1989*; *São Paulo, 19 de julho de 1989*; *Petrolina – PE, 31/08/89*; *Gouveia, 01 de agosto de 1989*; *Fazenda Água Fria-Curjão-PB*; *Nova Rosa da Penha – ES, 04/06/90*; *São Paulo, 08/06/90* e *João Pessoa – PB, Março/87*. Nestas, notamos que há uma tentativa de padronização nos títulos das cartas, mencionando a cidade, o Estado, a data e o ano. Contudo, devemos destacar que as demais cartas não possuem títulos.

Seguindo as análises das cartas, registramos 57<sup>132</sup> epístolas assinadas por mulheres, no *Boletim Vai Vem*. Entre elas, observam-se cinco epístolas de caráter privado, em outras palavras, cartas escritas por familiares e amigos para as migrantes, ou vice-versa, as quais não

---

<sup>132</sup> Não acrescentamos as cartas assinadas coletivamente, que, por vezes, têm assinatura do ou da remetente, sugerindo que seja o sujeito que escreveu a carta. Sobre as peculiaridades destas narrativas, ver o próximo capítulo do presente trabalho.

tenham intenção de publicação. As demais cartas são de aspecto público, destinadas à publicação.

O que era, em um primeiro momento, uma folha em branco, passa a ser um *pedaço* da própria remetente, o identificar nas linhas escritas de suas trajetórias. Mais que uma narrativa de início, meio e fim, consideremos as missivas como *práxis* da própria experiência da atividade humana.

As cartas que destacam as práticas pastorais e as ações dos movimentos populares são escritas pelas mulheres que desenvolvem tal trabalho, a saber: as irmãs escalabrinianas. Um exemplo desta situação é a carta da Ir. Isabel Arantes, na qual evidencia as condições de trabalho das mulheres migrantes ao chegarem a Honduras: “Em Honduras, como todos os países da América Latina, o vai e vem é constante, sobretudo de mulheres que migram para trabalhar nas ‘Maquilas’, ou seja, nas fábricas de confecções. Os passos que damos são lentos”<sup>133</sup>.

Outras epístolas chamam atenção para a materialidade do *Boletim Vai Vem*, trazendo, assim, sugestões e avaliações para o periódico. Podemos perceber, também, pedidos de matérias para o trabalho pastoral-teológico com os/as migrantes, bem como identificações das práticas desenvolvidas entre elas e os dilemas vivenciados pelos/as migrantes.

[...] Para maior divulgação e compreensão da semana do migrante, gostaríamos que nos enviassem alguns folhetos de textos de base, cartazes, e se possível algum outro subsídio sobre o tema: ‘Mulher Migrante’, pois faremos um encontro com as mulheres sobre esse tema (Ir. Fátima)<sup>134</sup>.

No Boletim Vai-Vem nº 26 conta história dos alagoanos. Ao mesmo tempo aconteceu aqui. Voltaram 99. Dias atrás de Goiás também voltaram 125. Vivo no meio de cortadores de cana e respirando ar saturado das queimas e chaminés. Nossa Igreja dá atenção especial aos trabalhadores da cana (Ir. Irma)<sup>135</sup>.

[...] Faço parte da Pastoral de favelas e usamos o boletim como fonte de informação. Reunimos todas as notícias importantes para fazer nossas reuniões. Questionamos os problemas que existem nos interiores ligados ao migrante. É importante porque chega ao conhecimento dos migrantes os problemas que estão passando (Lurdes Bianchini Reginato)<sup>136</sup>.

---

<sup>133</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 18, n. 73, abril-maio-junho, 1990, p. 11.

<sup>134</sup> *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 9, n. 43, julho-agosto, 1990, p. 10.

<sup>135</sup> *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1990, p. 14.

<sup>136</sup> *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 7, n. 31, junho-julho, 1990, p. 10.

O *Boletim Vai Vem* é utilizado como instrumento de ação social entre os/as migrantes, ao fomentar reflexões e questionamentos sobre a realidade que estes sujeitos vivem. O primeiro passo, como bem lembrado pela narradora Lurdes Bianchini Reginato, é reconhecer-se migrante. *Mostrar-se* migrante. Identificar-se migrante pela história do *outro*. “*Fazer-se* é também *mostrar-se*. Colocar-se à mostra pelo *dito* e pelo *não-dito*. Apontar caminhos e descaminhos, acertos e erros, fracassos e sucessos. É *desnudar-se*. É *fragilizar-se* e *fortalecer-se* simultaneamente. É *fazer-se* e *mostrar-se* migrante [...]” (GOETTERT, 2008, p. 79) [grifos no original].

Desta forma, o ato de enviar as cartas para o periódico configura-se, juntamente com os objetivos do corpo editorial, em lugares simbólicos de convergências de múltiplas experiências das migrações, do mesmo modo em que se revelam engajados no mesmo projeto migratório e de sociedade.

[...] A comunidade Santo Rosário do Conjunto Teotônio Vilela, apesar dos seis participantes serem na maioria migrantes, ainda não tínhamos tomado consciência que o migrante é cidadão que lhe foi negado o direito de viver dignamente, mas o migrante é acima de tudo um lutador, um povo que trabalha muito tão pouco é recompensado. Contudo, temos esperança e pouco a pouco as pessoas vão abrindo os olhos para esta realidade que é dura, mas é a que estamos vivendo. Temos que unir as nossas forças e lutar pelos nossos direitos, só assim, isto terá um fim<sup>137</sup>.

Como *porta voz* da comunidade, a remetente Zizi reitera a importância do periódico e ao mesmo tempo impõe como desafio diário a necessidade de enfrentamento sobre os dilemas vividos pelos/as migrantes, na esperança de os verem sanados. A experiência cotidiana permite que a narradora se coloque como protagonista de sua história e de suas dores, sugerindo a organização social enquanto melhor estratégia de sobrevivência.

Em suma, nas cartas de caráter público, as mulheres utilizam o periódico na pretensão de acionar grupos e simpatizantes em prol de seus projetos migratórios. Desta maneira, em aproximação com a pesquisadora Denise Cogo (2007, p. 7), “[...] podemos sistematizar como uma necessidade permanente de enfrentamento com as tensões entre contemporâneas e a exigência de visibilidade midiática dessas migrações como requisito para afirmação pública de suas demandas por cidadania”.

Já as narrativas de cunho privado são caracterizadas por assuntos como saudades de *quem partiu* e de *quem ficou*; desejo de comunicar e de enviar notícias; lembranças aos

---

<sup>137</sup> *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 8, n. 38, setembro-outubro, 1989, p. 10.

familiares; desemprego; fome; remessas financeiras; nascimento dos filhos; ilusão *no lugar chegado*; luta pela terra e pela moradia; cansaço; desejo de retornar; dificuldades financeiras; falecimento de familiares; prostituição; abuso sexual e expectativas com a nova migração. Essas modalidades apresentam os *fragmentos do cotidiano*, protagonizados pelas mulheres que vivem as consequências das migrações – *de quem partiu* e *de quem ficou*. As cinco cartas entrelaçam-se pelas experiências migratórias, porém, cada uma delas carrega consigo as peculiaridades no deslocar, como observaremos a seguir.

Temos como remetentes: Ana Lopes Dias (Queixada/Ceará)<sup>138</sup>; Marly (Icó/Ceará)<sup>139</sup>; Maria de Fátima (Ingazeira/Pernambuco)<sup>140</sup> e Raimunda<sup>141</sup>, que assina com seu esposo Jovelino. Há de se assinalar que em uma das narrativas<sup>142</sup> não aparece a remetente, mas sugere-se que seja mulher pelo gênero feminino utilizado no decorrer do diálogo. Essas mulheres enviaram suas cartas, respectivamente, para: João (filho de Ana Lopes); Zé (ex-marido de Marly); Maria (sugere-se que seja amiga de Maria de Fátima); Manoel (amigo de Raimunda e Juvelino); Fátima (irmã). Em todas as narrativas, somente Raimunda e seu esposo *que partiram*, as demais missivas são de *quem ficou*.

As cartas entre *quem ficou* e *quem partiu* rompem as *distâncias* produzidas pelas migrações. A necessidade de comunicação e também o desejo de falar sobre as sensações no *lugar chegado*, de saber como estão todos *na terra que se deixou*; as preocupações familiares e financeiras; tecem, ou melhor, são as próprias tramas das *redes migratórias*<sup>143</sup>.

De *quem partiu* narra-se sobre as *experiências migratórias*, no intuito de enviar notícias, as quais, por vezes, não são das melhores. Desiludidos pelas condições de vida e de trabalho na sociedade de destino, os/as migrantes ressaltam a indignação, mesmo com toda a dificuldade ortográfica: “Desde que cheguei de São Paulo e que eu to muito doente e muito dezanímado sem vontade de nada. A gente trabaia tanto que a gente taarebentadoso pra deichar nosso patran rico e o que sobrou pra gente nada ate a saude a gente deu para o patrão” (Raimunda).

A narrativa traz à tona a elaboração de expectativas e necessidades que levam à busca pela cidade como forma de superação das condições adversas. Mas, ao mesmo tempo

---

<sup>138</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 10.

<sup>139</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 45, novembro-dezembro, 1990, p. 11.

<sup>140</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1986, p.14.

<sup>141</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 25, junho-julho, 1987, p. 11.

<sup>142</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 3, n. 10, setembro, 1983, p. 09.

<sup>143</sup> Em aproximação a Federico Croci (2008, p. 20).

em que a cidade é apontada como sinônimo de esperança, a experiência e a trajetória de vida concreta fazem emergir a memória de um tempo de desencanto e de frustrações.

Raimunda continua sua carta destacando o vai e vem vivido, após ter saído de sua terra natal – Pernambuco. Importa notar o valor atribuído à casa própria, no sentido de que seu relato sobre suas *experiências migratórias* é guiado pelo desejo de moradia digna.

Oge aqui veio eu to pensando 3 veiseu sai daqui de Pernambuco e foi pra São Paulo a casa veis foi pio a primeira veis eu cheguei ai mora de aluguel mai a segunda veis foi mora num cotiço que tristeza 1 quarto pra 6 pessoa e 1 banheiro pra 4 famia era uma calamidade e a terceira foi pra favela o que doi na fabela e que a gente mora sempre ameaçados sempre com medo eu to com 56 ano e parece que to com 80 de tanto cansado<sup>144</sup>.

O cansaço aqui não está atribuído, somente, aos anos de trabalho (ao corpo debilitado), mas à desilusão e à frustração de não *ter dado certo* sua migração. Neste caso, migrou-se na esperança de conquistar melhores condições de vida e esta está pautada em questões que vão desde subsídios básicos para a sobrevivência até o desejo do novo devir, *do desconhecido*. Nesse sentido, para *quem ficou* fica inquietação, dúvida, incerteza sobre a vida de *quem partiu*.

Nesta linha de apontamentos, em *Ao longe meu abraço*, Marly descreve sua angústia por criar seus filhos longe dos cuidados e dos carinhos do pai. Percebe-se que o marido, ou ex-marido, que migrou, deixou sua família desamparada, sobretudo, financeiramente. O ato de cuidar dos filhos e de tudo que se refere à casa, na terra natal, é atribuído à mulher.

Zé, ao escrever estas é somente dizer que já ganhei nenê, é uma menina. Zé manda dinheiro que eu estou operada e não posso adquirir o pão para dar aos filhos. Olha, fui operada no dia 1º de outubro e peço a você que não se lembre de mim e sim de seus filhos. A minha sorte aqui é a Marlene, e agora que ela vai embora eu vou ficar sozinha, vou morrer de fome porque aqui não tem quem me dê nada. Por isso é que eu te peço que se lembre, pelo menos de seus filhos, por favor. Antônio, Patrícia, Daiana, abençoe eles. Marlene, Alzira e os meninos enviam lembranças. Finalizo com saudades<sup>145</sup>.

A responsabilidade de enviar remessas financeiras recai sobre os/as migrantes. Ademais, esta ação pode ser considerada pelo viés simbólico, no qual os sujeitos acenam para sua situação no local de destino. Esse aspecto também é observado nas narrativas a seguir:

---

<sup>144</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 25, junho-julho, 1987, p. 11.

<sup>145</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 45, novembro-dezembro, 1990, p. 11.

Fátima aqui no Ceará esta muito ruim; não sei como ainda estamos aguentado, pois estamos passando muitas necessidades, pouco temos para comer. Peço-te encarecidamente a tua ajuda pois já estamos desesperados. A nossa situação esta orrível. [...] Minha irmã vou terminar com muita tristeza, sinto muitas saudades suas. Fátima por nossa senhora me ajude, nos precisamos de sua ajuda<sup>146</sup>.

[...] João eu estou quase sem comer aqui porque eu estou devendo o que não posso pagar porque eu tenho que comprar do sal até o remédio e os vendeiros não querem vender mais nada. Hoje mesmo eu fui pegar o carnê e só recebo (300,00) e de passagem foi (1000,00). Os 200 cruzados quando eu fui dar na venda o vendeiro impôs para não receber, sendo que eu já devia 600 cruzados. Aqui eu estou vivendo das canecas das casas dos outros que vem me ver e ficam com dó de ver os meninos sem comer e dá alguma coisa mesmo assim fala ainda. Será que você tem 3,00 cruzados para mandar para mim comprar um quilo de sal? [...] Vou terminando com benções da sua mãe<sup>147</sup>.

São muitas as expectativas criadas nos familiares no lugar de origem e as remessas financeiras é uma delas. O desejo de fornecer recursos, um bem-estar, aos parentes sobressai com qualquer vontade de retornar. Para justificar toda a *ausência*, as migrantes declaram para si e para os outros os sentidos de sua migração, em outras palavras, “[...] para que estas não sejam, uma e outra, pura vaidade, falência total, ato gratuito e, entretanto, absurdo, ato desprovido de qualquer significado, pois só há sentido e razão no reconhecimento que lhe atesta o grupo” (SAYAD, 2000, p. 16).

Diante do cenário apresentado, podemos afirmar que as motivações das migrações não se encerram em condições objetivas apenas. Cada uma das missivas, com suas peculiaridades, suas próprias formas de *dizer, narrar, ser*, constitui na dinamicidade do universo migracional.

---

<sup>146</sup>Vai Vem, *Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1986, p.14.

<sup>147</sup>Vai Vem, *Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 10.

### 3.3 Migração de retorno

Neste momento do trabalho, faremos alguns apontamentos de teorias interpretativas sobre as migrações de retorno, elencando, assim, a mais indicada a embasar<sup>148</sup> o presente tópico. Para tanto, utilizaremos o artigo do pesquisador Jean-Pierre Cassarino<sup>149</sup>, publicado na *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* (REMHU<sup>150</sup>).

Sob o título *Teorizando sobre a migração de retorno: Uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno* (2013, p. 21-54), o autor propõe-se a refletir como o *retorno* no âmbito internacional, vem sendo definido e localizado no tempo e no espaço, e como os/as migrantes retornados/as vêm sendo caracterizados/as nestas literaturas. Feito isso, o Jean-Pierre Cassarino apresenta sua proposta ao tema. Porém, antes, o pesquisador chama atenção para a importância dos estudiosos compreender essencialmente quem retorna, quando e por quê; e ainda, “por qual razão alguns retornados aparecem como atores de mudança, em circunstâncias sociais e institucionais específicas em sua pátria, enquanto outros não conseguem exercer este papel” (CASSARINO, 2013, p. 22).

Desse modo, as teorias explicitadas pelo autor são: a Economia Neoclássica, a *New Economics of labour Migration*, o Estruturalismo, o Transnacionalismo e a Teoria das Redes Sociais. Todas, impreterivelmente, contribuem aos estudos migratórios. Contudo, no que tange a seus quadros analíticos, algumas possuem pontos fracos e outras avanços importantes, os quais serão salientados, resumidamente<sup>151</sup>, a seguir.

*Economia Neoclássica*<sup>152</sup>: nesta abordagem, o *retorno* é entendido pelo viés do fracasso, ou da anomalia das *experiências migratórias*. Aqueles que ficam no país de destino são os bem-sucedidos, financeiramente, e, logo, os retornados são os quais tiveram suas experiências frustradas e seu capital humano não foi compensado como esperado. O paradigma sucesso-fracasso marca o cotidiano, sobretudo, dos/as trabalhadores migrantes,

---

<sup>148</sup> Cabe registrar, que não entendemos que a teoria deva-se sobrepor às fontes, ou, vice-versa. Pelo contrário, intentamos buscar a *práxis* do diálogo entre ambas.

<sup>149</sup> Professor no Robert Schuman Centre for Advanced Studies, European University Institute. Florença/Itália.

<sup>150</sup> A título de curiosidade, a REMHU é uma publicação semestral do CSEM - Centro Scalabrianiano de Estudos Migratórios. Para maiores informações, acessar: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/about/history#>

<sup>151</sup> Temos consciência que tal sistematização é muito superficial em relação à complexidade das teorias aqui apresentadas. Porém, o exercício é importante para situarmos, conceitualmente, o leitor na abordagem escolhida em nosso trabalho e, por conseguinte, apresentar as diversas possibilidades teóricas sobre o tema.

<sup>152</sup> Sobre o assunto ver: TODARO, Michael P. Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. *The American Economic Review*, v. 59, n. 1, 1969. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/aer/top20/60.1.126-142.pdf>. Acesso em 22 jul. 2015.

pois, como podemos notar, os termos migrantes econômicos e laborais são os mais abordados nesta perspectiva, uma vez que se atribui às migrações, somente, a motivação econômica.

*New Economics of labour Migration (NELM)*<sup>153</sup>: no entender desta teoria, os/as migrantes buscam, temporariamente, permanecer no exterior para maximizar sua renda, além de buscar a unificação familiar no país de acolhida. Ao verem seus objetivos pré-fixados alcançados, estes retornam à sociedade de origem, como *estratégia muito bem calculada* por todo o núcleo familiar. Muda-se o foco da interdependência individual para o nível familiar. O *retorno* é visto como uma consequência lógica do projeto migratório, sendo assim, o fim do ciclo.

*Estruturalismo*<sup>154</sup>: as migrações de retorno são analisadas não somente no âmbito dos itinerários individuais, mas principalmente como problema social e contextual condicionado por fatores situacionais e macroestruturais. Esta abordagem não se distancia da NELM, ao compreender os recursos financeiros do país de destino como elementos cruciais ao retorno. Destarte, os *retornos* dos/as migrantes podem ser identificados conforme seus objetivos e aspirações: *retorno do fracasso*; *retorno conservador* e *retorno inovador*. Em todo o caso, o capital cultural/social/econômico dos/as migrantes retornados/as é *desperdiçado* mediante os limites estruturais do país de origem (notamos a dicotomia entre país de destino – *centro*, e o país de origem – *periferia*).

*Transnacionalismo*<sup>155</sup>: diferentemente das demais teorias, as migrações de retorno não são consideradas o fim do ciclo migratório, mas apenas etapas. Outras características que se sobressaem nesta abordagem são os fatores que motivam os retornos, quais sejam: o apego familiar, a saudade ao local de origem, as percepções subjetivas, bem como a ascensão social e econômica. Em outras palavras, o *retorno* tem fundo social e histórico, entrelaçados entre as dimensões macro e microestrutural da sociedade. Nesta ótica, os/as migrantes mantêm *redes*

---

<sup>153</sup> Segue uma sugestão de trabalho sobre esta perspectiva: STARK, Odeb. *The Migration of Labor*. Cambridge: Brasil Blackwell, 1991. Disponível em: <<http://class.povertylectures.com/Stark1991MigrationofLaborChapts1-3.pdf>>. Acesso em 22 julh. 2015.

<sup>154</sup> Ver: GMELCH, George. Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, v. 9, 1980. Disponível em: <<http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.an.09.100180.001031>>. Acesso em: 22 julh. 2015.

<sup>155</sup> “[...] no campo das ciências humanas, o conceito faz referência a processos e práticas sociais, econômicas, políticas e culturais que estão configuradas pela lógica de mais de um Estado-nação e que se caracterizam pelo cruzamento ou desestabilização constante de suas fronteiras e pela possibilidade de construção de espaços multiterritoriais. [...] Nessa perspectiva, os transmigrantes são aqueles que constroem novos ‘campos sociais’ que interligam os diversos polos do movimento migratório, mantendo um amplo leque de relações, afetivas e instrumentais, cruzando as fronteiras” (COGO & SOUZA, 2013, p. 48-49).

*transfronteiriças*<sup>156</sup> entre os familiares e a comunidade, construindo, desta maneira, suas próprias reintegrações na terra natal, após várias visitas, anteriormente. Entre os temas mais abordados, nesta perspectiva, estão: *identidade* (híbridas) e *mobilidade transnacional*.

*Teoria das Redes Sociais*<sup>157</sup>: nesta linha, os/as migrantes de retorno são apreendidos por elementos tangíveis e intangíveis. As experiências migratórias constituídas no decorrer das trajetórias, ou melhor, a dinâmica das *redes transfronteiriças* tecidas entre familiares e não-migrantes, garantem um *retorno* bem-sucedido destes sujeitos, embora não descarte a possibilidade do *retorno* pelo viés do fracasso-sucesso. Cabe realçar, também, que as *redes* são constituídas por diversas estruturas, as quais podem oferecer inúmeras estratégias (sociais, políticas, econômicas, institucionais) e orientações aos migrantes retornados. Enfim, as migrações de retorno podem ser caracterizadas como um *continuum* nas vidas dos/as migrantes.

Como observado, por meio das correntes teóricas do *Transnacionalismo* e da *Teoria das redes sociais*, a migração de retorno deixou de ser o fim do ciclo e passou a ser etapa do projeto migratório. E mais, com estas perspectivas, as migrações, em geral, ganham mais complexidade ao serem vistas para além do viés economicista. As *redes transfronteiriças* acabam a oferecer maior sensibilidade para os estudos dos fatores contextuais e institucionais, entre país de origem e de destino. Contudo, o que nos parece, a teoria das redes sociais é a mais completa para entendermos quando, por que e as maneiras pelas quais os migrantes retornam; como mobilizam seus recursos; como são capazes de transformar a sociedade de origem, por meio das experiências migratórias.

Nas palavras do pesquisador Jean-Pierre Cassarino (2013, p. 50):

Estas redes não surgem espontaneamente, mas decorrem de condições específicas pré e pós retorno. Elas também geram um *continuum* entre as experiências dos migrantes vividas nos países de destino e sua situação nos países de origem. Esse *continuum* diz respeito exclusivamente aos migrantes retornados que se beneficiam de um elevado nível de *preparedness*. Por

---

<sup>156</sup> Ao estudar os diversos fluxos que marcam as linhas fronteiriças entre o Brasil e os demais países do Mercosul, os pesquisadores Rogério Haesbaert e Marcelo de Jesus Santa Bárbara (2001, p. 29) reiteram que “os migrantes participam destas rede, ao mesmo tempo que transpõem os limites internacionais, a fronteira política, recriam a fronteira econômica, expandindo a modernização agro-industrial capitalista para as novas áreas e estabelecem uma relação cultural conflitiva com os antigos grupos locais, como o índio ou o camponês descendente de guaranis, no caso paraguaio”.

<sup>157</sup> Para um estudo mais profícuo sobre o tema, ver: FUSCO, W. *Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH-UNICAMP 2000.

outro lado, ele inexistente para os retornados que têm baixo ou nenhum nível de *preparedness* [grifos no original].

À medida que as migrações de retorno ocorrem de forma autônoma, os retornados possuem mais capacidade de reunirem recursos tangíveis (capital financeiro) e intangíveis (contatos, conhecimentos, relacionamentos) na sociedade de origem, pois, como sabemos, o *retorno* pode ser *forçado* por uma decisão judicial e administrativa, ou *assistido*, quando o/a migrante tem auxílio financeiro de ONGs, instituições ou do Estado para retornar a terra natal.

Por meio do trabalho empírico, foram identificadas algumas modalidades de retorno, em consonância com as orientações da pesquisadora Tuíla Botega (2014, p. 1-2). A saber, as migrações de *retorno temporário*: em que os retornados voltam a sua terra de origem, esporadicamente; as migrações de *retorno continuado*: estas são designadas aos sujeitos que migram com intuito de trabalhar em prol de maximizar sua renda, mas com objetivo de voltar após adquirir capital financeiro; ao não alcançar suas metas pós-fixadas, re-migram. E ainda, podemos situar as migrações de retorno em

[...] *permanente* – no caso dos migrantes que conseguem se readaptar totalmente à sociedade de origem e não pretendem migrar novamente; *transmigrante* – são aqueles que vivem nos dois lugares, geralmente são documentados e desempenham funções sociais nos dois países; e os *retornados da crise*. [...] Nessa situação o custo benefício da emigração deixou de ser positivo e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo nesses países. Portanto, para muitos o projeto emigratório tornou-se um projeto interrompido, frustrado [grifos no original].

No âmbito das migrações internacionais de retorno, duas narrativas epistolares chamam a atenção pelo destaque atribuído ao sentimento de quem retorna. As expectativas das migrações perpassam não só os/as migrantes, mas os familiares e toda a sociedade de origem. Neste caso, a volta está relacionada com ascensão social e frustração posta por não adquirir capital financeiro esperado. É certo que as *condições deixadas pra traz*, também, são relevantes na decisão de retornar, como podemos perceber a seguir: “No queremos volver a nuestro país, haya no hay trabalho, tampouco tenemos casa muebles, porque vendimos todos para vim pra acá. Además, sería lamentable volver fracasados y derrotados” (carta escrita por um grupo de bolivianos/as)<sup>158</sup>.

---

<sup>158</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 28, dezembro, 1988, p. 09.

Os/as migrantes depositam todos os seus recursos tangíveis e intangíveis na concretização da travessia. Assim sendo, o retornar necessitaria de maiores mobilizações (em aproximação a CASSARINO, 2013, p. 49). Esses/as bolivianos/as, apesar de não terem casa própria no Brasil e ainda encontrarem dificuldades na inserção de trabalho, acenam negativamente ao retorno.

Há de sublinhar que o intuito de retornar com melhores condições financeiras está correlacionado aos sentidos e à condição da própria emigração, não só do/da migrante em si, mas a toda sociedade de origem – na tentativa de justificar *ausências*. Quando este projeto não é realizado, conforme o programado, o receio do retorno fica ainda mais aguçado. Os sentimentos de impotência, fracasso, de derrota invadem de tal maneira as vidas dos/as migrantes, que o ficar é a melhor saída. Ou seja, continuar a sonhar pelo novo devir, em *terras desconhecidas*, se sobressai ao desejo de voltar. Porém, mesmo sabendo que o retorno, nestas condições, seria impossível, o sonho continua *guardado entre os fios da memória*.

Na verdade, alguns pesquisadores defendem que o *retorno* é o elemento constitutivo da condição de quaisquer imigrantes. Neste entendimento, “o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta o cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhe resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra” (SAYAD, 2000, p. 11).

O trabalho empírico com as fontes reiteram as colocações anteriormente apontadas. Nas cartas, relacionadas aos/as e/imigrantes, notamos o desejo do retorno, embora não evidencie a concretização deste. Nesta situação, mesmo com todos os dilemas vividos na sociedade de destino, as migrações de retorno aparecem como desejo, sonho, fantasia inalcançável, como podemos analisar:

*Actualmente, seguimos siendo migrantes forzados, una familia más de las miles de familias paraguayas que a pesar de nuestra añoranza por la patria, a pesar de nuestro deseo de volver, debemos seguir llevando en nuestros hombros el montón de inconvenientes que encarna la condición del migrante: inseguridad, incomprendiones, indocumentación, inadaptación, desempleo, dificultades de idioma, obstáculos en la escolaridad, indefinición subjetiva frente al futuro familiar, insatisfacción de los derechos cindadonos por impossibilidad de participación activa, etc<sup>159</sup>.*

O grupo de imigrantes paraguaios/as realça algumas das dificuldades encontradas no fazer-se da incompletude travessia, trazendo à luz as condições a que os/as migrantes estão

---

<sup>159</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 26, agosto-setembro, 1987, p. 10.

expostos, ou melhor, os vários modos de relações que as migrações de retorno se inserem. Destarte, o desejo de voltar ao local de origem e reencontrá-lo da maneira que se deixou, como se nada tivesse ocorrido com os lugares, os espaços, os cheiros, os sabores, as pessoas, durante toda *ausência*. Talvez seja esta ilusão da qual se alimenta a necessária nostalgia dos/as migrantes. O anseio do reencontro de si mesmo *nas ausências*, as quais se perpetuaram no tempo e no espaço. “Deste ponto de vista, haveria uma ‘nostalgia tipicamente temporal’, que evocaria um retorno não a uma outra ligação, uma ligação antiga, mas um retorno no tempo, um retorno ao passado, como se o tempo fosse reversível e pudesse ser percorrido em sentido inverso” (SAYAD, 2000, p. 14).

Ainda, em alusão a Abdelmalek Sayad (2000, p. 15), podemos dizer que o retorno está implícito no próprio ato de imigrar. O condicionamento do retorno, entendido pelo autor, situa-se no enfrentamento da *ausência*, seja na emigração como na imigração. Não há presença que não se pague com ausência, “[...] não há inserção ou integração neste lugar de presença que não se pague com uma des-inserção ou des-integração em relação a este outro lugar, que não é senão o lugar da ausência e da referência para o ausente”. Presença e ausência entrelaçam-se e constituem elementos nos/nas imigrantes e na imigração, do mesmo modo nos/nas emigrantes e na emigração.

Mas, até o momento estamos nos referindo ao retorno na esfera das e/imigrações, e as demais narrativas epistolares, protagonizadas pelas migrações internas, o que nos revelam, ou, o mais importante, o que não estão implícitos nestas cartas? Podemos atribuir estas elucidaciones para o retorno no âmbito inter-regionais? Quais as motivações do retorno para estes sujeitos? Quando e como retornam? Quais especificidades desta migração? Qual o perfil das migrações de retorno analisadas nestas epístolas? Estas são algumas das preocupações que tentaremos compreender a seguir.

As migrações de retorno, no âmbito inter-regional<sup>160</sup>, elucidado nas cartas, aparecem como fruto de exclusão social<sup>161</sup>, que se inicia desde o ato do deslocar até o receio do retorno.

---

<sup>160</sup> Em alusão a Eder Sader (1988, p. 75-80), guardando as especificidades de cada período, podemos associar as décadas de 1950-1980, na qual a cidade de São Paulo foi palco de intensos fluxos migratórios, impulsionados principalmente pelas propagandas de melhores condições de vida e de “encantamento” com as inúmeras fábricas; com a década de 2000. Com a mudança das fábricas para outras regiões, ou melhor, com o aumento desenfreado do capital, observaremos tais retornos com maior assiduidade em outras regiões, ou seja, as migrações conforme *os movimentos* e as demandas das fábricas.

<sup>161</sup> A noção de exclusão mencionada no trabalho está em aproximação com o texto *O problema das migrações e da exclusão social no limiar do terceiro milênio*, de José de Souza Martins (2002, p. 125). Neste capítulo, o autor chama atenção para o uso demasiado da noção exclusão, como se a mesma explicasse todos os problemas sociais vigentes. Até porque todos os processos de exclusões buscam, concomitantemente, incluir. Assim sendo, concordamos com autor ao destacar que “estamos em face não de um problema de exclusão. A palavra exclusão

Muitos dos sujeitos que migram estão dispostos a aceitarem, na tentativa de sobreviver, qualquer condição de vida no local de destino, o que o coloca em situações humilhantes e degradantes. Por conseguinte, a volta está condicionada às frustrações postas pelas *experiências migratórias* ou às realizações. Quando isto ocorre, os migrantes e familiares são permeados, continuamente, pela presença do *ausente*. Conforme as preocupações destacadas pelo sociólogo José de Souza Martins (2002, p. 143):

A presença humana que se constitui em referência desses migrantes é quase sempre o ausente, o que se foi ou o que ainda não chegou. Mas, quem parte é um, quem volta é outro. Retornam parcialmente ressocializados na sociabilidade marginal urbana, dos excluídos, dos sem-lugar, sem-teto, sem-família. Ressocializados pela vida solta, fora dos mecanismos de controle social da comunidade e dos parentes, na suposta e falsa liberdade do ir e vir. Voltam com outra mentalidade, outros gostos, outras vontades, não raro outra visão de mundo, outra moral, outra religião. A escala de valores de referência fica alterada, até profundamente, na recusa parcial ou total do modo de vida da sociedade de origem.

Os/as migrantes vivem a esperar o retorno do *ausente*, o qual sempre esteve *presente* nas memórias, nos espaços vazios, nos sonhos do reencontrar. Todavia, o que não se esperava é que esses sonhos fossem concretizados apenas em *pedaços*, pois quem partiu não é o mesmo que voltou. As marcas das experiências migratórias tornam-se inevitáveis nas ações e vivências dos sujeitos, seja no âmbito das migrações internacionais ou nas nacionais. Os trechos das cartas que seguem evidenciam não só o perfil destas migrações, mas também as frustrações vividas no sair, no chegar, no ficar e, sobretudo, na voltar.

Vocês se lembram de seu Penha que foi para São Paulo? A esposa dele disse que logo vai voltar, as condições não estão boas aí. Não entendo o que há de atrativo em São Paulo, migrar não é a solução, pois o pessoal volta em condições piores do que quando saiu daqui<sup>162</sup>.

Fomos obrigados a sair da terra por falta de condições e quem tem um pequeno sítio é maltratado pela seca. Caminhamos para a cidade em busca de vida melhor, mas aqui encontramos uma floresta de pedras e somos jogados nas favelas, cortiços, em baixo de viadutos [...]. Temos esperança de um dia voltar e trabalhar na nossa terrinha, cultivar nossa cultura e nossos costumes<sup>163</sup>.

---

conta apenas metade do processo, mas não conta a consequência mais problemática da economia atual, que é a inclusão degradada do ser humano no processo de reprodução ampliada do capital. É isso que tem que ser discutido. É isso que tem que ser objeto de consideração”.

<sup>162</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 2, junho-julho, 1987, p. 11.

<sup>163</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 10.

As migrações continuam. Em municípios na Diocese de Barra, com mais habitantes morando fora do que dentro. [...] Milhares de pessoas vão para as grandes cidades, num fluxo constante e desordenado, em busca de emprego e melhor situação na vida. Também ocorre o contrário em época de crise: desiludidos, mais empobrecidos ainda, os migrantes retornam a seus lugares de origem levando como única bagagem o sonho desfeito. Tudo isso provoca uma grande desagregação familiar. Aponta-se como causa das migrações a falta de apoio ao homem do campo e a concentração de terras nas mãos de poucos<sup>164</sup>.

Em síntese, todas as narrativas expressam um grau de conscientização política e da realidade que vivem. Podemos atribuir esses aspectos ao perfil do *Boletim Vai Vem* - de ser instrumento de cunho sócio-pastoral em prol dos/as migrantes, desestabilizando a hegemonia dos sentidos atribuídos ao retorno pelas mídias em geral. Tendo em vista estes argumentos, as migrações de retorno, expressas nas cartas, dizem respeito aos migrantes laborais; migrantes econômicos e migrantes ambientais. A busca por melhores condições de vida, principalmente, por meio de trabalho, se sobressai nas narrativas, e ao mesmo tempo a frustração da precariedade deste move estes sujeitos ao retorno. Quando o voltar não é a melhor saída, a frustração dá lugar à nostalgia, à saudade da terra, à valorização da terra natal. Ou seja, os elementos positivos da sociedade de origem são reforçados como sentido de pertencimento, pois ela engaja toda a identidade social e cultural dos sujeitos, e logo desaparecem as causas e as motivações que os fizeram sair, inicialmente.

Contudo, para continuarmos a refletir sobre as migrações de retorno, convidamos o leitor a se debruçar no próximo subitem deste tópico, no qual serão vislumbrados dois itinerários individuais dos migrantes, bem como seus dramas vivenciados ao retornar a terra natal. Apresentamos também uma carta, de *quem ficou*, sinalizando as dificuldades de uma possível volta, indicando, assim, as dinâmicas das *redes de contatos* traçadas pelos/as migrantes com seus familiares.

---

<sup>164</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 10, n. 48, julho-agosto-setembro, 1991, p. 10.

### 3.3.1 Migrações de retorno como drama

Imagem 16: Epístola de migração de retorno

Iguaçu, 3 de maio de 1987.

Meu nome é Luiz, nasci em Alagoas União de Palmares.

A minha vida foi sempre dura, mas ficou bem pior depois que eu me casei porque os pensamentos e as preocupações dobraram.

Eu nasci e fui criado em uma fazenda S. José de Balan, município de União de Palmares, mas o fazendeiro vendeu a fazenda para uma Urna, para plantação de cana e expulsou todos os moradores, deixando os igados nas plantações sem pagar nada a ninguém e ainda ameaçaram todos, então eu saí da fazenda e vim morar no Paraná na Agricultura, mas com problemas dos maquinários acabaram com os trabalhos braçais, não dando certo voltei para Alagoas e aí me casei e vim para S. Paulo, chegando aqui fui morar com meu irmão na loja, depois de um ano com meu irmão, aporei-me de um barraco da prefeitura, depois de um ano fui despejado pela prefeitura sem pagar nada, e vim para a V. Industrial na casa de outro irmão, depois de dois anos trabalhando na Shift, esta firma me emprestou C = R\$ 6.000,00 e comprei um barraco na Iguaçu, depois disso e dali com várias firmas fui sete anos de dificuldades e fui aí que voltei novamente para Alagoas.

Chegando em Alagoas na casa de meu irmão, fiquei mais seis meses desempregado tive de acumular dinheiro para poder alugar uma casa em S. José de Bayes, e lá comendo o que eu levei de S. Paulo, depois de um ano voltei para União de Palmares e novamente aluguei nesta firma fui mandado embora, porque eu sempre fui doente e não aguentava serviço muito pesado.

Dai voltei para S. Paulo e novamente morando na Iguaçu, a família estava crescendo, já com quatro filhos e estive morando até hoje na Iguaçu, mas ainda não esqueço Alagoas, tenho muita vontade de voltar pra lá, tenho saudades da minha Terra Natal e de tudo que lá deixei.

Fonte: *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 6, n. 26, agosto-setembro, 1987, p. 10.

Num simples pedaço de papel, os/as migrantes registram suas trajetórias, conforme suas intencionalidades, subjetividades, vivências, sensibilidades. Confiando-o suas histórias e traumas mais íntimos. *Partir* ou *ficar*? *Ir* ou *voltar*? O vai e vem que marcam as vidas dos sujeitos, em busca de dias melhores, pela conquista da casa própria e pela concretização de trabalho digno.

Luiz escreve seu vai e vem ao *Boletim Vai Vem* no intuito de compartilhar suas *experiências migratórias* com os demais leitores do periódico. A migração de retorno descortina-se como drama em sua singular história de vida. Já no próprio ato de se deslocar,

observam-se os efeitos da industrialização no campo, pois, como Luiz destaca com muita indignação, ao sair da fazenda Santo José de Balan no município de Alagoas União de Palmares, os trabalhadores saíram sem ao menos ter recebido o salário pelos trabalhos realizados.

Chama a atenção o foco que o remetente atribui ao ato de soltar os gados nas plantações. Suponha-se que estas fossem plantadas pelo nosso narrador e, por isso a revolta de ver anos de trabalho sendo desvalorizado, de modo que o ser humano é menos valorizado que os animais do patrão. Nessas condições, Luiz se desloca para o Paraná<sup>165</sup>. Ao ver, novamente, seu trabalho na lavoura sendo substituído pela mecanização, o narrador resolve retornar para Alagoas União de Palmares, onde irá se casar.

Ao constituir família, suas preocupações aumentaram, pois outras pessoas dependiam financeiramente dele. A migração que se iniciou individualmente – de trabalho - torna-se por conseguinte de povoamento.

Deste modo, a migração para São Paulo protagonizada pelo Luiz e sua família será concretizada por idas e vindas. Depois de morarem, temporariamente, na casa de um irmão, viverão e terão a experiência de serem despejados pela Prefeitura de São Paulo, após terem ocupado uma casa. Mediante este cenário, eles voltam para sua terra natal, guardando na memória a desilusão de verem seus *planos despedaçados*.

Diferentemente das outras vezes, Luiz consegue um emprego e logo aluga uma casa para toda a sua família. Mas, ao ver sua saúde debilitada, a firma na qual trabalha manda Luiz embora. Com todo este drama, Luiz e sua família entendem que a melhor saída seria retornar para São Paulo, como ele mesmo destaca: “Daí voltei para São Paulo e novamente morando na Iguazu a família estava crescendo, já com quadro filhos e estou morando até hoje na Iguazu, mas ainda não esqueci Alagoas, tenho muita vontade de voltar para lá, tenho saudades da minha Terra Natal e de tudo que lá deixei” (p. 10).

A saudade da sociedade de origem transforma-se em culpa por tudo que se deixou. Desta forma, as migrações de retorno apresentam-se como *continnum* na vida destes sujeitos.

---

<sup>165</sup> Ao discutir as contradições entre os Projetos do Estado e dos Assentados no Assentamento Taquaral (MS), a pesquisadora Alzira Salete Menegat (2009, p. 159) pontua as várias lutas dos assentados desta região, entre eles, a do senhor Vitor. Esta história chama a nossa atenção, assim como o do nosso narrador Luiz, pela sua ligação com a terra, pautado em sucessivos processos migratórios. Como a autora chama atenção “esse processo demonstra que o homem que vive na terra e da terra precisa fincar raízes, constituir uma história, especialmente aquela que expresse o resultado de suas lutas em busca de terra e de uma terra que lhe de condições de vida. [...] Não é qualquer terra que desejam, mas sim uma terra de trabalho”.

O fazer-se da incompletude da travessia coloca-os em mobilidade e fluidez em todo o instante.

A próxima carta a ser analisada, intitulada *A história de um acampado no Ibirapuera/SP*, foi escrita por José Carlos da Silva<sup>166</sup>. Essa narrativa, não diferentemente da primeira, é marcada desde o início pela busca de emprego e pela organização popular dos/as migrantes. José Carlos da Silva começou a trabalhar ainda garoto como engraxate e entregador de marmitas, em sua cidade natal Telêmaco Borda, interior do estado do Paraná. Seu pai trabalhava em uma fábrica, e *seguindo* os passos de seu pai, participou de alguns cursos oferecidos pelas empresas. Passados alguns meses, foi contratado por uma das fábricas parceiras do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), porém foi despedido do emprego ao término dos cursos que fazia.

Diante deste cenário, José Carlos da Silva sonhou com novas veredas, com caminhos que lhe trouxesse estabilidade e uma vida melhor. Assim sendo, em 1975 migrou para a cidade de São Paulo, mas a realidade deste novo caminho foi assinalada por inúmeras dificuldades, tais como a busca de um novo emprego, a compra de uma casa própria, dentre outros.

José Carlos da Silva conseguiu um emprego de servente de pedreiro e, em seguida, como pedreiro. Neste período, aproveitou para aprender um pouco do trabalho de eletricitista e não demorou muito para conseguir emprego de eletricitista instalador em uma fábrica de São Paulo. Com esse novo emprego, José Carlos havia de acompanhar a empresa que prestava serviço em inúmeras cidades, como narrado a seguir:

Nessa caminhada passei para obras de vulto como Jari, Canal de Simão, Itaipu, Centrais Elétricas Térmicas em vários Estado do Norte, Centro e Sul do Brasil, Itaipu, Rodovia dos Imigrantes, Rodovia Rio-Santas, Parto de Tubarão, Casifa, área da Petrobrás em Cubatão, Camacari, Paulinia e Areucária, São Paulo, Ponte Niterói (p. 11).

Podemos observar que as condições de trabalho dessas empresas não eram das melhores. Os trabalhadores passavam horas de suas vidas com dedicação ao emprego, como José Carlos assinala: “Nessas firmas tinha de fazer em média 4 horas extras por dia, muitas vezes tendo de dobrar. Se não o fizesse era demitido, o que aconteceu várias vezes quando passei a compreender que estava sendo explorado” (p. 11).

---

<sup>166</sup> *Vai Vem, Boletim das migrações*. Ano 3, n. 11, dezembro, 1983, p. 11.

Em 1977 José Carlos tentou estabilidade em outra fábrica em Guarulhos, São Paulo, para não precisar sair de sua casa. Era grande a inquietude diante das condições de trabalho. Diante disso, envolveu-se em uma greve, em maio de 1978, reivindicando melhores condições de trabalho. Pelo seu envolvimento nas mobilizações, José Carlos foi demitido do emprego.

No mesmo período, entrou em outra fábrica e se envolveu em outras manifestações, e novamente foi demitido, como o mesmo relata:

Consegui um emprego de ajudante na MEB de Guarulhos mas fui mandado embora devido a greve de maio de 1978. Fiquei 3 meses desempregado e consegui entrar na Bâlem, na mesma função ajudante. Com a luta dos trabalhadores surgiu a greve de novembro e perdi o emprego novamente (p. 12).

José Carlos resolveu retornar para sua terra natal no estado do Paraná, trabalhando novamente em montagens industriais. Neste período, casou-se e constituiu família, tendo duas filhas. O retorno foi registrado por inúmeras dificuldades, entre elas, a inserção no trabalho. As dificuldades financeiras só aumentavam. Diante desta situação, a família decidiu re-migrar juntos, novamente, para São Paulo.

A volta para São Paulo, e agora com a sua família, foi marcada por muitas esperanças de uma vida melhor, principalmente com a expectativa de que na cidade teria bons empregos. Mas a realidade foi dura, como José Carlos aponta a seguir: “lutei para conseguir emprego em São Paulo e ao mesmo tempo fazia bicos de eletricidade. Como não dava pra manter direito as filhas a situação familiar foi ruindo e acabei perdendo a companheira” (p. 12).

Neste momento da carta, ou melhor, de sua vida, José Carlos vivencia a perda da família, o que torna mais difícil a caminhada. Sua vontade de lutar por melhores condições de vida é aguçada perante as dificuldades enfrentadas. José Carlos da Silva finaliza sua narrativa demonstrando uma conscientização, a qual sempre teve, mas que agora se objetiva na organização social coletiva dos desempregados no bairro de Ibirapuera, São Paulo: “por acreditar ser ele um grito desespero que vai ecoar por todo o Brasil e alertar os trabalhadores para lutar por um emprego descente, com salários dignos e estabilidade” (p. 12).

A CEBs<sup>167</sup> foi o apoio que todos precisavam. Uma organização que, na década de 1980, agia com padrões inovadores de ações coletivas e não individualistas, como sugere a pesquisadora Luiza Kelin Alonso (1994, p. 84) sobre os Movimentos Sociais daquele

---

<sup>167</sup> No próximo capítulo analisaremos com mais assiduidade estes espaços assinalados pelos/as migrantes.

contexto: “O conceito de Movimento Social é entendido como uma forma de ação coletiva baseada na solidariedade, desenvolvendo um conflito, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação”. Do mesmo modo, podemos elencar ao debate, as considerações feitas por Eder Sader (1988, p. 89), ao destacar a organização de homens e mulheres em seus bairros, na luta por demandas concretas, com resultados imediatos – pequenas melhorias -, a saber, por canos de esgoto, por direito a educação de qualidade, estradas, moradias, trabalho, creches, ponto de ônibus, posto de saúde. Este pesquisador, evidencia em seu trabalho os espaços, nos quais os/as migrantes, ao chegarem no local de destino, atuaram em busca de melhores condições.

Contudo, ambas as narrativas são escritas por homens migrantes que se lançaram à travessia, sobretudo, por motivos econômicos, na busca por emprego. Como sugere o pesquisador Abdelmalek Sayad (2000, p. 24), não existe migração autodenominada de trabalho, que não se transforme em migração de povoamento, ou seja, em migração familiar. Desta forma, percebemos nas cartas os itinerários individuais, e logo se metamorfoseando em coletivos.

O vai e vem das migrações apresenta-se como um fato social com múltiplas facetas, sendo o retorno uma delas. Nos exemplos postos, notamos que a decisão de retornar foi concedida por todo o núcleo familiar. Já os motivos e as condições do retorno foram situados pela *precariedade de trabalho*. Tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem, os remetentes não conseguiam ter as condições básicas de emprego, muito menos de moradia.

O autor Sidnei Dornelas (1995, p. 7) chama atenção para os aspectos de dramaticidade que as migrações de retorno ganham por meio das *experiências migratórias*, permitindo, assim, questionarmos até que ponto podemos resgatar as particularidades e as intensidades destas dimensões na vida dos sujeitos retornados.

O ‘retorno’ ganha conotação de drama quando, contra toda ‘probabilística’ sociológica, a subjetividade do migrante, personagem migratório, se volta contra esse processo migratório, se volta contra esse processo que o produziu. Vivido como salvação ou como desastre obscuro, não há análise social que dê conta das pequenas tragédias que se redesenham nos depoimentos e histórias de vida desses migrantes. Como resgatar a dramaticidade de experiências humanas resumidas em palavras simples como ‘saudade’ ou ‘besteira’?

As colocações tecidas pelo autor vêm ao encontro das inquietações da presente pesquisa, a de discutir os processos migratórios pelas experiências dos/as migrantes, pois só assim conseguiremos reconstituir suas trajetórias.

A próxima carta, caracterizada pelo cunho familiar, é intitulada *Saudações*<sup>168</sup>. Nesta carta, aparece nome da remetente – Maria de Fátima – e sugere que a destinatária faz parte de suas relações familiares pela narração próxima e pelo uso do gênero feminino no decorrer do diálogo, que também se chama Maria. O objetivo de analisar esta epístola, neste momento, assenta-se na necessidade de destacar *as redes de contato* traçadas pelos/as migrantes com os seus familiares, na sociedade de origem. Desse modo, evidenciam-se as cartas como alerta sobre possível retorno.

O intuito da escrita é marcado pelas notícias de sua terra natal, Ingazeira, Pernambuco, como a falta de emprego e as péssimas condições de trabalho que assombram a cidade. A narradora alerta sobre o retorno à terra natal, já que as condições de vida em São Paulo também estavam ruins, principalmente, para os/as migrantes. Subentende-se que a destinatária, por algum motivo, sinalizou a Maria de Fátima o desejo de voltar a sua terra natal.

A remetente evidencia a todo o momento que a situação em Ingazeira não é das melhores, dizendo que o custo do “feijão está quase por 30 mil” (p.14) e as condições de emprego são as mínimas, e quando se tem o salário, é baixo: “Maria sobre a vontade de você vim embora pense muito nesse seu plano por que a situação de viver aqui é muito difícil [...]” (p. 14).

A autora da carta, ao ressaltar a falta de emprego na região, deixa a entender que a dificuldade de se encontrar trabalho era tamanha que as pessoas acabavam por optar pela primeira oportunidade que aparecia, mesmo se o salário e as perspectivas não fossem dos melhores: “o emprego que bom não tem, o emprego que apareceu para os pobres pai de família foi umas emergência sem futuro que não da nem para os solteiros todo [...]” (p. 14).

As dificuldades de emprego nessa região eram muitas, especialmente para mulheres, as quais deveriam desdobrar-se tanto com os afazeres da casa como com a responsabilidade de sustentar financeiramente sua família: “Maria manda me dizer se ai é fácil emprego para mulher”; “Maria quanto é sofrer morar em um lugar que não tem ganha nem para mulher ganha”. Ou ainda, ao dizer que o seu dinheiro não deu nem para tirar a foto de sua filha, que pretendia enviar com a carta: “este ganho que eu ganho não esta dando nem pra feira ainda não tirei a foto da menina porque não tenho dinheiro imagine” (p. 14).

---

<sup>168</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1986, p. 14.

As cartas tornam-se, assim, *redes de contatos e de socialização* entre migrantes e seus familiares: “diga a Francineide que eu estou aguardando a carta que ela vai me escrever” ou “sempre se lembra de me escrever me falando como vai ai a Capital Paulistana” (p. 14).

O sentimento nostálgico é registrado desde o início da carta até o final da narrativa: “Maria com um abraço a você e outro em Francineide. Mãe e Zé mandaram lembranças para todos vocês e sempre se lembra de me escrever me falando como vai ai a Capital Paulistana todos mandam muita lembranças a Génario” (p. 14).

A palavra *saudade* é mais que sentimento, experiência vivida, nas histórias das/os migrantes. O presente alimenta a *saudade*, e esta nutre o passado impulsionando o desejo de reencontro, de quem partiu e de quem ficou. Como diriam os poetas: a *saudade* não é *ausência*, mas, fundamentalmente, a *presença*. Nesse sentido, só sente *saudades* quando existem *presenças*. A *presença* de si mesmo construída no sentimento de pertencimento na/pela alteridade. São narradores e lembradores que vivem dois espaços e dois mundos: passado-presente. *Mundos infinitos*. Reencontros marcados pelos desencantamentos dos e nos lugares, sobretudo, sociais experimentados. Aquele que fez travessia faz agora o inverso: o remigrar, o retornar. É a vida travessia em sua incompletude, num constante fazer e refazer.

## CAPITULO IV

### DAS CARTAS COLETIVAS: AS MIGRAÇÕES E SUAS DEMANDAS

Os movimentos são fluidos, fragmentados, perpassados por outros processos sociais. Como numa teia de aranha eles tecem redes que se quebram facilmente, dada sua fragilidade; como as ondas do mar que vão e voltam eles constroem ciclos na história, ora delineando fenômenos bem configurados, ora saindo do cenário e permanecendo nas sombras e penumbras, como névoa esvoaçante. Mas sempre presentes.  
(GOHN, 1997, p. 343)

Migrantes, ao chegarem ao *local de destino* ou entre o vai e vem de suas migrações, se posicionaram e se organizaram em prol de uma agenda voltada às demandas migratórias. Denunciando, alertando e reivindicando os problemas sociais e econômicos nos quais estavam inseridos/as. Dessa forma, o ato de enviar suas cartas ao *Boletim Vai Vem* e os sentidos de suas migrações ganham outras dimensões, como a do *fazer-se migrante em luta*.

Diante disso, analisaremos neste último capítulo o que, ao nosso entendimento, torna ainda mais instigantes as fontes privilegiadas na presente pesquisa, a saber, suas migrações em interfaces com os movimentos populares. Até porque não poderíamos discutir as *experiências migratórias* dos narradores sem fazer alusão a suas trajetórias entre os *espaços de lutas*, que, por sua vez, nutriram as pautas dos *mundos das migrações*.

No intuito de analisar as demandas expressas em suas narrativas, as quais foram assinadas coletivamente (um total de 53 cartas, conforme já pontuado na metodologia aplicada na pesquisa), o capítulo está dividido em dois momentos. O primeiro se dedica à preocupação em apreender os *espaços concretos* das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), das Sociedades de Amigos de Bairro (SABs) e das Pastorais Sociais; o segundo, os espaços do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do Movimento Sem Terra, pelos quais ecoaram as reivindicações de homens e mulheres migrantes.

#### 4.1 *Dos espaços de luta: Os clamores dos/as migrantes*

No capítulo I, vimos como o *Boletim Vai Vem* – portanto, as missivas a ele enviadas e aqui analisadas – está intimamente ligado aos ideais da Teologia da Libertação (TdL) e ao contexto histórico de efervescência dos *novos movimentos sociais* e dos movimentos populares. Retomando essas implicações, neste tópico pretende-se identificar, por meio das *cartas coletivas*, os *espaços concretos* que os/as migrantes utilizaram para colocar em prática suas reivindicações.

Neste ponto, concordamos com o pesquisador Ademir Pacelli Ferreira (1999, p. 28) quando ele afirma que: “o migrante necessita de espaços de ação e linguagem para ressignificar suas experiências e reparar sua identidade, pois, com as perdas dos veículos culturais e afetivos, o sujeito tende a se desarticular”. E também com a pesquisadora Maria da Glória Marcondes Gohn (1991, p. 42), que conclui: “portanto, a troca de experiências, através de espaços de práticas coletivas engendrados pelos movimentos populares, é o ponto fundamental para a socialização das informações e a constituição de uma identidade de objetivos e ação”.

De modo geral, as missivas apontam para as CEBs, as SABs, as Pastorais Sociais e, em menor proporção, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Movimento Sem Terra<sup>169</sup>, como os espaços onde construíram estratégias de mobilização sociais. Já adiantamos que, embora cada um desses *espaços* possua especificidades e características próprias, devemos entendê-los no decorrer do nosso estudo pelas interligações das *pautas migratórias* e, logo, como instrumentos de luta dos sujeitos.

Iniciaremos nossa análise pelas CEBs, pelas SABs e pelas Pastorais Sociais, uma vez que essas impulsionaram os movimentos populares urbanos e rurais nos quais nossos narradores participaram. No que tange a esses movimentos populares, em especial o urbano, a pesquisadora Maria da Glória Marcondes Gohn (1991, p. 40) destaca:

Em relação aos movimentos urbanos, a categoria da práxis adquire importância pelo caráter criador e potencialmente transformador. A busca de soluções e alternativas para as condições de vida cotidiana leva ao encontro de caminhos que apontam para a superação destas condições. O pensar articula-se ao fazer e este processo não se realiza espontaneamente, mas é

---

<sup>169</sup> As missivas referem-se ao Movimento Sem Terra em geral, e, não especificamente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

permeado por uma intencionalidade política, presente nos projetos que os movimentos delineiam na história.

Tendo em vista a colocação da autora, se faz necessário, primeiramente, compreender o que são as CEBs e quais são suas características. Do mesmo modo, como as SABs eram entendidas pelos/as migrantes? Qual a importância das SABs, das CEBs e das Pastorais Sociais para as migrações dos narradores? Qual o perfil dessas *cartas coletivas* que evidenciam esses espaços como lugares privilegiados para fomentarem suas reivindicações?

Em termos da eclesiologia, as CEBs se concretizaram após o Concílio do Vaticano II. Entretanto, alguns pesquisadores (SCHERER-WARREN, 2005, p. 35) defendem que a busca por uma teologia da libertação dos pobres oprimidos tenha surgido em meio às inquietações nas comunidades de base, nas reuniões religiosas informais. Para além dos rituais e das celebrações nas paróquias e igrejas e influenciados pelas organizações cristãs de base (*grassroots organizations*), os Movimentos de Educação de Base (MEBs) teriam precedido o Concílio.

A defesa por outras formas *de ser Igreja*, comprometida com a classe oprimida e com *as boas novas* dos sujeitos, exige ruptura com a classe dominante que realimenta diariamente o sistema vigente. Como alerta Frei Betto por meio de uma metáfora (1981, p.12): “[...] A Igreja não pode servir ao mesmo tempo ao Deus que faz justiça aos oprimidos e aos senhores do capital, que mantêm a opressão”. Percebemos nesta colocação como o *sagrado* é utilizado para justificar as práticas políticas no *campo religioso*, o qual nunca é totalmente hegemônico e estanque; a distinção de posição, o grau e a forma de cada sujeito que compõem este campo é o que o torna dinâmico, apto às novas mudanças (em aproximação com BOURDIEU, 2013, p. 33-34).

Como indicam vários estudiosos que se dedicam ao assunto, categorizar ou conceituar as CEBs não é um exercício fácil, tendo em vista a sua *in-completude*. Elas não são igrejas, nem comunidades e tampouco base de uma sociedade, o que nos possibilita dizer que são *incompletas* nos parâmetros *de fora*, ao compará-la com noções existentes. Ao mesmo tempo, são *completas* se entendidas por elas mesmas, pela ótica *de dentro* – levando em conta suas contradições e os sujeitos que as compõem.

Por iniciativa de leigos, padres e bispos, os pequenos grupos se organizam na mesma comunhão, em prol dos que *não têm voz* nos espaços sociais e políticos. Criam-se canais de

reivindicações e mobilizações sociais de interesses imediatos da comunidade. Sendo assim, pelo *olhar de dentro*:

São *comunidades* porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas, pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São *eclesiais*, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de *base*, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas de casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (BETTO, 1981, p. 17) [grifos nossos].

Esta formulação nos parece mais apropriada para designar as CEBs. Unidas, as classes populares se reinventaram e se reorganizaram, cotidianamente, de acordo com a realidade local dos próprios sujeitos envolvidos. Em cada região brasileira há diferentes maneiras de *ser Igreja* que, juntas, criaram redes de solidariedades e de contatos umas com as outras<sup>170</sup>, o que permitiu fortalecer as formas de organizações populares autônomas. Como também se nota na citação, as comunidades se tornam espaços de reflexão e de conscientização social e política, em oposição ao sistema. A transformação social na vida de homens e mulheres migrantes modifica o modelo vigente de sociedade e de Igreja.

As ações das CEBs estavam pautadas no método *ver-julgar-agir*, que funcionava na prática de modo dialético: ouvir os problemas, as inquietações dos envolvidos e buscar a sua interpretação no evangelho bíblico, no intuito de promover ações para solucioná-los. Pois, como elucida Frei Betto (1981, p. 31): “O ver já traz no seu bojo elementos para o julgar e exigências para agir. Cada momento se inter-relaciona com os demais”. Vejamos a elucidação desta carta:

[...] Nós daqui participamos da luta dos posseiros de Lameiro, foi pesada: Mas Jesus diz: ‘aquele que for meu discípulo tome sua cruz e siga-me’ e com a força de Cristo foi alcançada para, os posseiros. Estamos todos felizes,

---

<sup>170</sup> “Não se sabe exatamente o número de CEBs presentes na América Latina, mas o Brasil certamente possui um número bem maior do que qualquer outro país. Lernoux, em 1980, mencionou a existência de 80.000 comunidades aproximadamente apenas no Brasil, o dobro do número que havia em 1976. Boff, em 1985, declarou que havia mais de 70.000 CEBs no Brasil. Entre Medellín (1968) e Puebla (1979), redes de CEBs se desenvolveram, principalmente no Brasil, Chile, México, Honduras, Panamá, Equador, Bolívia, Paraguai, Colômbia, El Salvador, Nicarágua e República Dominicana. As CEBs têm continuado a expandir-se deste então para diferentes áreas desses países, como também para outros países latino-americanos” (SCHERER-WARREN, 2005, p. 36).

cheios de alegria em ver todos posseiros com sua terra para que nela possa retirar o fruto desejo<sup>171</sup>.

Os problemas são, em sua maioria, relacionados com o cotidiano dos/as migrantes, que, por sua vez, ficavam dias refletindo e planejando estratégias em torno de um só problema, como a conquista da terra. Deve-se sublinhar que esse método não é mecânico e muito menos linear. Um passo, depois o outro e, conseqüentemente, o terceiro. Há variações de acordo com as necessidades apresentadas no momento.

Não obstante, ainda no plano metodológico, há de se pontuar a influência dos referenciais marxistas (baseada no igualitarismo socioeconômico) e da Educação Popular proposta pelo professor-pesquisador Paulo Freire, como fica claro nesta missiva: “Quanto a Comunidade, vai caminhando, foi inaugurada a casa construída no mutirão, já tem escola a noite com o método do Paulo Freire”<sup>172</sup>. Essa perspectiva, pautada no método freiriano, compreende a educação como prática da liberdade – um ato político – das classes populares, tomando a conscientização como mola propulsora da realidade social do ato de ensinar-aprender e intercambiar conhecimentos da vida e para a vida.

O sentido educacional é voltado às classes populares no intuito de promover a conscientização sociopolítica e histórica dos sujeitos ditos marginalizados na sociedade. Para o professor-pesquisador Paulo Freire, no ato de ensinar-aprender existe a compreensão sobre *o outro*<sup>173</sup>, sobre a realidade deste, logo, exige posicionamento do educador perante as desigualdades sociais e econômicas historicamente construídas. Neste sentido, a “luta é uma categoria histórica, reinventar a forma também histórica de lutar” (FREIRE, 2011, p. 66).

Outro subsídio metodológico utilizado nas CEBs foram os chamados círculos bíblicos. Segundo Frei Betto (1981, p. 32-33), estes foram criados pelo Frei Carlos Mesters com a intenção de conscientizar os sujeitos por meio de livretos, folhetos e jornais de linguagens populares. “Sem perder sua dimensão transcendente, a fé do grupo torna transparente a realidade em que se vive: passa-se a entender o caráter relativo do *status quo*, a dimensão histórica da vida, e a buscar as verdadeiras raízes dos males sociais”.

---

<sup>171</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 27, outubro- novembro, 1987, p. 10.

<sup>172</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 27, outubro-novembro, 1987, p. 10.

<sup>173</sup> Sobre a construção do *eu* e do *outro*, o pesquisador Tzvetan Todorov (1991, p. 3) destaca: “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu”.

A equipe do círculo bíblico da cidade de Cariacica (Espírito Santo) relatou, por meio de carta, a importância desse momento de reflexão e conscientização para os/as migrantes. Segundo sua narrativa epistolar,

as pessoas quando chegam ficam muito só, isoladas, e que a comunidade é um espaço de acolhimento dessas pessoas que chegam. Os círculos bíblicos ajudam a expressar estes laços. Os textos ajudaram muitas mulheres a reverem a sua história e a sua identidade. Pois bem, gostaríamos de continuar este trabalho<sup>174</sup>.

Para além de um espaço de círculos bíblicos, as CEBs propiciavam também aos/as migrantes o acolhimento no *local de destino*. O método pedagógico *ver-julgar-agir* é apontado como importante estratégia à construção de suas identidades enquanto migrantes, sobretudo às mulheres migrantes. Cabe atenção para as *re-existências* e, por outro lado, o conformismo desses sujeitos ao entoarem seus *clamores* de dentro do *campo religioso*. Havia um trabalho especial com as mulheres migrantes em que se intentava legitimar suas reivindicações junto ao processo de conscientização contra-hegemônico às estruturas machistas e socialmente excludentes. Todavia, elas se encontram no *campo religioso*, que legitima o discurso da distinção entre homens e mulheres, como chama atenção a pesquisadora Ilse Scherer-Warren (2005, p. 44):

Em termos gerais, o movimento da libertação das mulheres vê sexo, classe e outras formas de opressão como combinados. No nível ideológico, estão perto do Feminismo Socialista, mas na prática estão só no começo de um tipo de Feminismo dos Direitos das Mulheres. Elas tendem a condenar o feminismo tradicional por causa de seu enfoque predominante sobre diferenças de sexo.

Notamos em outra carta, também da região de Cariacica, mais algumas características na dinâmica do trabalho com os/as migrantes:

Nós do Grupo da comunidade São Lázaro do bairro Nova Rosa da Penha, nos comprometemos a realizar o círculo bíblico nas famílias. O bairro é novo e conta com famílias vindas de Minas Gerais, Bahia, Ceará e interior do Espírito Santo. O círculo bíblico do migrante foi muito bom, pois, tivemos muita participação. O assunto foi próprio para as famílias que de longe vieram. O 1º encontro foi muito refletido de acordo com a realidade da família, porque saíram de Minas, deixaram pai e mãe... Deixaram tudo e foram para Rondônia em busca de terra. Lutaram, mas não deu certo. Chegando lá, só encontraram doenças e muitas dificuldades. A solução foi

---

<sup>174</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 44, setembro-outubro, 1990, p. 10.

migrar novamente, até chegar aqui no nosso bairro, e onde com esperança pretende permanecer<sup>175</sup>.

Essa narrativa epistolar evidencia a preocupação em fomentar a conscientização a partir das trajetórias dos/as migrantes. Refletir os motivos que impulsionaram os/as migrantes a migrarem, bem como os dilemas que os/as cercam durante suas travessias, constitui em uma estratégia metodológica das CEBs a fim de aglutinar e intensificar as organizações populares. “À luz dos ensinamentos da Teologia da Libertação, as comunidades tornaram-se espaços de socialização política, de libertação e organização popular” (FERNANDES, 2000, p. 44).

Assim, o círculo bíblico e o evento *Semana dos Migrantes* eram e continuam sendo<sup>176</sup> estratégias pelas quais os/as migrantes ecoaram suas aflições. Como podemos analisar a seguir:

Já estamos preparando a ‘Semana do Migrante’, fizemos o treinamento do Círculo Bíblico; o pessoal está muito animado e pelo jeito será bem participado. Para maior divulgação e compreensão da semana do migrante, gostaríamos que nos enviassem alguns folhetos do texto base, cartazes, e se possível algum outro subsídio sobre o tema: ‘mulher migrante’, pois faremos um encontro com as mulheres sobre esse tema<sup>177</sup>.

Ao discorreremos sobre as CEBs, não podemos deixar de relacioná-las com a dinâmica do trabalho nas SABs e vice-versa. Mesmo atuando em campos distintos, ambas se complementam e dialogam. Diferentemente das CEBs, as SABs não eram formadas especificamente por católicos em torno da mesma fé cristã; eram constituídas por sujeitos do mesmo bairro que buscavam resolver os problemas da região onde moravam.

Conforme a pesquisadora Mariana Esteves de Oliveira (2006, p. 190), as SABs foram responsáveis por importantes conquistas infraestruturais nos bairros brasileiros, especialmente na cidade de São Paulo, na década de 1950. Posteriormente, nota-se um acréscimo a partir dos anos 1970. Destaca-se também que estava presente na agenda das SABs reivindicações: pela coleta de lixo, pela energia elétrica, pela pavimentação, pela criação de redes de esgoto e de água, entre outros. Contudo, segundo a autora:

---

<sup>175</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 7.

<sup>176</sup> Cabe mencionar que, mesmo ainda presente nos dias atuais, a partir da década de 1990 os movimentos populares gestados pelas CEBs perderam suas *forças*, devido à crise interna da Igreja Católica. “Seu confronto com a ala conservadora, com uma visível predominância desta última, levou à retirada de grande parte do apoio que antes era dado aos movimentos. As Comunidades Eclesiais de Base passam a ser cada vez mais eclesiais e menos politizadas. A proibição e a punição de membros do clero progressista, como a imposta ao frei Leonardo Boff, afetam a dinâmica do processo de conscientização popular” (GOHN, 1991, 16).

<sup>177</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 43, julho-agosto, 1990, p. 10.

as Sociedades Amigos de Bairro podem ser consideradas como movimentos sociais de ação localizada (ao menos inicialmente), que traduzem a falência do Estado capitalista em atender o total da população com infraestrutura urbana e acesso a lazer e educação nas periferias das cidades (OLIVEIRA, 2006, p. 1990).

Nesse sentido, torna-se importante destacar quais as regiões assinaladas nas *cartas coletivas* que evidenciam a presença das SABs, e, conseqüentemente, das CEBs.

Algumas destacam o bairro de atuação: Jardim Elba (São Paulo), Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Dique (São Paulo), Comunidade André Lopes (São Paulo), Vila de São Clemente (Minas Gerais), Comunidade de Mairi (Bahia) e João Paulo II (Bahia). Já outras missivas fazem menção para cidade/estado, vejamos quais: São Bernardo do Campo (São Paulo), Ribeirão Bonito (São Paulo), Fagundes (Pernambuco), Ilha da Magia (Pernambuco), Berilo (Minas Gerais), Santa Barbara (Minas Gerais), Porto Alegre (Minas Gerais), Santa Rita de Cássia (Minas Gerais), Aracuí (Minas Gerais), Ciríaco (Rio Grande do Sul), Alvorada D' Oeste (Roraima) e Sarandi (Rio do Grande do Sul).

Nota-se que os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia são os mais destacados entre as *cartas coletivas*.

Na carta assinada pela Comunidade Nossa Senhora Aparecida – do bairro João Paulo II, da cidade de São Paulo –, observamos logo de início o porquê do envio da carta: “A finalidade desta é para falar um pouco da nossa luta. Há quase cinco anos que estamos tentando nos reunir e nos organizar. Apesar de tantas lutas a nossa comunidade é bem pequena, às vezes, pensamos em desistir, mas Deus nos dá força para irmos em frente”<sup>178</sup>. Mesmo em meio às adversidades, os sujeitos dessa comunidade estão conseguindo se mobilizar porque sua esperança em dias melhores está pautada no sagrado.

A carta segue evidenciando como o trabalho está organizado: “aqui, nós fazemos um pouco de tudo: liturgia, grupos de rua, círculos de cultura, mutirão, horta comunitária, catequese, reuniões etc.” (p. 10).

As migrações dos sujeitos que moram nesse bairro foram motivadas pela busca de emprego, como podemos notar: “A maioria das pessoas que moram aqui são migrantes vindas de fora à procura de emprego e são gente muito sofrida. [...] Moramos no bairro João Paulo II no município de Juazeiro, a maioria de nós somos boias-frias, diaristas, desempregados, lavadeiras e assalariados” (p. 10).

---

<sup>178</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 8, n. 39, novembro-dezembro, 1989, p. 10.

Assim como havia sido iniciada, a missiva é finalizada com alusão ao sagrado: “Mas acima de tantos sofrimentos nós temos muita fé em Deus de um dia nós pequenos nos unir e acabar com todas as injustiças e aí vamos viver todos iguais como Deus quer” (p. 10). Retomamos, então, a colocação do estudioso Paulo Parise (2000, p. 45) destacando que e a esperança alocada no sagrado deve-se à construção do entendimento de “[...] um Deus migrante que acompanha o seu povo nas andanças como já fez com um outro povo em Israel. Acompanha a caminhada do ritmo das estações, a caminhada do ciclo da vida e a caminhada das andanças do ser humano”.

Outra carta que podemos destacar foi assinada pelo *Clube de Mães*, do Jardim Elba (São Paulo/SP). Nessa narrativa, percebemos a importância das reuniões, dos encontros de mães para formulações de estratégias e de soluções frente aos problemas do bairro:

Nós, as mães do clubinho da criança, do Jardim Elba, fizemos os três encontros do migrante neste ano de 1989. Durante a reunião foram colocados problemas do bairro, da comunidade. A cada encontro as mães foram aprendendo que não deve ter medo de comunicar-se. Então vendo que a comunicação do rádio e televisão está com os ricos que mostram o que querem e o que é o de interesse deles e os pequenos vão ficando desinformados. Muitas mães pensam que tudo o que foi visto, aprendido não deve ficar guardado, mas transmitido às companheiras. As reuniões e encontros são para informar o povo; precisamos participar para mudar o nosso modo de pensar e melhorar o mundo em que vivemos. Achamos que não se pode só ler a bíblia, mas é preciso participar e viver o Evangelho<sup>179</sup>.

É interessante também a declaração alertando as demais mulheres a não terem medo de se comunicar e/ou de se posicionar, uma vez que elas não se identificavam com os discursos dos principais meios de comunicação (o rádio e a televisão). Acredita-se em uma mudança que perpassa os dilemas do bairro até as estruturas da sociedade. A bíblia é entendida não só como um livro histórico e/ou literário, mas como ensinamentos que devem ser vividos na prática do cotidiano.

Destarte, as Pastorais Sociais são também importantes espaços evidenciados nas *cartas coletivas* relatando tanto o trabalho com os/as migrantes, como sua participação. Todavia, antes de nos aprofundarmos nessas questões, cabe compreendermos a distinção, pela ótica Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entre Pastoral Social, Pastorais Sociais e Setor Pastoral Social:

---

<sup>179</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 8, n. 38, setembro-outubro, 1989, p. 10.

Entendemos por *Pastoral Social*, no singular, a solicitude de toda a Igreja para com as questões sociais. Trata-se de uma sensibilidade que deve estar presente em cada diocese, paróquia comunidade; em cada dimensão, setor e pastoral; na catequese, na liturgia e nas iniciativas ecumênicas; enfim, deve estar presente nas comunidades eclesiais de base, nos movimentos... Em outras palavras, deve ser preocupação inerente a toda ação evangelizadora. *Pastorais Sociais*, no plural, são serviços específicos a categorias de pessoas e/ou situações também específicas da realidade social. Constituem ações voltadas concretamente para os diferentes grupos ou diferentes facetas da exclusão social, tais como, por exemplo, a realidade do campo, da rua, do mundo do trabalho, da mobilidade humana, e assim por diante. O *Setor Pastoral Social*, por sua vez, integrado na dimensão sócio-transformadora, linha 6 da CNBB, tem duplo caráter: por um lado, representa uma referência para toda a ação social da Igreja, em termos de assessoria, elaboração de subsídios e reflexão teórica. Por outro lado, é um espaço de articulação das Pastorais Sociais e Organismos que desenvolvem ações específicas no campo sócio-político (CNBB. 2001, p. 7-8) [grifos nossos].

Entendendo essas distinções, podemos prosseguir elencando as onze pastorais que o *Setor Pastoral Social* reúne sob sua articulação: Pastoral Operária, Pastoral do Povo de Rua, Conselho Pastoral dos Pescadores, Pastoral dos Nômades, Pastoral da Mulher marginalizada, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral da Saúde, Serviço Pastoral dos Migrantes, Comissão Pastoral da Terra, Pastoral Carcerária; e seus três organismos: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social (Ibrades), Cáritas Brasileira e Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris).

Entre as *cartas coletivas*, registram-se também como remetentes as Pastorais Sociais<sup>180</sup>. Os conteúdos dessas missivas são essencialmente pautados na prática do trabalho pastoral, a qual está entrelaçada com os dilemas que perpassam a vida dos homens e das mulheres migrantes, sejam crianças, mulheres, prostitutas, pescadores, ciganos, presidiários, operários, sem-terra, sem-teto.

Esses apontamentos contribuem para compreensão da carta da Pastoral da Mulher Marginalizada de Juazeiro (Bahia)<sup>181</sup>, escrita por Vilma no dia 3 de agosto de 1990 e publicada no mesmo ano. Essa carta revela a importância do *Boletim Vai Vem* no desenvolvimento do trabalho pastoral e como foi realizado:

Estamos recebendo o boletim Vai Vem e esse tem um papel muito importante em nosso trabalho: Pastoral da mulher marginalizada. É um trabalho que exige muita paciência, fé e esperança, pois essas mulheres são

---

<sup>180</sup> No capítulo anterior (cap. III) desta dissertação, foi apontado/analísado outras cartas enviadas de outros países assinados pelas Pastorais Sociais.

<sup>181</sup> *VAI VEM, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 45, novembro-dezembro, 1990, p. 10.

resultado do descaso e injustiça da sociedade que cada dia mais fabrica prostitutas e joga no lixo (p. 10).

No início da narrativa, percebemos o entendimento atribuído às mulheres marginalizadas, no caso as prostitutas. Elas são vistas como frutos de uma sociedade desigual e injusta à luz dos direcionamentos da bíblia<sup>182</sup>. No decorrer dessa carta, podemos observar outros elementos para analisar:

Estamos na luta tentando organizar essas mulheres, desprovidas de tudo e que também caminham sem rumo, migrando para outros estados em busca de dias melhores. E é por isso que o trabalho se torna tão difícil, porque elas não têm moradas fixas. Que essa nossa luta conjunta faça acontecer o Reino de Deus aqui e agora. Suas reflexões nos ajudam muito (p. 10).

Os sentidos das migrações das mulheres prostitutas estão entrelaçados com a própria prostituição<sup>183</sup>, a qual não é entendida pelo viés da liberdade e da autonomia, mas como dominação, estigmatização, exclusão, discriminação e como consequência de problemas sociais, econômicos, familiares, pessoais, políticos e psicológicos. Ou seja, mesmo que a Igreja, enquanto instituição, se constitua em estruturas hierárquico-patriarcais, a Pastoral da Mulher Marginalizada de Juazeiro se preocupa com a dignidade humana dessas mulheres, como orienta a proposta pedagógica que norteia seu trabalho pastoral:

conseguir que as mulheres resgatem sua dignidade de pessoa, o sentido e uma nova perspectiva de vida e promovam uma consciência cidadã sobre seus valores e papéis na sociedade, a fim de que, organizadas, gerem estratégias reivindicativas para melhorar sua qualidade de vida (ASSOCIAÇÃO DA PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA, 2005, p. 21).

A Pastoral da Mulher Marginalizada foi o meio pelo qual as mulheres migrantes prostitutas se organizaram em prol de sua dignidade humana e contra qualquer *olhar discriminatório e/ou excludente* da sociedade ao chegarem ao *local de destino*, ou melhor entre o fazer-se de suas travessias.

---

<sup>182</sup> Existem vários direcionamentos sobre o assunto. Em um plano maior, sobressai o do amor ao próximo, todavia, notam-se apontamentos de ordem moral e de hierarquização patriarcal. O ato de prostituir-se é compreendido como ato de *imoralidade sexual – pecado* -, como pode observar a seguir, no diálogo de Jesus com uma prostituta: “E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais” (JO. 8:11, Almeida Revista e Atualizada).

<sup>183</sup>Sobre o assunto, ver: BUCKER, Bárbara P. *O feminino da Igreja e o conflito*. Petrópolis: Vozes, 1996, GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. Paulinas: São Paulo, 1989 e ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Além das CEBs, das SABs e das Pastorais Sociais, as *cartas coletivas* indicam outros *lugares* que os/as migrantes assinalaram como *espaços de luta*: os sindicatos, especialmente, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Movimento Sem Terra. Sobre esse tema, os conteúdos das narrativas em questão nos conduzem aos dilemas e aos horizontes de suas reivindicações sob o contexto histórico de luta do sindicalismo rural no Brasil, bem como do Movimento Sem Terra. A seguir, compreenderemos a dinâmica desses *espaços de luta* pela ótica das narrativas epistolares.

#### 4. 2 *Outras formas de engajamento*: Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Movimento Sem Terra

As *cartas coletivas* evidenciam a participação dos/as migrantes no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e no Movimento Sem Terra. Até mesmo as cartas já analisadas no decorrer da dissertação destacaram suas identidades de migrantes sindicalistas e de sem terras. Isso demonstra outra característica das migrações aqui estudadas. Podemos dizer que os sentidos do vai e vem das migrações estão atrelados à luta pela/na terra. Neste aspecto, a participação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais se torna importante instrumento em suas pautas reivindicatórias.

As cartas assinadas pelo Sindicato dos Trabalhadores revelam as disputas políticas internas em que os/as migrantes estavam inseridos/as.

[...] A nossa luta continua, no dia 24 de maio houve eleição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, venceu a oposição, pela qual estamos todos engajados, foi uma vitória bonita derrubamos um pelego que há seis anos dominava o sindicato ligado a um grupo econômico e ao PFL. A posse da nova diretoria foi no dia 19 de junho, os trabalhadores que foram eleitos são todos comprometidos com a luta, querem mesmo mudar<sup>184</sup>.

Interessante notar o relato da posse da nova diretoria, a qual era composta pelos trabalhadores que estavam preocupados com a mudança, sobretudo social, dos próprios trabalhadores.

Essa epístola nos faz retomar as considerações de Ilse Scherer-Warren (2005, p. 66-67). A pesquisadora destaca que, a partir da segunda metade da década de 1970, teve-se no cenário brasileiro uma *onda* de novas formas de organização e de manifestações populares que estimularam e intensificaram as ações sindicais.

---

<sup>184</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 27, outubro- novembro, 1987, p. 10.

Além disso, através de seus mediadores (sindicalistas ou agentes pastorais ligados às Igrejas progressistas) outras organizações de camponeses, em suas origens tipicamente tradicionais, neste período incorporaram de forma emergencial alguns elementos de conscientização sobre um novo modo de fazer política (SCHERER-WARREN, 2005, p. 66-67).

Colaborando no debate, o pesquisador Eder Sader (1988, p. 32) acrescenta que no período citado eclodiram vários grupos e movimentos populares, os quais entraram em cena – no espaço público – reivindicando direitos em acordo com suas demandas do cotidiano, lutando por pautas concretas e exigindo retorno em curto prazo. Emergiram, assim, novos significados para suas realidades e suas próprias vidas.

Era o ‘novo sindicalismo’, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os ‘novos movimentos de bairro’, que se constituíram num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma ‘nova sociabilidade’ em associações comunitárias onde a sociabilidade e a autoajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os ‘novos movimentos sociais’ que politizavam espaços antes silenciados na esfera privada (SADER, 1988, p. 35-36).

Podemos afirmar que a carta enviada ao *Boletim Vai Vem* e assinada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais está inserida nesse contexto histórico do *novo sindicalismo* ou do *sindicalismo combativo*, como os pesquisadores apontaram.

Outras missivas aproveitam a visibilidade do periódico para tecer denúncias sobre a violência contra os trabalhadores, como no caso dos acampados da Fazenda Santo Antônio, em Ipirá (BA). A carta – intitulada pelo periódico “Advogados e capangas dos fazendeiros promovem tiroteio e tortura psicológica nos acampados na fazenda Santo Antônio em Ipirá-Bahia” – narra a situação de famílias acampadas em terras em processo de desapropriação e que sofreram violências físicas e simbólicas. O teor dessa narrativa possibilita a análise dos dilemas desses sujeitos. Segue a íntegra da carta:

Comunicamos às Autoridades que, na Fazenda Santo Antônio em Ipirá, Bahia – em processo de desapropriação desde julho de 1987, por causa da irresponsabilidade do governo – MIRAD, os trabalhadores sem-terra se viram forçados a ACAMPAR nessa fazenda, no dia 05 de setembro de 1988. As famílias acampadas estão sob sérias ameaçadas e agressões. Nos dias 9 e 10 e na madrugada do dia 11 de setembro, com capangas dos fazendeiros, acompanhados por ANDRÉ LACERDA (filho de José Lacerda), causaram um pânico geral no acampamento, traumatizaram sobretudo mulheres e crianças. O advogado dos fazendeiros, André Lacerda, ameaçou o

acampamento no dia 10 de setembro às 10hs com cinco capangas fortemente armados e montados a cavalo. Todos portavam rifle e revólver mirando-os contra os acampados. Colocaram-se em pontos estratégicos para não deixar ninguém fugir e, após uma hora de tortura psicológica dentro do acampamento, assaltaram pessoas, roubando-lhes a máquina de filmagem e o gravador. Um dos jagunços disse: ‘Vocês estão aqui para ganhar terra e eu estou aqui para ganhar dinheiro para matar vocês’. Pedimos providências urgentes às autoridades para que haja segurança de vida para os acampados e rapidez na desapropriação da Fazenda Santo Antônio em Ipirá<sup>185</sup>.

Para enfrentar as agressões dos capangas/jagunços dos fazendeiros, as famílias acampadas na Fazenda Santo Antônio se articularam via sindicato para denunciar, reivindicar agilidade na desapropriação e conscientizar a sociedade civil do ocorrido.

Nota-se a importância de mencionar a presença de André Lacerda, advogado do fazendeiro, por ser filho do fazendeiro José Lacerda. Devemos chamar atenção também para a violência sofrida por esses sujeitos que persistiram pela permanência na terra. A narrativa epistolar está embrenhada de traumas, medos, injustiças, covardia, mas também de sonhos e de resistências. Mesmo enfrentando tanta atrocidade, homens, mulheres e crianças continuaram suas caminhadas por um mundo mais democrático, mais humano, e, principalmente, pelo direito à *terra para quem nela trabalha e dela vive*.

Ao longo da análise das fontes, observamos outras missivas com o mesmo teor de revolta e indignação diante dos conflitos ocorridos no campo. O trabalhador João Dutra foi morto a tiros e facadas por Cenivaldo, fazendeiro da região, como denuncia a missiva:

Aqui em nossa Comunidade um fazendeiro (Cenivaldo) matou a tiros e facadas um trabalhador (João Dutra). Esse fazendeiro foi um grande perseguidor dos pequenos e até agora nada aconteceu com ele. Hoje é um dos grandes fazendeiros porque tomou parte das terras dos pequenos trabalhadores. Nossa comunidade reza para que a justiça divina reine sobre a terra<sup>186</sup>.

A esperança por justiça está pautada no âmbito do sagrado. Espera-se em Deus que os perseguidores dos trabalhadores sejam punidos. Em contrapartida, a narrativa demonstra que esse grupo deixou de acreditar nas autoridades civis.

A próxima carta remete à necessidade da concretização da Reforma Agrária, aproveitam, ainda, para tecer intensas críticas aos fazendeiros que não utilizam 100% de suas terras, o que contribui direta ou indiretamente para a migração desses sujeitos. Vejamos:

---

<sup>185</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 33, outubro-novembro, 1988, p. 8 [grifos no original].

<sup>186</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 31, junho-julho, 1989, p. 10.

[...] Aqui em nossa comunidade precisa mesmo é de uma reforma agrária porque toda terra boa de grande produtividade está fechada pelos que dizem ser fazendeiros e que na verdade são mesmo é preguiçosos e covardes, vivem apenas com 10% da renda dessas terras sendo que elas teriam possibilidades de render 100% e evitar a saída de muitos pais de família<sup>187</sup>.

Sobre esse assunto, a pesquisadora Ilse Scherer-Warren (2015, p. 73-74) elenca outra característica dos movimentos sociais no campo, sejam eles via sindicato ou por meio de outras organizações: enfrentar os contramovimentos, como a União Democrática Ruralista (UDR), criada em Goiás em 1985, que representa os interesses dos latifundiários. Para autora, a UDR atua nas seguintes instâncias:

Poder de influência direta na política governamental, pressionando contra a execução da Reforma Agrária, como na Constituinte, na qual obteve vitórias para a manutenção do latifúndio. Formação de grupos paramilitares para expulsar acampados e posseiros, contando para tanto, em alguns Estados, com o apoio do aparato estatal, através da polícia e da lei de segurança nacional. Trabalha junto ao pequeno proprietário com o objetivo de chamá-lo para suas fileiras através da construção de uma identidade ideológica de ‘ruralista’, salvando da propriedade privada, e defesa de um projeto de ‘modernização conservadora’ (SCHERER-WARREN, 2015, p. 74).

Aproveitando as considerações feitas pela pesquisadora, elencamos o Movimento Sem Terra como *espaço de lutas* mencionado pelos/as migrantes em suas missivas. A luta pela/na terra perpassa tanto as demandas materiais, como as simbólicas e as políticas.

Em sua carta ao *Boletim Vai Vem*, a Comunidade de Cajueiro (Bahia) revela, já de início, a crença na utopia da construção de uma nova sociedade:

[...] Temos que lutar juntos por um mundo mais justo para que a terra de Deus seja terra de irmãos, para que não falte o pão na mesa dos pobres. Lutamos pela Reforma Agrária, pelo direito do homem e da mulher abandonado. São tantas bonitas promessas! Mas não realizadas. Mas não podemos acomodar-nos, cada um tem um direito e deve ser respeitado. Sabemos que comunidades unidas dificilmente serão vencidas<sup>188</sup>.

Sobre esse aspecto, a autora Ilse Scherer-Warren (2015, p. 72) fala sobre o que há de essencialmente novo nos Movimentos Sociais no Campo. Nas palavras dela:

Isto se expressa através da utopia de construção de uma nova sociedade: mais justa do ponto de vista social, na qual o direito à terra para quem nela trabalha e vive, entre outros (cidadania social), seja respeitado; mais

---

<sup>187</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 6, n. 27, outubro- novembro, 1987, p. 10.

<sup>188</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 6.

participativa e democrática, na qual os trabalhadores tenham suas organizações e formas de representação reconhecidas e consideradas (cidadania política); e na qual respeite a diversidade cultural (modo de vida camponês) ou de gênero (mulher camponesa).

Por meio de uma *cidadania integral*, os sujeitos constroem utopias e sonhos de projetos de transformações que abarcam não somente as demandas do cotidiano, mas também, principalmente, as estruturas da sociedade. A reivindicação não é pela *terra em si*, mas pelos sentidos que ela representa para os/as migrantes. Na missiva escrita pela Comunidade de Cajueiro (Bahia), encontramos, na mesma frase, alusões à Reforma Agrária, pelos direitos do homem e pelos direitos das *mulheres abandonadas*. Isso porque entendem que a mudança dar-se-á de maneira coletiva e comunitária, logo, suas *bandeiras* são plurais.

Além disso, as *cartas coletivas* destacam também a importância do *Boletim Vai Vem* para suas organizações sociais:

As notícias e os temas nos abrem novas dimensões para analisar e orientar o nosso trabalho cotidiano (CEBs, sindicatos, direitos humanos e movimentos populares, de mulheres...) numa visão mais ampla que nos permite ir descobrindo os mecanismos geradores de tantas mortes no meio do povo com todo esse ‘vai vem’. Aqui em Blumenau e região percebe-se claramente o aumento assustador dos bolsões de pobreza, gente da roça para a cidade<sup>189</sup>.

Estabeleceu-se uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que as histórias expressas nas missivas eram importantes para a equipe do periódico, este era utilizado como material de estudo pelos leitores envolvidos como trabalho de base no *chão* das CEBs, das SABs, das Pastorais Sociais, dos Sindicatos e do Movimento Sem Terra.

#### **4.2.1 Tomareis a posse da terra e nela habitareis<sup>190</sup>: A luta pela terra entre a luta pela moradia**

Para a pesquisadora Maria da Glória Marcondes Gohn (1991, p. 14), uma das tendências dos movimentos populares da década de 1970 era sua articulação com alguns setores da sociedade civil, como a ala progressista da Igreja Católica. Assim,

---

<sup>189</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 11, n. 53, outubro-novembro-dezembro, 1992, p. 11.

<sup>190</sup> Os/as migrantes se apropriaram deste versículo: “Tomareis posse da terra e habitá-la-eis, porque eu vo-la dou” (NM. 33:53, Almeida Revista e Atualizada), para fundamentar suas reivindicações. Essas alusões bíblicas são perceptíveis tanto em suas narrativas epistolares e como no *Boletim Vai Vem*.

os movimentos populares criados a partir de ações da sociedade civil utilizaram o conteúdo político do termo comunidade para conferir sentido a uma nova cultura política que se esboçava, fundada no aprendizado de uma nova cidadania, em que a reivindicação em torno da noção dos direitos ocupava um lugar central (GOHN, 1991, p. 14).

Essa tendência contribui para compreendermos as mobilizações sociais protagonizadas pelos/as migrantes. Tanto os movimentos populares rurais como os movimentos populares urbanos foram profundamente vinculados à Igreja Católica.

Sendo assim, torna-se interessante percebermos, por meio das narrativas epistolares, como a questão da moradia e da terra sobressai entre as demais reivindicações. Talvez seja em decorrência do que afirma a pesquisadora Simone Weil (1979, p. 347): “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. [...] Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes”.

De uma forma sistematizada, podemos dizer que, além dessas pautas, registram-se também a busca pelo transporte coletivo, pela saúde, por creches, por escolas públicas de qualidade, pelo trabalho, pela rede de esgotos, por asfalto, por energia elétrica, por água encanada, por saneamento básico, por segurança pública, por cidadania, por dignidade humana, e, por outro lado, pela Reforma Agrária e por subsídios para permanecer no campo.

A carta assinada pelo *Clube de Mães* do Jardim Elba (São Paulo/SP) evidencia esta característica de luta pela terra entre a luta pela moradia. A migração do campo para a cidade é impulsionada, em uma primeira instância, pela falta de subsídios materiais para permanecer no campo e, em segundo plano, destacam-se as condições climáticas do lugar. A narrativa relaciona o crescimento das favelas com o movimento das migrações para as cidades. Logo, o desemprego e a falta de moradia tornam-se pautas necessárias à sobrevivência.

Por que será da migração do povo, das favelas, dos sofedores de rua, dos amontoados e da fila de desemprego? Isso tudo é um jogo do governo e dos patrões e nós povo temos que lutar contra essas jogadas. Fomos obrigados a sair da terra por falta de condições e quem tem um pequeno sítio é maltratado pela seca. Caminhamos para a cidade em busca de vida melhor, mas aqui encontramos uma floresta de pedras e somos jogados nas favelas, cortiços, em baixo de viadutos. Para eles é vantajosa essa migração toda (*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 6).

A cidade é vista como “floresta de pedras”, metáfora que pode ser entendida em função das péssimas condições com as quais os/as migrantes se deparam no *local de destino*. O sistema capitalista, em que patrões e governantes estão do mesmo lado – ou, dito de outra

forma, estão ambos no lado oposto a homens e mulheres migrantes –, é visto como motivador de suas migrações.

Para o pesquisador Eder Sader (1988, p. 207), os *Clubes de Mães* são organizações que traduzem uma alternativa a uma rotina opressiva vivenciada pelas mulheres no espaço privado; são a possibilidade de extensão do mundo feminino constituído e pensado coletivamente pelas próprias mulheres. Para o autor:

a consciência de seus direitos consiste exatamente em encarar as privações da vida privada como injustiças no lugar de repetições naturais do cotidiano. E justamente a ‘revolução’ de expectativas produzidas por essas mulheres esteve a busca de uma valorização da sua dignidade, não mais no estrito cumprimento de seus papéis tradicionais, mas sim na participação coletiva numa luta contra o que consideraram as injustiças de que eram vítimas. E, ao valorizarem a sua participação na luta por seus direitos, constituíram um movimento social contraposto ao clientelismo característico das relações tradicionais entre os agentes políticos e as camadas subalternas (SADER, 1988, p. 222).

Feitas essas elucidações, retomamos à missiva assinada pelo *Clube de Mães* do Jardim Elba, que descreve as mazelas sofridas pelos/as migrantes e mostra como a mobilização social é vista como um importante instrumento para transformação dessa realidade.

Quando mais gente chegando na capital, maior a fila de desempregados e o melhor para os patrões é que nós só sabemos trabalhar na terra. Temos esperança de um dia voltar e trabalhar na nossa terrinha, cultivar nossa cultura e nossa cultura e nossos costumes. Para mudar esse jogo só com a união do povo sofredor. É importante participar nos grupos de rua, de jovens, de mães, da comunidade e buscarmos solução para essa situação insuportável<sup>191</sup>.

O sentido da terra para essas migrantes está para além do espaço físico. Os saberes do trabalho, das culturas e dos costumes estão entrelaçados com a permanência e vivência no campo. Nesse sentido, a terra ganha a conotação de liberdade – terra da partilha –, que se confunde com as próprias vidas de nossos remetentes.

O *Grupo Força Jovem* de Fagundes (Pernambuco), em sua missiva ao *Boletim Vai Vem* também fala sobre a importância da terra. Notam-se ações politizadas pela retomada da terra, que por sua vez é entendida pela dimensão do sagrado.

---

<sup>191</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 6.

Realizamos os três encontros da semana do migrante, foi bom, todos participaram, refletimos sobre a nossa vida, pois a maioria do povo é migrante, é triste, mas é a realidade. O material da Semana do Migrante nos convida a despertar e lutar por uma terra de leite e mel aqui, não precisa ir tão longe, só que é roubada pelos latifundiários, temos que lutar para tê-la de volta para não ser mais preciso sair daqui, em busca de melhores dias<sup>192</sup>.

O trecho “despertar e lutar por uma terra de leite e mel” está em consonância com o caráter de fertilidade, de prosperidade e de abundância da terra. Subentende-se, *a priori*, que todos e todas são donos/as da terra, e não somente os latifundiários. Neste sentido, pautados no discurso sagrado, entendem-se que ela precisa ser resgatada e redistribuída.

Cabe chamar atenção para o termo “luta”, mencionado com frequência pelos/as narradores/as. Concordamos aqui com o pesquisador John Cunha Comerford (1999, p. 19), quando ele diz que a palavra luta se insere nos contextos de denúncias e de reflexão sobre a condição social dos sujeitos. Sendo assim, a *luta* expressa as múltiplas experiências de nossos narradores. Dos enfrentamentos concretos à esperança pelo novo devir.

A próxima carta a ser analisada foi assinada pelo *Grupo de Sem Terra* da Zona Leste da cidade de São Paulo (SP). Nela, o grupo descreve as dificuldades dos/as migrantes, que começam com o sofrimento em deixar a terra: “Aos migrantes, como eu, que sofrem ao deixar a terra porque não tinham mais condições de viver, trabalhando em terras dos patrões que não davam valor ao nosso trabalho. Fomos para a terra do café, mas foi decepção, porque tudo continuava como antes”<sup>193</sup>. Percebemos aí como o sair e o ficar estão marcados pela falta de condições de trabalho no campo.

Na cidade, ou como a narrativa epistolar realça, na *cidade grande*, a realidade não foi diferente dos dilemas vividos no campo. A diferença agora é que os/as migrantes se enxergam como sem-terra e sem-teto. Vejamos:

Casei e o meu esposo disse: vamos para a cidade grande tentar a vida? Chegando em São Paulo foi trabalhar ganhando o salário mínimo. O que fazer com tão pouco dinheiro? Para amenizar a vida, tive que trabalhar também e abandonei os filhos em casa. Estou com 35 anos e sei que vou continuar sofrendo os mesmos problemas, sem terra, sem casa, porque cada dia que passa as coisas ficam mais difíceis. E se agente não se der as mãos, não conseguiremos nada nesse mundo<sup>194</sup>.

---

<sup>192</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 11, n. 53, outubro-novembro-dezembro, 1992, p. 11.

<sup>193</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 43, julho-agosto, 1990, p. 10.

<sup>194</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 9, n. 43, julho-agosto, 1990, p. 10.

Mesmo sendo uma carta assinada pelo *Grupo de Sem Terra*, percebemos alguns indícios de trajetórias individuais, ao citar, por exemplo, o casamento. Está aí outra característica das *cartas coletivas*: ao mesmo tempo em que foram assinadas por grupos, apontam experiências de cunho individual dos sujeitos.

Observamos que ambos, marido e mulher, precisaram trabalhar para sustentar financeiramente a família. Para a mulher, mãe e migrante, a necessidade de trabalho abarca o *abandono* dos filhos, uma vez que ela deixa de estar com eles no dia a dia. Interessante a conotação que a remetente atribui ao salário mínimo: não é possível subsidiar as necessidades básicas do núcleo familiar só com ele. Mesmo assim, a missiva é finalizada com a esperança pautada na união entre homens e mulheres migrantes, que vivem os mesmos dilemas ao migrarem do campo a cidade, ou vice-versa. Neste sentido, reforçamos as palavras do pesquisador João Carlos de Souza (1995, p. 18):

o cotidiano dos participantes dos movimentos de ocupação de terras não é uma questão menor, como poder-se-ia supor, reflete as contradições da metrópole do capital, nas suas mais diversas formas, como também revela alguns dos espaços de resistência criados pelas camadas marginalizadas da população urbana.

Outra missiva incluída no debate – assinada pelo *Grupo de Rua Serra do Capivarucu* (Jardim Elba, São Paulo/SP), formado pelo Apostolado da Oração – já se inicia com a reivindicação pela terra e por subsídios para nela permanecer:

Nosso grupo de rua diz que governo precisa dar terra, maquinaria, condições de moradia, escola para crianças e adultos, e nada de financiar o plantio, ele tem é que dar a semente e tudo mais no preparo da terra, e alimentação e remédios, ao menos por um ano, sem nada cobrar do lavrador, o certo seria ele pagar este trabalhador que vai lutar com a terra, serviço duro, difícil mesmo, só quem já trabalhou é que pode dizer<sup>195</sup>.

Percebemos, nesse trecho da carta, inúmeras reivindicações. Mesmo morando na cidade, suas demandas remetem às vivências no campo. O sentimento de *desenraizamento* é perceptível no decorrer da narrativa. Para pesquisadora Simone Weil (1979, p. 347):

É preciso parar com o desenraizamento terrível produzido sempre pelos métodos coloniais dos europeus, mesmo em suas formas menos cruéis. É preciso abster-se, depois da vitória, de castigar o inimigo vencido desenraizando-o ainda mais; é claro que não é possível nem desejável

---

<sup>195</sup> *Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 6.

exterminá-lo, agravar sua loucura seria ser mais louco do que ele. É preciso também encarar, antes de mais nada, em toda inovação política, jurídica ou técnica suscetível de repercussões sociais, uma conciliação que permita aos seres humanos reencontrarem suas raízes.

Faz-se necessário banir o *desenraizamento involuntário* para permitir que os próprios sujeitos reencontrem suas raízes. Concordamos com a autora, todavia ficam os seguintes questionamentos: é possível reencontrar suas raízes, uma vez que para os/as migrantes sua pátria é o mundo? Como se abster dos *desenraizamentos involuntários* se estamos inseridos em um modelo de sistema capitalista, em que o desenvolvimento e o lucro estão acima da dignidade humana?

Dito isso, a importância da valorização do trabalho do lavrador é outro ponto que nos chama atenção. “Trabalhador que vai lutar com a terra”: nessa frase, a terra é instrumento de conscientização dos/as migrantes.

Ao prosseguir com a escrita de sua carta, esse grupo menciona a necessidade de continuar na mobilização social:

A maioria dos componentes deste grupo já foi lavrador e como não tivemos apoio do governo, estamos aqui, lá não trouxemos nada, hoje cada um tem sua casinha, mas conseguida com muito sacrifício. Precisamos ajudar esse povo que quer trabalhar na lavoura, temos que achar um jeito de sensibilizar mais nosso governo e políticos. Aqui nessa comunidade temos um grupo dos sem-terra, sei que eles têm trabalhado muito, alguns componentes do grupo já foram até presos mas continuam lutando firme, peço a Deus que dê sempre força e coragem a eles (p. 6).

As demandas migratórias e as demandas dos lavradores e/ou camponeses tornaram-se uma só. Sobre esse aspecto, deve-se fazer referência ao trabalho da pesquisadora Maria da Glória Marcondes Gohn (1991, p. 80), que aborda os movimentos populares rurais da Zona Leste de São Paulo (SP). Segundo a autora, o *Movimento Sem Terra*, também denominado de *Filhos da Terra*, estava organizado em lutas unificadas e, por isso, não se restringiu ao espaço rural e/ou ao espaço urbano. “Dado que as lutas são unificadas e não estruturadas em movimentos específicos, existindo várias frentes de lutas [...]” (GOHN, 1991, p. 79). Do mesmo modo, o livro intitulado *Na luta por habitação: a construção de novos valores*, fruto das inquietações de mestrado do pesquisador João Carlos de Souza, ou, mais especificamente com a citação a seguir:

a questão da moradia, e mesmo da casa própria, no contexto de valor cultural, é pensá-la como espaço de constituição da família, de uma

identidade e de possibilidades de realização de projetos, como o do trabalho autônomo, que tem por sustentação valores como o da liberdade, da independência, o de não estar submetido a disciplinarização do trabalho (SOUZA, 1995, p.152).

A luz destas reflexões pode-se interpretar a *luta pela terra entre a luta pela moradia*, elencada nas missivas pelos/as nas migrantes, como *faces do mesmo movimento* vivenciado no *fazer-se* da travessia, onde o ficar, o sair, o chegar, o partir suscita diversas demandas na vida cotidiana dos sujeitos. Mais que bem material – a terra e a casa – são espaços embrenhados de histórias e de possibilidade de concretização de suas pautas reivindicatórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ela está sempre fazendo-se e construindo-se. Jamais atinge um estado definitivo. Uma produção científica acabada é um absurdo epistemológico”.  
(JAPIASSU, 1976, p. 26)

Em consonância com a afirmativa do pesquisador Hilton Japiassu – expressa na epígrafe –, reiteramos que não há pesquisa que se esgote. O *fazer-se* da construção histórica está sempre em movimento. De fato, nunca atingirá seu fim, uma vez que as abordagens, as problemáticas, as interpretações e as possibilidades de fontes são inúmeras.

Todavia, tendo em vista as inquietações do presente trabalho podemos salientar alguns apontamentos acerca do estudado, bem como outros questionamentos que nos foram colocados no decorrer da pesquisa, como: Quais os distanciamentos e as aproximações entre as representações dos *mundos migratórios* expressos no *Boletim Vai Vem* e as vividas pelos/as migrantes?

Tendo em vista que as cartas eram consideradas pela equipe editorial *o coração do Boletim Vai Vem* que motivos levaram à extinção das colunas designadas aos leitores, para além de motivos pautados nas inovações tecnológicas? As cartas eram realmente *o coração do periódico*? Podemos dizer que os sentidos das migrações, bem como da saudade – experimentados por homens e mulheres – mudaram e, mudam, conforme o tempo-espço?

Como já mencionado, foi a prática inicial do trabalho de descrição, análise e catalogação dos documentos do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor (IAJES) que nos permitiu vislumbrar o *Boletim Vai Vem* (1981-2010) como uma possibilidade de pesquisa histórica. Tomando como objeto de estudo as *experiências migratórias* expressas nas missivas publicadas no boletim (um total de 163) e como recorte temporal os anos de suas publicações (1981-1997) – e não o período de atuação do periódico (1981-2010) – foi possível compreender *os mundos das migrações*, pela ótica de sua complexidade e de seu dinamismo, de quem viveu o vai e vem das migrações.

Conforme os relatos orais, o *Boletim Vai Vem* – por meio do Centro de Estudos Migratórios (CEM) e, posteriormente, do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) – foi criado e gestado com o intuito de dar visibilidade pública às migrações, sobretudo às demandas migratórias. Dessa forma, construiu-se um *ethos midiaticizado pelo carisma escalabriniano* através do qual desenvolveram-se estratégias cotidianas em torno de uma agenda para as migrações em cenários locais, nacionais e internacionais.

Sob a influência dos ideais propostos pela Teologia da Libertação, com a consolidação da Conferência em Medellín (1968) e da Conferência Episcopal em Puebla (1979), o periódico buscou o comprometimento com o processo de libertação das classes subalternas. Liberta-ação esta que abarcava a transformação da vida cotidiana dos sujeitos até as conjunturas socioeconômicas em que estavam inseridos. Compreendendo, assim, os homens e as mulheres como protagonistas de suas histórias, sujeitos em potencial a modificar o meio em que vivem mediante a conscientização coletiva de seus direitos e do engajamento político e social.

O *Boletim Vai Vem* se constitui em *modos próprios de navegação social* (DA MATTA, 1993, p. 12), na tentativa de elaboração de uma *teologia das migrações*, ou seja, o compreender dos dilemas e dos horizontes que perpassam o *universo migracional* pelo olhar teológico. Por meio das cartas dos leitores, analisamos os discursos de compromisso com as reivindicações dos/as migrantes ao disporem a travessia e, em contrapartida, a recepção e a identificação com o *Boletim*.

O periódico foi criado em um período de intensa repressão política no Brasil e em toda a América Latina. E, por outro lado, permeado por diversas manifestações e organizações populares. Como já apontamos, podemos afirmar que o boletim pode ser entendido como resistência social, política e eclesial frente às adversidades vivenciadas pelos/as migrantes.

Nessa linha de reflexões, ao se posicionar a favor dos *pobres migrantes*, o *Boletim Vai Vem* evidencia preocupações acerca dos elementos sociais, econômicos, políticos e religiosos que constituem a sociedade. Sem falar que a equipe de redação contribuiu para a transformação das mídias em espaços simbólicos, permeados de conflitos, tensões, disputas e contradições ao abordar temas como fome, violência, exclusão, papel da Igreja frente aos problemas migratórios, trabalho escravo, questão agrária, conquista da terra, falta de moradia, xenofobia, políticas migratórias, mobilizações sociais e políticas, místicas dos/as migrantes e pluralidade religiosa.

O conjunto documental privilegiado na pesquisa – as cartas, os relatos orais e os documentos escritos sobre a *Missão Paz*, mais especificamente sobre o CEM e o SPM – possibilitou a análise dos sentidos atribuídos às *experiências migratórias* dos narradores. Conforme a metodologia aplicada no estudo, as cartas foram divididas em um primeiro momento em: *cartas de cunho individual* e *cartas de cunho coletivo*; e, em um segundo momento, em: cartas de *caráter privado* (não tinha intencionalidade de publicação) e cartas

de *caráter público* (tinha intencionalidade de publicação). Essa divisão metodológica permitiu discutir as *migrações internas*, as *e/imigrações*, as *migrações de retorno*, bem como os *espaços de lutas* onde os/as migrantes ecoaram suas reivindicações.

As histórias de migrações narradas nas cartas revelaram que as *migrações internas* no Brasil devem ser pensadas pelas continuidades entre *velhos fluxos migratórios* e *novos fluxos migratórios*. Além disso, deve-se levar em conta que as localidades assinaladas em suas narrativas estão para além dos espaços físicos. Estas são entendidas pelo âmbito do vivido, pelas experiências re-construídas no decorrer de suas travessias. Do mesmo modo, as migrações não se limitam entre *local de origem* e *local de destino*, entre dualidades – o *lá* e o *cá*; elas são constantes e fluídas na vida dos sujeitos. Por isso, concordamos com o entendimento de *transitividade migratória* (GOETTERT, 2009, p. 54) para interpretar os conteúdos das narrativas epistolares.

Os dilemas e os desafios do sair, do chegar, do retornar dos/as migrantes em cenário de *e/imigrações* ganham outras dimensões. A dupla condição de emigrante e de imigrante desencadeia dois – ou mais – mundos implicados no mesmo sujeito. As cartas apresentam as dinâmicas desses deslocamentos, mas também do trabalho pastoral. Podemos afirmar que as trajetórias dos/as migrantes estão marcadas pelo vai e vem das migrações contemporâneas, na qual o retornar constitui-se em *drama familiar*, no âmbito espacial e simbólico (dos sonhos, dos desejos, das lutas, das esperanças), transfigurados com a necessidade, sobretudo socioeconômica, de permanecer no local de destino.

Assim, dadas as condições econômicas, culturais, sociais, contextuais e institucionais entre países e regiões de origem e de destino, o projeto migratório é reelaborado individualmente pelos/as migrantes ou em auxílio do núcleo familiar. Compreende-se que o retorno não é o fim do projeto migratório, mas um eterno *continuum* nas vidas dos sujeitos, elemento constitutivo dos *mundos das migrações*.

Não é diferente do exposto nas missivas escritas pelas mulheres migrantes, as quais evidenciam os espaços privados e as condições socioeconômicas excludentes em que estão, historicamente, inseridas. São vários os elementos, as causas e os motivos que as fizeram migrar, permanecer e retornar. A cada relato, percebemos as especificidades que contribuem para dinamizar os *mundos das migrações*.

No que tange às *cartas coletivas*, buscou-se desvelar os *espaços concretos*– das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), das Sociedade de Amigo de Bairro (SABs), das

pastorais sociais, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e do Movimento Sem Terra – tendo em vista as reivindicações e as demandas migratórias do *fazer-se do/a migrante em luta*.

Enfim, as missivas publicadas no periódico elucidaram as *experiências migratórias* dos/as migrantes. Representam o *fazer-se* migrante em meio à incompletude da travessia: nas decisões de deslocar-se; nos enfrentamentos diários; nas lutas travadas no cotidiano; no transpassar das fronteiras; nas vivências entre espaços – *entre lugares*; nas saudades *do que e de quem ficou*; nas esperanças; nos sofrimentos; nos desejos; nas *distâncias* físicas, geográficas, simbólicas, afetivas, sociais, culturais e linguísticas; nos lugares simbólicos e geográficos; nos espaços *nostálgicos, vivos, sociais, concretos, emocionais*, apaixonadamente *distintos*; nos tempos vividos, recordados, reinventados, imaginados; nas *presenças* do novo devir; nas *presenças* nas *ausências* e nas *ausências* nas *presenças*.

O *experienciar* no e pelo movimento dos/as migrantes que os/as faz migrantes, que constitui sujeitos *que ficam*, sujeitos que retornam, sujeitos que remigram – o vai e vem. O *experienciar* nas situações de mudanças, pois, “como os profetas, eles falam antes: anunciam o que está tomando forma mesmo antes de sua direção e conteúdo tornarem-se claros” (GHON, 1996, p. 1).

Mas, profetas? Homens e mulheres migrantes seriam capazes de ir além de transformar o meio que vivem? Não seria querer demais? Pois não seriam eles sujeitos como qualquer um que se deslocam de um espaço para outro e fim? O que poderíamos entender como *ser* profeta? Uma luz que se irradia a todos que ousam olhá-la. É preciso querer enxergar. *O olhar sem fitas*, no intuito de apreender algo novo. O outro. Do outro do meu próprio eu. Não, não. Por que luz e não escuridão? A própria palavra luz nos remete ao que é intangível e ao sobrenatural. Mas e a escuridão? Também não o é?

Cada um desses sujeitos, com suas marcas – cicatrizes da vida – dos registros do movimento que é viver, desafiaram as regras, as ciências, as teorias, as hipóteses. A profecia de si mesmo. Assim como profetas, que anunciam *as boas e/ou as más novas*, eles/as desvelaram nos espaços e o espaço. Do espaço das CEBs, das SABs, das Pastorais Sociais, do Sindicato, do Movimento Sem Terra. Do espaço da própria carta, por meio das experiências compartilhadas, reinventadas, sentidas, vividas, sonhadas constituíram o *fazer-se migrante em luta*. O público que fez no cotidiano do privado. Narrativas epistolares cheias de representações do cotidiano. O *simples cotidiano*. Alguns vão chamar de *história menor* ou, ainda, dizer que não é (H)istória. Todavia, reafirmamos que sim. Sim! Estórias, História e *histórias vivas* de sujeitos que idealizaram e sonharam com dias melhores.

Analisar as migrações em nosso estudo foi, fundamentalmente, apreender as diversas formas como os sujeitos se organizaram – entre o fazer de suas travessias – e ressignificaram suas ações de acordo com seus interesses em comum. O *micro* relacionado aos problemas conjunturais e não deslocado deles – da utopia da *revolução*! Esses são elementos em potencial que se mostraram *no chão* do cotidiano como anúncios de *pedaços de revolução*. Porque, de fato, “a verdade ilumina a alma na proporção de sua pureza e não de alguma espécie de quantidade. Não é a quantidade do metal que importa, mas o ter da liga” (WEIL, 1979, p. 364).

## FONTES

<b>Fontes orais</b>					
<i>Ano</i>	<i>Tipo</i>	<i>Entrevistado/a</i>	<i>Páginas transcritas</i>	<i>Duração da entrevista</i>	<i>Localização do material</i>
Entrevista realizada pela pesquisadora em 10/09/2013	Oral - Gravada	Dirceu Cutti	22	1:46:26 s.	Acervo da autora
Entrevista realizada pela pesquisadora em 22/01/2013	Oral – Gravada	Roberval Freire e Ari Alberti	21	1:22:43 s.	Acervo da autora
Entrevista realizada pela pesquisadora em 23/01/2013	Oral – Gravada	Neide Benvindo	11	38:49 min.	Acervo da autora

<b>Fontes escritas</b>			
<i>Ano</i>	<i>Título</i>	<i>Quantidade de páginas</i>	<i>Localização do documento</i>
1955	PIO XII, Exsul Família. <i>Constituições Apostólicas sobre os cuidados espirituais aos emigrantes.</i> São Paulo.	30	Acervo Centro de Estudos Migratório (CEM/São Paulo)
1980	Relatório CNBB (Encontro Campanha da Fraternidade)	3	Acervo do Núcleo de Documentação Histórica <i>Honório de Souza Carneiro</i> (NDH – UFMS/CPTL)
1981	Estatuto interno do Centro de Estudos Migratórios	4	Acervo Centro de Estudos Migratório – CEM/São Paulo
1981	1º Cartaz da Semana dos Migrantes	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1987	Ofício sobre as mudanças no <i>Boletim Vai Vem</i>	1	Acervo do Núcleo de Documentação Histórica <i>Honório de Souza Carneiro</i> (NDH – UFMS/CPTL)

1991	Artigo - Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (História, desafios e perspectivas)	9	Acervo Centro de Estudos Migratório (CEM/São Paulo)
1991	Ficha de pesquisa de avaliação	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1991	Ficha de pesquisa de avaliação (Cleide)	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1991	Avaliação sobre os 10 anos de <i>Vai Vem</i>	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1991	GONÇALVES, A. J. <i>Centro de Estudos Migratórios de São Paulo: História, desafios e Perspectivas</i> . CEM - São Paulo. (fonte secundária)	9	Acervo Centro de Estudos Migratório (CEM/São Paulo)
1994	Cupom de assinaturas	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2005	SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Minha caminhada com a Pastoral dos Migrantes. In: BASSEGIO. L (Org.) <i>Serviço Pastoral dos Migrantes: Vinte anos a caminho</i> . SPM – São Paulo. (fonte secundária)	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2005	MARTINS, José de Souza. Migrações e migrações. In: BASSEGIO. L (Org.) <i>Serviço Pastoral dos Migrantes: Vinte anos a caminho</i> . SPM – São Paulo. (fonte secundária)	2	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2005	BASSEGIO. L (Org.). <i>Serviço Pastoral dos Migrantes: Vinte anos a caminho</i> . SPM – São Paulo. (fonte secundária)	88	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2010	Panfleto Serviço Pastoral dos Migrantes	4	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2014	Panfleto da Missão escalabriniana Nossa Senhora da Paz	6	Acervo Centro de Estudos Migratório (CEM/São Paulo)
<b><i>Boletim das Migrações Vai Vem</i></b>			
1981	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações</i> . Ano1, n. 1, junho	18	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)

1985	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano, n. 16, dezembro-janeiro</i>	18	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2010	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 26, n. 115, junho-julho</i>	12	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
<b>Capas - Boletim das Migrações Vai Vem</b>			
1981	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 1, n. 1, junho</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1984	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 3, n. 12, março</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1987	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 6, n. 25, junho-julho</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2000	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 19, n. 79, janeiro-fevereiro-março</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2010	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 26, n. 115, janeiro-junho</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
<b>Contracapa - Boletim das Migrações Vai Vem</b>			
1981	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 1, n. 1, junho, p.18</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
1984	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 3, n. 12, março, p. 26</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2000	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 19, n. 79, janeiro-fevereiro-março, p. 12</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)
2010	<i>Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 26, n. 115, janeiro-junho, p.12</i>	1	Acervo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/São Paulo)

### Localização das cartas publicadas (Acervo do CEM/SP):

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 1, n. 3, dezembro, 1981, p. 06-07.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 1, n. 4, março, 1982, p. 12.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 2, n. 5, junho, 1982, p. 16.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 2, n. 6, setembro, 1982, p. 14.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 2, n. 8, março, 1983, p. 12.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 3, n. 10, setembro, 1983, p. 09.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações. Ano 3, n. 11, dezembro, 1983, p. 11.*

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 4, n. 14, setembro, 1984, p. 08-09.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 4, n. 16, março, 1985, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 5, n. 18, setembro, 1985, p. 19.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 5, n. 19, dezembro, 1985, p. 04.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 21, abril-maio-junho, 1986, p. 16.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 22, julho-agosto-setembro, 1986, p. 14.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 22, Julho-agosto-setembro, 1986, p. 19.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1986, p. 03.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 23, outubro-novembro-dezembro, 1986, p.14.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 24, janeiro-fevereiro-março, 1987, p. 3.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 25, junho-julho, 1987, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 26, agosto-setembro, 1987, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 27, outubro-novembro, 1987, p. 09.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 27, outubro-novembro, 1987, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 28, dezembro, 1988, p. 09.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 29, fevereiro-março, 1988, p.10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 6, n. 30, abril-maio, 1988, p. 10

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 31, junho-julho, 1988, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 31, junho-julho, 1988, p. 19.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 32, agosto-setembro, 1988, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 33, outubro-novembro, 1988, p. 08.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 34, janeiro-fevereiro, 1989 e p.8.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 34, janeiro-fevereiro, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 35, março-abril, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 36, maio-junho, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 37, julho-agosto, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 38, setembro-outubro, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 7, n. 38, agosto-setembro, 1988, p. 9.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 38, novembro-dezembro, 1989, p. 08.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 38, setembro-outubro, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 39, novembro-dezembro, 1989, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 40, janeiro-fevereiro, ano 1990, p. 09.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 40, janeiro-fevereiro, ano 1990, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 41, março-abril, ano 1990, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 8, n. 41, março-abril, ano 1990, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 42, maio-junho, 1990, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 43, julho-agosto, 1990, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 44, setembro-outubro, 1990, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 45, novembro-dezembro, 1990, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 9, n. 46, janeiro-fevereiro-março, 1991, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 10, n. 48, julho-agosto-setembro, 1991, p. 10

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 10, n. 49, outubro-novembro-dezembro, 1991, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 10, n. 51, abril-maio-junho, 1992, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 11, n. 53, outubro-novembro-dezembro, 1992 e p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 11 n. 53, outubro/novembro/dezembro, 1992, p. 11.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 12, n. 58, janeiro-fevereiro-março, 1994, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 12, n. 59, abril-maio-junho, 1994, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações.* Ano 17, n. 71, julho-agosto-setembro, 1997, p. 10.

*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 18, n. 73, abril-maio-junho, 1990, p. 11.  
*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 19, n. 77, junho-agosto-setembro, 1999, p. 12.  
*Vai Vem, Boletim das Migrações*. Ano 20, n. 80, abril-maio-junho, 2000, p. 12.

## REFERÊNCIAS

### Eletrônicas

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR:

[www.unhcr.chh](http://www.unhcr.chh)

Blog do teólogo Leonardo Boff:

[leonardoboff.com/site/bio/bio.htm](http://leonardoboff.com/site/bio/bio.htm)

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB:

<http://www.cnbb.org.br/>

Centro de Estudos Migratório:

<http://www.missaospaz.org/#!cem/c23d0>

Conselho Pontifício para a Pastoral dos migrantes e Itinerantes:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/index_po.htm)

Curso de Especialização em *Pastoral da Mobilidade Humana*:

<http://diplomasimi.org/>

Grito dos excluídos:

<http://www.gritodosexcluidos.org/>

Missão Paz:

<http://missaopaz.wix.com/cem>

Núcleo de Documentação Histórica *Honório de Souza Carneiro*:

<http://www.cptl.ufms.br/hist/ndhist/index.htm>

Organização Internacional para as Migrações (OIM):

[WWW.IOM.INT](http://WWW.IOM.INT)

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU):

<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/about/history#>

Santa Sé:

[http://www.vatican.va/phome\\_po.htm](http://www.vatican.va/phome_po.htm)

Scalabrini International Migration Institute (Roma – Itália):

<http://diplomasimi.org/>

Serviço Pastoral dos Migrantes:

<http://spmigrantes.wordpress.com/2010/03/30/semana-do-migrante-jubileu/>

## Bibliográficas

ALONSO, Luiza Kelin. Movimentos sociais e cidadania: a contribuição da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. cap. 3, p. 75-92.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui, estar lá... O retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional? *TRAVESSIA - Revista do Migrante*. Publicação CEM, São Paulo, ano VIII, n. 22, p. 8-14, maio/agosto. 1995.

ASSOCIAÇÃO DA PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA. *Plano Global2005-2015*. Belo Horizonte: APMM, 2005.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *Decifra-me ou devoro-te: História oral de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

BALBIM, Renato. *Mobilidade: Uma abordagem sistêmica*. Palestra CETESB, Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.edu-doc.com/download.ph>>. Acesso em: 09 jun. 2012.

BASSEGIO, Luiz & PERDIGÃO, Francinete. *Migrantes Amazônicos. Rondônia: A trajetória da ilusão*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEOZZO, José Oscar. *Cristão na Universidade e na política*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1984.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base?* São Paulo: Perspectiva, 1974.

BIBLÍA. Língua. Mateus. In: *Bíblia sagrada*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. Número. In: *Bíblia sagrada*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. João. In: *Bíblia sagrada*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BILAC, Elizabeth. *Gênero, família, migrações internacionais*. Campinas: NEPO, 1995.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandez. *Ensinar História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFF, Clodovis. *Cartas teológicas sobre o socialismo*. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1989.

BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

\_\_\_\_\_. *Igreja: Carisma e Poder*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1982.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Tradução de Lucy Maganhães. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BONI, Valdete & QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v. 2, n. 1(3), jan./jul. 2005. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf)>. Acesso em: 26 mai. 2014.

BOTEGA, Túila. Migração de retorno e crise: Sonho Frustrado? *Site CSEM*. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/artigo/483-migracao-de-retorno-e-crise-sonho-frustrado>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern & Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução e seleção MICELI, Sergio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção estudos: 20 / dirigida por J. Guinsburg).

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. Paulinas: Siquem, 2006.

BUCKER, Bárbara P. *O feminino da Igreja e o conflito*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMARGO, Célia Reis. Os Centros de Documentação das Universidades: tendências e perspectivas. In: Zélia Lopes SILVA (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: Trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. (Seminário & Debates).

CAMPAÑA, Pilar. *El contenido de género en la Investigación em Sistemas de Producción*. n. 2, Santiago: RIMISP, 1993.

CANDATEN, Analita. *Vida e missão da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinias*. Vida e missão da Congregação das irmãs mscs. Caxias do Sul, 2012.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: Uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* Brasília, v. 21 n. 41, p. 21-54, junho/dezembro, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 jun. 2014.

CATÃO, Francisco. *O que é teologia da libertação*. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CNBB. O que é Pastoral Social? *Cartilhas de pastoral social*. Nº 1, Brasília/DF, 2001.

COMERFORD, J. C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume, Dumará, 1999.

CORSINI, Leonora. Migrações e êxodo constituinte. In: Ademir Pacelli Ferreira [et al.] (Org.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicília M. KrohlingPeruzzo (Org.). *Vozes cidadãs: aspectos teóricos análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina*. São Paulo: Angellara, 2004.

\_\_\_\_\_. *Latino-americanos em diáspora: usos de mídias e cidadania das migrações transnacionais*. Rio de Janeiro: Tríbia, 2012.

\_\_\_\_\_. O outro migrante: das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. *Ciberlegenda* (n. 10). 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/285>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

COGO, D.& LORITE García. Incursões metodológicas para o estudo da recepção midiática: o caso das migrações contemporâneas desde as perspectivas europeia e latino-americana. *Ciberlegenda*. 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/denise2.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2004.

COGO, Denise & SOUZA, Maria B. (Org.). *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores*. Bellaterra: Instituto HumaitasUnisinos; Instituto de La Comunicación de la UAB, 2013.

COSTA, Manoel Augusto. *Migrações interestaduais no Brasil (1950-1980)*. Rio de Janeiro: IPEA, 1988.

CROCI, Federico. O chamado das cartas: Migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. In: *Locus - Revista de história*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2 p. 13-39, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/art-01-o-chamado-das-cartas.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

CUTTI, Dirceu. Scalabrini e seu legado / Prefácio. *TRAVESSIA – Revista do Migrante*, publicação do CEM. Ano XVIII, n. 52, maio/agosto, 2005.

- DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DORNELAS, Sidnei Marco. Migração de retorno o que e isso? *TRAVESSIA - Revista do Migrante*, Publicação do CEM. Ano VIII, n. 22, p. 5-7, maio/agosto, 1995.
- \_\_\_\_\_. Um Flagrante na clandestinidade. *TRAVESSIA - Revista do Migrante*, Publicação do CEM, Ano XI, n. 30, p.30-33, janeiro/abril, 1998.
- DORNELAS, Sidnei Marco & NASSER, Ana Cristina Arantes. *Pastoral do migrante: reações e mediações*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios & Edições Loyola, 2008.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1992.
- DUTRA, Delia. *Migração internacional e trabalho doméstico*. Mulheres peruanas em Brasília. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013.
- FARIAS, Damião Duque de Farias. *Crise e renovação católica na cidade de São Paulo: impasses do progressismo e permanências do conservadorismo (1945-1975)*. 2002. 437f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FUSCO, W. *Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares*. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, IFCH-UNICAMP.
- GAUDEMAR, Jean-Paul de. *Mobilidade de Trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977.
- GALETTI, Lylia S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. 348 f. Tese (Doutorado em História Social – FFLCH/USP), São Paulo.
- GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. Paulinas: São Paulo, 1989.
- GMELCH, George. Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, v. 9, 1980.  
Disponível em:  
<<http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.an.09.100180.001031>>. Acesso em: 22 julh. 2015.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

\_\_\_\_\_. Gentes, migração e transitividade migratória. *Espaço Plural*. Ano X, n. 20, setembro, p. 52-62 (ISSN 15184196), 2009.

\_\_\_\_\_. Processo civilizador, fronteiras e figurações estabelecidos/outsideers. In: Magda Sarat; Reinaldo dos Santos (Org.). *Sobre processos civilizadores: Diálogos com Norbert Elias*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

GRAMSCI, C. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização de cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003 p. 210.

GUNTHER, H.; BRITO, O. M. S. & SILVA, M. M. S. M. Relação entrevistador-entrevistado: um exemplo de técnica de entrevista com grupos marginalizados: meninos na rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 4, p.12-23, 1989. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/en/psi-7907>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

MERINO, Gustavo Gutiérrez. *A força histórica dos pobres*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUGO, Graeme. Migrações Internacionais não-documentadas: Uma tendência global crescente. *TRAVESSIA: Revista do Migrante*, Publicação do CEM. Ano XI, n. 30, p.5-16, janeiro/abril, 1998.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa um estudo sobre a natureza humana*. 38ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1935.

JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEFEBVRE, H. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4º Ed. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006.

LENHARO, A. *A Sacralização da Política*. 2. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1986.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARINUCCI, Roberto. Feminização das migrações? In: *REMHU*, Rev. Interdiscip. Mobil.Hum. Brasília, v. 15, n. 29, 2007. Disponível em: [http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao\\_das\\_migracoes\\_roberto\\_marinucci2007.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf). Acesso em: 22 jun. 2015.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *A chegada do estranho*. São Paulo: Ed.Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. Migrações internas no mundo contemporâneo. In: *Convivendo com o diferente: desmigração-exclusão-multiculturalismo*. CSEM, Brasília, p. 27-39, 1999.

\_\_\_\_\_. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURO, Hélio A. *Migração interna*. Fortaleza: BNB, 1980. (Textos selecionados).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. *Revista e Ampliada*. 5º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENEGAT, Alzira Salete. *No coração do Pantanal: assentamento na lama e na areia: as contradições entre os projetos do Estado e dos assentados no assentamento Taquaral-MS*. Dourados, MS: UFMS/UFGD, 2009.

\_\_\_\_\_. Assentadas e acadêmicas: Construindo novos pertencimentos sociais. In: Alexandra Santos Pinheiro; Losandro Antonio Tedeschi; Walter Roberto Marschner (Org.). *Saberes da terra: teoria e vivências*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

MORAES, Marcos Antônio. *Antologia da carta no Brasil: Me escreva tão logo possa / organização e apresentação Marcos Antônio Moraes*. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & relendo carta).

NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. *A ditadura militar na Argentina (1976-1983)*. São Paulo: Edusp, 2007.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: OLIVEIRA, L. A. P & OLIVEIRA, A.T. R. (Orgs.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Rio de Janeiro IBGE, 2011. (Série Estudos e Análises: Informações demográficas e socioeconômicas).

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. *O grito abençoado da periferia: Trajetórias e contradições do IAJES e dos movimentos populares na Andradina dos anos 1980.2006*. 298 f. Dissertação de Mestrado em História – Departamento de História, Universidade Estadual de Maringá.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de Oliveira (coordenador). Núcleo de Documentação histórico “Honório de Souza Carneiro”: *Guia do acervo*. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul: Gráfica Dom Bosco, 2010.

\_\_\_\_\_. Centros De Documentação Nas Universidades: Preservação e Pesquisa. In: Zuelei de Casagrande de Paula; Lúcia Glicério Mendonça & Jorge Luis Romanello (Org.). *Polifonia do Patrimônio*. Londrina: EDUEL, 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS A MIGRAÇÕES (OIM). *Glossário das Migrações*. Genebra - Suíça, 2009.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PACELLI FERREIRA, Ademir. *O migrante na Rede do Outro*. Ensaio sobre alteridade e subjetividade. Editora TeCorá: Rio de Janeiro/Belo Horizonte, 1999.

PARISE, Paolo. *Um rosto de Deus: Cartas de famílias de migrantes (Série pastoral – I. Centro de Estudos migratórios – CEM – Federação dos CEM’s J.B. Scalabrini)*. São Paulo: Gráfica e Editora Peres Ltda, 2000.

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 4. ed. São Paulo: J. Olympio, 1965.

RIBEIRO, J. T. L. *Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991*. Tese (Doutorado em Demografia). Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1997.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Imaginários da divindade: textos e interpretações*. Goiânia: UCG; São Leopoldo: Oikos. 2008.

RIZZARDO, Redovino. *João Batista Scalabrini: Apóstolo dos migrantes*. Porto Alegre: Solidus, 2007.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas de trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *Democracia e ditadura no Chile*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SÁNCHEZ BARRICARTE, Jesús Javier. *Socioeconomía de las Migraciones en un Mundo Globalizado*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.

SANTA BÁRBARA, Marcelo de Jesus & HAESBAERT, Rogério. Redes transfronteiriças no MERCOSUL. *TRAVESSIA - Revista do Migrante*. Publicação CEM, São Paulo, ano XIV, n. 40, p. 29-32, maio/agosto, 2001.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. O retorno. Elemento construtivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, n. especial, janeiro, 2000.

SCALABRINI, J. B. A igreja e as migrações. In: Congregações scalabrinianas. *Scalabrini*. Um voz atual. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SCOTT, Joan W. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. UFRGS, v. 20, p. 13, 1995. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. *Gênero e história*. México: UAM, 2008.

SEYFERTH, Giraldaet [et al.]. *Mundos em movimento – ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SILVA, Edvania Gomes. *Os (des)encontros da fé: Análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. 2006. 289 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem Campinas, SP.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. O rosto feminino da migração sazonal. *TRAVESSIA*, Revista do Migrante, Publicação do CEM. Ano IX, n. 26, p.7 -10, setembro-dezembro, 1996.

\_\_\_\_\_. A terra no Imaginário dos migrantes Temporários. *História Oral*, n. 4 p.103-120, 2001. Disponível em:

<<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=38&path%5B%5D=32>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o estudo. In: *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasilense/CEBRAP, 1979.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Itamar. *Migrações Internas no Brasil*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog., FFLCH/USP, 1978.

SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo : EDUC, 1995.

STARK, Oded. *The Migration of Labor*. Cambridge: Brasil Blackwell, 1991. Disponível em: <<http://class.povertylectures.com/Stark1991MigrationofLaborChapts1-3.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2015.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O sentido da memória e das relações de gênero na História de migração de mulheres camponesas Brasiguaias. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 169-1986, dez. 2012.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TODARO, Michael P. Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries. *The American Economic Review*, v. 59, n. 1, 1969. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/aer/top20/60.1.126-142.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 3ª Ed., 1991.

TORRE, Renée de La. El campo religioso, una herramienta de duda radical para combatir La creencia radical. *Revista Universidad de Guadaluayana*, n. 27. 2002 (p. 45-50). Disponível em: <<http://www.cge.udg.mx/revistaudg/rug24/bourdieu5.html>>. Acesso em 22 jul. 2015.

VIERA, Maria do Pilar de A. [et al.]. *A pesquisa em História*. (série Princípios) São Paulo: Ática, 1991.

VIERA, Margarete [et al.]. *Grito dos Excluídos*. São Paulo, Brasil, 2004.

VERMES, Geza. *A religião de Jesus, o judeu*. Tradução de Ana MazurSpira. Rio de Janeiro: I.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosí. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

## ANEXOS

### Anexo A: Cronologia

Ano	Fato histórico
1912	Pio X, com o <i>motuproprio Cum omnes catholicos</i> , constitui junto à Congregação Consistorial, a Secretária Especial para a Emigração;
1914	Fundação da Pontifícia Comissão para Assistência aos Prófugos;
1920	Em Glasgow, Escócia, inicia-se o Apostolado do Mar, reconhecido oficialmente por Pio XI, Cf. <i>Exsul Familia</i> , 58;
1922	Fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB);
1929	Crise mundial;
1943	São Francisco de Paulo declara-se Padroeiro dos Marítimos;
1945	Junto à secretária do Estado do Vaticano, constitui-se a Secretária da Emigração com duas sessões: <i>Migrações Naturais</i> e <i>Migrações Prófugos</i> ;
1948	Guerra árabe-israelense;
1949	Cria-se a Missão Pontifícia para Palestina, como zelo da Igreja pelos os profugos na guerra estabelecida na palestina, em 1948.
1950	Fundação da Juventude Universitária Católica (JUC), no Brasil; Intercâmbio Cultural Brasil-Bolívia; Santa Francisca Xavier Cabrini é declarada padroeira, e mãe, dos emigrantes;
1951	Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados (CONARE); Criação da Comissão Católica Internacional das Migrações, com sede em Genebra, unindo e coordenando as associações e comitês católicos do mundo que atuam em prol dos migrantes e profugos;
1952	Fundação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Pio XII institui a <i>Obra Apostlatos Maris</i> , em favor dos marítimos, junto a Congregação Consistorial; Pio XII institui o Conselho Superior para a Emigração junto a Consistorial; Pontífice publica a Constituição Apostólica <i>Exsul Familia</i> sobre a assistência espiritual aos emigrantes;
1955	Primeira Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano, realizado no Rio de

	Janeiro, Brasil;
1958	Pio XII institui, junto à mesma Congregação, a <i>Obra do Apostolado do ar</i> , em prol dos trabalhadores da aviação;
1959	Revolução Cubana;
1960	Fundação da Ação Popular (AP), no Brasil;
1961	<i>Encíclica Mater et Magistra</i> ;
1962-64	Concílio Vaticano II;
1963	Orientação geral que todas as Congregações deveriam ter um Centro de Estudos Migratório e uma Pastoral Migratória;
1964	Golpe civil e militar no Brasil; Elaboração do Estatuto da Terra; Grande fluxo de brasileiros para Guiana Francesa;
1965	Paulo VI funda a <i>Obra Apostulatus Nomadum</i> , junto à Congregação Consistorial;
1966	Turma de formandos no Seminário Maior João XXIII a ESMI-Equipe Escalabriniana de Migrações, São Paulo – Brasil;
1867	Com o documento De Curia Romana, n. 59, Paulo VI confia a Pastoral do Turismo à Congregação para Clero, para garantir assistência religiosa a todas as pessoas que entram no âmbito do fenômeno turístico;
1968	Conferência Geral do Episcopado de Medellín, na Colômbia;
1969	A Congregação para Clero, a pedido de Paulo VI, publica o Diretório Geral para a Pastoral do Turismo: <i>Peregrinans in Terra</i> . No mesmo documento institui, junto à Congregação para os Bispos, o Secretariado para Emigração, o Apostolado do Mar, do Ar, dos Nômades, com o compromisso de colaborar com o Dicastério para os Leigos (n. 52); Paulo VI a carta apostólica <i>Pastoris migratorum cura</i> à Igreja; Instrução da Congregação para os Bispos <i>Nemo est de pastoral is migratorum cura</i> ; Criação do Centro de Estudos Migratório, São Paulo - Brasil;
1970	Paulo VI, com a carta apostólica <i>Apostolicae Caritatis</i> , institui a dependência da Congregação para os Bispos, a Pontifícia Comissão Pastoral da Emigração e do Turismo, também entendida como atuação das diretrizes conciliares, sobre as migrações, em particular, faz-se referência a <i>Christus Dominus</i> , 18. Nela confluem as várias obras que se ocupam de zelo pastoral de cada categoria de pessoas em mobilidade, anteriormente acolhidas no Secretariado instituído em 1967; Primeira <i>Semana de Estudos Migratórios</i> ;

1975	Fundação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), no Brasil;
1978	A Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e do Turismo publica a carta circular às Conferências Episcopais: <i>Igreja e Mobilidade Humana</i> ;
1979	Conferência Episcopal em Puebla, México; Revolução Sandinista;
1980	Primeira Campanha da Fraternidade, no Brasil, com o lema <i>Pra onde vais</i> ; Estatuto brasileiro do Estrangeiro – Lei 6.815; Acordo de cooperação Econômica, Científica e Técnica entre República Federativa do Brasil e República Popular de Angola; Fundação do Conselho Nacional de Imigração (CNIg);
1981	Criação do Estatuto Interno do Centro de Estudos Migratórios, São Paulo - Brasil; Criação do <i>Boletim das Migrações Vai Vem</i> ; lançamento do livro <i>Igreja: Carisma e poder</i> de Leonardo Boff;
1982	Formação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), integrado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Metodista do Brasil, Igreja Cristã Reformada no Brasil e Igreja Episcopal do Brasil; Primeiro <i>Seminário Nacional das Migrações</i> , em São Paulo – Brasil;
1984	Centro de Estudos Migratórios (CEM), de São Paulo (Brasil) lançam as bases para a fundação do Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM; <i>Silêncio obsequioso</i> , sobre o teólogo e escritor Leonardo Boff;
1985	Fundação oficial do Serviço Pastoral do Migrante (SPM), em São Paulo - Brasil;
1986	Suspensão do <i>silêncio obsequioso</i> , sobre o teólogo e escritor Leonardo Boff;
1987	Fundação da Congregação dos Missionários de São Carlos, em São Paulo - Brasil;
1988	Lei Áurea; João Paulo II publica a Constituição Apostólica <i>Pastor Bonus</i> , cujos os números 149-151 anunciam a instituição atual Conselho Pontífice (autônomo) para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, com sede no Palácio São Calisto, em Trastevere – Roma; Criação da Revista do Migrante – TRAVESSIA;
1990	Transferência da sede do CEM das dependências Seminário João XXIII para a Igreja da Paz, no Glicério; Cooperação Cultural e Científica entre Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular de Angola;
1991	Tratado do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL);
1901	Visita de Scalabrini a Congregações nos Estados Unidos;
1904	Visita de Scalabrini no Brasil;
1997	Beatificação de Scalabrini pelo Papa João Paulo II;

2001	Primeiro Grito dos Excluídos;
2003	Novo projeto de Lei em substituição do Estatuto Brasileiro dos Estrangeiros;
2004	Restauração do cronograma da CNBB; Criação do Setor Mobilidade Humana; Comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH); O Conselho Pontífice para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes publica a Instrução <i>Erga migrantes caritas Christi</i> ;
2009	Anistia aos estrangeiros que residia no Brasil via Decreto de nº 6. 893/2009; Livre trânsito de pessoas de área do MERCOSUL via Decreto de nº 6. 964/2009;
2010	<i>Primavera Árabe</i> ; Terremoto no Haiti;
2012	Resolução Normativa nº 97 que estipula a concessão de visto permanente aos imigrantes haitianos, com prazo de cinco anos no Brasil;

**Organização:** OLIVEIRA, M. S. (15 de outubro de 2014).

**Anexo B:** Modelo de carta de cessão

**CARTA DE CESSÃO**

São Paulo, 23 de janeiro de 2014.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG N° \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada no \_\_\_\_\_ para o projeto de pesquisa intitulado *Boletim das Migrações Vai Vem: Narrativas sobre incompletudes da travessia (1981-1997)*, desenvolvido pela mestranda em História na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Marciana Santiago de Oliveira, portadora do RG N° 001.543.104 SSP/MS, para usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

---

Assinatura do Depoente

## **Anexo C: Modelo de roteiro utilizado nas entrevistas**

Roteiro - Entrevista com os editores na elaboração do periódico *Boletim das Migrações Vai Vem*.

Nome:

Idade:

Endereço:

Escolaridade:

Profissão:

### **I MOMENTO: CEM/SPM**

Como você chegou até Serviço da Pastoral do Migrante (SPM) e/ou Centro de Estudos migratório (CEM)?

Você poderia contextualizar o surgimento do SPM?

Existem diferenças da Pastoral do Migrante daqui (SP), para as demais pastorais?

Quais regiões do Brasil existem Pastorais dos Migrantes?

Como se dá a relação no cotidiano entre os integrantes da Pastoral, voluntários, padres e os/as migrantes?

Quais setores as Pastorais dos Migrantes estão organizados?

O que seria o método *ver-julgar-agir* utilizado pelos integrantes da Pastoral?

Como é o diálogo/mediação da Igreja com os/as migrantes (pensando nas múltiplas manifestações culturais e religiosas que dos/das migrantes)?

Você consegue perceber diferenças nas ações da Pastoral, sobretudo do SPM, nos anos 80 para os dias de hoje? Se sim, quais?

Qual categoria de migrantes que vocês trabalham?

O que é migrante para você?

Qual é o entendimento sobre *migrações forçadas*?

Como vocês entendem o papel social que desenvolvem com os migrantes (assistencialismo? Obra cristã?)

Qual é o perfil (econômico/social/cultural) dos/as migrantes que vocês atendem?

Como você entende as mudanças (êxodo rural; e/imigração; migração de retorno [...]) *nos mundos das migrações* da década de 1980 aos dias atuais?

Existem alguns cursos, que vocês fazem, para o aperfeiçoamento das ações com os/as migrantes? Se sim, quais?

Qual a maior dificuldade do trabalho com os/as migrantes?

Qual foi a repercussão da visita do Padre Francisco, no Brasil?

Qual a representação/importância do Padre Alfredo às ações das Pastorais?

Qual a representação/importância do Padre *João Batista Scalabrini* às ações das Pastorais?

Como surge, o que seria e quais influências da *Teologia da libertação* no *Boletim Vai Vem* e no trabalho que vocês desenvolvem?

O que seria padres/católicos progressistas?

## **II MOMENTO – BOLETIM DAS MIGRAÇÕES VAI VEM**

Como era sua participação na elaboração do *Boletim Vai Vem*?

Quais as localidades de circulação do periódico?

Quais os objetivos na criação do *Boletim Vai Vem*? Eles foram alcançados?

Quem, de fato, fazia parte do conselho editorial do periódico?

Existia um critério de seleção das matérias que eram publicadas? Se sim, quais?

Como era organizado a seleção e a realização das matérias que eram publicadas no *Boletim Vai Vem*?

Como os migrantes enxergavam o periódico?

Como eram pensadas as matérias que estariam em destaque na capa?

O *Boletim Vai Vem* já passou por algum tipo de censura?

Quem escrevia o editorial? Era o Padre Alfredo, somente?

Como foi a transição de gerenciamento do *Boletim Vai Vem* do CEM para SPM?

Você poderia dizer sobre os motivos do término do *Boletim Vai Vem*.

Atualmente, com a publicação da Revista *Travessia* os objetivos do CEM/SPM estão sendo alcançados, ou seja, de fazer um periódico com e para os/as migrantes, ou os objetivos são outros?

## **III MOMENTO – NARRATIVAS EPISTOLARES**

Como vocês organizavam as cartas, que recebiam dos/as leitores/as?

Como as cartas chegavam até o CEM e SPM?

Qual a importância das cartas na composição do periódico?

Existia um critério de seleção das cartas que eram publicadas? Se sim, quais?

Existia um critério para responder as cartas que eram publicadas? Se sim, quais?

Quem era responsável pela coluna das cartas dos/as leitores/as?

Quais eram os objetivos de publicar cartas de migrantes na íntegra no *Boletim Vai Vem*?

As cartas não publicadas estão no acervo do CEM?

A coluna de cartas de migrantes no decorrer da publicação do periódico foi sendo transformada, até o final de 1990, quando não teremos mais cartas no *Boletim Vai Vem*. Você poderia falar sobre isso?

Em uma palavra, o que foi o *Boletim Vai Vem* para você?

Você poderia narrar uma das histórias, que mais te marcou durante seu trabalho com o *Boletim Vai Vem*?

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 07 de agosto de 2015.

---

Marciana Santiago de Oliveira